

# Sujeitos, memórias e narrativas do ProfEpt em Rondônia

Náthali F. Machado Silva  
Iza Reis Gomes  
Lediane Fani Felzke  
Sandra A. F. Lopes Ferrari  
Emerson de Araújo Alves  
(orgs.)



INSTITUTO  
FEDERAL  
Rondônia



**OIKOS**  
EDITORA

**OMNILATERALIDADE**

**EDUCAÇÃO**

PRODUÇÃO  
EDUCACIONAL

QUALIDADE  
ESTRUTURAL

*Práxis*

**Sujeitos, memórias e narrativas  
do ProfEPT em Rondônia**



**Nathali Fernanda Machado Silva  
Iza Reis Gomes  
Lediane Fani Felzke  
Sandra Aparecida Fernandes Lopes Ferrari  
Emerson de Araújo Alves  
(orgs.)**

# **Sujeitos, memórias e narrativas do ProfEPT em Rondônia**

**E-book**



São Leopoldo  
2023

© Dos autores – 2023

Editoração: Oikos

Imagem da capa: Nathali Fernanda Machado Silva

Revisão: Rui Bender

Diagramação e arte-final: Jair de O. Carlos

Conselho Editorial (Editora Oikos):

Avelino da Rosa Oliveira (UFPEL)

Danilo Streck (Universidade de Caxias do Sul)

Elcio Cecchetti (UNOCHAPECÓ e GPEAD/FURB)

Eunice S. Nodari (UFSC)

Haroldo Reimer (UEG)

Ivoni R. Reimer (PUC Goiás)

João Biehl (Princeton University)

Luiz Inácio Gaiger (Bolsista de Produtividade CNPq)

Marluza M. Harres (Unisinós)

Martin N. Dreher (IHSL)

Oneide Bobsin (Faculdades EST)

Raúl Fornet-Betancourt (Aachen/Alemanha)

Rosileny A. dos Santos Schwantes (Centro Universitário São Camilo)

Vitor Izecksohn (UFRJ)

Editora Oikos Ltda.

Rua Paraná, 240 – B. Scharlau

93120-020 São Leopoldo/RS

Tel.: (51) 3568.2848

contato@oikoseditora.com.br

www.oikoseditora.com.br

---

S948 Sujeitos, memórias e narrativas do ProfEpt em Rondônia. [E-book]. / Organizadores: Nathali Fernanda Machado Silva [*et al.*] – São Leopoldo: Oikos, 2023.

216 p.; 16 x 23 cm.

ISBN 978-65-5974-154-0

DOI 10.29327/5275222

1. Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT). 2. Trajetória acadêmica e profissional. 3. Memorial. I. Silva, Nathali Fernanda Machado. II. Gomes, Iza Reis. III. Felzke, Lediane Fani. IV. Ferrari, Sandra Aparecida Fernandes Lopes. V. Alves, Emerson de Araújo.

CDU 377

---

Catálogo na Publicação:  
Bibliotecária Eliete Mari Doncato Brasil – CRB 10/1184

Dedicamos este trabalho aos nossos colegas mestrandos e aos professores do ProfEPT que compartilham nossas histórias, apoiam nossas conquistas e sustentam o Programa ProfEPT.

Este livro é parte de fragmentos de pessoas que, juntas, se ressignificam. Portanto, nossas dificuldades e limitações se traduzem e se perdem quando somadas ao apoio e ao auxílio de todos os nossos amigos, professores e familiares que gentilmente acreditam diariamente em nosso trabalho.



## Sumário

Prefácio .....	9
<i>Valdir Heitor Barzotto</i>	
Apresentação .....	12
<i>Emerson de Araújo Alves</i>	
A escrita de si na perspectiva mobilizadora da pesquisa .....	13
<i>Sandra Aparecida Fernandes Lopes Ferrari</i>	
<i>Iza Reis Gomes</i>	
<i>Lediane Fani Felzke</i>	
Depois que virei adulta: um memorial formativo .....	15
<i>Andrea Ferreira Gomes</i>	
Aprendendo com a minha história .....	25
<i>Antônio Pereira Sobrinho</i>	
Entre palcos e escolas: a trajetória de um arte-educador .....	36
<i>Carlos Eduardo Sousa da Fonseca</i>	
Memorial acadêmico: o percurso de minha história .....	44
<i>Darlene Mary Campos</i>	
Memorial acadêmico: o percurso de minha vida .....	55
<i>David Mourão Lopes</i>	
Tempo e tecnologia: memórias revisitadas .....	61
<i>Dejane Chauvin</i>	
Memorial descritivo acadêmico: minha vida .....	66
<i>Edeli Diogo de Oliveira</i>	
Autorreflexão: memórias de batalhas vencidas .....	75
<i>Ellen Vieira Pacífico Silva</i>	
Quebrando paradigmas sociais e construindo um novo futuro .....	84
<i>Emerson de Araújo Alves</i>	

Memorial de mulher: uma expressão de mim .....	93
<i>Ilma Paula Carvalho da Silva</i>	
Uma trajetória memorística dos percalços e vitórias em direção ao conhecimento pessoal, profissional e científico .....	104
<i>Ivonete da Silva Cardoso Vieira</i>	
Memórias de uma cunhantã na Amazônia Ocidental .....	113
<i>Jeane da Silva Lopes</i>	
Memorial: A mudança .....	120
<i>Joyce Ramalho Pires Konageski</i>	
Memorial: Borboleta .....	125
<i>Laura de Paula Leite Weiss</i>	
A trajetória profissional e acadêmica de uma profissional de educação .....	130
<i>Maria Aparecida Almeida da Silva</i>	
A relação entre memória e tempo na formação de minha história .....	137
<i>Nathali Fernanda Machado Silva</i>	
Memórias de um ser em construção .....	143
<i>Oscar de Oliveira Porto</i>	
Aspectos de uma vida pessoal, acadêmica, política e profissional .....	152
<i>Ozanir Silva de Almeida</i>	
Linha de pesquisa: organizações e memórias de espaços pedagógicos na EPT .....	166
<i>Pedro Paulo Almeida Martins</i>	
“Rememorar” artístico, pessoal e profissional .....	173
<i>Sabrynne Sampaio de Sena</i>	
Desafios e perspectivas de uma mulher que quebrou paradigmas para ser professora .....	183
<i>Valdelice Rodrigues de Passos Oliveira</i>	
Memórias de quem fui e de quem sou: (re)descobrimo novos saberes e experiências .....	192
<i>Wagner Tenório dos Santos</i>	
Sobre os autores e as autoras .....	208

# Prefácio

## Presenteando com o passado

Ao ler as memórias contidas no livro que temos em mãos, vamos experimentando, com alegria, nosso pertencimento à humanidade. Vamos percebermos que, no processo de tecer os fios de nossas vidas a que tivemos acesso, em algum lugar, em outros momentos, alguém vivia experiências muito próximas das nossas e contribuía para completar o tecido universal da vida humana. Cada um a nosso modo, e com as forças que pudemos reunir, fomos construindo tudo o que faz de nós um grande conjunto, com sentimentos e aprendizados comuns.

Conforme a leitura avança vamos nos encontrando, vemo-nos brincando com cada autor na sua infância, indo juntos para a escola, definindo opções profissionais, iniciando a carreira, as mesmas angústias com os problemas de iniciante, produzindo soluções dentro de nosso alcance para episódios do cotidiano, e também nos revoltando com aqueles que, para serem resolvidos, dependiam de vontades políticas alheias.

De minha parte, ao ler o livro, me sinto acompanhado dos autores em vários pontos presenteados por suas/nossas memórias. E me sinto, assim como espero que cada leitor também se sinta, convidado a partilhar, a se aproximar, por meio dos acontecimentos de cada trajetória.

Cresci como muitos na zona rural e sei o que significa mudar com 10 anos para outra cidade que, ainda que não distasse mais de 100km da anterior, exigia grande esforço de adaptação às suas tantas diferenças. A partir daí, a mudança tornou-se constante, tanto na paisagem externa quanto na interna. Mudar sempre, cada vez para mais longe da família, para estudar ou trabalhar, só se aguenta na medida em que se vai entendendo que não se está sozinho nessa rota. Novas paisagens vão se configurando e exigindo mudança de costumes, de sotaque, substituição de traços da cultura anterior. Pelo convívio com pessoas na mesma situação e pela leitura, vamos nos percebendo acompanhados e nos fortalecendo, do mesmo modo como acontece aqui, na leitura dessas memórias.

Também contei com apoio de familiares, de conhecidos e desconhecidos, para morar e estudar em outras cidades. E como muitos dos autores das memórias aqui publicadas, entendi que não há outra forma de agradecer e honrar cada apoio de quem acreditou em nós que não seja pelo trabalho, por um seguir em frente procurando fazer sempre o melhor, buscando a transformação do que somos e das condições de vida de todos.

Por isso, a leitura do presente livro nos aquece, pois percebemos os gestos de partilha de cada autor que, ao colher fragmentos de seu passado e nos presentear, transformou a nossa história em um presente. Ganhamos o direito de gostar do que fizemos porque outros fizeram coisas semelhantes, o que nos humaniza.

Ao ler os textos presentes neste livro, temos vontade de dividir um pouco de nossa história com os autores. Eles, partilhando suas vivências, fazem-nos sentir mais importantes. E, antes que os outros contem à sua maneira, sentimos que é nosso direito fazer de nossa história uma história que merece ser contada.

Em alguns dos textos aqui publicados, fala-se da importância de retomar a memória, num exercício quase que de reconciliação com aquilo que, por vezes, somos levados a pensar que não tem importância. Por isso tenho repetido muitas vezes que parte da importância da escrita de memoriais, está justamente na conquista do direito de que nossas histórias sejam contadas. Deixar um registro do que nós professores, pessoas comuns, vivemos, consiste em uma mudança na perspectiva do registro, pois é o nosso fazer cotidiano que mais impulsiona o ensino e a aprendizagem de nossos alunos e a nossa.

E é importante que contemos nossas memórias na Universidade, pois na pesquisa acadêmica, quando se busca contar a trajetória de pessoas, é bastante comum a escolha dos chamados grandes nomes. Essa postura institucional acaba por gerar em cada um de nós, um sentimento de que não temos muita importância na construção da Educação. No entanto, ao assumirmos a direção no ato de contar nossa história rompemos com essa exclusão ou com a produção do sentimento de não pertença ao grupo dos historiáveis. Assim contribuímos para trazer à cena aqueles que em seus cotidianos também dão contribuições importantes para esse grande tecido que nos enreda nisso que chamamos de humanidade.

Tenho repetido também, em textos anteriores, que um considerável número de pesquisas feitas sobre as salas de aula, levam em conta apenas o que os pesquisadores consideram ser os erros dos professores, suas carências em termos de formação. Mesmo quando elas tomam como objeto de análise as histórias de vida dos professores, às vezes, acabam por considerar mais aqueles relatos em que o próprio professor confessa seus equívocos tendo como parâmetro uma teoria vigente no momento da entrevista. Em ambos os casos, os tais erros se relacionam apenas com o fato de não seguirem propostas oficiais de ensino ou por não estarem dentro das perspectivas seguidas pelos pesquisadores. Raras vezes se busca verificar o grau de acerto na produção da aprendizagem do aluno.

Portanto, a importância de um livro de memórias como o que se apresenta aqui, está também em fazer contraposição a esta tradição de contar a história dos professores de forma negativa. É certo que nós também reconhecemos nossos erros, nossas fraquezas, mas temos mais condições e mais disposição para relatarmos os esforços de superação que fizemos e as soluções que encontramos no nosso cotidiano em benefício de uma boa educação.

Assim, entre os presentes ofertados pelos autores dos memoriais publicados neste livro podemos destacar, a princípio, os que seguem:

- a) permissão para revisitar nossa própria história (com direito a reencontrar nossa infância);
- b) autorização para considerar a importância que nós também temos na construção da história;
- c) reencontro com as pessoas que nos apoiaram, que acreditaram em nós;
- d) contribuição para a contínua constituição de nossa subjetividade, justamente pelo encontro com os sujeitos que escrevem.

Com votos de que os leitores encontrem outros presentes nas memórias aqui publicadas e se sintam também convidados a presentear o seu passado, deixo-lhes, sentindo-me mais leve, e mais acolhido, entregues à sua leitura.

*Prof. Dr. Valdir Heitor Barzotto*  
Faculdade de Educação – USP

## Apresentação

Esta obra apresenta uma miscigenação de raças, culturas e experiências de vida em busca do rompimento ou quebra de paradigmas pessoais, sociais, econômicos na contramão de ideologias de Estado definidas por classes dominantes. As memórias de vida que serão compartilhadas com você, caro(a) leitor(a), irão lhe propiciar uma viagem ao norte, sul, leste e oeste de Rondônia/Brasil, a cidades em desenvolvimento, a comunidades indígenas, ao mundo das artes, em suma, uma visão aberta de como a evolução pessoal e intelectual dos mestrandos aqui postos ocorreu até a conclusão da Disciplina de Metodologia de Pesquisa e Seminário de Pesquisa do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), ofertado pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO), turma 2022.

Traremos à tona como as escolhas durante a caminhada de uma vida levaram-nos para lugares e situações antes inimagináveis para a nossa realidade, muitas vezes limitada a uma formação para o trabalho e não no trabalho.

Ocorre que nos deparamos com uma pós-graduação *stricto sensu*, Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), totalmente inclusiva, que recebeu de braços abertos todas as várias áreas de conhecimento (Ciências Exatas e da Terra, Engenharias, Ciências da Saúde, Ciências Sociais Aplicadas, Ciências Humanas, Linguística, Letras e Artes), trazidas na bagagem de vida de cada um dos mestrandos que terão suas memórias aqui registradas.

E como poderia ser diferente, já que a proposta é desenvolver em cada um dos mestrandos o conhecimento do ensino integral e integrado, omnilateral, ensino profissional e tecnológico e do trabalho com princípio educativo; essas são apenas algumas das bases teóricas que norteiam o Mestrado Profissional (ProfEPT) e que agora passarão a ser contempladas neste novo capítulo de memórias que passou a ser construído na vida de cada um de nós.

Diante disso, buscamos incentivar e contribuir de alguma forma para a construção de sua própria caminhada, na busca da ascensão pessoal e intelectual em prol de uma sociedade e atores que lutam e multiplicam a ideia de uma educação de qualidade e acesso a todos, bem como compartilhar “Sujeitos, memórias e narrativas do ProfEPT em Rondônia”.

*Emerson de Araújo Alves*

## **A escrita de si na perspectiva mobilizadora da pesquisa**

Escrever textos, sejam literários ou não, requer a escolha do lugar de onde se irá falar e de quais posições ideológicas, culturais, históricas, políticas, profissionais e pessoais a escrita será lida. A leitura é um processo dialógico entre o escritor, o leitor e o texto. Quem serão os leitores dos escritos? Refletindo conjuntamente e individualmente, um grupo de mestrandos decidiu publicar textos de memoriais que contemplam uma parte da trajetória vivida. São pensamentos, fatos, desejos, enfrentamentos e momentos de continuar ou refazer novos caminhos. Com a leitura destes memoriais será possível conhecer os anseios, desejos e percursos formativos de mestrandos que estão em fase de conexão e reconexão com a Ciência, com a vida e com suas trajetórias

Os memoriais que integram este livro são parte de atividades desenvolvidas durante as disciplinas de Seminário de Pesquisa e Metodologia da Pesquisa, no Programa de Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica, do IFRO – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia. Tais atividades têm o objetivo incitar o mestrando a escrever sobre a trajetória de vida e propor ideias iniciais de pesquisa que cada um pretende desenvolver no Programa.

Para Barthes<sup>1</sup>, “Todas as escritas apresentam um caráter de fechamento que é estranho à linguagem falada.” Assim, a escrita propõe uma individualidade de expressão. Significa materializar um pensamento individual e torná-lo coletivo. Escrever academicamente é um exercício que envolve uma prática laboral, e pensar sobre a escrita na perspectiva humanizadora da Educação Profissional e Tecnológica pode levar o estudante a se autocriticar e autorrefletir sobre suas escolhas, mobilizando várias configurações da dimensão pedagógica e da pesquisa.

---

<sup>1</sup> BARTHES, Roland. *O grau zero da escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 17.

Desta forma, as escritas de si dos mestrandos do ProfEPT, Programa de Mestrado em rede, em Educação Profissional e Tecnológica dos Institutos Federais de Educação, que compõem essa coletânea, relatam experiências, histórias, memórias, anseios e projetos futuros. É um exercício de diálogo entre o passado que se presentifica no ato da escrita e torna cada pessoa protagonista de si e do seu conhecimento.

Nosso intuito é refletir sobre a escrita do memorial como gênero textual acadêmico, capaz de potencializar, por meio da memória, a reflexão sobre os saberes e a prática docente. São fontes ricas de informações individuais que podem ser lidas como coletivas e propor índices de significação para a pesquisa, a formação e a prática profissional em EPT.

Escrever sobre si não é uma tarefa tão fácil, pois consiste em revisitar acontecimentos que marcaram a trajetória e fazem sentido para a constituição de cada ser. Essa tarefa exige um mergulho nas individualidades que muitas vezes se quer esconder. Diante desses desafios da escrita de memoriais, os autores deste livro assim se expressam:

*Escrever sobre si é mais complexo que escrever sobre grandes pesquisas ou personagens marcantes, ou seja, despir a alma mostrando suas fragilidades e forças ao ponto de contribuir para outros com sua história.*

*Falar sobre si não é um exercício fácil, mas essa reflexão sobre a minha trajetória de vida pessoal, acadêmica e profissional foi gratificante. E nesse processo de imergir no meu eu, me perguntei várias vezes: será que meu caminho foi interessante? O que tenho para contar?*

*Revisitar essas lembranças fomentam a percepção de nossa práxis e o quanto experiência artística e culturais contribuem à formação omnilateral. Sugiro que você leitor também realize seu memorial, e ao revisitar seu passado possa dar ânimo e sentido à sua prática.*

*Durante o processo de escrita me deparei com a pessoa que fui um dia e a confrontei com a pessoa que me tornei, entendi que ainda estou vivendo os processos de construção e desconstrução[...]*

Assim, apresentamos nesta coletânea, o retrato da escrita sobre si que se revela para o outro, o leitor. Boa leitura!

*Sandra Aparecida Fernandes Lopes Ferrari*

*Iza Reis Gomes*

*Lediane Fani Felzke*

# **Depois que virei adulta: um memorial formativo**

*Andrea Ferreira Gomes*

## **Introdução**

Partindo de uma construção de relatos, descrevo neste memorial a minha trajetória acadêmica e profissional, misturada à história de vida. Diante disso, fica o receio de exposição excessiva ou invasão de intimidade ao longo deste trabalho, embora tenha a clareza de que ambos não fluem separadamente em minha vida.

Aqui relatarei os caminhos que me levaram de “apenas nutricionista” por formação até a docência e ao tão almejado Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), que é um dos objetivos da escrita deste memorial.

E, por fim, externar o objeto de estudo e por consequência o produto educacional, que serão desenvolvidos ao longo do mestrado.

## **História familiar**

Filha de Maria Aldenise Ferreira Gomes e Izaac Gomes dos Santos, neta de Maria Plissa de Souza, nascida em João Pessoa – Paraíba (PB) no ano de 1979, chamo-me Andrea Ferreira Gomes e hoje tenho 42 anos de idade. Sou mamãe de Matheus Ferreira Freire, de nove anos de idade, e Arthur Ferreira Freire, de sete anos de idade, que são os donos de meu coração e a razão de meu viver.

Fui por muito tempo filha única de Denise, apelido pelo qual minha mãe era chamada, e só tive convivência com o meu pai quando era bebê. Por muitos anos não tive contato com a minha família paterna e por intermédio de minha irmã por parte de pai passei a saber que tinha uma irmã e, por consequência, não era filha única por completo.

Grande parte de minha vida morei com minha mãe, e ambas morávamos na casa de minha avó materna, em memória, pessoa da qual tenho recordações com doçura e autoridade. E talvez por ela ser essa figura tão marcante, lembro-me muitas vezes da casa sempre cheia, das reuniões em família todos os domingos, do barulho das conversas em voz alta e da alegria que era estar com todos os primos correndo pela casa e por entre os adultos.

Recordo-me o quanto era tímida quando criança, e essa timidez ainda habita em mim, embora hoje consiga deixá-la de lado muitas vezes. Por conta dessa timidez, fui aquela aluna que na sala de aula era bem calada.

Vivi uma infância tranquila, marcada pela presença de minha avó materna, minha mãe e minha tia, também materna, que auxiliava nos cuidados comigo. Sempre estudei em colégios particulares, mas sempre soube que, quando chegasse a hora de um ensino superior, teria que ser público, pois parte de meus estudos eram custeados por minha avó, porém a mesma já estava idosa demais para prover pagamento de uma Faculdade particular para mim.

Na família, tio e tias eram professores, funcionários públicos de escolas estaduais e municipais, e minha mãe também era funcionária pública, trabalhava em serviços gerais de uma escola estadual. Pelo fato de estar rodeada por eles, que viviam nesse mundo escolar, sofri influência direta para ser a docente que sou hoje. Na família, além dos citados acima como professores, a geração posterior, da qual eu e alguns primos fazemos parte, também conta com alguns docentes.

### **Trajetória acadêmica e profissional**

Prestei vestibular em 1996; o curso escolhido foi Nutrição. A área de saúde sempre foi minha primeira opção, e a escolha do curso foi por eliminação quando comparei com os demais que a área de saúde me ofertava. Na verdade, estabeleci um critério de eliminação, e daí a Nutrição foi a primeira opção. Quando pesquisei um pouco mais sobre o curso, fui lá e realizei minha inscrição para prestar o vestibular logo em seguida.

Fui candidata a vaga em uma Universidade Federal, no caso a Universidade Federal da Paraíba (UFPB), estado no qual morava, e para o *campus* de João Pessoa, minha cidade natal. A possibilidade de cursar uma Faculdade particular era mínima; na época, as bolsas de estudos eram es-

cassas e a renda da família, no caso de minha mãe, era baixa, e foi assim que aos 17 anos em meu primeiro vestibular passei em Nutrição na UFPB.

Desde muito tempo, eu escutava bastante que entrar para uma Universidade Federal era sonho para poucos; pela pouca idade isso não teve um grande peso para mim, embora soubesse que, caso não passasse no vestibular para a pública, não teria como pagar uma Faculdade particular.

Mesmo cursando Universidade Pública, passei por vários percalços ao longo do curso. Não é fácil estudar em tempo integral e não trabalhar para auxiliar nos gastos que o curso demandava. Mas venci os obstáculos que apareciam e aos poucos concluí minha graduação em Nutrição no ano de 2004 e assim virei nutricionista.

Desde graduada atuei em minha área de formação, prestei serviços de consultoria na área de alimentação e nutrição, onde com outras colegas de profissão avaliamos a merenda escolar de um município chamado Campina Grande – Paraíba (PB), a aproximadamente 130 km de distância de João Pessoa-PB. Durante a consultoria, percorria as escolas do município, avaliando desde a parte nutricional até a higiênico-sanitária das escolas do município.

Trabalhei em uma Secretaria de Educação como nutricionista, fui responsável pela alimentação escolar de um município chamado Princesa Isabel, localizado a aproximadamente 440 km de João Pessoa – PB. Lá fui a Responsável Técnica (RT) pela alimentação de diversas escolas do município, tanto da zona urbana como na zona rural. Calculava os nutrientes que deviam conter cada refeição distribuída, realizava treinamentos de boas práticas com as merendeiras, elaborava listas de compras, verificava a higiene dos alimentos e ainda auxiliava com as planilhas que o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) exigia.

Atuei também na Coordenação de Assistência Social no município de Pitimbu-PB como nutricionista responsável por coletar e abastecer os dados para o Bolsa Família, referentes às condicionalidades que a saúde exigia para o abastecimento do sistema responsável, e ainda em Pitimbu atuei como nutricionista clínica, realizando trabalho em Equipe Multiprofissional.

Na época, acatei a opção de me desvincular de Princesa Isabel para Pitimbu por uma questão de logística; a distância de Pitimbu para João Pessoa era menor, aproximadamente 60 km de distância.

Concomitante, a vida pessoal também me mostrava novos rumos; no final do curso, conheci meu futuro marido, comecei a namorá-lo, em 2007 noivamos, foi quando apareceu a oportunidade de mudarmos de estado e desbravar um novo ciclo em Porto Velho – Rondônia (RO). Diante dessa situação, desvinculei-me tanto dos atendimentos clínicos que realizava como da coordenação de assistência social para então seguir meu noivo, que recebeu um convite para trabalhar em Porto Velho – RO.

Foi então que, em 2008, casei e tive a oportunidade de desbravar esse estado, que me acolheu e acolhe até hoje, mesmo estando a aproximadamente 5.000 km de distância de minha terra natal.

Em Porto Velho, cheguei sem emprego e, no primeiro mês na cidade, soube de um edital para Residência Multiprofissional em Saúde da Família na Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Por sempre atuar em campos públicos, trabalhar em equipe multiprofissional e intersetorial senti que seria uma grande oportunidade.

Prestei o processo seletivo de Residência, que contemplava uma prova escrita eliminatória, análise de currículo e entrevista. A cada etapa que era aprovada, já me sentia uma vitoriosa, pois acabara de chegar a uma região nova e nada sabia sobre o lugar e seus costumes. Precisei estudar para assim ser aprovada na prova que era eliminatória.

Cursei e concluí o Curso de Pós-Graduação *lato sensu* Especialização em Saúde da Família – Modalidade Residência Multiprofissional (RMSF) da UNIR no período de setembro de 2008 a outubro de 2010, e sem dúvidas foi uma das experiências mais ricas de minha vida.

Durante a Residência fui bolsista, vivi o projeto “Gente Saudável”, que teve caráter de projeto de pesquisa em campo, com aprovação de um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), seguindo todos os critérios exigidos pelo Comitê. Nesse projeto, fazíamos o acompanhamento multiprofissional e intersetorial de usuários hipertensos e diabéticos em uma Unidade Básica de Saúde da Família em Porto Velho – RO. Essa pesquisa deu base para meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) com o tema Programa de atividade física em Unidade de Saúde da Família (USF) de Porto Velho: uma realidade na USF Aponiã e oportunizou ainda a escrita de meu primeiro artigo científico intitulado: Avaliação do estado do estresse em profissionais da Estratégia Saúde da Família (ESF) e de minhas primeiras apresentações em eventos: Estilo de vida de usuários do grupo hiperdia de uma

USF do município de Porto Velho – RO e Perfil socioeconômico de usuários do grupo hiperdia participantes de um programa de atividade física.

Essa vivência que tive durante a Residência me remete às linhas de pesquisa na qual o ProfEPT me leva em dias atuais, pois no Projeto Gente Saudável vivi de fato a pesquisa participante, em que todos os usuários do serviço de saúde que acompanhamos como sujeitos da pesquisa tiveram participação ativa durante o projeto.

Acompanhávamos os usuários hipertensos e diabéticos antes de sua convivência e interferência com os profissionais de Saúde da Família e, antes e depois, também da atuação da Equipe Multidisciplinar da RMSF. Depois, com o gerenciamento dos dados obtidos, pudemos traçar o perfil desses usuários e sua evolução durante o tempo de acompanhamento multiprofissional. No caso, eles que nos forneciam informações com as suas vivências, e nós só gerenciávamos esses dados. Foi uma experiência ímpar em minha vida profissional.

Foi através da Residência também que conheci vários setores de saúde do estado: os principais Hospitais Públicos, Secretaria de Saúde Municipal e Estadual, Unidades Básicas de Saúde e Banco de Leite.

Durante a Residência pude participar da Conferência Estadual de Saúde, onde ministrei os primeiros cursos em Escolas Estaduais de Porto Velho-RO, e todos esses locais e pessoas com quem convivi me trouxeram aprendizado e experiências inesquecíveis.

Já em 2012, tive meu primeiro filho. Acredito que nesse ponto senti que foi um momento de transição da vida infantil para a adulta, mesmo estando com 33 anos. Em 2014, tive meu segundo filho. Concomitantemente, atuava em uma clínica prestando serviços ambulatoriais de nutricionista clínica e na parte administrativa de gestão, que também gosto.

Foi quando surgiu o convite de uma Instituição Privada de Ensino Superior no município de Porto Velho – RO para lecionar as disciplinas de Saúde Pública no Curso de Nutrição e o Estágio Supervisionado em Nutrição Social, ocorrido em fevereiro de 2016.

Então, a docência que tanto corre em minhas veias passou de fato a se concretizar.

## **Docência de ensino superior**

Fui convidada por uma Instituição de Ensino Superior (IES) para lecionar uma disciplina chamada “Políticas e Sistemas de Saúde”, de 60 horas, disciplina na época ofertada ao quinto período do curso de Nutrição. Nessa disciplina, a saúde no Brasil era explanada desde a época do Brasil Império até os tempos atuais, com ênfase no Sistema Único de Saúde Brasileiro (SUS), perpassando por suas conquistas e desafios.

Por ser a docente especialista em Saúde Pública do curso, ganhei no semestre posterior mais uma disciplina da área de saúde pública, que foi “Gestão da saúde coletiva”, de 60 horas, ofertada no sexto período do curso, e logo em seguida a disciplina de “Nutrição Social” para a turma do sétimo período, também com carga horária de 60 horas, e a Supervisão do Estágio Supervisionado em Nutrição Social, do oitavo período de curso. Durante a Supervisão de Estágio entrava em campo de estágio externo com os discentes/estagiários do curso de Nutrição, e esse campo era uma Unidade Básica de Saúde (UBS) do município. Lá, os estagiários desenvolviam ações de educação nutricional, orientações dietoterápicas, integração com a equipe multiprofissional, dentre outras, e eu os supervisionava.

Já na disciplina de Gestão da Saúde Coletiva era explanado sobre os programas que o SUS desenvolvia na sua prática e suas ações de promoção, proteção e reabilitação da saúde da população.

Mais adiante, fui chamada para lecionar a disciplina de Saúde Coletiva no curso de Enfermagem da IES, com carga horária de 60 horas, que acontecia no primeiro período de curso, outra disciplina de Nutrição no curso de Gastronomia, com 60 horas, também no primeiro semestre do curso.

Fui convidada também a ser coordenadora de Estágios do Curso de Nutrição da Faculdade, no qual gerenciava as práticas acadêmicas obrigatórias em diversos campos de estágio do município; levei também alguns discentes para as práticas de extensão do curso e, por fim, me tornei membro do Núcleo Estruturante de Curso de Nutrição (NDE).

O tempo inteiro como docente de ensino superior conciliava as disciplinas de Saúde Pública, em que era docente titular, com as outras atividades que desenvolvia na IES, juntamente com as orientações de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), várias bancas avaliativas de defesa de TCC e bancas para a contratação de novos docentes.

Pude participar ativamente, por ser membro de NDE de curso, da construção da nova Matriz e Diretrizes Curriculares Nacionais (DNC) do curso de Nutrição da IES, construção esta que nos leva a analisar: o ementário das disciplinas, construção das referências utilizadas durante o curso e a construção dos planos de ensino. Só assim pude ter uma compreensão maior da formação educacional no Brasil, seus avanços e retrocessos.

Em específico sobre as orientações de TCC que fiz ao longo dessa trajetória, tive a honra de ter alguns trabalhos de pesquisa de campo aprovados em Comitê de ética em pesquisa da própria IES, seguindo todos os critérios de ética estabelecidos. Todavia, a grande maioria dos trabalhos que orientei foram de revisão bibliográfica e integrativa.

Particpei, desde 2016, de todas as capacitações de formação de professores da IES, como processo de ensino continuado, através das semanas pedagógicas que acontecem a cada semestre que se inicia.

Fiz parte da comissão de eventos do curso, participando da organização das semanas acadêmicas em cada semestre. A Comissão de Docentes que as organizava fazia a ponte com profissionais de outras IES para ministrar palestras, *workshops*, minicursos, entre outros. Elaborava roteiros para o desenvolver das falas dos palestrantes e facilitava as ações durante os eventos.

Fui também a docente que acompanhava os discentes em dias de extensão de curso para desenvolver ações junto a comunidades formais (trabalhadores da usina, escolares) e não formais (integrantes de igrejas locais). Realizando medição de Índice de Massa Corporal (IMC), orientações dietoterápicas e promoção da saúde de uma forma geral.

Através de uma colega nutricionista e colega de docência, em 2017 participei de uma solenidade em alusão ao dia 31 de agosto, Dia do Nutricionista. Essa homenagem aconteceu na Assembleia Legislativa da capital de RO, onde as nutricionistas homenageadas ganharam um “Voto de Louvor” pelo relevante papel desempenhado no exercício de suas funções, na busca da promoção de melhor qualidade de vida e saúde física e mental durante o uso de suas atribuições.

Durante minha atuação como docente, pude aperfeiçoar meus conhecimentos em Saúde Pública e Nutrição através das metodologias inerentes às disciplinas que lecionava. E principalmente discutir e entender melhor a respeito da profissão de professor, buscando entender que a “docência implica também seu par dialético: aprender com os outros e despir-se do que se aprendeu para se reinventar na profissão” (KAERCHER, 2007, p. 15).

## **ProfEPT**

Em 2019, tive minha primeira experiência com o ProfEPT foi a minha primeira tentativa em cursá-lo. Inscrevi-me no processo seletivo, cujo primeiro passo era uma prova teórica avaliativa. Nela não consegui pontuação para aprovação.

A segunda tentativa aconteceu no ano posterior em 2020, quando estávamos vivendo a pandemia do Covid-19, e para mim foi um ano desafiador, pois, além de viver o isolamento social, separei-me de meu marido.

Já em 2022, fui aprovada no processo seletivo do ProfEPT e consegui ingressar com sucesso.

A docência já me levava a caminhos pela busca de mais saber, que talvez só com o mestrado profissional pudesse alcançar. O ProfEPT, por se tratar de um mestrado profissional e em rede, sempre me encheu os olhos; foi um sonho a ser almejado. Viver esse mestrado, além da certeza do melhoramento de minha trajetória profissional, instigou-me novamente a vontade de realizar nova pesquisa.

Acredito que sou uma nutricionista “fora da caixinha”, percorrendo caminhos que não foram apenas da prática clínica, parte essa que a profissão quase sempre direciona. Pelo contrário, busquei caminhos onde as políticas públicas e os debates estavam presentes. E não tenho dúvidas de que essa busca também me encaminhou para a docência.

Quero, então, unir a prática docente e a nutrição, dentro do que se propõe a EPT, em um projeto de pesquisa no qual a Nutrição poderá ser divulgada como um produto educacional bastante utilizado.

## **Projeto de pesquisa**

Pretendo desenvolver minha pesquisa no próprio *Campus* Porto Velho Calama junto aos estudantes egressos do sistema prisional que participam do curso de Formação Inicial em Pintor de obras Imobiliária do Projeto Alvorada.

O projeto Alvorada é uma ação do Departamento Penitenciário Nacional (DEPEN) em parceria com os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, ação esta que visa à inclusão socioproductiva da população carcerária e de egressos do sistema prisional. No IFRO, o referido projeto tem sua sede no *Campus* Porto Velho Calama, pauta-se no princípio do

trabalho como princípio educativo, na interdisciplinaridade e na formação omnilateral e tem como público-alvo 11 (onze) egressos do sistema prisional, dos quais 10 (dez) são do sexo masculino e uma do sexo feminino.

A pesquisa proposta visa responder à seguinte questão problematizadora: Como a Educação Alimentar e Nutricional (EAN) é tratada no curso de Pintor de Obras Residenciais do Projeto Alvorada/IFRO?

O objetivo geral da pesquisa é contribuir com a Educação Alimentar e Nutricional dos referidos estudantes. Quanto aos objetivos específicos, busca-se: (1) produzir uma sequência didática que favoreça a reflexão sobre segurança alimentar e nutricional e os benefícios da alimentação saudável; (2) calcular e registrar o Índice de Massa Corporal (IMC) dos estudantes; (3) promover rodas de conversa para identificar o estilo de vida, perfil alimentar e gasto calórico diário dos estudantes; (4) promover orientação nutricional individualizada aos estudantes.

O estudo insere-se na linha de pesquisa “Organização e Memórias de Espaços Pedagógicos na EPT” e enfatizará os aspectos históricos da instituição, que a elegeram como sede do Projeto Alvorada – Curso de Pintor de Obras Imobiliárias. Será desenvolvido em abordagem qualitativa, com base no método da Pesquisa-ação (THIOLLENT, 2011). Classifica-se, quanto aos objetivos, como pesquisa explicativa e, quanto à natureza, como pesquisa aplicada.

O produto educacional dessa pesquisa será a sequência didática prevista no objetivo específico de número 1, que contemplará conteúdos e sugestões de materiais audiovisuais adequados para o trabalho pedagógico com a população que constitui o público-alvo desse estudo (egressos do sistema prisional com ensino fundamental incompleto).

Justifica-se o desenvolvimento dessa pesquisa em razão de sua viabilidade técnica, científica e social. Do ponto de vista técnico, a proponente, por ter habilitação na área de Nutrição, dispõe dos conhecimentos e instrumentos necessários para a intervenção junto aos alunos. Do ponto de vista científico, a pesquisa contribuirá com o avanço do conhecimento acerca da história da educação em Rondônia, enfatizando questões atinentes à organização e história institucional e à inclusão educacional de segmento marginalizado. Ademais, a abordagem da questão alimentar e nutricional é elemento relevante para uma educação profissional que se propõe omnilateral. No que diz respeito à contribuição social, colaborar para EAN é uma forma de promover saúde e prevenir doenças crônicas. Estima-se ainda que

a temática, por seu perfil humanista, seja capaz de favorecer a participação, permanência e êxito dos estudantes.

## Conclusão

Fiquei apreensiva ao pensar em construir esta narrativa, imaginando como discorrer sobre minha trajetória acadêmica e profissional de forma que o lado pessoal não se sobressaísse. A cada outros Memoriais Formativos que lia, essa apreensão foi desaparecendo, pois consegui enxergar que ao se narrar fica muito difícil desvincular o lado profissional do pessoal, e isso nem deve ser um problema.

Esse Memorial contém um breve relato de minha vida e mais uma vez veio reafirmar que minha formação educacional é indissociável de minhas vivências tanto pessoais como coletivas. E por isso o tema escolhido foi sobre a transição do ocorrido mais marcante de minha vida: a maternidade. Escrever sobre si é mais complexo do que escrever sobre grandes pesquisas ou personagens marcantes, ou seja, despir a alma mostrando suas fragilidades e forças a ponto de contribuir para outros com sua história.

Com sentimento de gratidão e emocionada, chego ao fim deste Memorial Formativo. Observando com ele que minhas vivências profissional e de vida seguem uma bela trajetória e serão ainda mais belas ao concluir o ProfEPT, pois será mais um sonho realizado que contribuirá de fato para pesquisas futuras, engrandecendo com seu produto educacional a vida de outros.

## Referências

FERNANDES, Natal Lânia Roque; LIMA, Patrícia Feitosa. *Narrativas de si: memórias de sujeitos em processos formativos*. 1. ed. Rio de Janeiro: Pod, 2019.

KAERCHER, Nestor André. Práticas geográficas para ler pensar o mundo, converte-ndersar com o outro e enterdescobrir a si mesmo. In: REGO, N. *et al.* (org.). *Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio*. Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 15-33.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

TURATO, E. R. *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas*. 6. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2013. (“Prefácio”; “Introduzindo ideias fundamentais da ciência e de metodologias de sua pesquisa”).

# Aprendendo com a minha história

*Antônio Pereira Sobrinho*

## Introdução

Eu, Antonio Pereira Sobrinho, da etnia Apurinã, nascido no ano de 1979 em Lábrea no estado do Amazonas, sou o primeiro filho homem, além de mais dois irmãos e quatro irmãs, de uma união estável de Francisco Raimundo Sobrinho e Maria Pereira Sobrinho, ambos agricultores; sou grato pelos pais que tenho, pai ribeirinho e mãe indígena. Construí uma família aos 17 anos com minha companheira Maria de Nazaré Oliveira; temos três filhos, esses filhos nos deram mais quatro netos.

Este memorial tem como objetivo fazer um breve resumo de minha trajetória de formação cultural, intelectual e profissional. Para isso foi necessário pensar a respeito de diversas questões que têm relação direta com meu passado, com meu presente; assim, estabelecem relação com o futuro.

Lábrea é um município brasileiro do interior do estado do Amazonas. Essa cidade tem uma população de aproximadamente 47 mil habitantes, de acordo com estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2021), e localiza-se a cerca de 800 km de Manaus. Pertence à Mesorregião do Sul Amazonense e Microrregião do Purus, com algumas reservas extrativistas Ituxi e Médio Purus. Nesse rio é realizada a atividade de pesca que garante o sustento de grande parte da população dessa região, composta por várias comunidades indígenas. Essa população tem a agricultura, a pesca de subsistência, as pequenas lojas e os empregos advindos da prefeitura como principais fontes de renda.

A rede hidrográfica do município pertence à bacia do rio Purus, afluente da margem esquerda do rio Amazonas. O rio Purus, principal rio navegável da região, é considerado de médio calado, navegável por pequenas e médias embarcações mesmo durante a época da vazante.

Afinal, com as dificuldades e cansaços diários é natural que deixemos alguns de nossos objetivos adormecerem por não acreditarmos que somos capazes de ir além. Porém, quando olhamos para nosso passado e

vemos tudo o que já superamos, o futuro torna-se mais objetivo, mais esperançoso, e perdemos um pouco o medo de arriscar, pois sempre tem algo bom esperando por aquele que luta com coragem e determinação.

### **Base familiar e vivência educacional**

A família é um conjunto de todas as relações desde quando nascemos. Também pode ser considerada o conjunto de pessoas que possuem um vínculo de parentesco e vivem na mesma casa formando um lar.

Ainda morando com meus pais, vi a vida sendo marcada por momentos de baixa e alta complexidade. Diversas atitudes foram tomadas devido às dificuldades encontradas para garantir a alimentação. Por mais que nós vivêssemos perto de um rio e de uma floresta esplêndida, ainda faltava o pão de cada dia. Todo ano, meu pai plantava roça em um campo de várzea feijão e roça. Ele saía quase todos os dias para pescar ou fazer um bico. Para termos alguma coisa em nossa mesa, minha mãe procurava fazer faxina em casa de família e capinar terrenos. Assim íamos vivendo uma vida pacata. Quando de repente uma de minhas irmãs veio a óbito, todos ficamos abalados. Os anos foram passando, e surgiram novos caminhos de batalha.

No período da educação infantil, estudei na escolinha da rede municipal chamada Branca de Neve. Aqueles anos foram marcantes. Minha mãe todos os dias ia me deixar lá, mas eu sempre ficava triste e me perguntava por que eu deveria ficar ali. Com o passar dos dias, fui me acostumando, participando das brincadeiras que a escola oferecia e formando coleguinhas. No ano seguinte, fui para uma outra escola, chamada de Escola Estadual Maria Madalena. Nessa escola, estudei da primeira à quarta séries do Ensino Fundamental I. Lá foi mais marcante, gostava de estar lá todos os dias; não era porque eu gostava de estudar, mas sim porque fiz mais amigos. Quase todo dia na hora do recreio tinha merenda na escola, farofa de sardinha ou conserva e sopa; as merendeiras faziam tão gostosas as merendas que sempre eu queria repetir.

As merendeiras e as professoras sempre falavam que, se nós quiséssemos uma sopa mais gostosa, seria importante que nós levássemos verduras e legumes para acrescentar na sopa; cada aluno que podia trazia um pouco do que tinha em suas casas, e tudo ficava mil maravilhas. A gente brincava de peteca, bola, pula-corda, amarelinha, esconde-esconde. Entretanto, tive

algumas decepções com alguns professores. Nesse momento turbinado de emoções na escola, meus pais se deixaram; não pude fazer nada ou dar uma palavra de conforto.

No Ensino Fundamental II, ainda jovem e atrasado nos estudos, comecei minha independência e construí uma família. Comecei a ver as coisas de outras maneiras; eu e minha companheira começamos uma batalha árdua, em que precisamos buscar nossos próprios alimentos e sustentar nossos filhos; como já falei anteriormente, venho de filho de agricultor e pescador; continuei nesse ramo sofrido, mas eu amava; uma das coisas que era difícil nesse momento era conciliar estudo e trabalho.

Todos os dias no verão, em terra de várzea, eu e minha companheira plantávamos algumas manivas, feijão, milho, etc.; logo de manhã colocávamos a enxada no ombro e andávamos vários quilômetros para chegar ao local. Durante o ano fazíamos esse percurso várias vezes; na escola ninguém sabia o que se passava. Eu continuava pegando nome ainda “de preguiçoso e burro” por alguns professores, que me chamavam de aluno sem compromisso. Eu ficava a refletir “porque não desisto desse estudo e me dedico à minha família que tanto depende de mim?”. Nesse momento, não posso dizer que foi ruim ou bom, mas agradeço por cada momento.

Eu sempre voltei à minha comunidade desde dez anos; nunca parei de admirar a floresta, os rios e os igarapés. Sempre foi minha conexão de vida; a escola me apresentava, nesse momento, o conhecimento da leitura e novas culturas de conhecimentos; sempre tive muita curiosidade.

Em 2000, iniciei o ensino médio na Escola Estadual Professora Balbina Mestrinho. Eu estava cheio de sonhos, mas nem tudo o que queremos é fácil; seguia minha rotina de sempre plantar, pescar, conhecer cada vez mais a área geográfica de meu município, que é grandioso e rico de história de vida. Quando estava dentro da escola, ficava a pensar em tudo o que estava ocorrendo em minha vida, lugares onde pisava, caminhos já trilhados; fora da escola, sonhava o que eu poderia alcançar com educação escolar; sempre tive dificuldade de aprendizado, perdia muitas aulas devido à minha rotina de vida, mas sempre fui insistente em querer buscar um pouco mais de conhecimento. Vivía correndo atrás dos professores para que me ajudassem a recuperar minhas notas; eu só agradeço porque a maioria dos professores entendia minha situação. Enfim, terminei o ensino médio em 2002, mas parecia que nada tinha mudado. Eu reclamava: “Para que estudei se permaneço no mesmo local, com os mesmos trabalhos que exer-

cia antes”. Eu me via dentro de um desenho animado, o personagem Hardy, que dizia: “Oh vida, oh azar”. Mas eu também pensava: “Deus tem um propósito em minha vida”.

Passei um tempo fora da escola e adentrei nas florestas que estavam ali, nos rios e igarapés, mundo cheio de vida. Na floresta, andava horas pisando em folhas, gravetos em estado de decomposição, observava alguns insetos ou animais e tirava alimentos como, por exemplo, castanha, açaí, urucuri, cacau, até mesmo caça para consumo e plantas medicinais para medicamentos. Dos rios, lagos e igarapés eu “tirava” peixes e alguns quelônios. Sempre gostei de pescar e da agricultura. Plantava mandioca, feijão, milho, melancia e batata. Era um trabalho árduo. Devido ao esforço físico que todos os dias tinha que fazer, passava noites sem dormir, e isso me afetava bastante. Nessas minhas jornadas de coisas boas e ruins, minha esposa estava sempre comigo, a meu lado, “na doença e na alegria ou tristeza”, para construir o que fosse possível.

Em 2005, participei de um processo seletivo do Centro de Educação Tecnológico do Amazonas (CETAM). Havia 25 vagas para cursar o técnico em enfermagem. Fiz a prova e fui selecionado. Fiquei tão feliz que, no momento, não estava acreditando. Veio mais uma jornada incrível em minha vida, mais uma vez bateu a crise, estudo e trabalho de sobrevivência. Tive que engolir choros de vida sofrida.

Em 2008, terminei o curso. Logo em seguida uma das minhas professoras me chama para trabalhar na Fundação Nacional de Saúde (FUNASA) como técnico de enfermagem em comunidades indígenas; fiquei tão feliz, que chorava por dentro de tamanha felicidade. Pensei: “Agora vou poder melhorar um pouco a vida de minha família, comprar alguns objetos materiais”.

Em Lábrea-AM está localizada minha comunidade, chamada São Bento. É composta por cerca de 40 indígenas Apurinã e brancos. Nessa comunidade, plantamos roça, cará, bananeira, mamão. A floresta oferece-nos plantas medicinais, açaí, bacaba, bacuri, castanha, etc. O rio, os lagos, os igarapés nos oferecem os peixes e os quelônios. Em alguns meses do ano fica escasso o alimento, mas tudo segue conforme o que a natureza tem a nos oferecer.

Na comunidade ainda não existe escola nem assistência de saúde, a água que bebemos vem de rios e igarapés; por mais que a maioria seja de indígenas, as terras ainda não foram demarcadas pela FUNAI; para estudar e receber assistência de saúde é preciso ir à cidade.

## **Vida nas comunidades indígenas**

Realizei minha primeira entrada nas comunidades indígenas no polo do município de Lábrea em 2008; fui para o polo Crispim, do povo Paumari e Apurinã. Esta foi uma realidade a ser desbravada com carinho devido às culturas que existem ali. Lá eu prestava assistência de saúde e ouvia as histórias deles. Eles sempre me perguntavam: “Antônio, você é indígena?”, e eu respondia: “Não sei”. Um mês depois, eu voltava à cidade com várias curiosidades e já tinha uma nova tarefa para ser realizada.

A nova entrada nas comunidades em 2008 ocorreu no povo Dení. Entrei em um barco, comecei a viajar em minha mente. Haja o barco cortar água nos rios Purus, Tapauá, Cuniuã, Riozinho! Passamos seis dias viajando de barco, fiquei alegre e triste; alegre porque estava vendo o tamanho da riqueza de água e floresta que nos contempla, triste pensei, não chega mais, quando de repente o colega fala: você ainda vai viajar um dia de voadeira; eu digo: nossa, por que tão longe? Embarquei em bote cinco horas da manhã e vamos cortar água, chegamos no outro dia às duas da manhã, mas a tristeza só aumentava, quando de repente várias pessoas da comunidade vieram nos receber e levar o material para o polo base Marrecão; esse polo era composto por seis comunidades. Pude perceber durante a viagem um ecossistema enorme para ser observado e admirado.

Fui bem recebido, mas não sabia que, depois de um mês, eu iria ficar com tanta saudade de minha esposa e meus filhos, mas sabia que estava ali para ofertar o melhor de mim. Então sempre trabalhei com muito respeito e dedicação, toda entrada eles me chamavam para caçar, pescar, olhar a plantação deles e perguntavam: você é índio? Devido às minhas habilidades de pescar, caçar. Então comecei a me perguntar por que toda vez eles me perguntavam isso. Diante disso eles me falaram: “Você parece muito com indígena, o seu jeito de ser; queremos que você more aqui com a gente, construa uma família aqui, seu conhecimento vai ajudar bastante em nossa cultura”. Eu falei para eles: “Não posso, tenho uma família que todos os dias está me esperando; o que posso oferecer para vocês é só meu trabalho e pouco do conhecimento que tenho enquanto estiver aqui na aldeia”.

A assistência à saúde e educação tem que ser bem observada para ser implantada nesses povos; temos que respeitar rituais, culturas e o ciclo de vida para que não haja uma evasão, e eles não deixem de acreditar o que realmente estamos fazendo lá; o ciclo de vida dos brancos é diferente em termos culturais.

Resumindo, passei nesse polo alguns anos de minha vida, sessenta a oitenta dias na comunidade a cada entrada, sempre bem recebido por todos; eles demonstravam uma alegria tão grande quando chegava lá, logo passávamos horas conversando, trocando ideias sobre seu povo e minha vida.

Trabalhei nesse polo até 2011; entre saídas e entradas deixei algumas lágrimas derramar devido à solidão, mas aprendi muito nessa comunidade de culturas diferenciadas. Todos os dias eles falavam: “Atoni cadê becu”; na língua deles, em português é café. Íamos caçar aví, badu, que é o mesmo que anta, veado, etc.; essa parte e outras tantas me enche de orgulho de onde eu vim e pretendo voltar.

Durante esses anos citados, tive mais uma jornada, agora com um povo que muitos temiam: Zuruahã ou Suruahã. Essa etnia também me deixou pontos marcantes, tão longe quanto as outras já citadas; povo mais fechado, cultura muito diferente em partes das outras; assim que chegamos lá, eles perguntaram de colega meu que já sabia algumas palavras na língua deles: ele é indígena? Isso me chamou mais a atenção, porque um povo tão “primitivo” faz uma insinuação dessa, mas fiquei tranquilo e fui fazer meu trabalho que é de lei. A alimentação, o hábito, o modo como prepara o veneno para passar nas pontas das flechas ou zarabatanas, rapé entre outros, muitas curiosidades surgiram. Para não alongar muito, tenho só a agradecer por ter conhecido cada uma dessas comunidades, cheia de culturas, histórias e realidade; parece que fui presenteado nessa vida por momentos tão gratificantes.

### **O período das decisões e formação acadêmica**

Então como já citado, comecei minhas decisões na hora em que minha mãe decidiu separar de meu pai, homem guerreiro de tantas lutas, meu herói; fui morar com minha mãe e meu padrasto em uma comunidade chamada Barranco da Catita, onde plantávamos no período do verão uma diversidade de alimentos: melancia, melão, feijão, roça, etc.; no inverno e verão íamos para comunidade São Bento quebrar castanha e entre outros. Aos 17 anos, formei uma união estável com quem até hoje permaneço.

Em 2011, prestei o vestibular para ciências biológicas na Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Ainda estava trabalhando com povos indígenas e já tinha construído uma casa na cidade.

Fui novamente trabalhar nas comunidades; nessas comunidades usa-se radiofonia, um dos meios de comunicação mais usados. Certo dia, não muito distante da cidade, resolvi entrar em contato com o setor de trabalho e lhe pedir um favor: tem como vocês olharem para mim se meu nome está na lista de aprovados da UEA, quando de repente eles retornam com a ligação: você está aprovado. Não pensei duas vezes, peguei uma canoa e um motor rabeta e fui para a cidade e fiz minha matrícula.

Isso me custou o emprego, por mais que eu trabalhasse há vários anos com os povos indígenas; a empresa fez minha demissão, fiquei sem direção; passei tantos anos prestando serviço nas comunidades, nunca me neguei a entrar nessas comunidades; então essa empresa que oferece assistência de saúde aos povos indígenas não abre espaço para um indígena estudar, enquanto tinha outros que nem iam. Mas, como na vida tudo tem um propósito, busquei me adaptar; fiquei passando necessidade; o mais triste era ver minha família passar por isso também.

Em 2012, uma outra professora do curso de enfermagem, sabendo da minha história, convida-me para trabalhar no hospital regional de Lá-brea-AM como técnico de enfermagem, ganhado menos de um salário mínimo. Logo aceitei, mas não era o suficiente; as aulas tiravam meu conforto e deixavam os sofrimentos do dia a dia; quase todos os dia eu ouvia da minha esposa: as crianças estão com fome; isso me derrubava de tristeza, porque nós éramos acostumados a ir e vir para comunidade; lá eu pescava e caçava, raramente faltava; nessa época ainda plantava roça e tinha muita farinha dentro de casa, era o que mais comia todos os dias; nas madrugadas, ia pescar e desbravar o rio Purus dentro de uma pequena canoa; ao remar, muitas lembranças vinham em minha mente; só parava de lembrar quando tomava um susto dos botos, via jacaré e peixes; logo eu usava minha pequena tarrafa ou malhadeira e começava a lançar, esticava uma linha de espera; perto de amanhecer voltava para casa com alguns quilos de peixe e deixava minha família um pouco mais contente, tomava um banho e logo em seguida escola; à noite tirava plantão no hospital, e a vida seguia.

Em 2014, já perto de finalizar o curso de ciências biológicas, ganho um neto; minha alegria dura pouco; quatro dias depois perco minha mãe para um câncer, mãe essa que sempre batalhou com unhas e dentes para que nada faltasse para seus filhos; não se importava se estava chovendo ou fazendo sol, a palavra era: “hoje pode não ter, mas vamos dar um jeito amanhã”; por mais que ela não sabia ler nem escrever, sempre dava um

jeito de não ficar para trás. Os conselhos dela sempre me levantaram para lutar.

Terminei o curso em 2015, ainda trabalhando na área da saúde, já em uma unidade básica de saúde, voltando sempre à nossa comunidade para pescar e plantar.

Em 2017, voltei a trabalhar nas comunidades indígenas com equipe da SESAI, ainda Técnico de Enfermagem. Dessa vez, novas comunidades dentro do Ítuxi, com os Paumari e uma comunidade Apurinã, eles me fizeram as mesmas perguntas à qual etnia eu pertencia; então ao chegar em Lábrea-AM, fui tirar minhas dúvidas com minha tia, irmã de minha mãe, que há muito tempo não via; ela começou a contar a história dela e afirmou que toda a nossa família é indígena da etnia Apurinã, só que minha mãe não tinham realizado o cadastro na Fundação Nacional do Índio (FUNAI) para tirar o Registro Administrativo de Nascimento de Indígena (RANI); então ela se levantou e foi buscar o rani dela que tinha tirado alguns anos atrás, perguntou “você quer se cadastrar?”, eu respondi que sim; então fomos lá na FUNAI fazer meu registro.

Foi então que comecei a perceber que há vários indígenas que não fizeram registro no setor da FUNAI; alguns dos motivos que me levam a pensar é devido a grandes guerras no auge da borracha por terra em nossa região ou ocorreu por opção própria, entre brancos e indígenas; meu pai sempre falava que a guerra era constante; vários indígenas morriam todos os meses como animais a serem abatidos. Ninguém podia fazer nada.

Em uma outra conversa, um senhor de 80 anos confirmou esse massacre; ele falou que era triste ver tantas pessoas sendo abatidas como “animais”; a mancha de sangue se espalhava na floresta, rio ou igarapé e dentro de uma canoa; os confrontos eram constantes; o que lhe cabia era cuidar de alguns feridos que permaneciam vivos; ele ainda disse: tenho sorte de estar vivo para contar essas histórias de sofrimento e angústia; esse povo é guerreiro, mas as armas usadas por cada um deles não eram suficientes.

Falei também com um senhor que participou desses massacres; ele falou: eu era pago para caçar índios, mas nada me deixava confortável; “as mortes ocorriam semanalmente com esses conflitos”; os índios eram muito bravos, não se entregavam, alguns dessas indígenas se casaram com ribeirinhos, outros escaparam dessas guerras e ninguém sabe para onde foram.

Em 2018, entrei em outras comunidades, Jarawara e Jamamadi; nova cultura, outros conhecimentos; diante de entradas e saídas se pode perce-

ber a influência dos missionários dentro de cada comunidade em algumas parece que eles foram mais profundos com a religião, em outras nem tanto; aqui não vou me aprofundar a respeito do meu ponto de vista cultura e religião; só posso dizer aqui que em alguns pontos a entrada deles nessas comunidades foi relevante e em outros preocupante; eu só tenho a agradecer por ter conhecido os povos de nossa região geográfica de Lábrea e municípios vizinhos.

Em 2019, vim para Porto Velho buscar novos conhecimentos e estudar Enfermagem; participei de processo seletivo da SEDUC-RO, fui classificado para trabalhar em uma escola do município, Candeias do Jamarí, Escola Jaime Barcessat, no Ensino Fundamental II, que para mim foi muito prazeroso. Acredito que plantei um pouco do meu conhecimento em cada um deles; todos os dias em que eu chegava em sala, eles falavam: “que bom professor, você veio, entra, entra”; nós fazíamos algumas dinâmicas em sala, e eles gostavam, levava-os para conhecer as plantas que estavam ao redor da escola, podia ver o olhar de alegria da maioria. Em 2022 comecei o ano desempregado. Buscando novos conhecimentos.

### **Perspectivas relacionadas ao ProfEPT**

Em 2019, tive a oportunidade de participar da seleção do mestrado pela primeira vez, mas não consegui ser aprovado. Em 2020 novamente e nada; em 2022, consegui ser aprovado pela lei de cota, mas pude perceber que a lei de cotas para indígenas tem que passar por uma série de perguntas e que o Registro Administrativo de Nascimento Indígena (RANI), que é um documento de nascimento, não tem utilidade perante a banca examinadora; o que serve é um documento assinado por outros indígenas informando que pertencem àquela etnia. Acredito que essa lei de cotas precisa ser revisada. Busquei oportunidade em outras intuições que lançam mestrado e não consegui.

É inegável a necessidade das instituições educacionais de realizar um trabalho para o cumprimento das legislações em vigor, com especial atenção à aplicabilidade das Leis Federais 10.639/03 e 11.645/08, com objetivo de “disseminar e difundir o ensino da História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígenas nas escolas em todos os níveis de ensino” (MARGUES; SILVA, 2016, p. 57).

O ProfEPT, então, tornou-se o centro de minhas atenções; além de ofertar uma vaga para indígena, não foi preciso entrar com um projeto de pesquisa. Durante o curso vou descobrir o que posso ofertar para o curso e o que o curso pode ofertar para mim. Venho buscar novas experiências que possam possibilitar o confronto de novos saberes e alargar o eixo formativo por um período de tempo.

Para esse estudo pretendo destacar meu conhecimento e me aprofundar nos conhecimentos tradicionais, educacionais, linguísticos ou culturais da etnia Apurinã no município de Lábrea-AM; ainda tenho muito a aprender com os mais velhos das comunidades e literaturas já escritas, não só eu, mas sim para uma parte da sociedade que tanto critica nosso povo. Montar esse projeto, acredito que não vai ser nada fácil, mas com a ajuda dos orientadores vou conseguir. Resgatar esse conhecimento no mestrado ProfEPT vai aumentar a curiosidade de ambas as partes no *campus* Porto Velho Calama do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia de Rondônia (IFRO), que é o instituto em que estou estudando; vou poder realizar algumas oficinas, para que tudo possa ocorrer dentro dos conformes. Então vai ser de fundamental importância para a Educação Profissional e Tecnológica (EPT) conhecer as culturas indígenas, os saberes, a cosmologia, a organização social, para que o ensino na EPT não fique centrado apenas nos conhecimentos eurocêntricos dos brancos.

## Conclusão

Escrever este memorial foi para mim uma experiência emocionante; isso porque me fez reviver épocas de minha vida passada, ver que fiz as escolhas erradas e certas, mas aqui posso dizer em parte que fiquei emocionado; quanto mais eu escrevia, mexia com meus sentimentos de alegria, perdas, tristeza e vitórias; durante a escrita, parava, refletia, era como se visualizasse cada ação, cada detalhe; deixou com o sentimento de que fiz, ensinei e aprendi. Porém, uma certeza aparece de uma maneira tão clara que ainda quero realizar muitos sonhos, alguns mais próximos, outros um pouco mais distantes.

O Brasil é conhecido por ter “duas línguas” e outras centenas de falas, que “parecem não existir”; acredito que isso seja um dos motivos de muitas culturas estarem se acabando; é preciso melhorar as políticas educativas, culturais voltadas aos povos indígenas. São levantadas muitas bandeiras

ras sobre preconceito; uma das mais fragilizadas parece ser as dos indígenas. Pode-se perceber que, por mais que eu seja da etnia Apurinã, minha história está entrelaçada com o convívio de várias etnias. Então posso aqui dizer que cada etnia tem uma cultura diversificada; não podemos afirmar que todos têm os mesmos conhecimentos ou culturas; os únicos que podem falar realmente de sua etnia ou culturas são os próprios moradores de cada comunidade ou aldeia.

Enfim, tenho muito a agradecer a meus familiares por deixar-me construir uma história muito diversificada e aos povos indígenas que têm uma gama de história a ser vista ainda pela a população. Não adianta sair criticando os povos indígenas antes mesmo de conhecer de fato o que ocorre em cada comunidade. Essas coisas que alguns brancos pensam sobre os índios, “eles são bichos, ladrões, preguiçosos, etc.”, como sempre ouço em vários lugares, isso me machuca; diante disso quero buscar uma alternativa que possa melhorar esse cenário e que seja plausível para todos.

### **Referência**

SIQUEIRA, Eugenia Portela; SILVA, Wilker Solidade da (org.). *Educação, relações étnico-raciais e resistência: as experiências dos Núcleos de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas no Brasil*. Assis: Triunfal Gráfica e Editora, 2016. 278 p. Disponível em: <[www.cidadesdomeubrasil.com.br/AM/labrea](http://www.cidadesdomeubrasil.com.br/AM/labrea)>. Acesso em: 15 abr. 2022, as 13h35min.

## **Entre palcos e escolas: a trajetória de um arte-educador**

*Carlos Eduardo Sousa da Fonseca*

Quando dedicamos um momento para rever nossa trajetória, as imagens, sensações e cheiros vêm à tona, e um turbilhão de emoções emerge. Ao justapor esses elementos, nossos gostos e escolhas começam a fazer sentido e nos encaminham às novas trajetórias de forma mais coesa.

As memórias que remontam à arte na minha infância localizam-se em uma creche comunitária, onde minha mãe me levava todos os dias a pé por volta de uns três quilômetros de casa, e o ambiente era de encantamento. As professoras sempre realizavam atividades lúdicas, em que nós auxiliávamos no processo. Recordo-me de dois momentos singulares nessa fase. O primeiro foi reunir resíduos sólidos para criar uma alegoria tendo como suporte um carrinho de mão; durante a semana pintávamos com o auxílio das professoras, montando assim a “nave da Xuxa”, alegoria amplamente conhecida entre os anos 1986 a 1992. O segundo momento refere-se à confecção de figurinos alusivos ao dia do índio; eu me esmerava nas pinturas em tecidos de estopa, e quando minha mãe chegava para me buscar, oferecia resistência e recordava os comentários positivos das professoras quanto ao interesse nas artes visuais.

As linguagens artísticas continuavam presentes na infância: Como não citar os eventos transmitidos pela televisão de estádios de futebol ou estúdios de emissoras de televisão onde apareciam os integrantes do grupo musical “Turma do Balão Mágico”; inspirados nesse grupo, eu e mais dois amigos transformávamos os ensaios das coreografias em nossa forma de brincar e estimular o corpo a movimentos que não estão presentes no cotidiano. Não nos importávamos de morar em uma vila militar localizada na BR distante de tudo, mas a interação entre os amigos e o viés da arte fazia com que aproveitássemos nossa infância que ficaria registrada em nossas memórias. Anos mais tarde, já na adolescência, tentei contato com esses

amigos, porém sem sucesso, mas quando ouço as músicas ou vejo os vinis da década de 80, é impossível não lembrar a interação.

Pura brincadeira sobre o real feito em dimensões inventadas, traquinagens geradoras de traquitanas. Estas reminiscências ficcionais apresentam substâncias fomentadoras de processos criativos, convidam a seguir por caminhos fluidos, arejados pela força do brincar, como um farol, para artistas professores dispostos ao afeto (CORREIA, 2019).

Já na adolescência, quando morei em Fortaleza, que as artes cênicas foram inicialmente estimuladas. Fazia parte de grupo de jovens da igreja católica, e nosso coordenador utilizava o teatro como ferramenta de ensino e socialização entre os membros. Em todas as missas, eventos festivos na comunidade, aniversários dos integrantes, estávamos sempre apresentando peças e esquetes. A confecção dos cenários, figurinos, adereços e toda a organização dos eventos nos eram apresentados. Atuar nos bastidores era muito mais interessante do que o nervosismo do palco. Aprendia-se muito mais na produção, e isso marcou nessa fase.

O tempo foi passando, experiências em mudanças de cidades foram agregando elementos culturais: o carnaval no Rio, o São João em Fortaleza, a espiritualidade do Círio de Nazaré em Belém. E chegou o momento de conhecer outra localidade, na qual passaria muito mais tempo e poderia consolidar as experiências e preparar para a vida adulta: Porto Velho.

Agora residindo em Porto Velho, dedicava-me aos eventos de feira de ciências não só através do conhecimento quanto da estética presente nos materiais produzidos. Nessa época, já questionava a finalidade das aulas de arte, que eram focadas apenas no artesanato quase sem vínculo com as atividades escolares ou do cotidiano.

A mesma escola contratou um professor de teatro, e comecei a participar das oficinas e fiz parte de minha primeira apresentação: “A menina e o vento”, de Maria Clara Machado, em que interpretava o personagem Vento. Aprendi nessa produção a utilizar a mesa de iluminação, sonoplastia e a criar os figurinos com base nas fotografias e desenhos nos livros da autora. Fizemos parte do Festival Municipal Estudantil de Teatro – FEMUT, e na ocasião nos foram ofertados cursos de jogos teatrais, cinema, sonoplastia e direção com o então diretor do SATED/RIO Stepan Nercessian. Aos 16 anos de idade, estar tão próximo de um “ator global” despertou o desejo de compreender melhor as artes cênicas, até então realizada de maneira tão amadora.

No ano seguinte, o professor não pôde permanecer na escola, e a equipe de teatro que tinha sido formada ficou sem um instrutor; então a diretora pedagógica da escola sugeriu que eu realizasse uma oficina com os alunos novatos e pensasse em produzir uma apresentação para aquele ano. Aceitei o desafio e montei o meu primeiro espetáculo como diretor: “O reino dos mal-humorados”, de Rosana Rios; na ocasião, ganhamos o primeiro lugar no festival de teatro do ano anterior. O elenco era composto por alunos do Ensino Fundamental que participaram da oficina que ministrei e me viam como o “tio do teatro”. Essa experiência me instigou a participar de oficinas na área das artes cênicas promovidas pelo SESC/RO.

No terceiro ano, agora contratado o ator e diretor “Juruna”, comecei a me envolver com as questões técnicas do teatro e a participar de algumas produções e atuar no espetáculo “Corumbiara meu Amor”, escrito pelo próprio diretor, e conseguimos a segunda colocação no festival.

Como era egresso da escola, não podia mais participar do festival; comecei a ensaiar a peça “Dois perdidos numa noite suja”, de Plínio Marcos, porém com o falecimento do idealizador do projeto, ela foi suspensa.

Também fiz parte do Grupo Teatral Êxodo não só como ator, mas na equipe de cenografia e aderecista. Experiência essa que propiciou a compreensão de produção em espetáculos de grande porte.

Na experiência com a arte, fui convidado a coordenar uma secretaria de arte de um movimento religioso no estado de Rondônia e nas viagens de formação agregava os conhecimentos adquiridos na experiência dos festivais, o que gerou o espetáculo musical “Então é Natal e o que você fará?”, que após a sétima edição foi substituída por um Presépio Vivo apresentado em hospitais, presídios, instituições beneficentes em conjunto com o Coral do Ministério Público de Rondônia.

Ao encerrar os estudos da Educação Básica com experiências em teatro e cursos de teologia, consegui meu primeiro emprego como monitor de ensino religioso e coordenador de teatro da escola. No ano seguinte (2000), ingressei no curso de Pedagogia da Faculdade de Educação de Porto Velho – UNIPEC. Essa primeira formação foi importante, pois já lecionava há um ano, e algumas práticas foram revistas à medida que fui tendo acesso à teoria. Ao longo do curso, para manter a remuneração para custear minha graduação, ministrei ciências, informática, inglês e arte. Essa última foi a disciplina com que mais houve identificação, e comecei a aprender como ministrar aulas por meio do Programa de Formação Continuada de Profes-

sores do Sistema de Ensino Positivo. Foram anos participando das formações e trocando experiências, que foram importantes, pois conseguia compreender as metodologias nas aulas de Arte e confrontar com o que estava estudando na licenciatura em Pedagogia.

Fiz minha primeira especialização em Psicopedagogia na Faculdade de Educação de Porto Velho – UNIPEC com o TCC “Indisciplina e Socialização no Ambiente Escolar”, orientado pela Prof. Ms. Maria de Freitas Jacarandá; ao término da pós-graduação, assumi a coordenação pedagógica da mesma escola e comecei a realizar intervenções institucionais. A experiência foi gratificante, porém observava resistência e inconstância dos alunos/pais nas intervenções psicopedagógicas, levando-me a encerrar o projeto. Contudo, ao deparar nos estudos de testes projetivos e observar a força expressiva da arte, moveu-me o interesse em aprofundar a influência da arte no processo de aprendizagem. Nesse período, participava de vários cursos e oficinas promovidas pelo SESC/RO, e o que mais me instigou foi a “Oficina de Artes Visuais – A produção, a leitura e outras questões relevantes”.

Comecei a lecionar exclusivamente no Ensino Médio, e o curso “Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio: Formação Continuada de Professores do Ensino Médio na Escola”, promovido pela Fundação Universidade Federal de Rondônia, foi importante na minha formação, pois observei um outro olhar sobre o Ensino Médio, evitando assim as reproduções de ensino.

A medida que assumia mais turmas no componente curricular de Arte e sendo contratado em outras escolas devido à minha experiência, a responsabilidade em ter uma graduação na área e poder realizar concurso público, então comecei a Licenciatura de Artes Visuais, promovida pela Universidade de Brasília em parceria com a Universidade de Rondônia – UNIR.

Comecei a lecionar em uma escola particular de Porto Velho com toda a carga horária voltada ao ensino da Arte. Alguns alunos dessa instituição almejavam cursar Belas-Artes, Arquitetura, Artes Visuais, Cinema, e a compreensão de arte-educação começou a ter um novo sentido para mim, pois os alunos eram ávidos pelo conhecimento na área, o qual ainda estava cursando uma graduação.

Fui convidado pela coordenadora do curso para realizar, paralelamente à graduação, a especialização em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas, promovida pela Universidade de Brasília (UnB), tendo

como monografia o tema “Cartografia colaborativa como ferramenta na formação do arte/educador de Porto Velho” e a minha primeira participação no VII Seminário do Ensino de Arte do Estado de Goiás e da CONFAEB 20 anos: Indivíduos/coletivos/comunidades/redes, apresentando trabalho intitulado “Outros olhares: provocação à atividade curatorial”. Agora envolvido integralmente no ensino de arte, deixei a função de Coordenador Pedagógico em uma escola particular e assumi um contrato emergencial do estado de Rondônia como professor de Arte e dois anos após realizei o concurso público, efetivando-me no cargo.

Uma experiência no Ensino Superior foi quando me tornei tutor presencial no curso de Artes Visuais da Ação Educacional Claretiana – Porto Velho, ministrando palestras no Encontro Nacional de Iniciação Científica. A mais expressiva foi “Leitura e interpretação de imagens”, a única voltada à arte naquele evento.

Professor celetista e estatutário, frente a mim estavam duas realidades: esferas pública e privada. Por diversas vezes fui rotulado como o professor que não entendia como “funcionava” o serviço público. Como trabalhar com qualidade no ensino público tal qual na esfera privada? Esse questionamento fez com que trabalhasse de forma interdisciplinar com outros professores da Educação de Jovens e Adultos, agregando os conhecimentos das linguagens artísticas nos componentes curriculares os quais as professoras se esmeravam em lecionar e ao mesmo tempo tinha que completar minha carga horária em outros.

Com o projeto “Gênesis” da SEDUC/RO precisei ser lotado em outra escola para lecionar apenas o componente curricular de Arte, e nesse momento tive conhecimento do Núcleo de Arte e Cultura Escolar da Diretoria Geral de Educação e comecei a participar das formações.

Com a participação nas formações de professores de Arte do estado de Rondônia, fui convidado a fazer parte do Núcleo de Arte e Cultura da Secretaria de Estado da Educação – SEDUC/RO e a ministrar a mesma formação continuada de professores sem formação acadêmica na área. A proposta remeteu aos primórdios da minha formação: a contribuição que recebi do Sistema Positivo agora poderia remeter aos professores das dezoto Coordenadorias Regionais de Educação – CRE, e as viagens de formação se tornaram rotineiras. Cada oficina ministrada era uma verdadeira descoberta metodológica aos professores leigos em Arte e aumentava a responsabilidade em dar suporte a esses profissionais ao longo do ano letivo,

além de conhecer a realidade do ensino do componente curricular e da diversidade cultural em nosso estado.

Conheci o projeto “Canto para todos”, realizado pela regente Sabrynne Sampaio Senna, e comecei a participar do coral do Ministério Público de Rondônia, que outrora contribuía com o Presépio Vivo; agora torno-me integrante. Dificuldades e uma certa repulsa ao tom da minha voz deram lugar ao deleite de compreender e superar minhas limitações através do canto coral cênico. Após ensaios intensivos nos finais de semana, apresentei o meu primeiro musical, “Sonhos”, uma coletânea de músicas das edições anteriores do espetáculo que contava a trajetória de dois personagens que buscavam os sonhos em mostrar sua arte em meio ao caos contemporâneo. Aprendi nesse processo a cuidar da voz e principalmente compreender todas as etapas de produção de um espetáculo; posteriormente, participaria da faixa de uma música produzida pela Cantadô Produções Artísticas, que seria vinculada ao clipe de uma música de natal o qual estava encenando.

Começou a pandemia de Covid-19, e as formações continuadas de professores presenciais foram suspensas, e com a necessidade de divulgar o Referencial Curricular do estado de Rondônia para o Ensino Fundamental, começamos a realizar encontros formativos remotos síncronos com atividades assíncronas. O desafio era trazer a participação efetiva do professor de maneira dialógica. Como fazer isso? Subvertendo parte da metodologia aplicada rotineiramente e inserindo uma linguagem que fosse de fácil compreensão e em atividades de possível execução nas diferentes realidades das escolas públicas de Rondônia.

A experiência de entrar em um estúdio nesse período de pandemia fez com que superasse minha repulsa com as câmeras e confiasse mais no meu trabalho. Mas isso só foi possível graças ao apoio da minha então chefe, que mostrava que eu era capaz de realizar com primor as atividades que me eram confiadas e deixar de lado minha autossabotagem.

Em 2021, ao participar de eventos e oficinas de teatro de formas animadas, conheci o teatro de papel e *lambe-lambe*, em que visualizei um grande potencial educacional nessa modalidade. Além de ativar minhas memórias em artes cênicas, tendo como trabalhar os elementos da linguagem das Artes Visuais, além de utilizar como recurso pedagógico em outras áreas do conhecimento, integrando assim a minha experiência na formação continuada de professores.

Entre os anos de 2017 e 2018, comecei a estudar para concurso público federal e realizar provas no Rio Grande do Sul, São Paulo, Goiás, Amazonas e Rondônia. Consegui êxito no último concurso, sendo nomeado em janeiro desse ano. Agora como professor EBTT /Arte mudei minha visão sobre docência e estou aprendendo, desenvolvendo e auxiliando projetos de ensino e extensão nas linguagens artísticas de Artes Visuais e música no *campus* de Guajará-Mirim.

Em experiência recente em sala de aula nos cursos integrados de Informática e Biotecnologia do *campus* onde estou lotado, ao trabalhar o teatro de papel notei que os alunos, além de atuar em grupo, exercer a autonomia, recorrer aos conhecimentos de mundo e/ou acadêmicos, conseguem trazer seus desejos e preferências subliminarmente nas produções. Recordo-me de um grupo que era composto por alunos que não possuíam tantas relações e tinha uma subdivisão entre homens e mulheres; perguntei o que mais eles viviam e que poderiam trazer para aquele trabalho. Alguns relataram a falta de diálogo na família e a incompreensão dos pais frente às suas escolhas. Pedi que ouvissem a música “Pais e Filhos”, da Legião Urbana, e que eles relatassem alguma situação conflituosa entre pais e filhos, buscando a compreensão de ambas as partes. E assim eles fizeram e conseguiram surpreender a turma com a produção.

Hoje estou como coordenador do Núcleo de Arte e Cultura do Instituto Federal de Ciências e Tecnologias de Rondônia *campus* Guajará-Mirim, desenvolvendo projetos de extensão relacionados ao teatro de papel.

Integrando minhas lembranças e experiências em Artes Cênicas, minha formação acadêmica, profissional em Artes Visuais e Pedagogia, pretendo relacionar meu projeto ao teatro de formas animadas como recurso pedagógico para o ensino com professores da rede pública, fomentando a ação da arte educativa aos profissionais sem formação acadêmica nas linguagens artísticas. Outra possibilidade seria estimular a produção artística dos alunos da primeira série do ensino médio do *campus* de Guajará-Mirim por meio de um projeto integrador de teatro de formas animadas que resultaria em mostras de espetáculos.

A produção desse memorial foi uma oportunidade para reflexão sobre minha trajetória, estimulando que retomasse fases que até então estavam guardadas em minha memória. Revisitar essas lembranças fomenta a percepção de nossa práxis e o quanto experiências artísticas e

culturais contribuem para a formação omnilateral. Sugiro que você, leitor, também realize seu memorial e, ao revisitar seu passado, possa dar ânimo e sentido à sua prática.

### **Referência**

CORREIA, Anibal José Pacha. *Pequenas histórias para pequenos grandes mundos de uma meninagem arteira* – exercícios e experimentações para teatro de animação. Curitiba: CRV, 2019.

# **Memorial acadêmico: o percurso de minha história**

*Darlene Mary Campos*

## **Introdução**

Falar sobre si não é um exercício fácil, mas esta reflexão sobre a minha trajetória de vida pessoal, acadêmica e profissional foi gratificante. E nesse processo de imergir no meu eu, perguntei-me várias vezes: será que meu caminho foi interessante? O que tenho para contar? Muitas vezes, senti-me impostora, como se não merecesse as conquistas que alcancei. Mas vamos lá! Tudo isso está só começando.

## **Minha história**

Nasci em Guajará-Mirim-RO, conhecida como a Pérola do Mamoré, município que faz fronteira com a Bolívia, um município carregado de histórias e belezas naturais. E é disso que sinto mais falta desde que eu e parte de minha família mudamos para Vilhena-RO. Em Guajará-Mirim, tive uma infância feliz, com muitas brincadeiras no quintal de casa, na rua, mas o programa preferido era ir aos igarapés nos finais de semana; esperava ansiosa por isso. Algumas de minhas férias foram em aldeias indígenas, pois tenho uma tia que foi enfermeira da Funasa e tenho as melhores lembranças daquela época. E essa proximidade de minha família com os indígenas me fez ir trabalhar com eles após concluir a graduação.

Quando mudamos de cidade, eu tinha 10 anos e não consegui me adaptar; fiquei um ano em Vilhena. Eu e minhas irmãs voltamos para Guajará. Em Vilhena, era tudo tão diferente: o clima, as pessoas, os lugares. Não tínhamos mais os igarapés nos finais de semana, pois morávamos longe, e era tudo tão frio, tanto o clima como as pessoas. Chorei por muitos dias. Passei mais um ano em Guajará até que minha mãe resolveu mudar-se definitivamente para Vilhena; não tinha jeito, e tive que me acostumar. Mas

todas as férias eu sempre queria estar em Guajará, andando sob o sol quente e desfrutando dos igarapés.

Sou a terceira filha de quatro irmãs, todas com a inicial D no nome: Danielle, Daianny e Débora. Criativo, não! As filhas de Maria Ruth Campos, que assim como eu foi a primeira entre os irmãos a ter nível superior. Hoje tenho uma irmã biomédica, outra administradora e outra formando-se em Técnica de Enfermagem.

A leitura fez parte da minha infância, mas não lia com frequência. Na escola, realizava as leituras obrigatórias; no Ensino Médio, li o livro “Feliz Ano Velho”, de Marcelo Rubens Paiva; foi inesquecível. Passei a indicar a leitura para minhas irmãs e amigas. Na escola, apresentei oralmente o livro; tive um pouco de vergonha, pois havia momentos mais tórridos, mas eu tentei contornar. Marcelo foi vítima da ditadura militar quando era criança, teve seu pai levado pela polícia; nunca mais tiveram notícia, e isso marcou profundamente a vida da família. Chegando à vida adulta, Marcelo sofreu um acidente, ficou paraplégico e passa a relatar com detalhes o dia a dia no hospital. E foi a partir de então que a leitura se fez mais presente em minha vida.

Minha mãe começou a trabalhar cedo; quando ainda cursava o magistério, já estava dando aula. Foi contratada pelo estado de Rondônia e hoje, após de passar pelo processo de transposição, é servidora federal. Já minha avó fez de tudo para sustentar a família: costura, salgados, vendia produtos de revistas e era servidora federal contratada como serviços gerais, fez limpeza, fez merenda, cuidou da cantina. Ambas, mãe e avó, assumiram o desafio de ser mães solas. E tudo o que temos hoje foi porque elas entenderam que a educação transforma a vida das pessoas. A história delas não é diferente das milhares de mulheres neste país com filhos sem o nome do pai na certidão de nascimento.

Hoje, acredito que minha mãe e avó fizeram o melhor que poderiam por mim e minhas irmãs, pois em Vilhena tivemos uma educação de qualidade, sempre em escolas e instituições públicas. Concluí o Ensino Fundamental na Escola Estadual Marechal Rondon, o Ensino Médio na Escola Álvares de Azevedo e cursei Licenciatura em Letras/Português na Universidade Federal de Rondônia, *campus* Vilhena.

## Percurso acadêmico e profissional

Na adolescência, acendeu em mim a vontade de seguir carreira militar. Acho que por ter nascido numa cidade de fronteira e acompanhar pela cidade a presença dos militares. Estava no Ensino Médio quando fui sozinha de ônibus para Brasília fazer prova para a Aeronáutica; antes disso, peguei os conteúdos e tentei estudar sozinha; tive o incentivo financeiro de minha madrinha, que custeou seis meses um cursinho de inglês. Não passei, minhas avaliações na área de exatas foram péssimas e na área de humanas foram razoáveis. Então acabei deixando de lado.

Quando terminei o Ensino Médio, não enxergava muitas perspectivas de entrar para a universidade. Cheguei a me inscrever para o vestibular de Jornalismo, mas acabei nem indo fazer a prova. Assim como minhas irmãs mais velhas, que trabalharam no comércio por um bom tempo, eu achei que faria a mesma coisa. Foi então que minha madrinha me sugeriu fazer o vestibular para Letras; fiquei pensando por um bom tempo naquilo e em como eu gostava das aulas de português na escola, principalmente de uma professora do Ensino Médio, e isso me fez estudar para a prova; fui aprovada. Durante todo o curso não pensava em dar aulas de jeito nenhum e acabei indo para sala de aula por pouco tempo, mas fui.

Tive o privilégio de poder estudar durante o curso de Letras/Português sem precisar trabalhar; como o curso era matutino, era mais difícil encontrar emprego de meio período, e sempre tive apoio de minha mãe e avó. Mas logo que terminei, minha mãe, que já trabalhava há vários anos com educação escolar indígena, colocou-me para lecionar na Escola Indígena Estadual de Ensino Fundamental e Médio Sowaintê. Fiquei lá por dois anos. No início, eu voltava para casa todos os finais de semana; depois a cada quinze dias. Comecei com contrato temporário, mas no mesmo ano, em 2008, passei no concurso público para professora da rede pública estadual de Rondônia; tomei posse e escolhi continuar dando aula na aldeia por mais um ano. Era outra rotina, não tinha energia elétrica e a falta de água era constante; e tínhamos ainda a visita dos animais da floresta, cobras, muitas cobras.

Depois fui dar aula na cidade, na mesma escola em que concluí o Ensino Fundamental. Por um ano lecionei Língua Portuguesa para o 8º ano, 1º ano do Ensino Médio e EJA Ensino Médio, além de lecionar outras disciplinas como Filosofia e Arte. Minha experiência nessa escola não foi

tão boa, pois meu horário de aula era alterado constantemente; havia dias em que eu ia nos três períodos para lá por causa do horário de reforço de Língua Portuguesa. Mas o lado bom foi o vínculo que criei com os alunos da EJA. Entender a realidade de quem precisa trabalhar e estudar, sem contar o tempo em que ficaram distantes da escola. Mas aquele sentimento de que todos ali estavam em busca de uma vida melhor era o nosso combustível diário.

Nesse mesmo ano, cursei especialização em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Estrangeira na UNINTER, instituição particular; o curso foi semipresencial, e fiz com a intenção de melhorar meu salário. No artigo, dei continuidade ao tema da monografia da graduação, que foi: A Didática e a Formação Docente: Ontem e Hoje. Com esse tema busquei analisar como os docentes da área de Língua Portuguesa utilizavam os conhecimentos adquiridos na disciplina de Didática durante a formação acadêmica.

Logo fui trabalhar na coordenação de Educação Indígena estadual, onde fiquei por cinco anos. Todos acreditavam que eu iria substituir minha mãe na coordenação quando ela se aposentasse, mas não era a minha intenção.

Trabalhar com os indígenas foi muito gratificante, aprender sobre a cultura, participar das comemorações tradicionais e principalmente respeitar. Durante o tempo em que trabalhei com eles ouvi tantos absurdos do tipo: “não trabalham porque são preguiçosos”; para que querem tanta terra?; são sustentados pelo governo; para que querem carro e celular? É preciso muita força mesmo para lutar e manter os seus direitos como cidadãos brasileiros que são.

Entender a relação que eles têm com a terra, as tradições, os rituais. Nessa comunidade em que trabalhei, tinha o ritual da festa da menina moça. Todas as meninas quando menstruavam pela primeira vez eram mantidas em uma casinha de palha, construída especialmente para esse ritual; lá elas ficavam “reclusas” por vários dias, tendo contato apenas com algumas mulheres, que levam água, alimento e fazem companhia. Depois disso, saem prontas para o casamento, pois o noivo já estava à sua espera. A festa dura a madrugada inteira com comidas e bebidas típicas. As meninas ficam tanto tempo em reclusão, que a pele fica mais clara e suas pernas e pés incham.

O uso da língua materna na comunidade já estava bem distante dos jovens, pois muitos sentiam vergonha de falar, e outros por ter passado algum tempo na cidade também não falavam mais.

A partilha dos alimentos foi o que mais me marcou; os indígenas realmente viviam em comunidade; tudo era dividido: a pesca, a caça; até eu ganhava uma parte.

No período de trabalho na Coordenação Escolar Indígena, acompanhei alguns alunos no Projeto Açaí, que era para a formação de professores indígenas no magistério, oferecido pelo governo do estado de Rondônia; fui relatora de aulas e também ministrei um módulo da disciplina de Língua Portuguesa. As aulas aconteceram no centro de treinamento da Ema-ter em Ouro Preto d'Oeste-RO e depois no Minuano em Presidente Médici. O curso era longo, em dez etapas, e muitas vezes os recursos do governo eram escassos para o projeto; para muitos indígenas, foi um tempo longo de espera para obter a certificação.

Fico muito feliz em vê-los frequentando a universidade, saber que daquela escola distante, com poucos recursos e poucos professores, porque lá, muitas vezes, um único professor leciona várias disciplinas, estão indo formar-se e voltando para suas comunidades como professores.

Ainda na UNIR, fiz parte do grupo de pesquisa da professora Dr<sup>a</sup>. Maria do Socorro Pessoa e fui bolsista PIBIC por quase um ano; a área de pesquisa era sociolinguística. Então meu trabalho era pesquisar os Estudos Histórico-Linguístico-Culturais dos imigrantes de Rondônia. Fizemos apresentação de comunicação em eventos na UNIR: *Campus* Vilhena, Ji-Paraná e Porto Velho. No entanto, depois que a professora foi para o pós-doutorado, acabei saindo do grupo de pesquisa. Foi uma excelente experiência, pois o campo da sociolinguística nos faz refletir sobre as relações da língua, cultura e sociedade em que vivemos, além de desconstruir preconceitos sobre a língua falada versus a norma-padrão da Língua Portuguesa. Em seu livro “Preconceito linguístico, o que é e como se faz”, Bagno (2008, p. 29) nos traz a seguinte reflexão:

Como a educação de qualidade ainda é privilégio de muito pouca gente em nosso país, uma quantidade gigantesca de brasileiros permanece à margem do domínio das formas prestigiadas do uso da língua. Assim, tal como existem milhões de brasileiros sem terra, sem escola, sem teto, sem trabalho, sem saúde, também existem milhões de brasileiros que poderíamos chamar de “sem língua”. Afinal, se formos acreditar no mito da língua única (identificada com a norma-padrão tradicional), existem milhões de pessoas neste país que não têm acesso a essa “língua”, que é empregada pelas instituições oficiais, pelos órgãos de poder – são os *sem língua*.

O que me fez entender muito sobre as origens da minha família, que, em sua maioria, migrou da Bolívia. Minha avó carrega no sotaque toda a sua história de vida, e muitas vezes eu tentava corrigir sua fala. Só fui entender o quanto aquilo feria a sua alma depois de conhecer e estudar a Sociolinguística.

No período do estágio supervisionado na UNIR, não obtive um bom desempenho na primeira etapa, que eram as aulas com alunos do 6º ano, mas, quando fui estagiar com os adultos da EJA, senti-me mais segura. Também estagiei dando aula de Latim (parte gramatical) para alunos do Programa Especial de Habilitação e Capacitação para Professores Leigos (PROHACAP). Os alunos eram professores em escolas do Cone Sul do Estado.

Tenho enorme gratidão por ter tido a oportunidade de cursar Letras/Português na Universidade Federal de Rondônia, *Campus* Vilhena, pois foi a partir disso que obtive crescimento profissional, e isso inclui estar no IFRO e assumir uma chefia de departamento.

Após esse tempo trabalhando na Secretaria de Educação e não sentindo mais vontade de voltar para a sala de aula, matriculei-me num cursinho para o concurso do Tribunal de Justiça de Rondônia. Não passei dentro das vagas, mas foi um passo importante, porque logo depois fiz o concurso para o IFRO, e as coisas que aprendi no cursinho ajudaram-me na prova. Fui aprovada e nomeada em 2016 para o cargo de Técnico em Assuntos Educacionais.

Logo no início de 2020, quando veio a pandemia da Covid-19, enfrentei, acredito ser, o maior desafio profissional até o momento assumir a chefia do Departamento de Apoio ao Ensino do *Campus* Calama. E como foi difícil atravessar esse período de pandemia, acompanhar as tristes notícias, lidar com o medo da morte, e todas as incertezas que vinham com esse vírus desconhecido. Ainda assim, as aulas não pararam; o que poderia parecer insensível ter que manter o andamento das atividades acabou se tornando um refúgio das angústias, uma forma de manter a mente ocupada. Claro que isso não foi unânime, pois sabemos que várias pessoas tiveram crises psicológicas graves.

O departamento é bem complexo, pois tem um atendimento bem amplo do ensino, tais como: acompanhamento pedagógico, distribuição de aulas, horário de aulas de todos os cursos, gerenciar conflitos entre professores e alunos, além de uma extensa lista de atividades administrativas. Tive muito receio de que não conseguiria gerenciar o setor, mas como a

equipe – que é composta por pedagogas, técnicas em assuntos educacionais, técnico e auxiliar administrativo – é excelente, isso tem tornado tudo melhor. Ainda continuo na chefia, não sei até quando; com os novos desafios que tenho no mestrado pode ser que eu precise sair.

Já tive a oportunidade de participar de projetos integradores com docentes dos cursos de Eletrotécnica e Edificações com a colaboração do professor Dr. Antonio Junior. E foram esses estudos que levaram a mim e a pedagoga Suelene a participar do VI CONPEX (Congresso de Pesquisa, Ensino e Extensão) como ministrantes da oficina Metodologia Ativa – o que é e como se faz. Nesses trabalhos, percebemos como a integração é difícil, mas necessária; os alunos são os maiores beneficiados por essas iniciativas. Então precisamos sair dessas ações isoladas para ampliar e alcançar a integração.

A maioria de nós ingressou no Instituto Federal sem ter muita noção do que é a educação profissional e tecnológica, e isso é sentido no dia a dia do trabalho pedagógico. Assim, Araújo (2014, p.) nos traz a compreensão do que devemos alcançar:

Trata-se, pois, de compreender a ação pedagógica em sua relação com a totalidade das ações humanas que, sempre, têm repercussões éticas e políticas para a vida social, bem como a necessária dependência entre os saberes específicos e locais ao conjunto de saberes sociais. A ação didática integradora ganha sentido assim enquanto ação ético-política de promoção da integração entre os saberes e práticas locais com as práticas sociais globais bem como quando promove a compreensão dos objetos em sua relação com a totalidade social.

São muitos desafios, mas a sensação de ser servidora de um Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia é a melhor que já tive na minha curta carreira profissional; é um ambiente em que as pesquisas acontecem, a comunidade é atendida, os servidores crescem profissionalmente.

Um trabalho interessante que realizamos no departamento é a Ambientação docente, que foi iniciada na gestão da técnica Sara Lima. São encontros com os docentes recém-contratados que precisam se ambientar aos regulamentos, resoluções e trâmites do ensino; tratamos sobre plano de ensino, regulamento da organização acadêmica, ambiente virtual de aprendizagem, SUAP – Sistema Unificado de Administração Pública, PDI – Plano de Desenvolvimento Institucional, RAD – Regulamento de Atividades Docentes.

Recentemente, participamos de um curso chamado Trilha Formativa para a EPT, que foi uma iniciativa que buscou promover o debate e a reflexão sobre currículo, teorias pedagógicas, trabalho educativo, políticas públicas para a educação e sociedade, com foco na Educação Profissional e Tecnológica no Ensino Médio Integrado. Idealizado e organizado por docentes do *Campus Calama* com estudos, discussões e palestras em formato de *live* com pesquisadores conceituados como Acácia Kuenzer, Gaudêncio Frigotto e Marise Ramos. E foi a partir disso que sentimos a necessidade de estudar mais para poder incluir na ambientação docente conteúdos sobre a EPT.

A Trilha Formativa também nos esclareceu sobre como o novo Ensino Médio e a BNCC não poderiam atender a EPT. Os docentes analisaram os livros didáticos que chegaram para escolha e verificaram que eram desconexos.

E aprofundar os conhecimentos sobre o tema da EPT é um dos motivos que me levaram a escolher o mestrado do ProfEPT por estar também totalmente vinculado com minha área de atuação no IFRO.

### **Projeto de pesquisa**

A intenção da pesquisa ora apresentada insere-se no campo da História da Educação e dialoga com a linha de pesquisa “Organização e Memórias de Espaços Pedagógicos na EPT”, uma vez que almeja promover estudo em abordagem histórica acerca das experiências docentes de professoras e professores do ex-território federal de Rondônia, muitos dos quais foram transpostos para o quadro federal e atuam na rede federal de EPCT e são inclusive filiados ao SINASEFE. O problema que nos move está assim formulado: “Qual a relevância do trabalho docente de professores do ex-território federal de Rondônia para a formação sociocultural e política de Rondônia?”.

O estudo tem como objetivo geral promover o registro de histórias de vida de educadores do antigo Território Federal de Rondônia. Quanto aos objetivos específicos, estima-se: (1) identificar por meio das memórias narradas a contribuição do trabalho docente para a formação sociocultural e política de Rondônia; (2) apresentar aspectos da organização e didática do trabalho docente no período de 1961 a 1981; (3) produzir um quadro comparativo das percepções acerca do trabalho e da valorização docente no

contexto do Território Federal e de sua transição para estado; (4) produzir livro de divulgação da história da educação em Rondônia com ênfase no recorte temporal de 1961 a 1981.

Para o desenvolvimento da proposta em tela será adotado o método da moderna História Oral (MEIHY, 2005). Nessa perspectiva, a aquisição dos dados observará os seguintes procedimentos:

1. Pré-entrevista – momento de abordagem aos colaboradores da pesquisa, em que lhes serão apresentados o projeto, os objetivos, informações sobre a metodologia que será utilizada e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

2. Entrevista – a qual será gravada em áudio a partir do uso das noções de Cápsula Narrativa (CALDAS, 1999) e de Origem Voluntária (CALDAS, 1999b).

O procedimento de Nascimento Voluntário configura-se como um ato de respeito ao narrador, oportunizando-lhe que inicie sua narrativa a partir do ponto que julgar mais conveniente, fugindo, desse modo, à estrutura policalesca tradicional utilizada, que inicia com perguntas como: “Qual é seu nome? Qual é o nome dos seus pais? Qual é sua data de nascimento?”. Segundo Caldas (1999b, p. 1):

É o *nascimento voluntário* que dará sentido ao antes e não o contrário. A noção de *nascimento voluntário* é tanto uma origem da separação entre dois momentos da vida (*reais* ou não, mas instauração de uma temporalidade pessoal ou impessoal, início de uma *fala*, de uma *ficção*, de uma *ordem*, de um *sentido* e de um *significado*) quanto de uma *vida vivida e contada como uma escolha narrativa*, isto é, o ordenamento, princípio, meio e fim com seu encaideamento, expressão de um *narrar* e não de um *ter vivido*, mesmo que haja, para todos, uma inversão, onde o *narrar* e sua *ficção fundante* desaparecem e o *ter vivido* toma seu lugar. (itálicos do autor)

A partir do Nascimento Voluntário, o narrador poderá desenvolver seu fluxo narrativo, constituindo uma cápsula narrativa que expressa o núcleo central do que considerou relevante narrar – ou narrar primeiro.

3. Transcrição – que corresponde ao processo de oitiva da narrativa gravada e sua transposição, na íntegra, para o código escrito. Na transcrição registram-se, de forma literal, todos os sons captados no momento da gravação, inclusive as repetições, aliteraões, gírias e marcadores conversacionais que caracterizam a oralidade.

4. Textualização – trabalho de transformação do texto transcrito na etapa 2 em um texto linear e fluido, onde as eventuais perguntas da pesqui-

sadora são incorporadas à narrativa do entrevistado. Conforme Barbosa (2015, p. 31):

Na textualização, as indagações, respostas, digressões e afirmações são incluídas em uma única narrativa de modo a estabelecer um texto favorável à leitura, o mais livre possível de fragmentos, “reticências”, frases e pensamentos inconclusos. A partir da textualização temos um documento básico sobre o qual trabalhar. Já não se fala em entrevista, mas em texto aberto a múltiplas interpretações.

5. Transcrição – é a etapa central da produção documental em história oral na medida em que visa assegurar a comunicação dos sentidos da narrativa, imprimindo ao texto as marcas singulares de cada colaborador, de modo que não restem dúvidas ao leitor quanto ao sentido do que o colaborador quis informar.

6. Conferência – é a etapa final do trabalho com a entrevista, momento em que a pesquisadora retorna aos colaboradores com o texto transcrito e apresenta-o para conferência, correções, complementos ou ratificação e autorização para uso.

No que se refere ao armazenamento e à guarda das informações coletadas durante essa pesquisa, essas serão armazenadas em HD externo, de posse exclusiva da pesquisadora, o qual será mantido em sua residência, de modo a se evitar extravio e acesso por terceiros. O tratamento e salvaguarda das informações observará o estabelecido na Lei nº 13.709/2018.

Estima-se que o método será suficiente para o atendimento aos objetivos do projeto, uma vez que subsidiará a produção de documentos singulares acerca da história da educação em Rondônia, documentos estes pautados na memória e nas experiências de vida e trabalho de cada colaborador.

Justifica-se o desenvolvimento dessa pesquisa em razão das lacunas historiográficas acerca da Educação Pública no Território Federal de Rondônia. O desenvolvimento dessa pesquisa, contudo, não se limitará a contribuir para a ampliação do acervo de conhecimentos na área e a ampliação do conhecimento histórico, mas contribuirá para a divulgação e valorização das memórias de professores e professoras que assumiram a difícil tarefa de oferecer educação em um contexto de expansão da fronteira agrícola e presença rarefeita do estado e de suas políticas públicas educacionais.

## Referências

- ARAÚJO, Ronaldo Marcos de Lima. *Práticas pedagógicas e Ensino Integrado*. 1. ed. Curitiba: IFPR-EAD, 2014.
- BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 50. ed. São Paulo: Loyola, 2008.
- BARBOSA, Xênia de Castro Barbosa. *Território e Saúde: Políticas Públicas de combate à dengue em Porto Velho-RO, 1999-2013*. Tese (Doutorado em Geografia), Tomo 1, 230 fls. Universidade Federal do Paraná: Programa de Pós-Graduação em Geografia, Curitiba, 2015.
- BRASIL, República Federativa. *Lei nº 13.709/2018*. Brasília: Congresso Nacional, 2018.
- CALDAS, Alberto Lins. A noção de cápsula narrativa: a entrevista, o texto e o outro na hermenêutica do presente. *Caderno de Criação*, Porto Velho, ano VI, n. 20, 1999.
- CALDAS, Alberto Lins. *Oralidade, texto e história: para ler a História Oral*. São Paulo: Loyola, 1999b.
- FERNANDES, Natal Lânia Roque; LIMA, Patrícia Ribeiro Feitosa (org.). *Narrativas de si: memórias de sujeitos em processos formativos*. 1. ed. Rio de Janeiro: Pod, 2019.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. São Paulo: Loyola, 2005.
- RÜSEN, Jörn. *Reconstrução do passado*. Teoria da história II: os princípios da pesquisa histórica. Tradução de Asta-Rose Alcaide. Brasília: UnB, 2007.

# **Memorial acadêmico: o percurso de minha vida**

*David Mourão Lopes*

## **Considerações iniciais**

A oportunidade de apresentar minha trajetória acadêmica em um memorial como atividade da disciplina Seminário de Pesquisa, do Mestrado em Educação Profissional, permitiu-me uma reflexão sobre as principais atividades realizadas nas áreas em que atuei. Para tanto, assinalo, no transcurso da escrita, as situações que penso como mais significativas e relevantes. Como afirma Severino:

O Memorial constitui, pois, uma autobiografia, configurando-se como uma narrativa simultaneamente histórica e reflexiva. Deve então ser composto sob a forma de um relato histórico, analítico e crítico, que dê conta dos fatos e acontecimentos que constituíram a trajetória acadêmico-profissional de seu autor, de tal modo que o leitor possa ter uma informação completa e precisa do itinerário percorrido (2001, p. 17).

Assim, este memorial trata de um breve relato de minhas vivências desde a vida escolar até o ingresso no Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT, passando pelas experiências pessoais e profissionais, pelas dificuldades encontradas e pelos ganhos adquiridos. É uma ação introspectiva de relembrar momentos repletos de significados, contribuindo para o aperfeiçoamento e o conhecimento da minha própria existência.

## **Relatos da vida pessoal**

Chamo-me David Mourão Lopes, nasci na cidade de Porto Velho no estado de Rondônia. Pertença a uma família simples: minha mãe, Ana Cláudia Mourão, é fisioterapeuta. O meu pai, Francisco Lopes, é professor de História do Ensino Básico. Ambos são servidores públicos estaduais.

Lembro-me de que, quando tinha aproximadamente 05 (cinco) anos de idade, acompanhava meu pai em uma escola de bairro, onde ele lecionava. Sentado na cadeira do professor, observava com orgulho, sem ainda ter

uma compreensão precisa do significado daquele ambiente, a sabedoria do meu pai, que respondia a qualquer dúvida levantada daqueles adolescentes que estavam naquela sala.

Meus pais foram fundamentais na minha formação; não medindo esforços para dentro de suas possibilidades, oferecerem-me uma educação de qualidade. Ouvi desde cedo a advertência de que “as pessoas podem tirar tudo de você, menos o seu conhecimento”. Nesse contexto, o estudo sempre foi prioridade na minha casa.

### **Trajetórias escolar e acadêmica**

A partir do esforço dos meus pais, iniciei a vida escolar no Colégio Dom Bosco, escola particular tradicional de caráter religioso, pertencente à Congregação dos Salesianos, localizada no bairro Nossa Senhora das Graças, Porto Velho-RO. Lá, fui alfabetizado, aprendi a ler e a escrever, tendo cursado nessa escola, como bolsista, todas as etapas da Educação Infantil até a conclusão do Ensino Médio.

Nessa escola, tive oportunidade de exercitar minhas primeiras experiências com liderança. Fui líder de sala do 6º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio. No início, lembro-me da timidez quando precisava repassar algum aviso para a turma. No final da etapa escolar, já era o orador da turma. As formações sobre liderança, gestão de conflitos e mediação que tive nessa época contribuíram significativamente com parte das habilidades do profissional que me tornei.

Recordo-me, ainda, que nesse período escolar pensei diversas vezes em seguir ao seminário para me tornar padre. Admirava os trabalhos sociais realizados pelos religiosos da escola, voltados às populações mais vulneráveis. Mas entendi que poderia por outros meios contribuir para a luta pelas classes menos favorecidas.

Participando de uma feira das profissões, promovida pela escola, interessei-me pela área jurídica. Próximo à minha escola, na Avenida Sete de Setembro, está localizado o Fórum Criminal. Lembro que, uma vez por semana, descia a ladeira do Colégio Dom Bosco para assistir a uma audiência do Tribunal do Júri nesse fórum. Observava atentamente cada ato naquela sala e pensava se um dia eu estaria do outro lado da cerca que separava os juízes, promotores e advogados do público no geral que acompanhava o desenrolar daquele julgamento.

A partir de então, a minha responsabilidade como estudante aumentou. Tinha consciência da impossibilidade dos meus pais de custear uma faculdade privada; desse modo, minha única alternativa era ser aprovado na universidade pública.

No final de 2010, prestei vestibular para a Universidade Federal de Rondônia (UNIR), onde fui aprovado no curso de Direito. Quando a aprovação veio, a família comemorou o filho que viraria “Doutor”. Um novo mundo se abriu. Durante o período de graduação, participei de um grupo de pesquisa com a temática “Desaparecimentos Forçados na América Latina”, que tinha como objetivo a análise sobre o contexto histórico, político e jurídico em torno dessa violação e sua relação com o Sistema Interamericano de Proteção dos Direitos Humanos. Desenvolvi nesse período o interesse em aprofundar a temática dos Direitos Humanos, voltando os olhares para o âmbito nacional a partir dos dispositivos da Constituição Federal de 1988.

Em 2020, motivado a desenvolver habilidades relativas à função de gestor, iniciei o curso de Especialização *Master Business Administration* em Gestão de Instituições Públicas, oferecido pelo Instituto Federal de Rondônia, concluído em 2021. Possibilidade enriquecedora de desenvolver uma visão estratégica dos negócios públicos a partir do estudo sistemático e aprofundado da realidade administrativa do governo.

Atualmente, percebo-me privilegiado em ser discente do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT. Oportunidade única e essencial de formação que propicia um enriquecimento intelectual e formativo. Tenho interesse em pesquisar sobre direitos da pessoa com deficiência no contexto educacional.

### **Experiência profissional**

Em 2010, ao finalizar o Ensino Médio no Colégio Dom Bosco, fui convidado para permanecer na instituição, tendo acesso a meu primeiro emprego. Inicialmente, fui lotado no setor de mecanografia, onde auxiliava na tiragem de provas e documentos institucionais. Posteriormente, fui trabalhar no setor de orientação educacional, iniciando a minha primeira experiência profissional no contexto da educação.

No ano de 2013, após aprovação no concurso público da Prefeitura Municipal de Porto Velho, fui nomeado para o cargo de educador social com atuação no Departamento de Proteção Social Básica da Secretaria Mu-

nicipal de Assistência Social, onde trabalhei na prevenção de situações de risco e fortalecimento de vínculos familiares e comunitários junto à população que vive em situação de vulnerabilidade social, decorrente da pobreza, privação, ausência de renda, acesso precário ou nulo aos serviços públicos e da fragilização de vínculos afetivos, discriminações etárias, étnico-raciais, de gênero ou por deficiência, entre outras.

Em 2014, fui aprovado no concurso público para o Instituto Federal de Rondônia – *Campus* Porto Velho Calama no cargo de Técnico Administrativo em Educação – Assistente de Alunos, com a função de auxiliar no atendimento aos alunos do *campus*, contribuindo com ações que favoreçam a permanência e o êxito no processo de formação.

No ano de 2016, após a finalização do curso de graduação em Direito na Universidade Federal de Rondônia, fui aprovado por meio de exame nacional na Ordem dos Advogados do Brasil, onde passei a atuar também como advogado na área do Direito do Trabalho.

Minha atuação como advogado trabalhista reacendeu o desejo despertado na época de escola de efetivação dos direitos sociais, previstos de forma tão bonita na Constituição Federal, carta magna de um país, mas que, na prática, ainda estão longe de ser concretizados. Nesse período, consegui ver-me também do outro lado da cerca da sala de audiência do fórum: era o sonho de adolescente sendo concretizado.

Em 2018, assumi a Chefia do Departamento de Assistência ao Estudando no Instituto Federal de Rondônia – *Campus* Porto Velho Calama, função que permaneço exercendo. Nesse período, entre outras atividades, passei a gerenciar em âmbito local o Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES).

O PNAES tem como objetivo a oferta de subsídios financeiros (bolsas e auxílios) para estudantes em situação de vulnerabilidade socioeconômica que estejam matriculados nas instituições de ensino federais, buscando agir preventivamente nas situações de retenção e evasão decorrentes da insuficiência de condições financeiras.

Desse modo, esse programa foi criado para ampliar as condições de permanência dos estudantes em situação de vulnerabilidade social, procurando minimizar os efeitos das desigualdades sociais e regionais na educação pública federal.

Dentro do contexto de gestão, passei a atuar também junto ao Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Específicas (NAPNE),

que tem por finalidade a promoção da educação para a convivência a partir do respeito às diferenças e à igualdade de oportunidades, que venha a eliminar as barreiras atitudinais, comunicacionais e arquitetônicas no IFRO.

Em 2021, recebi o convite da pesquisadora e egressa do ProfEPT Roselaine Kokkonen para ministrar a disciplina de Direitos da Pessoa com Deficiência no curso de Formação Inicial de Agente de Inclusão Educacional de Estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA), produto de sua dissertação.

O mergulho na temática da educação especial propiciou-me rever práticas equivocadas que já tive como servidor e como cidadão, exatamente pelo fato de ainda não ter tido a oportunidade de realizar essas reflexões teóricas e científicas e de me envolver melhor nesse processo como educador. Pude perceber o quão amplo é esse tema e espero poder contribuir em âmbito profissional para a concretização de políticas públicas a fim da participação efetiva dos sujeitos com deficiência na sociedade.

## Conclusão

A oportunidade de atuação no NAPNE e como docente na área de Direitos da Pessoa com Deficiência despertou em mim interesse em analisar o arcabouço jurídico relacionado à temática, sobretudo a partir do retrocesso advindo da Política Nacional de Educação Especial: Equitativa, Inclusiva e com Aprendizado ao Longo da Vida (PNEE/2020), suspensa, em caráter liminar, pelo relator da Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) 6590-DF no Supremo Tribunal Federal, que prevê a possibilidade de retorno das escolas especiais.

Posição contrária a essa adotada na PNEE/2020 é defendida por pessoas com deficiência e seus familiares, instituições, organizações da sociedade civil, pesquisadores, coletivos, movimentos e profissionais dos mais diversos setores e áreas. Para esses/as, a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (CDPD), incorporada ao ordenamento jurídico pátrio com valor de emenda constitucional, determina que o Brasil assegure um sistema educacional inclusivo em todos os níveis e etapas sem exceção.

Nos Institutos Federais, a promoção da inclusão escolar revela-se um desafio ainda maior, haja vista que a oferta de educação dessa rede ocorre em nível médio (integrado, concomitante e subsequente), superior (licencia-

turas, bacharelados e tecnólogos), pós-graduação *lato sensu* e *stricto sensu*, além da Educação de Jovens e Adultos (EJA), cursos de Formação Inicial e Continuada (FIC). Essa diversidade de público exige profundas discussões com todo o corpo gestor, docente e administrativo em relação às práticas educacionais na instituição e às estratégias adotadas, que devem ser pensadas de modo diversificado.

Não se pode olvidar ainda que o direito à educação enquanto construção de aprendizado está intimamente ligado ao direito à inclusão, posto que, apesar de direitos distintos, a forma com que é concebida a inclusão da pessoa com deficiência no âmbito escolar reflete diretamente no acesso à educação.

Diante dessa inquietação, compreendo como relevante a possibilidade de aliar os conhecimentos jurídicos adquiridos no âmbito do Direito com o meu ambiente profissional voltado à educação com vista a assegurar os direitos dos estudantes com deficiência.

Desse modo, buscarei analisar como pesquisa dentro do mestrado ProfEPT o percurso histórico das políticas públicas da Educação Especial e Inclusiva no Brasil e suas possibilidades para a efetivação do direito ao acesso das Pessoas com Deficiência nos diferentes espaços sociais, tomando como base os diversos documentos legais que garantem e salvaguardam os direitos das PcDs.

O objetivo é produzir as análises e interpretações teóricas possíveis sobre as questões centrais, que discutem e problematizam os avanços e retrocessos das políticas públicas da Educação Especial e Inclusiva da PcD nos âmbitos escolar e social e ainda os impactos desses normativos jurídicos dentro do IFRO, na atuação dos NAPNES, equipe gestora, docentes e demais agentes inseridos no processo educacional.

Anseio progredir como profissional da rede federal de educação, procurando fazer com que o resultado da minha pesquisa traga benefícios e possíveis soluções às questões por mim relatadas.

## Referência

SEVERINO, Antonio Joaquim. *Metodologia do Trabalho Científico*. São Paulo: Cortez, 2001.

# **Tempo e tecnologia: memórias revisitadas**

*Dejane Chauvin*

## **Introdução**

Conservar a memória para o caminho percorrido de minha vida neste memorial não é tarefa fácil, pois me faz refletir sobre os aspectos relevantes que compõem minha trajetória de vida, de formação acadêmica e profissional. Além de mostrar as ações de memórias passadas, também fala para o tempo presente e estende-se para o futuro.

Tive uma infância adorável na cidade de Vilhena-RO, fazendo tudo aquilo que uma criança de cidade do interior de Rondônia fazia nos tempos de minha infância. Estudei do Jardim de Infância até o 2º Ano do Segundo Grau, atual Ensino Médio, onde aprendi muito e fui bastante feliz. Foi quando o meu irmão decidiu que seria melhor eu terminar o 3º Ano na cidade de Botucatu-SP no Colégio Objetivo, com a intenção de me preparar para o vestibular. Após, tive sucesso na prova do vestibular em Ciências da Computação com pontuação atingida em sétimo lugar. Foi um momento de muito surpresa; afinal, eu estudava em uma cidade do interior e com muita pretensão me inscrevi para o vestibular de uma cidade de grande centro do estado de São Paulo.

Acredito que a minha vida pessoal e a minha atuação profissional como docente refletem muito a constante formação cidadã, humanitária, respeito ao próximo, dedicação aos estudos, compromisso e responsabilidade profissional.

## **Formações acadêmicas em comparação com as experiências profissionais**

Obtive formação a nível de graduação em Bacharel em Ciência da Computação pela Universidade de Marília-SP, iniciando, assim, os momen-

tos de dificuldades, mas também de muitas conquistas. Dificuldades devido à situação financeira baixa, longe da família, sozinha em uma cidade estranha. Então, para resolver a problemática de como me manter financeiramente para estudar, fui selecionada para trabalhar como estagiária no Banco do Brasil, período noturno, das 19h à 01h. Apesar das aulas da Faculdade serem integrais, manhã e tarde, em seguida o estágio à noite, consegui manter-me financeiramente.

Posteriormente, comecei um negócio em educação: uma escola de informática. Mais uma conquista, resultado dos esforços e dedicação e, principalmente, dos conhecimentos adquiridos durante a Faculdade. Assim, além do empreendedorismo, tive a oportunidade de ministrar vários cursos relacionados à informática desde o básico até a programação de softwares.

Sempre com a necessidade de aprender e aprender mais, concluí o curso de pós-graduação, Informática em Educação, pela Universidade Federal de Lavras – UFLA, a qual possibilitou exercer a função de docente do Ensino Superior na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, sendo contrato temporário, apenas 2 anos, ministrando conteúdos curriculares relacionadas com Educação e as Tecnologias de Informação; participando como professora de projeto de extensão, área temática informática educativa; e ainda participando em banca de trabalhos de conclusão na graduação de Pedagogia e participação em seminário, atuando como organizadora e palestrante sobre softwares de geometria no curso superior de Matemática.

Ao término do contrato com a UFMS, continuei novamente como docente do Ensino Superior no curso de bacharel em Administração de Empresas, disciplina de informática aplicada à administração, no Instituto de Ensino Superior Aquidauanense – IESA e também como docente na Pós-Graduação/*lato sensu* na Faculdade de Campo Grande (UNAES), curso de Psicopedagogia, disciplina de Estratégias de Utilização da Tecnologia Educacional.

Continuando minha trajetória profissional em atividade de ensino, em formação continuada para professores da rede pública municipal de Vilhena-RO na Secretaria Municipal de Educação/SEMED; participação em conferências, congressos, jornadas pedagógicas, seminários e simpósios. Momento também em que concluí a minha 2<sup>a</sup> especialização em Gestão, Orientação e Supervisão com Ênfase em Psicologia Educacional pela Faculdade de Rolim de Moura/FAROL.

Seguindo no ano de 2009, por meio da Fundação Universidade Federal de RO (UNIR), com a publicação do artigo com o tema “Implicações no Sucesso da Informática na Educação, meio magnético”, no evento XIV SELL – Seminário de Estudos Linguísticos e Literários, ISBN/ISSN 2175473, editora EDUFRO, Porto Velho-RO.

Em 2010, passei em 1ª lugar no concurso do Governo do Estado de RO como professora de Multimídias Integradas para a cidade de Vilhena-RO. Trabalhando por oito anos na SEDUC/Vha-RO como coordenadora do Núcleo de Tecnologia Educacional e em formações continuadas dos cursos do Proinfo/MEC, que proporcionou a minha 3ª especialização pela Fundação Universidade Federal de RO (UNIR), curso de Mídias na Educação.

Atualmente, lotada no Colégio Militar Dom Pedro II – Unidade II – Vilhena-RO, na função de professora de multimídias integradas, atuando com formação de professores e informática educativa com alunos. Assim, resalto as minhas últimas formações continuadas como autora e ministrante: *google meeting* para aulas on-line, ambiente virtual *classroom*, criação de jogos educativos, Canva em estórias em quadrinhos, como gravar aulas em vídeo no *powerpoint* e disponibilizá-las no *google classroom*, lives no *youtube* usando *streamyart*, biblioteca virtual, avaliações e simulados digitais, documentos em nuvem; participação como membro da comissão organizadora do seminário temático Tecnologias Digitais e Metodologias da Informática na Educação; palestrante dos temas Desafios das tecnologias educacionais frente à pandemia e Desafios da sala de aula no modelo híbrido de educação.

E ainda exerço a função de professora do Ensino Superior, na FAVOO/Vilhena-RO nos cursos de Administração de Empresas e Ciências Contábeis, com disciplinas relacionadas às tecnologias da informação, que me proporcionou a 4ª especialização, Metodologias Ativas, pelo Centro Universitário Belas-Artes de São Paulo.

## **Perspectivas ao ProfEPT**

Ressalto a minha escolha em participar do ProfEPT/2022 – Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional, IFRO Calama – Porto Velho-RO, que, ao observar a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB n. 9394/96 em relação à Edu-

cação Profissional, passou a ser considerada uma das etapas da Educação Básica, vinculando a educação escolar ao mundo do trabalho e à prática social e, posteriormente, vem passando por mudanças, principalmente relacionadas à formação integrada com garantia ao aluno do direito a uma formação omnilateral para a leitura do mundo e para a atuação como cidadão pertencente a um país, ou seja, um ser integrado em sua totalidade ao mundo que o cerca (FRIGOTTO; CIAVATTA, 2012).

Nessa perspectiva, a minha aprovação como mestranda no ProfEPT foi uma realização pessoal, atuando na linha de pesquisa em práticas educativas em EPT, macroprojeto, práticas educativas no currículo integrado e projeto de pesquisa com a temática *Game* digital na educação profissional e tecnológica: desenvolvimento de software educativo no Ensino Médio integrado do IFRO.

Para Fialho e Matos (2010), *games* são softwares que possibilitam aprender brincando, além da aprendizagem de regras que, segundo Alves (2010), envolvem elementos do tipo “o raciocínio lógico, a criatividade, a atenção, a capacidade de solucionar problemas, a visão estratégica e, principalmente, o desejo de vencer” (p. 211). Eles explicam que os *games* permitem reprodução de fenômenos reais, que dão aos alunos uma qualidade superior de realismo em seu aprendizado.

Justifico o meu interesse por ser a minha formação na graduação e a nível de especialização (*lato sensu*). Meu ingresso na temática oferece oportunidade de interpretação das práticas vividas na área de Informática Educativa.

E, para finalizar, as minhas perspectivas em relação ao ProfEPT; no decorrer do curso de mestrado, estou tendo o prazer e a honra de conhecer muitos professores, os quais preciso exaltar pelo compromisso de ensinar e orientar, sempre motivados e engajados com os mestrandos e os colegas estudantes com quem tenho uma relação próxima, justamente porque compartilhamos muitas aprendizagens e nos identificamos por sentimentos, ações e práticas plenas de amizade.

## Conclusão

Toda história começa com uma memória, e por essa razão fiz minhas reflexões sobre as minhas vivências, que contribuíram para a autoavaliação, o autoconhecimento e para o meu melhor desempenho profissional.

Sendo assim, minha identidade profissional como professora de Tecnologias Educacionais está revelada nesse memorial. Procuo possibilitar uma formação sólida para os estudantes do Ensino Fundamental II e discentes do Ensino Superior, uma formação cidadã com compromisso social e excelência acadêmica. Neste momento de minha vida acadêmica, continuo, cada vez mais, disposta a dar o máximo de mim para enfrentar, juntamente com os meus colegas e com os meus alunos, os desafios que a nossa carreira de docente exige. Esse é o meu papel e o meu compromisso como professora.

Espero contribuir de alguma forma em meu trabalho para o desenvolvimento de uma pesquisa científica que focalize o processo de ensino e aprendizagem dos educandos, que possibilite novas formas de aprender, novas descobertas e que o produto educacional produzido pelos próprios alunos pesquisados possa transmitir os conhecimentos adquiridos para outras comunidades escolares.

## Referências

ALVES, L. Jogos, Educação e História: novas possibilidades para a geração C. *Plurais Revista Multidisciplinar da UNEB. Games e Cultura*. Salvador, 1(2), p. 209-225, maio/ago. 2010. Disponível em: <<https://www.revistas.uneb.br/index.php/plurais/article/view/877>>. Acesso em: 16 maio 2022.

FIALHO, N. N.; MATOS, E. L. M. A arte de envolver o aluno na aprendizagem de ciências utilizando softwares educacionais. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, n. especial 2, p. 121-136, Editora UFPR, 2010. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/13810/14007>>. Acesso em: 14 maio 2022.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria. Trabalho como princípio educativo. In: SALETE, R.; PEREIRA, I. B.; ALENTEJANO, P.; FRIGOTTO, G. (orgs.). *Dicionário da educação do campo*. Rio de Janeiro/São Paulo: Escola Politécnica Joaquim Venâncio/Expressão Popular, 2012.

*Parecer LDB 9.394/96*, art. 24; Resoluções 2 e 6/2012 do Conselho Nacional de Educação, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio.

# **Memorial descritivo acadêmico: minha vida**

*Edeli Diogo de Oliveira*

## **Introdução**

Escrever este memorial é para mim uma experiência emocionante; isso porque me fez reviver épocas de minha vida que já estavam quase esquecidas em minha memória. Relembrar assuntos compartilhados com a vida familiar, educacional, pessoal e profissional é voltar ao passado, passar pelo presente e seguir rumo ao futuro.

Nesse contexto, consigo hoje fazer uma autoavaliação de minha trajetória e tenho certeza de que cada escolha feita lá no passado escreveu o meu presente e vai me ajudar nas prioridades almeçadas para o futuro promissor, e uma delas é terminar com êxito esse mestrado.

Em virtude disso, pretendo escrever este memorial relatando os passos de minha história de vida, acadêmica e profissional.

## **Base familiar e vivência educacional**

Venho de uma família de classe pobre e trabalhadora, nascida em Dourados, estado de Mato Grosso do Sul no ano de 1974; chamo-me Edeli Diogo de Oliveira, sou a terceira filha de um casal de filhos mais novo e outro mais velho do casamento de Zoraide Diogo de Oliveira, professora hoje (aposentada) e Avelino Rodrigues de Oliveira, autônomo hoje (falecido). Lembro-me dos meus pais saindo para trabalhar, e eu juntamente com meus irmãos ficávamos na companhia de meus avós por parte materna. Eu consegui desfrutar de um bom contato com eles; meu avô sempre contava histórias de seu passado quando criança e jovem; tive uma infância alegre e feliz, com muita riqueza de aproveitamento; desde muito cedo aprendi que os filhos podem e têm a obrigação de ajudar os pais nos serviços e nos afazeres domésticos de casa.

Quando completei oito anos de idade, o meu pai com a avó por parte de mãe resolveram vir visitar Rondônia e conhecer a cidade de Ji-Paraná; no momento, o pai ficou encantado com o estado e com a cidade, tanto que juntamente com o consentimento de minha mãe resolveu vir de mudança para a cidade de Ji-Paraná. De início, fomos morar no sítio na Linha 116. Como não tínhamos dinheiro para comprar um sítio, tivemos pelo período de dois anos que trabalhar e morar em terra de pessoas conhecidas. Eu e meus dois irmãos mais velhos ajudávamos na lida com a lavoura na colheita de café, arroz, feijão; aprendi como plantar cada item desses. Mas eu sempre dizia a eles que eu gostaria muito de estudar e ser alguém na vida, até mesmo para dar um conforto melhor para nossa família.

O tempo passou, e com algumas economias que o pai fazia conseguimos comprar nosso primeiro sítio; foi muita felicidade para nós. Como já relatei, com a minha vontade de estudar na época os estudos eram bem precários nas linhas/sítio do município; para ajudar os filhos, a mãe resolveu fazer um processo seletivo (o antigo Mobral) e foi aprovada para professora em 1982.

Minha formação escolar teve início nessa data, e tive o privilégio de ter minha mãe como a primeira professora do meu Ensino Fundamental (na época Séries Iniciais). Foi um momento muito marcante e importante em minha vida; lembro como era gostoso ir para a escola na companhia dela, passar a manhã toda com ela; no horário do recreio, ela fazia a merenda escolar e servia para cada aluno; ela tinha um carinho enorme pela profissão e por todos seus alunos. As brincadeiras como ciranda-cirandinha, pular corda, pega-pega, passar anel e entre outras foram brincadeiras que aprendi ali no pátio da escola. Considero-me uma pessoa muito abençoada por ter me agraciado com esse tempo que tive com ela, pois foi o início de minha vida escolar, onde tudo começou.

Quando terminei o antigo nono ano, a escola não podia ofertar mais estudos devido a ser no sítio. Então pedi ao pai para me deixar vir morar na cidade com intuito de continuar meus estudos. Devido à criação dele, descendente de índio, nós os filhos tínhamos muito receio de falar com ele; geralmente sempre conversamos com a mãe, e ela reportava a ele, mas, com muito jeitinho que só as mães têm, ela sempre conseguia um bom resultado. Depois de muitos meses de lutas e sempre mostrando a importância de continuar os estudos e formar os filhos, ela conseguiu.

Quando completei 14 anos de idade, ele autorizou que eu viesse para a cidade e continuasse meus estudos. Com isso dei continuidade aos estudos. Eu fui morar e trabalhava como babá na casa de um conhecido da família. Depois de três anos que eu tinha saído do sítio e vindo para cidade, eles resolveram vir também. Isso facilitou muito os meus estudos; assim poderia contar com a ajuda da mãe. Com a mudança para a cidade a mãe começou a lecionar no patrimônio chamado de Capelasso (hoje é praticamente dentro da cidade), mas na época ficava mais de 10 km da sede do município. Como ela não sabia dirigir, o pai levava-a todos os dias pela manhã e à tarde buscava; ela passava o dia todo na escola; com o passar do tempo, ela conseguiu uma vaga na escola Nova Brasília, um bairro bem carente dentro da cidade. Devido a eu ter convivido desde criança com ela sempre rodeada de livros, eu amava vê-la folheando os livros e sonhava em ser professora como ela, eu achava o máximo ter uma mãe professora. Nas minhas brincadeiras sempre era eu dando aula para meus irmãos e amiguinhos do bairro em que morávamos.

Eu já tinha 16 anos quando minha mãe teve que passar por uma cirurgia; naquela época, a escola deixou que eu assumisse como professora (hoje chamaria de substituta) por uma semana; era uma turma de primário. Ali eu percebi que realmente eu queria ser professora; o tempo foi passando e com 19 anos de idade me casei e, para ajudar no sustento da casa, tive que optar por trabalhar e não consegui conciliar os estudos com o trabalho e tive que interromper meus estudos. Quero aqui citar:

Esta necessidade de decidir entre estudo e trabalho é ainda mais cedo entre os jovens brasileiros. No Brasil, a extrema desigualdade socioeconômica obriga grande parte dos filhos da classe trabalhadora a buscar, bem antes dos 18 anos de idade, a inserção no mundo do trabalho, visando complementar a renda familiar ou até a autossustentação, com baixíssima escolaridade e sem nenhuma qualificação profissional, engordando as fileiras do trabalho simples, mas contribuindo para a valorização do capital (MOURA; LIMA FILHO; SILVA, 2012, p. 1.071, *apud* – Livro narrativas-de-si, p. 76).

Com isso só consegui retornar aos estudos depois de um ano de casamento. Ao iniciar o segundo ano do Ensino Médio, um dia na sala de aula passei muito mal e fui levada ao pronto-socorro, quando descobri que estava grávida de minha primogênita. Era um sonho ser mãe, mas naquele momento eu só queria terminar o Ensino Médio e passar em uma Faculdade para cursar a minha tão sonhada Pedagogia. No entanto tentei continuar os estudos, trabalhar e cuidar da casa agora grávida, mas infelizmente não

consegui e mais uma vez tive que prolongar o meu sonho de me formar e ser uma professora. Com isso fui ser mãe e dona de casa, etc. No ano de 1999, mudei-me para a cidade de Alvorada com uma proposta da abertura de uma escola de informática; juntamente com meu esposo abrimos essa escola e atuamos nesse ramo de 1999 até o ano de 2006. Nessa época, minha filha mais velha (Diéssica), já com 5 anos, e então veio a filha caçula (Ellen Rose). No final do ano de 2006, retornamos para a cidade de Ji-Paraná; foi quando fiz uma prova e eliminei o segundo e terceiro anos do Ensino Médio e fiz o vestibular para Pedagogia e consegui ser aprovada.

Cursei Licenciatura Plena em Pedagogia no período de quatro anos e meio. Foi uma experiência muito rica, na qual descobri as diversas possibilidades de atuação do pedagogo dentro da escola. Assim, clareou minha mente em relação a essa formação e profissão. Como para toda mulher é sempre muito difícil cuidar da casa, ser mãe e trabalhar fora, para mim não foi diferente, mas o sonho de me tornar professora sempre falava mais alto dentro de mim.

Com o passar do tempo, já nas etapas dos estágios, em especial na segunda, fui percebendo que ser professora não era aquilo tudo que eu imaginava; todo aquele pensamento e admiração pelos livros, papel, escola, sala de aula foi se perdendo. E comecei a ver o lado que o professor não era valorizado por parte da sociedade e pelos governantes; é como se minha mente se abrisse, foi assim que eu me sentia. No ano de 2007, trabalhando como digitadora de laudo médico na Radioclin, decidi começar a estudar para concurso, agora com a realização do objetivo de tornar-me servidora pública; intensifiquei meus estudos para dois concursos que surgiram no ano de 2008. O primeiro era para o cargo de Técnico Bancário da Caixa Econômica Federal e o segundo para Assistente em Administração do CEEFET (antiga escola agrotécnica). Essa mudança no nome do órgão foi resultado de um crescimento expressivo do número de Instituições Federais de Educação Profissional e Tecnológica no Brasil durante o governo do então presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o que passou a exigir novas possibilidades de atuação e de propostas político-pedagógicas, o que culminou na promulgação da Lei nº 11.892/08, a qual instituiu a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica e criou os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (BRASIL, 2010).

Logo o edital do Instituto Federal de Rondônia saiu; foram três meses de muitos estudos, acordar cedo e dormir tarde, não ter finais de sema-

na; dediquei-me o máximo que eu consegui para estudar, fiz a prova; eram 10 vagas de início; minha colocação foi 16<sup>o</sup> lugar. Lembro-me como se fosse hoje: era um final de tarde, e no serviço mesmo eu abri o edital da seleção e não encontrei meu nome entre os 10 convocados; bateu o desespero e as lágrimas rolaram rosto abaixo, mas eu tinha ficado entre os classificados.

Vida que continua. Passou um ano e três meses quando fui convocada para assumir meu cargo de Assistente em Administração no IFRO e optei pelo *Campus* de Vilhena.

### **Experiências profissionais e desafios pessoais**

Minha posse: no dia 16 de maio de 2010, tomei posse como Assistente em Administração no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia para o *campus* de Vilhena – IFRO. Apenas um detalhe me deixava apreensiva: eu precisaria deixar a família e os amigos da cidade onde eu morava desde os meus oito anos de idade para seguir com minha carreira agora concursada; ao mesmo tempo em que vinha a felicidade, a tristeza brotava. Era uma mistura de sentimento sem explicação. No dia 26 do mesmo mês, apresentei-me no *campus* de Vilhena; fui muito bem acolhida pelas professoras Fabíola Assunção e Ângela Pereira (duas pessoas in-críveis); fizeram-me sentir em casa.

De início, eu assumi a Coordenação de Registro Acadêmico. Foi muito desafiador, pois nunca tinha trabalhado ou até mesmo movimentado algum tipo de sistema com relação à secretaria escolar. Sozinha no setor, aos poucos fui me autodescobrindo no meio de legislações, resoluções, portarias e outros documentos que norteiam toda a parte documental do IFRO nesse setor.

Nesse setor, tive o privilégio de participar de algumas capacitações e alguns cursos para me ajudar a desenvolver um trabalho melhor. Dentre as capacitações que fiz quero destacar a de Controle de Registro Acadêmico das Universidades e Institutos Federais na cidade de São José do Rio Preto-SP e na parte de curso: Atendimento ao público, plataforma de sistema siga-Edu, planilhas em Excel, controle de dados, etc. Permaneci nesse setor por quatro anos e fui convidada para assumir a Coordenação de Integração Escola, Empresa e Comunidade (setor que trabalha com o estágio); não foi diferente do setor anterior; começou tudo novamente: leituras de legislações, PPCs dos cursos, Lei 11.788, resolução 79/IRO, que fala sobre a base

do estágio no IFRO e, em especial, sobre como conduzir o setor. Nesse setor, havia um diferencial: eu teria que sair de dentro dos muros do *campus* e ir até as empresas e instituições em busca de parcerias; foi uma experiência muito boa, pois eu tinha muita dificuldade de me expressar em público (ainda tenho), mas consegui quebrar algumas barreiras; identifiquei-me com o setor; é um trabalho que amo fazer e é muito gratificante. Muitas vezes, preciso fazer um pouco o papel do pedagogo apesar da minha função não ser essa dentro da instituição, mas conversar com os alunos e instruí-los como é ser um aluno estagiário dentro da empresa, como se comportar com os padrões básicos da vivência do dia a dia buscando constantemente mostrar para eles a importância da teoria e da prática do estágio para a vida profissional e acadêmica de cada um deles, ter uma boa postura; esse compromisso em fazer um bom estágio poderá abrir portas para uma contratação de trabalho após o estágio.

É importante ter sempre a consciência de que os estudos teóricos são formadores e necessários, mas o fator determinante do êxito deles está no balanço equilibrado entre a teoria e a prática. Algumas instituições ainda dificultam a inclusão de experiências práticas em seu programa, sem se dar conta de que essa vivência também é uma forma de aprendizado. Entre vários eventos que os *campis* desenvolvem dentro da instituição temos a Feira de Estágio Negócios e Empreendedorismo, um evento que acontece todo ano; é nesse evento que convidamos as empresas parceiras para participar e contribuir com os relatos de experiência de ex-estagiários e com apresentação de propostas de trabalho, etc. Após o evento da feira do ano de 2014 e 2015, eu contribuí com a escrita de um artigo para a revista InfoEX, e no ano de 2017 participei com escrita de um relato de experiência também para a mesma revista.

No ano de 2016, iniciei uma pós-graduação na área de Coordenação Pedagógica. Em meu TCC, desenvolvi uma pesquisa com egresso do Técnico em Informática do ano de 2015. A pesquisa foi observar onde esses egressos estavam atuando no mundo do trabalho, se eles estavam trabalhando na área de sua formação, se tinham continuado os estudos em alguma graduação; alguns tinham escolhido cursos com a continuidade na mesma formação do curso técnico tipo: Análise e Desenvolvimento em Sistemas, Tecnologia da Informação; outros optaram por áreas diversas como Psicologia, Enfermagem, Fisioterapia, e três egressos cujos pais tinham uma condições financeira melhor estavam fazendo Medicina fora do estado. Mas

tinha aquele egresso que, por falta de oportunidade e condição financeira da família, optou por trabalhar para ajudar no sustento da casa. Infelizmente é o que acontece com muitos de nossos jovens. O que mais me impactou durante a pesquisa é ver egressos trabalhando em caixa de supermercado, como vendedora em loja, não que isso seja vergonhoso ou que eu esteja aqui desmerecendo esse tipo de trabalho, mas passou um filme em minha cabeça: esse(a) menino(a) passou de três a quatro anos estudando, fazendo um curso técnico, e agora não está exercendo sua formação como técnico.

Em 2017, por motivo de saúde do meu esposo, tivemos que passar um período de sete meses na cidade de Campo Grande-MS. O tratamento dele foi encaminhado para essa cidade; senti-me em casa, pois lá estava praticamente mais da metade de meus familiares; isso ajudou no tratamento dele e em nossa adaptação. Inclusive a defesa do TCC eu fiz em uma extensão da FAEL-Faculdade Educacional da Lapa. Nesse período em que permaneci em Campo Grande, estive em Cooperação Técnica no Instituto Federal de Campo Grande, *campus* capital; o meu plano de trabalho era para colaboração no desenvolvimento do serviço em CRA-Coordenação de Registro Acadêmico.

No mês de agosto de 2017, agora com o tratamento já bem avançado, retornamos para Vilhena; fui designada para colaborar com a equipe da CRA. Em janeiro de 2018, saiu a portaria de coordenadora da Coordenação de Integração Escola, Empresa e Comunidade (CIEEC). Iniciamos uma grande luta em relação à vida e saúde de meu esposo; devido à adaptação dele na cidade, no ano seguinte resolvi participar de um processo de remoção para o IFRO *Campus* de Ji-paraná; assim ficaríamos mais próximos dos familiares da parte dele; em março de 2019 fui convocada. Passar onze anos fora da cidade onde cheguei ainda nova era como se eu estivesse re- vendo toda a minha infância, mas aos poucos consegui me adaptar tanto à cidade como ao local de trabalho.

De início, substituí um servidor por três meses no setor da Coordenação de Almoxarifado e Patrimônio; como coordenadora desse setor, fiz alguns cursos de capacitação como: pregoeira, coordenação de patrimônio e almoxarifado, controle de almoxarifado. Após, passei o período de um ano auxiliando na Direção de Ensino. Em julho de 2020, já em período de pandemia, fui convidada pela Chefe do Departamento de Extensão para assumir a CIEEC. Assim, percebi que realmente esse setor tem muito a ver

comigo. No início foi bem exaustivo, pois assumi uma coordenação em plena pandemia, tudo acontecendo remotamente, mas aos poucos fui me adaptando com a equipe e principalmente com os alunos, em especial os dos cursos técnicos e de graduação, que estavam concluindo o curso naquele ano.

No primeiro semestre de 2021, convidaram-me para participar da portaria de construção de nove PPCs para o curso FIC-Formação Inicial e Continuada. Esse trabalho me proporcionou uma experiência espetacular com o desenvolvimento das ementas e as pesquisas das disciplinas que seriam ofertadas em cada curso. Toda a minha trajetória no IFRO, seja no *campus* de Vilhena, Campo Grande ou em Ji-Paraná, possibilitou-me participar de várias Portarias, Comissões, Fiscal de contratos, substituições de departamentos como conhecimento e as experiências adquiridas por onde passei, posso concluir este relato na certeza de que tive um crescimento espetacular para minha vida profissional pessoal e espiritual com a trajetória até o momento.

## Conclusão

Sempre tive vontade de cursar um Mestrado, mas nunca tive a oportunidade, muitas vezes pelo valor da mensalidade muito cara e eu não conseguia arcar com as despesas; na seleção da UNIR, já havia tentado, mas sem sucesso.

Cursar o Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica do ProfEPT é para mim um sonho realizado. Em 2019, eu havia tentado a seleção sem sucesso na aprovação; em 2021, fiz a inscrição, mas devido à perda do meu pai em decorrência do Covid-19, no vencimento do boleto eu esqueci de pagá-lo e não consegui participar da seleção; e veio a terceira chance em 2022; tomei todo o cuidado possível para conseguir, pois já havia colocado em minha cabeça que seria a última vez que eu tentaria.

**O que pesquisar:** gostaria de pesquisar algo que me ajudasse no setor onde exerço a função de coordenadora de estágio. Estudo da sociabilidade do estágio, dos alunos concluintes do curso técnico em Química integrado ao Ensino Médio do IFRO *Campus* Ji-Paraná. Como produto final a construção de um curso FIC, que ajude na orientação dos alunos de dois e três anos com as boas maneiras e a parte do comportamento dos estagiários nas empresas e instituições e que complementa também uma parte da empregabilidade.

Após várias leituras para a construção deste memorial, fiz a leitura de algo que chamou muito minha atenção:

**Uma segunda opção como pesquisa:** um estudo sobre a identidade do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia, *campus* Ji-Paraná, no município e cidades vizinhas. Pretendo com a minha pesquisa tentar obter algumas respostas sobre algo que sempre chama minha atenção que é: o *campus* Ji-Paraná é conhecido e reconhecido como uma instituição pública de qualidade na região? Os cursos encaixam-se na realidade da população? A população sabe que os cursos ofertados são gratuitos? Como produto educacional, pretendo elaborar uma cartilha com respostas a essas perguntas e outras mais com o esclarecimento do assunto e da instituição.

Essa ideia surgiu com as leituras (como já citei). Mas também devido ao trabalho que desenvolvo na coordenação, já ocorreu que algumas empresas não tinham o conhecimento de que o IFRO *Campus* de Ji-Paraná é uma instituição pública com ensino e de qualidade.

## Referências

ARTIERES, Philipe. Arquivar a Própria Vida ESCRITA DE SI/ESCRITA DA HISTÓRIA. *Revista Estudos Históricos*, 1998 – 21.

ANDRADE e CRUZ, Maria Inês; VOLPATO, Gilson Luiz. *Memorial: sugestão para elaboração*. Botucatu, 2012. Disponível em: <[http://unesp.br/cgb/mostra\\_arq\\_multi.php?arquivo=9411](http://unesp.br/cgb/mostra_arq_multi.php?arquivo=9411)>.

FERNANDES, Natal Lânia Roque; LIMA, Patrícia Ribeiro Feitosa. *Narrativas de si: memórias de sujeitos em processos formativos*. Rio Janeiro, 2019.

FERNANDES, Natal L. Roque; LIMA, Patricia R. Feitosa. *Escritas de si. Memórias de sujeitos em processos formativos*. Rio de Janeiro: Pod, 2019.

MEMORIAL ACADÊMICO, ProfEPT – IFRO Seminário de Pesquisa.

SEMINÁRIO DE PESQUISA, *A escrita acadêmica*. prof. Dr<sup>a</sup>. Sandra Aparecida F. L. Ferrari; prof. Dr<sup>a</sup>. Iza R. Gomes.

# **Autorreflexão: memórias de batalhas vencidas**

*Ellen Vieira Pacífico Silva*

## **Introdução**

Transcrever minhas vivências, experiências, batalhas e vitórias por meio deste memorial está sendo um desafio, pois carrego em minhas memórias momentos de dores, decepções e tristezas pelas quais tive que passar, mas também de alegrias e conquistas que almejei e alcancei durante as minhas batalhas.

Durante o processo de escrita, deparei-me com a pessoa que fui um dia e confrontei-a com a pessoa que me tornei; entendi que ainda estou vivendo os processos de construção e desconstrução, de certa forma já vislumbrando o que me tornarei após o Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT.

Relembrar minha trajetória durante o processo de formação familiar, educacional, pessoal e profissional me fez compreender de fato a importância que a educação teve e ainda tem em minha vida. A educação tem o poder transformador de mudar a realidade daquele que tem a oportunidade de conhecê-la de perto; a inquietude que ela nos traz leva-nos a buscar o conhecimento.

## **Formação familiar, educacional, pessoal e profissional**

Eu me chamo Ellen Vieira Pacífico Silva, nascida em 19/01/1975 no município de Presidente Venceslau-SP, porém fui criada numa cidadezinha chamada Caiuá-SP, que está situada há sete quilômetros de Presidente Venceslau. Durante a minha infância, Caiuá vivia da pecuária e das lavouras de algodão e cana-de-açúcar; atualmente é sede da Penitenciária Federal de Caiuá. Venho de uma família simples e de um lar desestruturado; meus

pais chamavam-se Francisca Vieira Pacífico e José Adelino Pacífico; ela servidora pública e ele profissional autônomo. Tenho dois irmãos mais novos do que eu, Daiane e Alan, ambos casados e com filhos.

Meus pais sempre tiveram um casamento conturbado, com muitas brigas e nenhum respeito; a situação chegou ao extremo, e no dia 17 de maio de 1992, data em que minha mãe foi assassinada pelo meu pai com dois tiros, infelizmente eu e minha irmã assistimos a tudo, sem acreditar no que estávamos presenciando. Mal sabíamos que a morte de minha mãe seria somente o começo das batalhas que teríamos que enfrentar. Meus avós maternos foram e sempre serão minhas maiores referências de família, fidelidade, lealdade, respeito e educação.

Minha avó chamava-se Luiza e meu avô José; eram retirantes nordestinos, oriundos do estado do Ceará, e se mudaram para Caiuá a fim de fugir da seca, que na época afligia o Nordeste. Fincaram raízes na pequena cidade e seguiram suas vidas. Tive uma infância muito feliz; minha avó, mesmo sendo semianalfabeta, despertou em mim o gosto pela leitura, e meu avô, totalmente analfabeto, era um ótimo contador de histórias; aprendi com ele a gostar de ouvir as pessoas e de aprender com o outro.

Hoje, percebo que os livros eram uma fuga da realidade em que vivíamos; meus pais brigavam muito, e isso me entristecia. Acredito que viajava nos livros porque acabava me esquecendo dos problemas familiares. Considero como minha entrada no mundo acadêmico a minha primeira experiência escolar, que foi no antigo pré-primário aos seis anos de idade na EEEF Deputado José Sanches Postigo, onde estudei até a 4ª série. Minha primeira professora foi a tia Maria, uma educadora no sentido real da palavra; ela tinha amor por sua profissão e por seus alunos.

Minha professora da primeira série chamava-se tia Vilma; foi uma boa professora, porém foi somente na segunda série com a tia Neuza que despertou meu lado leitora e desenvolvi o gosto para interpretar textos. A tia Neuza tinha métodos bem tradicionais para a leitura e escrita; já na terceira e quarta séries, a tia Fátima foi professora de minha turma; ela era excelente, tinha um viés voltado para as lutas dos professores pela educação no Brasil. O ano era 1984, e ela sempre conseguia nos ensinar coisas que a educação tecnicista não ensinava; em 1985 aconteceram as eleições indiretas; esse foi o ano em que concluí minha quarta série. Posso afirmar que aprendi com esses primeiros mestres o valor da educação, porém, ao

chegar em Rondônia com minha família em meados de 1985, deparei-me com professores altamente atuantes.

Estudei da 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries na EEEFM Capitão de Silvio de Farias; foi um período de muito aprendizado. Meus professores eram oriundos de várias partes do Brasil, e isso agregou muito conhecimento na minha vida educacional e pessoal. Meu professor de Geografia era carioca e sempre nos incentivou a buscar informações não somente nos livros, mas também em jornais e revistas; minha professora de Língua Portuguesa era pernambucana e nos ensinou a interpretar textos utilizando as composições de Milton Nascimento e Luiz Gonzaga; minha professora de Matemática era paranaense e com ela a Matemática fazia todo sentido. Posso dizer que fui privilegiada por ter estudado numa escola pública tendo professores tão capacitados.

O Ensino Médio foi muito conturbado; foi na época em que minha mãe faleceu, e posso afirmar que algo dentro de mim literalmente também havia morrido. Não conseguia lidar com a dor e a revolta que eu sentia, e meus estudos ficaram fora de minha lista de prioridades, se é que eu tinha alguma. Considero também que o formato do Ensino Médio das escolas públicas no Brasil é caótico; o conteúdo não contempla as reais necessidades dos alunos. Enfim, abandonei a escola no terceiro ano do Ensino Médio no ano de 1995; faltavam três matérias para eu concluir o segundo grau. Meu emocional não conseguiu lidar com tantos desafios.

Engravidei, fui mãe solteira aos 18 anos de idade. Infelizmente pude vivenciar o que uma sociedade patriarcal pode fazer com órfãos e mães solteiras. Sinto que a morte de minha mãe, somada a uma gravidez precoce, fez com que eu abandonasse os estudos aos 20 anos de idade. Nesse meio tempo, parece que vivi em outra dimensão; casei, tive mais duas filhas e trabalhei como salgadeira e confeitadeira na minha própria casa; fazia bolo gelado, iogurte, salgados em geral; depois fui vendedora ambulante, vendia lingerie, pijamas e roupas em geral, quando percebi que haviam passado 15 anos e eu já estava com 34 anos de idade.

Precisei arrumar um emprego fixo, pois meu esposo ficou desempregado. Então procurei o centro supletivo da cidade em que eu residia, retomei os estudos e concluí o Ensino Médio. Em outubro de 2009 consegui um contrato emergencial na Escola Municipal de Ensino Fundamental Aldemir Lima Cantanhede no município de Jaru; fiquei encarregada da secretaria da escola; no ano de 2010 fui aprovada no concurso da SEDUC

RO para o cargo de Técnico Administrativo nível 2; no mesmo ano, iniciei o curso de Licenciatura em Pedagogia Séries Iniciais. Entendo que a Pedagogia abriu minha mente para o mundo em todos os sentidos, possibilitando-me enxergar a força que a educação tem. O tema do meu Trabalho de Conclusão de Curso na Licenciatura em Pedagogia foi: “Monteiro Lobato e a Literatura Infantil”. O fato de ser leitora assídua das obras desse autor facilitou minha pesquisa.

No ano de 2011, o IFRO – Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Rondônia – estava expandindo suas atividades com os cursos na modalidade a distância em parceria com o IFPR-Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Paraná; foram ofertados vários cursos EaD no município de Ariquemes. Fui selecionada para o Curso Técnico em Logística e, todas as quintas-feiras durante dois anos, me desloquei até Ariquemes para assistir às aulas. No final de 2013, concluí o curso e me tornei Técnica em Logística pelo IFRO. Nesse meio tempo o IFRO-Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Rondônia inaugurou um polo no município de Jarú e ofertou cursos também na modalidade a distância por meio do Programa Profucionário através do IFPR; os cursos eram direcionados aos funcionários e servidores da educação. Mais uma vez, participei da seleção e consegui a vaga no curso de Técnica em Secretaria Escolar; as aulas eram transmitidas todas as quartas-feiras no polo disponibilizado pela prefeitura de Jarú, e em 2014 concluí o curso.

Foi um período em que abracei todas as oportunidades de aprendizado que surgiram; tinha sede de me qualificar e melhorar como profissional e como ser humano. Percebi a falta que o estudo fez em minha vida, e o sentimento era o de ter ficado aprisionada num casulo por 15 anos.

No ano de 2013 tomei posse na SEDUC; fui lotada na CRE/JARU para atuar no setor de recursos humanos, onde atuava no atendimento ao público e conferência das folhas de ponto vindas das 21 escolas da região de Jarú. Sempre tive a certeza de que havia algo mais que me aguardava e iniciei meus estudos para o concurso do IFRO, inscrevendo-me para o cargo de Técnica em Secretariado; foi ofertada uma vaga por *campus*, e me inscrevi para o *campus* Ji-Paraná.

Como não tinha dinheiro para pagar cursinhos, providenciei apostilas por conta própria; consegui alguns livros, adentrei as madrugadas estudando, fui incansável; preparei-me da forma que pude; em julho de 2014, realizei a prova e consegui a terceira colocação no certame; foram momen-

tos de muita espera e incertezas, mas em fevereiro de 2015 fui convocada para tomar posse no IFRO e em 2 de março de 2015 entrei em exercício no *campus* Ji-Paraná, sendo lotada primeiramente no gabinete da direção geral; meu trabalho era elaborar documentos administrativos; após trinta dias, fui lotada na CGP – Coordenação de Gestão de Pessoas e fiquei auxiliando a chefe do setor, Geovana da Costa Oliveira, por um ano; nesse período, tivemos o desafio de organizar toda a parte documental da CGP, pois os documentos dos servidores estavam arquivados por ano e não pelo nome do servidor. Se precisasse verificar os dados de algum servidor, seria necessário abrir cada caixa desde o ano 1995 a 2015 para localizar o documento solicitado. Em janeiro de 2016 me dediquei a essa odisseia, e em 30 dias todos os servidores do *campus* tinham suas pastas individuais separadas e organizadas em ordem alfabética. Depois foi a vez de encaminhar os processos de retribuição por substituição e progressão funcional e, por fim, os processos de RSC – Reconhecimento por Saberes e Competências.

Atuei um ano na Coordenação de Gestão de Pessoas, porém a minha chefe de setor, juntamente com o diretor-geral da época, me deram uma missão: assumir a CIEEC – Coordenação de Integração de Escola, Empresa e Comunidade. Até então, seria o maior desafio enfrentado por mim; não tinha conhecimento das leis que regiam os estágios na instituição, pois sempre trabalhei na área administrativa e, de repente, assumir uma coordenação tão importante e tão necessária me assustou muito; não conhecia os fluxos dos documentos, e para agravar minha situação, o mês era março de 2016; havia 120 alunos que iriam colar grau em dezembro de 2016, e os termos de estágio dos alunos ainda não estavam prontos; foi mais um trabalho árduo, cansativo, difícil e muito gratificante. Tive oportunidade de atuar fora de minha zona de conforto; todos os alunos formandos realizaram seus estágios naquele ano; nem acreditei quando inseri o último estágio no SIGA EDU no ano de 2018. Após um ano à frente da Coordenação de Integração Escola, Empresa e Comunidade, fui nomeada para assumir o cargo de chefe do Departamento de Extensão do IFRO *campus* Ji-Paraná; foi então que entendi o sentido literal das palavras desafio e dificuldade; atuo como chefe do Departamento de Extensão desde 5 de março de 2018, há exatos quatro anos; entre os dez *campi* do IFRO, sou a única TAE – Técnica Administrativa Educacional à frente de um Departamento de Extensão; todos os outros *campi* possuem como chefe do Depex servidores docentes; a extensão é a ponte que liga o IFRO à comunidade externa.

No ano de 2019 fiz pós-graduação em Gestão Pública com Ênfase na Educação, onde o tema de meu trabalho de conclusão de curso foi “Gestão da Qualidade: Fluxo de Processos no Departamento de Extensão”. Enxergo no departamento de extensão possibilidades incríveis de atendimento a demandas da comunidade; tive muita dificuldade para compreender o real sentido das ações de extensão na instituição; sempre me cobrei muito quanto à interação/integração com empresas públicas e privadas e com a comunidade em geral. Os servidores do *campus* sempre foram muito participativos em desenvolver ações de extensão, mas a sensação de que efetivamente não estávamos atingindo o verdadeiro propósito do IFRO, que é atender a comunidade, literalmente me enchia de preocupação e me incomodava.

O Departamento de Extensão-DEPEX possui cinco coordenações vinculadas a ele: CIEEC – Coordenação de Integração Escola, Empresa e Comunidade; CFIC – Coordenação dos Cursos de Formação Inicial e Continuada; CI – Centro de Idiomas; INCEMP – Coordenação da Incubadora de Empresas do IFRO *campus* Ji-Paraná e NIMPI – Núcleo Informatizado de Memória e Pesquisa do IFRO. Atualmente, temos duas equipes designadas por portaria para estruturar e implantar o NAC – Núcleo de Arte e Cultura e o NEABI – Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas.

No início do ano de 2020 a pandemia SARs COV-2 atingiu o mundo em sua totalidade, e novamente comecei a me questionar como poderíamos desenvolver ações de extensão. Foi então que vivenciei algo que posso considerar surreal: a diretora-geral trouxe a demanda de que a comunidade precisava com urgência de álcool em gel, *face shields* (máscaras em acetato) e máscaras de tecido; era uma necessidade que iria suprir a demanda da comunidade externa. Solicitei a portaria dos membros que iriam atuar na produção de álcool em gel, *face shields* e máscaras de tecido para combate ao Covid-19.

Trabalhei com uma equipe comprometida e competente; minha atribuição enquanto chefe do Departamento de Extensão foi captar recursos externos para a execução dos projetos, realizar a parte de cotação e a compra dos insumos utilizados para atender os projetos de combate à Covid-19; foram entregues à comunidade mais de 10 mil litros de álcool em gel, 3 mil máscaras em acetato, em torno de 5.500 máscaras de tecido, além de sanitizantes e sabão em pedra; foram ofertados também inúmeros cursos FIC – Formação Inicial e Continuada na modalidade a distância; fui coautora de doze cursos de formação inicial e continuada e autora do curso FIC em

Assistente Financeira, totalizando treze projetos pedagógicos construídos. Para que um curso de formação inicial seja ofertado, deve seguir o fluxo processual; geralmente o curso inicia pela portaria que designa a equipe que irá elaborar o projeto pedagógico, que será protocolado na CFIC – Coordenação de Cursos de Formação Inicial e Continuada, seguindo para o DAPE – Departamento, a fim de receber um parecer pedagógico; dependendo do parecer pedagógico, o PPC poderá passar por correções e adequações ou continuar seu fluxo, que será o Departamento de Extensão; enquanto chefe do departamento terei a incumbência de solicitar à direção geral que insira na pauta da Reunião Ordinária do Conselho Escolar o projeto pedagógico do curso FIC. Nesse caso, serei a relatora do processo aos conselheiros, que poderão aprovar ou não o projeto pedagógico. Após aprovação, a direção geral irá emitir uma portaria do curso FIC; então poderá ser solicitado edital para seleção dos alunos que a farão o curso.

O edital para a seleção de alunos é publicado pelo Departamento de Extensão, e toda a parte de convocação para matrículas é feita por mim. Foi nesse período que compreendi o alcance que as ações de extensão têm para atender as demandas existentes na comunidade e para realizar uma transformação social nos mais diversos cenários, cumprindo a missão institucional do IFRO, que é transformar a realidade regional. A RESOLUÇÃO Nº 31/REIT – CONSUP/IFRO, DE 30 DE MAIO DE 2017 define a extensão como “um processo educativo, cultural, social, científico e tecnológico que promove a interação entre as instituições, os segmentos sociais e o mundo do trabalho, com vistas ao desenvolvimento socioeconômico sustentável”.

Posso afirmar que hoje tenho entendimento do que realmente são ações de extensão e do poder transformador que essas ações exercem sobre os grupos ou comunidades impactadas por elas; independentemente de ser a chefe do setor ou ser uma das servidoras que atua junto ao departamento, consigo perceber o quanto me identifico com as diretrizes da extensão e com seu campo de atuação. Sempre me questionei em qual setor poderia atuar para contribuir com a instituição na qual trabalho e sem desmerecer o ensino ou a pesquisa; não tenho dúvida de que a extensão tem em seu pilar todos os ideais para os quais os institutos federais foram criados. Enxergo nela um misto de transformação, construção, desconstrução, possibilidades e oportunidades. Foi para essa transformação social que os institutos

federais foram criados; considero-me como fruto dessa instituição; sou resultado de uma educação de qualidade.

## **Conclusão**

### **Desconstrução e aprendizado**

Durante essa autorreflexão, fiquei impressionada com a trajetória que trilhei nesses últimos anos. Escrevi sobre momentos de lutas e de conquistas, de repente me percebi relembando as tantas lágrimas que durante esse processo caíam dos meus olhos em situações nas quais eu não pude contê-las e tive o entendimento de que passei por vários processos de construção e desconstrução. O mais impactante é que me encontro diante de um mestrado profissional em que o produto que vou entregar poderá servir de instrumento para o aprendizado de outra pessoa.

Entendo que possuo formação acadêmica em áreas aparentemente diversas, mas posso afirmar que as disciplinas de todos os cursos que realizei em algum momento cruzam-se dentro de minha atuação profissional, pois no Departamento de Extensão realizo atividades extremamente burocráticas, como emissão de pareceres, minutas de portarias, elaboração de memorandos, elaboração de projetos pedagógicos, elaboração de editais, solicitações para aquisições de insumos, contratação de serviços em geral e gerenciamento de recursos financeiros relativos à extensão, tais como solicitação de pagamentos de bolsas para alunos e servidores e pagamentos de taxas de bancadas.

Considero a área de atuação do departamento de extensão muito ampla; posso afirmar que estou em processo de aprendizagem contínua na função de chefe de setor, e ter conquistado a vaga no mestrado em Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT me fez repensar o tema que almejo abordar na minha pesquisa de mestrado. Devido ao conhecimento que adquiri nos cursos de formação inicial e continuada, a intenção seria elaborar um manual contendo as leis que regem os cursos, os modelos-padrão de projeto pedagógico na modalidade presencial e na modalidade a distância, o fluxo processual para a oferta dos cursos e o catálogo nacional de cursos de formação inicial e continuada do PRONATEC, para que os servidores possam construir seus cursos de formação inicial e continuada consultando esse manual. Porém estarei aberta a seguir sugestões e orienta-

ções de meu futuro orientador(a) sobre a forma como minha pesquisa será direcionada, pois acredito que toda ideia pode ser melhorada, alterada ou readequada à sua real necessidade.

## Referências

ARTIERES, Philippe. Arquivar a Própria Vida ESCRITA DE SI/ESCRITA DA HISTÓRIA. *Revista Estudos Históricos*, 1998-21.

ANDRADE e CRUZ, Maria Inês; VOLPATO, Gilson Luiz. *Memorial: sugestão para elaboração*. Botucatu, 2012. Disponível em: <[http://unesp.br/cgb/mostra\\_arq\\_multi.php?arquivo=9411](http://unesp.br/cgb/mostra_arq_multi.php?arquivo=9411)>.

FERNANDES, Natal Lânia Roque; LIMA, Patrícia Ribeiro Feitosa. *Narrativas de si: memórias de sujeitos em processos formativos*. Rio de Janeiro, 2019.

MEMORIAL ACADÊMICO, ProfEPT – IFRO *Seminário de Pesquisa*.

SEMINÁRIO DE PESQUISA. *A escrita acadêmica*: prof. Dr<sup>a</sup> Sandra Aparecida F. L. Ferrari; prof. Dr<sup>a</sup> Iza R. Gomes. Disponível em: <<http://www.cienciasecognicao.org>>. Acesso em: 02 maio 2022.

STECANELA, Nilda; MORAES, Cineri Fachin. Narrativas Autobiográficas: Sinais da reflexão e da ação em memoriais descritivos. *V SIGET – Simpósio Internacional de Gêneros Textuais*. Caxias do Sul, agosto de 2019.

# **Quebrando paradigmas sociais e construindo um novo futuro**

*Emerson de Araújo Alves*

## **Introdução**

Início a escrita deste memorial acadêmico homenageando a minha querida mãe, Carmem Maria de Araújo Alves, costureira até sua aposentadoria, que infelizmente me deixou em janeiro de 2021 aos 65 anos em decorrência de um câncer de pulmão. Foi minha fonte de inspiração e de incentivo, pois sempre deixou claro que a educação transforma e que minha vida só poderia tornar-se diferente com a educação.

Já meu pai, Geromilton Alves de Araújo, 68 anos e semianalfabeto, apesar de não ter estudado, sempre entendeu a necessidade da educação para seus filhos, assumindo o papel de levar e buscar os filhos nas escolas todos os dias, cobrar boas notas e aprovação nas disciplinas e séries cursadas. Até a conclusão do Ensino Fundamental II.

Sou o segundo filho de três irmãos homens e considero minha mãe uma das pessoas que ajudaram de forma participativa a realidade de três cidadãos, já que, antes de deixar este mundo, conseguiu ver seus filhos com formação em nível superior completo.

Neste memorial, o leitor encontrará semelhanças com as histórias de muitas pessoas que venceram na vida independente de cor, raça, etnia, condição social e de outras dificuldades enfrentadas.

## **Formação acadêmica**

Nasci no dia 06 de abril de 1985 na cidade de Guajará-Mirim, estado de Rondônia, que contava com aproximadamente 41 mil habitantes em 2010 (IBGE, 2010). Vale ressaltar que Guajará-Mirim faz divisa com a cidade de Guayaramerín, departamento de Bêni, Bolívia, cidades unidas pelo rio Mamoré. A proximidade geográfica e a migração pendular entre os ha-

bitantes das duas cidades respondem pela miscigenação cultural e por uma dinâmica econômica própria.

No entanto, minha história acadêmica inicia com idas e vindas entre Guajará-Mirim e Porto Velho até a conclusão do Ensino Fundamental I e II no ano de 1999. Cursei o Ensino Médio em Guajará-Mirim e tive ótimas experiências em pesquisa de campo. Diante do primeiro contato com a disciplina de Metodologia da Pesquisa e Seminário de Pesquisa, do ProfEPT, atrevo-me a dizer que, durante meu Ensino Médio, desenvolvi pesquisa participante e alguns estudos de caso. Esses ocorreram na disciplina de Português com a execução de um trabalho escolar sobre os moradores descendentes dos trabalhadores que participaram da construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré em Guajará-Mirim.

Seguindo o prisma de minha construção acadêmica, por um tempo fiquei sem um norte, pois as dificuldades financeiras e a necessidade de trabalhar sobrepuseram-se à perspectiva de iniciar uma formação universitária. Naquele momento, o salário de costureira que minha mãe recebia mal dava para manter as nossas necessidades básicas.

Como não havia obtido sucesso nos vestibulares da UNIR, que à época (2007) aplicava um modelo de seleção por prova, minha tia/madrinha Leticia – professora com formação de nível médio (magistério) e que alfabetizou minha avó materna Raimunda Nonata em casa – viu a necessidade de me incentivar a retornar aos estudos. Fui presenteado por ela com o custeio de mensalidades para que eu pudesse cursar a graduação em Biologia na modalidade semipresencial em uma Faculdade particular em Guajará-Mirim. Porém, após cursar um semestre da Faculdade de Biologia, fui aprovado para o curso superior de Administração na Universidade Federal de Rondônia – *Campus* Guajará-Mirim; e considerando a escassez de recursos, tive que desistir da Faculdade de Biologia e iniciar o curso superior de Administração.

No ano de 2008, dei início ao curso de Administração, em que pude ter contato com o mundo acadêmico. Como muitos colegas, trabalhava durante o dia e estudava à noite. E essa foi minha trajetória durante os quatro próximos anos.

Um de meus orgulhos durante a Faculdade foi minha monografia, que abordou um tema novo e até hoje pouco estudado no Brasil: Empreendedorismo e o Desenvolvimento Endógeno: um Estudo Sobre o Capital Social Empresarial no Município de Guajará-Mirim, Rondônia. No ano/período

de 2011/2, concluí a Faculdade como bacharel em Administração, com a colação de grau em 15/06/2012, mais um marco na vida de um cidadão filho – com muito orgulho – de uma costureira e um autônomo semianalfabeto.

Nesse sentido, podemos enxergar que não só os homens transformam a história, mas que três mulheres (mãe, tia e avó) podem transformar um futuro.

Nesse momento também pensei: “E agora, o que fazer com o conhecimento adquirido durante meu processo de formação?”. Mal sabia que a resposta estava logo à frente. Em 2013, participei do concurso para o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO), no qual fiquei classificado em 17º lugar. Eram 14 vagas imediatas. Agora irei contextualizar melhor essa mudança drástica em minha vida.

Em dezembro de 2013, decidi vir morar em Porto Velho-RO a convite de um amigo que possui uma empresa de Implantação de Sistema de Automação Comercial. Finalmente, iria administrar uma empresa. No entanto, a vida tem seus mistérios e suas surpresas. Logo que cheguei a Porto Velho, no terceiro dia abri minha caixa de e-mail e lá estava a convocação para tomar posse no cargo de Assistente em Administração no IFRO-*Campus* Porto Velho Calama. Um sonho desejado por muitos e que eu tinha conseguido atingir após muitas noites e madrugadas de estudo e dedicação.

Cabe retratar aqui que já havia passado em cinco outros concursos para a área da Segurança Pública e Correios (carteiro, socioeducador, duas vezes em agente penitenciário e policial militar), porém sempre tinha alguma contusão ou ficava doente antes da realização do teste físico, fase eliminatória dos concursos da área da segurança ou Correios (carteiro). Após a quinta derrota, entendi que Deus não queria que eu seguisse na área da segurança pública.

À medida que ocorria meu amadurecimento e crescimento profissional, já no IFRO, vi a necessidade de me capacitar na minha área de atuação direta. Sendo assim, no período de 18/01/2016 a 24/11/2016, cursei a Pós-Graduação *Latu Sensu* em Administração Pública na Universidade Cândido Mendes, onde apresentei o trabalho de conclusão de curso intitulado: A Importância do Princípio da Autotutela como Meio de Controle e Revisão dos Atos Administrativos, o qual contribuiu muito para o desempenho das minhas atribuições no cargo de Chefe de Gabinete do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia, *Campus* Porto Velho Calama.

## **Formação profissional**

Minha formação profissional teve foco inicialmente na área de Tecnologia da Informação. Fiz vários cursos na área de informática: curso de programação em linguagem visual *basic* para desenvolvimento de software para computadores. Nesse sentido, fiz o curso e me especializei em montagem e manutenção de computadores e redes e, como será observado no decorrer do memorial, atingi um dos meus objetivos de ser Gerente de Tecnologia da Informação em uma empresa de grande porte. No entanto, vale ressaltar que tudo é uma junção de conhecimentos técnicos, empíricos e da formação no curso de graduação em Bacharel em Administração pela UNIR, *Campus* Guajará-Mirim, que me propiciaram essa posição profissional.

Podemos observar que minha formação profissional é um amálgama entre distintas áreas de conhecimento. Dando continuidade, participei de vários cursos na área de formação de gestores; cito alguns deles: Fundamentos dos Modelos de Excelência na Gestão Pública, *Coaching* para Gestores, Liderança de Equipes, Elaboração e Gerenciamento de Projetos, Elaboração e Avaliação de Indicadores de Desempenho Institucional e, posteriormente, dei início à formação em pós-graduação *Latu Sensu* em Administração Pública na Universidade Cândido Mendes.

Porém, paralelamente a essas formações, em 2014 iniciei o contato com a área da Educação, tanto no Ensino a Distância (EAD) como no ensino presencial por meio de bolsas para tutor, orientador e supervisor de curso do IFRO – *Campus* Porto Velho Zona Norte e IFRO – *Campus* Porto Velho Calama. Participei de cursos de formação e palestras que me guiaram para o contexto atual de acadêmico do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica com o objetivo de contribuir mais para a instituição e, conseqüentemente, sociedade à qual prestamos esse serviço educacional e social.

## **Atividade profissional atual**

Essa parte de minha atividade profissional tenho até receio em contextualizar, pois sou Chefe de Gabinete do IFRO – *Campus* Porto Velho Calama desde agosto/2015 até a presente data em que escrevo este memorial, dia 12/04/2022. É importante salientar que essa é a terceira gestão de que faço parte, e sou muito grato pela confiança depositada em mim pelos

diretores-gerais, os quais tive a honra de assessorar. Cabe ressaltar que a atividade de Chefe de Gabinete de forma resumida é assessorar o diretor-geral do *Campus* de forma que a maioria dos documentos, solicitações e agendas passem antes pela pré-análise desse servidor com o objetivo de que o dirigente máximo da unidade possa distribuir seu tempo em ações e decisões da gestão que impactarão diretamente as atividades de ensino, pesquisa, extensão e desenvolvimento institucional.

Em razão do exposto, essa função proporcionou-me ao longo do tempo uma enorme quantidade de informações e conhecimentos acerca da funcionalidade da instituição, assim como gestão, ensino, pesquisa e extensão. Conhecimentos e experiências que hoje trago para o Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica tanto para compartilhar como para aplicar de forma ativa dentro da pesquisa, dissertação e produto que irei desenvolver ao longo do curso.

### **Atividades profissionais anteriores**

Talvez para entender melhor como estou na mesma função há tanto tempo e ser de confiança de diferentes gestores é interessante compreender o meu caminhar profissional.

Seguindo uma linha dos últimos cargos em empresa privada que ocupei, que me fizeram o que sou hoje, iniciei em 01/01/2008 como gerente/ encarregado da extinta empresa de transportes de cargas Real Norte Transportes S/A na cidade de Guajará-Mirim, Rondônia, na qual gerenciava uma equipe de quatro funcionários. Vale ressaltar que a minha idade, sempre inferior à dos demais, foi um desafio a mais na minha vida, pois a sociedade vinculava muito a competência à idade das pessoas e não à capacidade profissional. No entanto, consegui superar todas as dificuldades e gereenciei a equipe até a falência de todo o grupo no estado de Rondônia.

Após essa fase, fui contratado (em 01/11/2010) por uma empresa chamada Soluções Tecnologia Informação, na qual exercia o cargo de representante comercial, instrutor e técnico de implantação do Sistema de Automação Comercial “Vector Solution” nas cidades de Guajará-Mirim, Nova Mamoré e no distrito Linha 28 – Projeto Sidnei Jirão. Esse sistema era muito utilizado em farmácias e estabelecimentos comerciais de pequeno e médio portes. Durante um ano e meio atuei à frente da empresa nos municípios e distritos citados. Ocorre que, no meio corporativo, as empresas costumam

fazer a captação de funcionários em decorrência de indicação ou contato por meio de prestação de serviço. Foi o que aconteceu no meu caso.

O gerente de uma das empresas à qual eu prestava serviço de suporte a sistema de informação me propôs o cargo de Gerente da Tecnologia da Informação de uma das grandes importadora e exportadora de alimentos e eletrodomésticos do município de Guajará-Mirim. Nessa empresa, eu participei de processos de implantação de novos sistemas da informação, estruturação de sistema de *backup* de dados e melhoria dos processos envolvidos com sistemas tecnológicos até o final do ano de 2013, quando tomei a decisão de vir morar em Porto Velho.

Após entrar em exercício no IFRO, tomei conhecimento dos processos seletivos para bolsistas atuarem no cursos de educação a distância (EAD) ofertados pelo IFRO – *Campus* Porto Velho Zona Norte. Entre as diversas atividades que desempenhei como bolsista algumas me guiaram até o Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica; cito: tutor de educação a distância, orientador de trabalho de conclusão de curso e relatórios de estágio do curso de finanças, esses de 2014 a 2017. Nessas atuações profissionais, pude compreender algumas necessidades de melhoria em processos e metodologias em execução. Em 2020, após um tempo sem atuar como bolsista, retornei às atividades, agora como supervisor do Curso de Microempreendedor Individual, ofertado pelo *Campus* Porto Velho Calama por meio do Programa Novos Caminhos do Governo Federal. Foi um novo e grande desafio; saí da minha zona de conforto para analisar PPC, planos de ensino, ementa de disciplinas, supervisionar toda uma equipe com foco no aprendizado dos discentes, que, apesar da vida corrida, se dispuseram a participar e aumentar seu conhecimento acerca do tema.

Atualmente, continuo atuando como bolsista no curso de Pós-Graduação em Gestão de Educação a Distância e aumentando ainda mais meus conhecimentos e contribuindo para esse instrumento de redução da desigualdade social: a educação.

## Idiomas

Sempre tive admiração pela língua inglesa; em certa fase de minha vida, cheguei até a cogitar o curso de Licenciatura em Letras/Inglês. Logo na infância, tive contato por meio de jogos de videogame; como a maioria das produtoras de jogos na década de 90 eram estrangeiras, os jogos vi-

nhem no idioma inglês, o que me levou a aprender a utilizar o dicionário de inglês e começar a formar um vocabulário. Passados alguns anos, tanto no Ensino Fundamental II como no Ensino Médio, continuei tendo a disciplina de Língua Inglesa nas escolas públicas que frequentei. Já em 2014, concursado, finalmente me inscrevi em um curso de inglês on-line, com aulas ao vivo, professor nativo, que me propiciaram melhorar a minha leitura, escrita, ouvir, entender e falar. Em um ano de curso, avancei do nível iniciante para o nível básico 4 em uma escala de 1 a 4. Alguns anos depois, mais especificamente em 2020, participei do Programa Virtual English Language Fellow – Leitura em Inglês para Servidores do IFRO, oferecida pelo Centro de Idiomas do IFRO – *Campus* Porto Velho Calama em parceria com a Regional English Language Office da Embaixada dos Estados Unidos no Brasil no período de 24 de agosto a 07 de dezembro de 2020, com carga horária de 32 horas. Em 2021, inscrevi-me novamente no Programa Virtual English Language Fellow – Leitura em Inglês para Servidores do IFRO, curso: Reading for A3 Learners, o qual finalizei em 12/07/2021, que me oportunizou novas experiências e melhoria na leitura, escrita e pronúncia nesse idioma.

Considerando que ainda almejo obter fluência na língua inglesa e conforme oportunizado em 2022 pelo IFRO – *Campus* Porto Velho Calama, a capacitação Leitura em Língua Inglesa para servidores do IFRO (nível B1), novamente darei continuidade à minha trajetória. Vale ressaltar que a professora é nativa dos Estados Unidos e o curso ocorre de forma on-line e síncrona.

Em virtude dos fatos mencionados, posso resumir minha experiência em outros idiomas, conforme tabela abaixo.

Idioma	Lê*	Escreve*	Fala*	Compreende*
Inglês	Pouco	Pouco	Pouco	Pouco
Espanhol	Razoavelmente	Razoavelmente	Razoavelmente	Razoavelmente
Francês	xxxxxxxxxxxx	xxxxxxxxxxxx	xxxxxxxxxxxx	xxxxxxxxxxxx

### **Atividade de pesquisa**

Como mencionei na minha terceira aula da disciplina de Metodologia da Pesquisa e Seminários, em minha opinião foi uma estratégia assertiva ter essa como primeira disciplina do curso, pois propicia ao acadêmico o

despertar de um pesquisador, bem como discute a contribuição literária, científica, acadêmica e social que um pesquisador pode fornecer à sociedade de modo geral.

A partir desse momento, os pensamentos do acadêmico viram uma fábrica de ideias e possibilidades de pesquisa. No entanto, retornando ao contexto de pesquisas acadêmicas, posso com orgulho mencionar que, ao finalizar o meu trabalho de conclusão de curso na graduação, o mesmo tornou-se um artigo; cito: O índice de capital social empresarial (ICSE) na Área de Livre Comércio de Guajará-Mirim, Rondônia: uma análise a partir da Teoria do desenvolvimento endógeno, na Revista de Administração e Negócios da Amazônia (on-line), v. 4, p. 89-107, maio/ago. 2012, inserindo-me em um mundo que até então não conhecia.

Posterior a esse primeiro artigo, recentemente com um grupo de amigos e pesquisadores, tivemos aprovada a publicação de um capítulo do livro “Temas contemporâneos em administração e gestão: Volume 1” no ano de 2022, o que faticamente me faz retomar os trabalhos de pesquisador.

Trago uma frase que me faz refletir bastante quanto ao tempo entre uma publicação e outra: “Somos sabotadores de nós mesmos”.

## Conclusão

Levando em consideração que todas as experiências acadêmicas e empíricas vivenciadas ao longo de minha vida foram me preparando para verticalizar a minha formação técnica e acadêmica, chegou o momento de avançar e desbravar os horizontes de um pesquisador. Nessa perspectiva, pude observar que o Mestrado ProfEPT trouxe, além da relação direta com as atividades que desenvolvo no IFRO, novas ideias que poderão contribuir para a melhoria dos processos de ensino e extensão. No entanto para isso há a necessidade de subir mais um degrau no que se refere à verticalização de meus conhecimentos, pois para contribuir devemos primeiramente estar capacitados para assumir novos desafios.

Nesse sentido, acredito que o Mestrado ProfEPT propiciará um novo olhar em relação às atividades de ensino, pesquisa e extensão hoje desenvolvidas no *Campus* Porto Velho Calama ou até mesmo em projetos ou parcerias com outras instituições, com foco na linha de pesquisa “Organização e Memórias de Espaços Pedagógicos na Educação Profissional e Tecnológica (EPT)”.

Dessa maneira, trago abaixo possíveis opções de pesquisa em ordem de interesse:

1. Impactos Gerados na troca do Diretor de Ensino: um estudo sobre quais os impactos que a troca do Diretor de Ensino podem causar nas atividades de ensino sem o correto processo de transição.

– Como a troca do Diretor de Ensino sem a devida transição pode afetar o desenvolvimento das atividades de ensino?

– Gera uma cartilha com instruções e orientações de como minimizar esses impactos nas ações da Diretoria de Ensino e um Mapa de Risco acerca dos principais fatores e processos que afetam as atividades ligadas à Diretoria de Ensino durante a troca.

2. Análise e Reformulação do Projeto Pedagógico do Curso de Formação Inicial e Continuada de Microempreendedor Individual ofertado pelo *Campus* Porto Velho Calama: um estudo sobre a aplicabilidade do curso no contexto em que está inserido.

– O que o curso agregou?

– Público-alvo: egressos do curso; comerciantes informais; Microempreendedores Individuais (MEIs) Formais.

– A ementa do curso pode ser melhorada?

– Qual o objetivo esperado do curso pela comunidade?

Em suma, as opções de pesquisa trazidas para discussão estão ligadas à minha caminhada acadêmica. Tais ideias possibilitarão a descoberta de novas ferramentas que contribuam para que os objetivos institucionais e sociais possam ser atingidos.

## Referências

CAVALCANTE, Fábio Robson Casara; ALVES, E. A. O índice de capital social empresarial (ICSE) na Área de Livre Comércio de Guajará-Mirim, Rondônia: uma análise a partir da Teoria do desenvolvimento endógeno. *Revista de Administração e Negócios da Amazônia* (on-line), v. 4, p. 89-107, maio/ago. 2012. Disponível em: <<https://periodicos.unir.br/index.php/rara/issue/view/201>>.

LEMOS, Ediberto Barbosa *et al.* *Temas Contemporâneos em Administração e Gestão*. Volume 1 / Tiago Aroeira (org.). São Paulo: Editora Dialética, 2022.

# **Memorial de mulher: uma expressão de mim**

*Ilma Paula Carvalho da Silva*

## **Introdução**

A escrita deste memorial tem início a partir do processo de introspecção, reflexão e análise do “EU” no aspecto pessoal, na formação acadêmica e profissional, que culmina na busca pelas recordações vivenciadas ao longo de minha trajetória.

Redigi este memorial buscando identificar e refletir sobre as etapas de minha vida. Para tanto, compartilho as situações que penso ser mais significativas e relevantes. Ressaltando que as experiências vividas foram analisadas a partir de minha compreensão de vida atual, conforme disse Magda Soares em seu memorial (1991, p. 37):

Procuo-me no passado e outrem me vejo, não encontro a que fui, encontro alguém que a que foi, vai reconstruindo com a marca do presente. Na lembrança, o passado se torna presente e se transfigura, contaminado pelo aqui e agora.

Optei por escrever o presente memorial obedecendo à ordem cronológica dos acontecimentos vivenciados, de modo a facilitar a compreensão dos fatos. Ao identificar e observar minhas experiências, consegui entender como as várias dinâmicas de formação e aprendizagem de meu passado relacionam-se com meu presente.

## **Minha construção familiar, acadêmica e profissional**

Sou Ilma Paula Carvalho da Silva, natural de Porto Velho, Rondônia, onde nasci em casa no dia 18 de novembro de 1984. Sou a filha do meio de quatro filhos. Tenho como mãe Alexandrina Neri da Silva, paraense, professora do ensino público, e como pai Ivo Carvalho da Silva, amazonense, serralheiro. Não poderia deixar de mencionar a minha avó

paterna, Lilazia Carvalho da Silva, a qual mora conosco desde o casamento de meus pais. Assim sendo, ressalto que venho de uma família humilde, trabalhadora e da periferia.

O início de meu processo educacional ocorreu no Centro Educacional Cora Coralina, o qual foi fundado no ano de 1986 por minha mãe em parceria com Judite Neri, uma de suas irmãs. Estudei nessa escola da pré-escola até a quarta série, etapas de estudo que, até então, eram assim denominadas; os anos estudados nessa escola deixaram-me muitas marcas do que sou hoje.

Recordo de muitos momentos diferentes, divertidos e prazerosos vivenciados nas aulas dos meus professores, em que a interação e a interdisciplinaridade já contemplavam o currículo da escola nas *práxis* de seus profissionais. Aulas práticas, ambiente de biblioteca, construção de peças de teatro, apresentações de danças e musicais, visitas a museus, mercados, cinema, etc., acampamentos, *tour* pela cidade, muitos foram os métodos para o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem dos estudantes. Guardo esses momentos de forma muito especial.

Ao sair do Ensino Fundamental I, ingressei no Ensino Fundamental II na escola Mojuca por meio de convênio do município. Essa foi uma mudança de grande impacto, um choque de realidade, pois de seis disciplinas passei a ter doze, cada uma com seu respectivo professor, com uma prática mais tradicional e religiosa. Ali estudavam alunos do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, diferentemente da minha escola de origem, que contemplava apenas as séries iniciais do Ensino Fundamental. Permaneci nessa escola durante dois anos, saindo quando foi encerrada a vigência do convênio da prefeitura com a escola.

Em seguida, estudei nas escolas COOPEDUC, escola de cooperativa, particular, onde cursei a 7ª série e concluí o Ensino Fundamental II; vindo em seguida a ser matriculada na 8ª série na escola pública estadual João Bento da Costa, ambas escolas de metodologia tradicional de ensino. Contudo, trago recordações positivas do ano cursado na escola João Bento. Percebo que foi uma fase de uma maior percepção e construção do EU a partir do ciclo de amizades, independência de locomoção, ampliação da noção de responsabilidade e tomada de decisões que impactaram em minha vida adulta e resultaram em muito do que sou hoje.

Finalizando, em 1998, o ciclo do Ensino Fundamental II, foi necessária a decisão de como cursar o 2º Grau, assim denominado, na época, o

atual Ensino Médio. Nesse período, o estado disponibilizava o 2º grau profissionalizante em Contabilidade, em Magistério ou Administração em apenas três escolas específicas no município de Porto Velho e o 2º grau regular nas demais. Diante das opções citadas, dos exemplos de familiares, de profissionais do meu ciclo de convívio, da familiaridade com as áreas dos cursos e maior possibilidade de entrada no mercado de trabalho, decidi realizar o Ensino Médio em Magistério, ingressando assim no Instituto Estadual de Educação Carmela Dutra.

O Ensino Médio teve início em 1999 e finalizou em 2001. Foi uma formação de excelência, com ótimos docentes e educadores e com experimentação de didáticas construídas durante o desenvolvimento das disciplinas, dos estágios e dos três anos do curso. Nesse período, o estado informou que não ocorreria mais a oferta do 2º grau com curso integrado, sendo a turma de 1999, a minha turma, a última a ser ofertada.

Com a finalização do Ensino Médio em 2001, consegui aprovação no vestibular e, em 2002, ingressei no Ensino Superior no curso de Engenharia Florestal na Associação de Ensino Superior da Amazônia – Faculdade de Rondônia – FARO. Nesse mesmo período, iniciei o meu primeiro emprego, onde volto ao Centro Educacional Cora Coralina, agora como professora da 2ª série do Ensino Fundamental. Esse trabalho ajudou a mim e à minha mãe a custear a graduação. Assim se efetiva o meu processo formativo como educadora, onde se fecha o ciclo como estudante e inicia efetivamente a prática, a construção de meu profissional dentro do ambiente escolar. Como diz Paulo Freire sobre o processo de construir e reconstruir, quem ensina e aprende ao ensinar.

Durante longos cinco anos, no turno da manhã, dediquei-me às aulas do curso de Engenharia e, no turno vespertino, às atividades da docência. Sempre tive em mente os professores que passaram por minha vida estudantil, os quais serviram como modelo, tanto do que eu desejava ser como também do que eu não queria presente em minha atuação. Não posso deixar de mencionar a minha mãe Alexandrina Neri da Silva e minha irmã Alessandra Carvalho da Silva como modelos de profissionais que sempre me guiaram.

Assim, em 2006, terminei a graduação com a entrega e defesa da monografia intitulada *Uso de efluentes líquidos*, orientada pelo Prof. Dr. Ivonei Otobelli. Confesso que, inúmeras vezes, o desânimo quis me fazer desistir, mas sempre tive em mente que não desistiria de nada daquilo que eu

me propusesse a fazer. Dessa forma, ao término da graduação, continuei na docência de educação infantil na escola Cora Coralina.

Nesse íterim, houve uma pausa na minha formação acadêmica para focar em estudos para concursos públicos na área da Engenharia Florestal, ao mesmo tempo em que permaneci trabalhando como professora. Não posso deixar esse momento fora do memorial. Em dezembro de 2007, dei início a um novo ciclo. Casei-me com Elias de Souza, e juntos construímos uma relação de responsabilidade e compromisso a distância, uma vez que sua profissão o leva a passar longos dias pelas estradas de nosso Brasil, mas sempre me dando apoio em minhas decisões e iniciativas de estudar. Contudo, no período de 2006 até o ano de 2012, não houve concurso do estado ou do município para o cargo de Engenheiro Florestal, o que me desanimou muito.

Mediante a situação, recebi e aceitei o convite de minha amiga Marinalva Barbosa para realizar uma pós-graduação na área ambiental na Faculdade Interamericana de Porto Velho, UNIRON. Cursamos Auditoria e Perícia Ambiental e concluímos o ano de 2010 com a entrega da monografia de curso de especialização intitulado *A exploração sustentável da floresta amazônica*, tendo como orientadora a Profa. Dra. Josélia Fontenele Batista.

Com o término da especialização, Marinalva e meu esposo motivaram-me e me apoiaram para desenvolver trabalhos autônomos de assessoria e consultoria como engenheira e, em contraturno, manter as atividades de docência na escola Cora Coralina.

Planejei, organizei e dei início aos trabalhos como Engenheira Florestal em parceria com um escritório. Durante dois anos, desenvolvi vários trabalhos de assessoria, elaboração de planos de manejo, relatórios ambientais, entre outros processos e atividades na área. Estava um tanto realizada. No entanto, após a execução, responsabilidade sobre os trabalhos e a pressão da fiscalização dos órgãos ambientais, um dos pontos mais desgastantes da atuação eram os pagamentos dos clientes, mesmo sendo acordado previamente com os clientes por meio de um contrato de prestação de serviços. Em alguns casos, foi necessário acionar os serviços do judiciário para o recebimento dos valores, parcelados em anos.

Tais situações levaram-me à descrença na continuidade dos trabalhos e me causaram desgaste emocional e psicológico. Tomei a decisão de não mais atuar na área e tive o apoio de meu esposo. Nesse período, em nenhum momento me ausentei totalmente de meu trabalho na educação.

Em muitas situações, foi esse trabalho que garantiu a renda para honrar os meus compromissos.

A partir desse momento, fiz longas e dolorosas reflexões sobre onde eu poderia ter errado, o que Deus queria me dizer com tudo o que estava ocorrendo, qual era o propósito daquelas situações e qual era o meu propósito de vida, momentos necessários e importantes.

SIM! Eu me reencontrei, percebi e me afirmei no que eu faço de melhor. Sobre o processo de construir, reconstruir e inventar do ser, Paulo Freire nos diz:

Ninguém nasce feito, ninguém nasce marcado para ser isso ou aquilo. Pelo contrário, nos tornamos isso ou aquilo. Somos programados, mas para aprender. A nossa inteligência se inventa e se promove no exercício social de nosso corpo consciente. Se constrói. Não é um dado que, em nós, seja um *a priori* da nossa história individual e social (FREIRE, 1993, p. 104).

Assim, continuei dedicando-me à educação e, em 2012, assumi uma turma da Educação Infantil pela manhã e outra pela tarde e resolvi retornar aos estudos. Dei início a uma graduação em Pedagogia pela Universidade Metodista de São Paulo, UMESP. Concluí no ano de 2015 com a entrega do artigo científico intitulado *A importância da leitura para a formação dos alunos nas séries iniciais*, orientado pela Prof. Ma. Giselda Geronymo Sanchez Bretherick.

Confesso que o conhecimento do curso de Magistério e a experiência docente facilitaram, em muito, a realização da graduação em Pedagogia. No último ano de curso, em 2015, iniciei a especialização em Gestão, Orientação e Supervisão Escolar pela Faculdade de Ciências Administrativas e de Tecnologia, FATEC-RO, e a concluí em 2016 com a entrega do artigo científico intitulado *O Gestor e os funcionários de escola: uma relação para a melhoria da qualidade de ensino*, sob a orientação da Profa. Ma. Claudelice Alves Pereira Varella.

Durante esse período, em 2013, fui convocada para assumir o cargo de técnico administrativo em educação – assistente de aluno no Instituto Federal de Rondônia – IFRO, *Campus* Porto Velho Zona Norte. Nessa ocasião, saí do Centro Educacional Cora Coralina, em que estava desde 2002, para assumir o meu primeiro cargo no serviço público. Ressalto que o impacto foi grande, que cada dia é uma vitória, e o caminho de ressignificação de minha identidade ao atuar nesse cargo é diário.

Analiso que o meu processo de volta à academia na área das Ciências Humanas me proporcionou a conexão com as minhas raízes femininas ao ter consciência de que não há problema em minha trajetória acadêmica e profissional. Sócrates diz que “só é útil o conhecimento que nos torna melhores” (469 a.C. – 399 a.C.). Compreendo que foi isso que aconteceu comigo.

### **Outras possibilidades de atuação profissional**

Ao assumir o cargo no IFRO, *Campus* Porto Velho Zona Norte – PVZN, passei de 2013 a 2015 desenvolvendo atividades junto ao Departamento de Apoio ao Educando do *Campus* Calama, que funcionava no mesmo prédio do *Campus* Zona Norte. No meio do ano de 2015, o diretor do *Campus* Zona Norte, via portaria, indicou-me como coordenadora substituta da Biblioteca. No período de seis meses, fui capacitada no sistema de gestão e patrimônio de bibliotecas e realizei a catalogação de todo o acervo, 4.400 obras, pertencente ao *campus*.

A partir de então, assumiu um novo chefe<sup>1</sup> na Coordenação de Assistência Estudantil – CAED, que me efetiva no *Campus* Zona Norte, do qual eu faço parte. Desse modo, assumi temporariamente a Coordenação de Registros Acadêmicos, onde desenvolvi atividades voltadas às matrículas dos estudantes, ficando nesse setor até a data da efetiva mudança do *Campus* Calama para o seu novo prédio.

Com a liberação dos espaços do prédio, a CAED conseguiu organizar-se em seu espaço e passei a compor a equipe. Só então pude desenvolver minhas reais atribuições, colaborando com os demais colegas da equipe multiprofissional em prol do atendimento aos estudantes.

A partir de 2014, com as ofertas de cursos no ensino a distância – EaD pelo IFRO, *Campus* Porto Velho Zona Norte – tive a oportunidade de atuar, com vínculo de bolsista, como Tutora a distância no curso técnico de Alimentação Escolar – subsequente ao Ensino Médio. Após oito meses, fui convidada pela supervisão do programa Pro-Funcionário para atuar como coordenadora do Curso Técnico de Alimentação Escolar – subsequente ao Ensino Médio.

---

<sup>1</sup> Thiago Pacife, *in memoriam*.

Em 2017, pude ministrar a disciplina de Relações Humanas e Interpessoais no Curso de Recepcionista em Serviços de Saúde, ofertado pelo Programa de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego – PRONATEC. Foi uma experiência ímpar trabalhar com o público de jovens e adultos; assim, tive a oportunidade de acompanhar o ingresso, a permanência e o êxito de alguns deles nos cursos de nível superior em nossa instituição.

Também em 2017, fui convidada pela diretoria de ensino, de comum acordo com os servidores do setor, para assumir a Coordenação de Assistência ao Educando – CAED. Desempenhei essa função até agosto de 2019, a partir do que retornei às atribuições de meu cargo e participações nas comissões portariadas.

Com a ampliação dos cursos na EaD pelo *Campus* Zona Norte, fui selecionada no edital para atuar na equipe multiprofissional de acompanhamento dos cursos em 2020. Desde setembro de 2020, estou como supervisora de tutoria da Coordenação de Educação a Distância – CEaD.

Assim, desde 2019, passando pelo período da pandemia de Covid-19, até os atuais dias de 2022, faço parte das comissões: Membro da Comissão Permanente de Acompanhamento e Análise dos Programas de Assistência Estudantil – CEAC; Membro da Comissão de Avaliação da Flexibilização da Jornada TAE – CAF; Membro da Comissão do Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas – NAPNE; Membro da Comissão de Ética Disciplinar Discente – CEDD; no âmbito do *Campus* Porto Velho Zona Norte, desenvolvendo ações relacionadas cada uma delas.

### **Iniciação das produções científicas e orientações acadêmicas<sup>2</sup>**

Ao chegar na CAED, o Thiago Pacife, chefe do setor na época, tinha o perfil de pesquisador. Durante sua gestão, ele me motivou e apoiou no desenvolvimento de produções acadêmicas, e assim iniciaram-se as escritas. Foram realizadas produções em conjunto, orientações de estudantes envolvidos em nossos projetos, submetidos nos departamentos de pesquisa, extensão e diretoria de ensino dos cursos do *Campus* PVZN.

---

<sup>2</sup> Informação do Currículo do Sistema de Currículos Lattes (Ilma Paula Carvalho da Silva). Disponível no endereço para acesso deste CV: <<http://lattes.cnpq.br/7596421546625716>>.

Algumas produções são frutos dos projetos e outras das ações realizadas pela CAED, sendo publicados artigos completos publicados em periódicos com os respectivos títulos:

1. *O currículo na educação profissional e tecnológica: uma análise da matriz curricular do curso técnico de informática para internet na modalidade concomitante do IFRO Campus Porto Velho Zona Norte*<sup>3</sup>;
2. *Manifestações do esporte educacional no IFRO Campus Porto Velho Zona Norte*<sup>4</sup>; e
3. *Relato de experiência sobre o projeto conhecendo o IFRO Campus Porto Velho Zona Norte*<sup>5</sup>.

Além dos artigos supramencionados, outros trabalhos foram apresentados e publicados completos em anais de congressos, tais como:

1. *A relevância do trabalho desenvolvido pela equipe multiprofissional da Coordenação de Assistência ao Educando – IFRO – Campus Porto Velho Zona Norte, em 2018*<sup>6</sup>;
2. *O Gestor e os Funcionários de escola: uma relação para a promoção da melhoria da qualidade do ensino*<sup>7</sup>;
3. *Diretor escolar: propulsor da gestão de pessoas em prol de uma educação pública de qualidade*<sup>8</sup>;
4. *A Relevância do trabalho desenvolvido pela Equipe Multiprofissional da Coordenação de Assistência ao Educando do IFRO/CAMPUS Porto Velho Zona Norte no cenário de Pandemia*<sup>9</sup>.

---

<sup>3</sup> SILVA, I. P. C.; HOLANDA, J. C.; SALES, C. R.; COLEN, F. R. C.; COSTA, A. S.; FREITAS, F. V. G.; ASSIS, A. S. F. *Revista Científica Semana Acadêmica*, v. 01, p. 01-16, 2019.

<sup>4</sup> SILVA, I. P. C.; LIMA, T. P.; BRITO, E. B. *Informativo das Ações de Extensão: InfoEXT/Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia, Pró-Reitoria de Extensão*, v. 4, p. 89-93, 2015.

<sup>5</sup> LIMA, T. P.; SOUZA, H. A. M.; SILVA, I. P. C. *Informativo das Ações de Extensão: InfoEXT/ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia, Pró-Reitoria de Extensão*, v. 4, p. 93-96, 2015.

<sup>6</sup> SILVA, I. P. C.; COLEN, F. R. C.; SILVA, R. L. In: VI Congresso Nacional da Educação – Avaliação: Processos e Políticas, Fortaleza/CE. *ANAIS de Evento. Anais CONEDU | ISSN: 2358-8829 Congresso Nacional da Educação*. Campina Grande/PB: Editora Realize, 2019. v. 1.

<sup>7</sup> SILVA, I. P. C.; SILVA, A. C.; VARELLA, C. A. P. VII Semana Educa. VII Encontro de Pós-Graduação em Educação, 2016. v.1. In: *VII Semana Educa*, Porto Velho, 2016.

<sup>8</sup> SILVA, A. C.; SILVA, I. P. C.; VARELLA, C. A. P. VI Semana Educa, VI Encontro de Pós-Graduação em Educação com Tema “Educação em Tempos de Crise: Cenários”, 2016. v. 1. In: *VII Semana Educa e VII Encontro de Pós-Graduação em Educação*, Porto Velho, 2016.

<sup>9</sup> SILVA, I. P. C.; COLEN, F. R. C.; JARDIM, L. C. J. G. Anais do III Congresso Amazônico de Educação a Distância – Jamais como antes – A era da educação 5.0. Porto Velho: Even3, 2020. v. Único. In: *III Congresso Amazônico de Educação a Distância – “Jamais como antes: a era da educação 5.0”*, Porto Velho, 2020.

Ressalto que, entre os títulos dos trabalhos mencionados, também foram realizadas outras produções e publicações, como é o caso dos resumos e dos resumos expandidos publicados em anais de congressos.

Destarte, desenvolvemos os seguintes projetos no *Campus Porto Velho Zona Norte*: *Projetos de ensino*, como coordenadora; *Formação para a Cidadania: e o IFRO com isso?* 1ª edição – 2018; *Semana de Educação para a Vida 2018*; como colaboradora, *Formação para a Cidadania: e o IFRO com isso?* 2ª edição – 2019; *Semana de Educação para a Vida* 8ª edição – 2020.

Ademais, participei como co-orientadora dos projetos de pesquisa intitulados: *Estudo sobre a Evasão nos cursos a distância e presencial do IFRO – Campus Porto Velho Zona Norte – 2015 a 2017* e *Perfil Antropométrico e Bioquímico dos estudantes do IFRO campus Porto Velho Zona Norte – 2015 a 2017*; bem como, atuei como coordenadora do projeto *Perfil Socioeconômico e Cultural do Estudante do IFRO Campus Porto Velho Zona Norte – 2015 a 2017*.

Somando com esses trabalhos, foram desenvolvidos sete projetos de extensão, onde participei de alguns como integrante da equipe, sendo eles: *Jogos de Integração do IFRO Campus Porto Velho Zona Norte – 2015 e 2016*; *Jogos do Campus Porto Velho Zona Norte: vivendo a cidadania no esporte – 2016*; *Informática Básica e Inclusão Digital – 2016*; *Projeto Conhecendo o IFRO – Campus Porto Velho Zona Norte – 2016*; *Projeto Educação em Saúde – 2016*; *I Jogos Interclasses do IFRO Campus Porto Velho Zona Norte – 2016*; e como coordenadora do Projeto *Rádio Escola Campus Porto Velho Zona Norte – 2016 e 2017*.

## **Continuação do meu processo de conhecimento**

Nos dois últimos anos, 2020 e 2021, diante do cenário pandêmico e da possibilidade da realização de capacitações e participação em evento a distância, uma forma de que as limitações geográficas não foram empecilhos à participação, apreciei a defesa de algumas bancas de mestrado e doutorado, despertando em mim um maior desejo por fazer mestrado.

Durante esse período, tentei participar de alguns processos de seleção, sendo aprovada até a fase da entrevista. A situação não me fez desistir, mas, ao contrário, me dei essa oportunidade de continuar buscando a aprovação.

Ao passar alguns meses, recebo de uma colega de trabalho a divulgação do edital do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica. Conversamos muito sobre o assunto, li o edital, denominado

“Histórico Profissional e Acadêmico”, o qual possibilitava aos candidatos apresentarem aspectos referentes às suas funções profissionais e produções/participações acadêmicas relevantes ao ProfEPT.<sup>10</sup> Identifiquei-me e decidi me inscrever para participar do processo de seleção.

Assim, em 25 de fevereiro de 2022, meu nome constava na lista de classificação dos(as) candidatos(as) servidores e, no dia 22 de março de 2022, na lista de convocados. Recebi e-mail de convocação do Departamento de Pesquisa, Inovação e Pós-Graduação no dia 23 de março. Naquela oportunidade, a Profa. Dra. Xênia de Castro Barbosa informou o período da matrícula de 25 a 28 de março de 2022. Diante da situação, ocorre-me uma emoção grandiosa, na qual me passou um filme mental de todo o processo até chegar àquele momento, o que me levou às lágrimas e enorme gratidão.

Tudo me leva até este momento, no qual redijo o meu memorial, trabalho solicitado como critério avaliativo das primeiras disciplinas de Seminário de Pesquisa e Metodologia de Pesquisa com as Profas. Dras. Lediane Fani Felzke, Iza Reis e Sandra Ferrari. Enfatizo que a escrita deste memorial proporcionou-me uma semana de reflexões, conflitos e sentimentos que me fogem à denominação.

## Conclusão

No desenvolvimento do meu mestrado, pretendo abordar em minha dissertação e/ou produto educacional temática relacionada à Educação a Distância, com o tema: *Mediação pedagógica: práticas e desafios em cursos técnicos, na modalidade EaD, do Instituto Federal de Rondônia – Campus Porto Velho Zona Norte*. Compreendo que o assunto parte da linha de pesquisa Práticas Educativas em Educação Profissional e Tecnológica (EPT).

Compartilho que a escrita desse memorial me levou ao resgate de muitos momentos da vida, alguns bons e outros não tão bons assim, os quais não valem ser mencionados, que me fizeram ser quem EU sou em todos os aspectos e que hoje os visualizei com mais maturidade e novos sentimentos. Define memorial acadêmico como:

---

<sup>10</sup> Informação disponível no site do Instituto Federal do Espírito Santo: Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (PROFEPT). Disponível em: <<https://profeppt.ifes.edu.br/sobrefeppt>>.

[...] gênero acadêmico autobiográfico, por meio do qual o autor se (auto)avalia e tece reflexões críticas sobre seu percurso intelectual e profissional, em função de uma demanda institucional. O interesse de sua narrativa é clarificar experiências significativas para a sua formação e situar seus projetos atuais e futuros no processo de inserção acadêmica e ascensão profissional (PASSEGGI, 2008, p. 120).

Organizar e transcrever o caminho percorrido até os dias atuais não foi tão simples. Refletir sobre as práticas é difícil, mas necessário, e me faz perceber que não é errado recomeçar e que ainda tenho que caminhar. Há situações que nos causam conflitos, tiram-nos do conforto, levam-nos à construção de novos conhecimentos e saberes. Nesse contexto, acredito que esse mestrado é de suma importância para o meu aprimoramento profissional e respectiva contribuição para a educação.

## Referências

- FREIRE, Paulo. *Política e educação: ensaios*. São Paulo: Cortez Editora, 1993. p. 104.
- IFRO – Instituto Federal de Rondônia. *Regulamento Geral do Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (ProfEPT)*. Disponível em: <<http://profepi.ifes.edu.br/regulamentoprofepi>>. Acesso em: 11 abr. 2022.
- PASSEGGI, Maria da Conceição. Memoriais: injunção institucional e sedução autobiográfica. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino (org.). *(Auto)Biografia: formação, territórios e saberes*. São Paulo: Paulus; Natal: EDUFRN, 2008. p. 103-132.
- SOARES, Magda. *Metamemória-memórias: travessia de uma educadora*. São Paulo: Cortez, 1999.

# **Uma trajetória memorística dos percalços e vitórias em direção ao conhecimento pessoal, profissional e científico**

*Ivonete da Silva Cardoso Vieira*

*Ninguém caminha sem aprender a caminhar,  
sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo  
e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar.*

Paulo Freire

Meu nome é Ivonete da Silva Cardoso. Nasci em 04 de abril de 1984 na cidade de Teresina-PI, filha de Robson Cardoso e Maria de Lourdes da Silva Cardoso. Casada com Saulo Souza Vieira, tenho uma filha: Elysama. Resido na cidade de Candeias do Jamari-RO desde 1994. Meus pais, naturais de Teresina-PI, cursaram até a quarta série do Ensino Fundamental, mas desenvolvem bem a leitura e cálculos simples de matemática. Meu pai é pedreiro e carpinteiro, e minha mãe por muito tempo trabalhou como empregada doméstica. Atualmente é do lar.

## **Formação acadêmica**

Minha graduação foi na Faculdade São Lucas na cidade de Porto Velho-RO, feita por meio de uma oportunidade, uma bolsa para cursar Administração através da empresa em que trabalhava, a Escola Santa Marcelina. As aulas iniciaram no segundo semestre de 2007; lembro que iniciamos com a disciplina de Português e com uma atividade de muita interação e apresentação da turma. Apesar das dificuldades devido à distância, pois moro na cidade que fica a 25 km da Faculdade, e do cansaço por trabalhar o dia todo, sempre me dediquei em todas as atividades propostas, conforme o cronograma.

O trabalho de conclusão de curso foi apresentado à banca em 2012, cujo tema foi Satisfação no Trabalho, em que a pesquisa foi aplicada na

Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos na cidade de Porto Velho-RO. A pesquisa alcançou os objetivos através da apresentação dos resultados.

Concluí a graduação no segundo semestre de 2012, e um dos momentos marcantes foi a colação de grau, pois estavam sendo concretizados dois sonhos ao mesmo tempo: a diplomação do curso de Administração e a confirmação de minha gravidez. O melhor de tudo foi poder compartilhar com as pessoas que sempre estiveram a meu lado durante a caminhada dando-me apoio. E hoje vejo que valeu a pena superar todas as dificuldades e a conquista alcançada. Sou muito grata a Deus por tudo.

- Pós-Graduação *lato sensu*:

- Curso: Metodologia do Ensino Superior e EaD
  - a. Instituição: FAEL
  - b. Ano de Conclusão: 2016
  - c. TCC: Diversidade Cultural

Antes de iniciar esse curso Metodologia do Ensino Superior e EaD, surgiram muitas dúvidas em mim: por que esse curso? Quais as possibilidades de atuar na área? Será que é isso mesmo que eu quero?

Mas hoje vejo que acertei na decisão, pois muitas oportunidades surgiram através desse curso. Valeu a pena ter feito. No curso, aprendi como utilizar as mídias e tecnologias na construção do conhecimento e a relação da mídia com a educação, os fundamentos da Pedagogia do Ensino Superior e as suas finalidades, o enfrentamento da diversidade na escola e a inclusão educacional, como compreender o comportamento no processo de aprendizagem e a estrutura da educação a distância.

- Pós-Graduação *lato sensu*<sup>2</sup>:

- Curso: Gestão em Educação a Distância
  - a. Instituição: IFRO
  - b. Ano de Conclusão: 2021
  - c. TCC: Qualidade na Educação à distância na Amazônia: análise do método avaliativo aplicado pelo corpo docente que atua nos cursos EaD no Centro Tecnológico de Mecatrônica Sesi/Senai/CETEM em Porto Velho-RO

O curso Gestão em Educação a Distância proporcionou-me o aperfeiçoamento profissional, de forma que ampliou a visão global do processo produtivo com o conhecimento tecnológico, a valorização da cultura e o

trabalho e a habilidade necessária para tomadas de decisão no desenvolvimento das atividades educativas.

Através dessa formação surgiram oportunidades para atuar na mediação de cursos de qualificações, técnicos e graduação a distância nas áreas de planejamento, implantação, gestão e metodologias.

•Pós-Graduação *lato sensu*:

– Curso: Formação Pedagógica para graduados não licenciados

a. Instituição: IFRO/UAB

b. Ano de Conclusão: 2021

c. TCC: Educação Profissional e Tecnológica: uma análise do perfil de formação dos docentes da educação EPT

Nesse curso, atingi um conhecimento satisfatório por meio de situações de aprendizagem aplicadas no decorrer da formação, momentos que proporcionaram o aprofundamento de conteúdos por meio de leituras e atividade de prática de ensino na área de Administração.

## **Formação Profissional**

**2006 – 2010 Escola Santa Marcelina**

**Cargo: Assistente Administrativo**

Principais atribuições: Operar o Sistema da SEDUC; Realizar matrículas; Emitir declarações, boletins, históricos e certificados; Arquivar documentos; Operar máquinas e equipamentos necessários à execução de tarefas afins; Atender telefone, proceder a registros e controles; Prestar informações internas e externas; Auxiliar no desenvolvimento de atividades da área administrativa; Realizar o atendimento interno, efetuando as devidas tratativas quanto às situações pontuais apresentadas.

**2010 – 2012 Caixa Econômica Federal**

**Cargo: Assistente Administrativo**

Principais atribuições: Acompanhar o processo de aquisição de produtos/serviços; Emitir ateste para as notas fiscais; Encaminhar notas fiscais para pagamento; Supervisionar a execução dos serviços das terceirizadas; Distribuir materiais administrativos; Arquivar documentos; Coletar, organizar correspondências e documentos diversos; Atender telefone, pro-

ceder a registros e controles; Prestar informações internas e externas; Auxiliar no desenvolvimento de atividades da área administrativa.

### **2014 – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – SENAI CETEM-RO**

#### **Cargo: Assistente Administrativo**

Principais atribuições: Operar o Sistema Educacional (TOTVS); Operar o Sistema Integrado de Gerenciamento Escolar (SIGE); Realizar matrículas; Emitir Comunicação Interna, Cartas, declarações, Ata de Reunião, Ata de Conselho de Classe, históricos e certificados/diplomas; Emitir relatório para seguro escolar dos alunos; Receber e enviar via malote os pagamentos dos boletos das mensalidades; Acompanhar a vida escolar dos alunos; Auxiliar no fechamento da produção de cada mês; Coletar, organizar correspondências e documentos diversos; Controle de livros da biblioteca; Preencher formulários, gráficos, tabelas; Atender telefone, proceder a registros e controles; Prestar informações internas e externas; Auxiliar no desenvolvimento de atividades da área administrativa; Realizar o atendimento interno, efetuando as devidas tratativas quanto às situações pontuais apresentadas; Estruturar e conduzir as atividades e rotinas de sua área/unidade; Cumprir as determinações estabelecidas nas normas e procedimentos da empresa; Emitir e receber documentos via Prodoc; Abrir, acompanhar e avaliar chamados no sistema OCOMON; Auxiliar no Marketing dos cursos ofertados; Realizar a gestão nos atendimentos aos discentes nas modalidades Presencial e a Distância.

### **2020 – 2020 Instituto Federal de Rondônia/IFRO**

#### **Cargo: Professora Mediadora no Curso FIC Assistente Administrativo**

Principais atribuições: Participar de capacitação específica para o desempenho de sua função; Exercer as atividades típicas de tutoria; Acompanhar as atividades do Ambiente Virtual de Aprendizagem – AVA; Mediar a comunicação de conteúdos entre o professor e o cursista; Colaborar com o professor formador nas discussões teóricas desenvolvidas na plataforma de aprendizagem; Assistir aos alunos nas atividades do curso; Apoiar o professor da disciplina nas atividades do curso; Elaborar, juntamente com o professor formador, os relatórios de regularidade dos alunos; Elaborar, juntamente com o professor formador, os relatórios de desempenho dos alunos nas atividades desenvolvidas; Elaborar e corrigir, juntamente com o

professor formador, as atividades avaliativas; Participar de reuniões pedagógicas, quando convidado; Participar dos eventos presenciais nos polos, quando necessário; Estabelecer e promover contato permanente com os alunos de forma coletiva e individualizada a distância; Lançar as notas dos alunos no Sistema Unificado de Administração Pública.

## **2020 – 2020 Instituto Federal de Rondônia/IFRO**

### **Cargo: Professora Conteudista e Mediadora no Curso FIC Gestão de Carreiras**

Principais atribuições: Participar de capacitação específica para o desempenho de sua função; Exercer as atividades típicas de tutoria; Acompanhar as atividades do Ambiente Virtual de Aprendizagem – AVA; Mediar a comunicação de conteúdos entre o professor e o cursista; Colaborar com o professor formador nas discussões teóricas desenvolvidas na plataforma de aprendizagem; Assistir aos alunos nas atividades do curso; Apoiar o professor da disciplina nas atividades do curso; Elaborar, juntamente com o professor formador, os relatórios de regularidade dos alunos; Elaborar, juntamente com o professor formador, os relatórios de desempenho dos alunos nas atividades desenvolvidas; Elaborar e corrigir, juntamente com o professor formador, as atividades avaliativas; Participar de reuniões pedagógicas, quando convidado; Participar dos eventos presenciais nos polos, quando necessário; Estabelecer e promover contato permanente com os alunos de forma coletiva e individualizada a distância; Lançar as notas dos alunos no Sistema Unificado de Administração Pública.

## **2020 – Instituto Federal de Rondônia/IFRO**

### **Cargo: Professora Mediadora no Curso Superior em Gestão Comercial**

Principais atribuições: Participar de capacitação específica para o desempenho de sua função; Exercer as atividades típicas de tutoria; Acompanhar as atividades do Ambiente Virtual de Aprendizagem – AVA; Mediar a comunicação de conteúdos entre o professor e o cursista; Colaborar com o professor formador nas discussões teóricas desenvolvidas na plataforma de aprendizagem; Assistir aos alunos nas atividades do curso; Apoiar o professor da disciplina nas atividades do curso; Elaborar, juntamente com o professor formador, os relatórios de regularidade dos alunos; Elaborar, juntamente com o professor formador, os relatórios de desempenho dos alu-

nos nas atividades desenvolvidas; Elaborar e corrigir, juntamente com o professor formador, as atividades avaliativas; Participar de reuniões pedagógicas, quando convidado; Participar dos eventos presenciais nos polos, quando necessário; Estabelecer e promover contato permanente com os alunos de forma coletiva e individualizada a distância; Lançar as notas dos alunos no Sistema Unificado de Administração Pública.

### **Atividade profissional atual**

Sou colaboradora do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial/ SENAI na unidade Centro Tecnológico de Mecatrônica/CETEM, localizada na Avenida Oreste Floriano Bonato, 1539, Bairro Distrito Industrial – Porto Velho-RO. Trabalho há oito anos na instituição, desempenhando o cargo de Assistente Administrativo com as atividades de acompanhamento de desenvolvimento dos alunos nos cursos voltados para a área industrial. O Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) é um dos cinco maiores complexos de educação profissional do mundo e o maior da América Latina. Seus cursos formam profissionais para 28 áreas da indústria, desde a iniciação profissional, passando pela qualificação, técnico e aperfeiçoamento, além da aprendizagem industrial. Atuando há mais de 56 anos em Rondônia, suas ações de qualificação profissional realizadas já formaram mais de 150 mil trabalhadores em todo o estado. O SENAI aposta em formatos educacionais diferenciados e inovadores, que vão além do tradicional modelo de educação na modalidade presencial e a distância. Trabalhar com a educação despertou em mim a curiosidade em descobrir mais sobre a área.

Atualmente, desenvolvo as atividades de professora mediadora no curso superior de Gestão em Comercial do Instituto Federal de Rondônia/ IFRO Zona Norte na área de conhecimento/eixo tecnológico das Ciências Sociais Aplicadas/Gestão e Negócios. O principal objetivo do curso é suprir a demanda por profissionais qualificados com conhecimentos técnicos e mercadológicos compatíveis com as complexidades de um sistema de produção, distribuição e consumo cada vez mais exigente.

### **Atividades profissionais anteriores**

Minha primeira oportunidade para trabalhar surgiu na Escola Santa Marcelina na função de zeladora em 2006. Nessa função, trabalhei por três

anos, e em 2010 a diretora escolar ofereceu o cargo de assistente administrativo para auxiliar nas atividades da secretaria escolar, tendo em vista que estava cursando o 3º período do curso de Administração. O convite foi aceito e com gratidão pelo reconhecimento e dedicação.

No 4º período do curso, comecei o meu estágio na Caixa Econômica Federal, que teve duração de dois anos. Trabalhei no setor de logística, desempenhando atividades administrativas como supervisionar os serviços prestados pelas terceirizadas, certificar notas de serviços, entre outras atividades. No estágio, adquiri conhecimento e habilidade nos processos administrativos e desenvolvi a comunicação empresarial.

Trabalhei como professora mediadora do curso Formação Inicial e Continuada (FIC) de Assistente Administrativo pelo Instituto Federal de Rondônia. O curso faz parte do programa Novos Caminhos do Ministério da Educação (MEC). São cursos 100% on-line e são ofertados gratuitamente a pessoas em vulnerabilidade socioeconômica e/ou ambiental. O curso de Assistente Administrativo foi criado para oportunizar à população de Rondônia uma formação pública de qualidade em curto período, especialmente em uma época de isolamento social e restrições de atividades presenciais por conta da Covid-19. Durante a tutoria, adquiri muitos conhecimentos e obtive experiências nessa modalidade de ensino, que tem ganhado espaço na educação brasileira.

## **Participação em projetos**

### **Projeto de Ensino: Sonhar, organizar e estruturar! Desenvolvimento de uma estrutura organizacional alinhada à gestão de pessoas**

Particpei da equipe de apoio aos alunos do curso Técnico em Administração subsequente do IFRO Zona Norte no acompanhamento da execução das etapas do projeto.

### **Projeto de Extensão Curso de formação inicial Gestão de Carreiras**

No curso Gestão de Carreiras, trabalhei desde a elaboração do projeto para submissão ao edital para cursos de extensão do IFRO até a sua conclusão. Desempenhei as atividades de professora conteudista e mediadora. Momentos de vivência de situações e práticas de aprendizagem, as

quais foram essenciais para a aquisição de conhecimento e habilidade na carreira de docente.

### **Participação em eventos e congressos**

Participação na comissão organizadora do evento **MUNDO SENAI** das edições 2018, 2019 e 2021 da Unidade SESI SENAI CETEM – Centro Tecnológico de Mecatrônica – Prof. Dr. Volkmar Schuler.

O **MUNDO SENAI** é uma oportunidade de conhecer projetos integradores desenvolvidos por nossos alunos, que unem educação e inovação para pensar possíveis soluções para empresas, estudantes das redes pública e privada e sociedade. É um evento que envolve palestras, mostras tecnológicas, minicursos, orientação profissional, visitas aos laboratórios que simulam o dia a dia da indústria e muito mais e que acontecem em dois dias.

### **Atividades de pesquisa**

Pesquisa de campo realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental Maria Gorete Alves no município de Candeias do Jamari-RO. A pesquisa foi realizada para atender a atividade da disciplina Organização e Gestão da Educação do curso de Formação Pedagógica para graduados não licenciados do IFRO.

O tema da pesquisa foi “Organização e Gestão Escolar: entrevista com a gestora educacional da Escola Municipal de Ensino Fundamental Maria Gorete no município de Candeias do Jamari-RO”. O trabalho buscou investigar a concepção de gestão democrática nas ações educativas na Escola de Ensino Fundamental Maria Gorete do município de Candeias do Jamari-RO. O estudo foi realizado por meio de uma entrevista com a gestora da escola a partir da abordagem sobre a organização e gestão escolar.

O estudo ofereceu as contribuições sobre a possibilidade de desenvolvimento de uma nova relação com o conhecimento na análise das ações educativas investigadas. A pesquisa de abordagem qualitativa utilizou como instrumentos de coleta de dados tanto a análise documental como entrevistas com a gestora. Os resultados encontrados na pesquisa indicaram que a gestão democrática é capaz de articular os recursos visando bons resultados e que determina a qualidade do ensino.

## Conclusão

Um dos motivos que me levou a escolher o mestrado Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) é que o curso proporciona formação em Educação Profissional e Tecnológica, com foco para a geração de conhecimento e o desenvolvimento de produtos através da realização de pesquisas que integram os saberes referentes ao mundo do trabalho e aos conhecimentos pertinentes à educação profissional ou em outros ambientes.

As principais expectativas quanto ao mestrado ProfEPT são a busca por conhecimentos relacionados à Educação Profissional e Tecnologia e suas inovações, em seguida ter oportunidades de trabalhar na docência, dessa forma melhorar as ações na Amazônia, formação técnica profissional e as ligações com o desempenho profissional na prática. Quanto ao curso, espero que me proporcione o conhecimento para contribuir na solução de problemas sociais da região amazônica.

Com a orientação da professora Dr.<sup>a</sup> Iza Reis Gomes desenvolverei a temática “A educação profissional e tecnológica e a mulher negra na Amazônia: a contribuição da formação EPT do Instituto Federal de Rondônia para o desenvolvimento econômico, cultural e social dos afro-brasileiros do curso técnico subsequente”. Pretendo desenvolver os seguintes temas na pesquisa: A mulher negra, a educação profissional e tecnológica e as políticas do mundo do trabalho da mulher afro-brasileira.

A escolha do tema justifica-se pelos seguintes motivos:

- Devido à origem de minha família ser negra e por ter mulheres valentes que sempre batalharam para dar o melhor para seus filhos;
- Devido à região amazônica ter a contribuição da mão de obra dos afro-brasileiros em seu desenvolvimento;
- Compreender a contribuição da EPT para as mulheres negras;
- Traçar os caminhos percorridos pelas mulheres negras desde o ingresso na educação profissional até o mercado de trabalho.

A proposta de intervenção é compreender como a formação Educação Profissional e Tecnológica, ofertada na região amazônica, pode contribuir para o desenvolvimento econômico, cultural e social dos afro-brasileiros e promover nas mulheres negras a autoestima para romper barreiras da desigualdade.

# Memórias de uma cunhantã na Amazônia Ocidental

*Jeane da Silva Lopes*

*Olhar para o passado deve ser apenas um meio de entender mais claramente o que e quem eles são, para que possam construir mais sabiamente o futuro.*

Paulo Freire

## Introdução

O referido memorial tem como objetivo apresentar minha trajetória de vida, que se passou em um local que tenho o imenso orgulho de descrever, a Região Amazônica Ocidental, importante área para o Brasil, que constitui 42,97% do território da Amazônia Legal. Ela é constituída pelos estados do Amazonas, Acre, Rondônia e Roraima. Na cidade de Manacapuru – Amazonas, situada às margens do rio Solimões com seus 99.613 habitantes, cidade turística localizada a 93 km de Manaus, reconhecida nacionalmente por suas tradicionais danças folclóricas, *Festival Ciranda* e por seus lindos lagos de águas cristalinas. Esse fato aconteceu no ano de 1985, quando tinha apenas 15 anos de idade.

Em um final de tarde, como era costume, eu e minhas amigas íamos para a Praça 16 de Julho, localizada próximo ao cais às margens do rio Solimões, um dos grandes pilares da cultura manacapuruense. Por muitos anos, foi uma referência na cidade era um ambiente familiar e de lazer nos fins de tarde; conversar fazer novos amigos é até mesmo paquerar, era a diversão dos jovens na época.

Por ser uma cidade tranquila, era comum recebermos famílias que vinham da capital e com elas alguns rapazes soberbos. Minhas amigas e eu decidimos que, se conhecêssemos alguns deles, diríamos que não morávamos ali naquela pequena cidade do interior – uma forma de dar o troco àqueles rapazes orgulhosos que adoravam aparecer. Paramos próximo ao

chafariz para olhar os peixes que ali estavam. De repente, três rapazes aproximaram-se, apresentaram-se dizendo que eram da capital; é claro, não éramos também de lá, eu em particular morava em Porto Velho-Rondônia, minhas amigas no Acre e Roraima. Passados alguns finais de semana, lá estavam os rapazes que havíamos conhecido; ao vê-los, ríamos e nos escondíamos por trás dos monumentos a fim de não ser reconhecidas.

Essa lembrança sempre vem à minha mente; até hoje, uma simples brincadeira discorreu toda uma trajetória de vida da qual jamais imaginei fazer parte. Três anos depois desse pequeno episódio, estava casada, morava em Porto Velho – Rondônia com meu esposo e minha pequena filha. Por mais que os anos passem, sempre estão latentes, trazendo consigo processos de reflexões de minha evolução pessoal, acadêmica e profissional.

### **Desbravando a Amazônia**

Nascida em Manaus – Amazonas em 11 de agosto de 1970, baré com muito orgulho, de uma família de nove irmãos, pais chamados Antônio Alves da Silva e Maria Tavares da Silva, ambos falecidos, foram do interior do Amazonas para a capital na década de 1960. Meu pai era comerciante com apenas o Primário, hoje Ensino Fundamental I, e minha mãe era anal-fabeta. Ao chegarem em Manaus, passaram por muitas dificuldades, motivo que influenciou meu pai a tomar a decisão de iniciar uma nova vida em Manacapuru em 1972; por ser um homem jovem empreendedor de muita força e determinação, tornou-se um dos comerciantes mais fortes da cidade. Nesse período, iniciei meus estudos: na Escola Estadual Carlos Pinho o Ensino Fundamental I (primário), no Colégio Nossa Senhora de Nazaré o Ensino Fundamental II (ginásio); não cheguei a concluir o Ensino Fundamental II completo; parei os estudos na 8ª série.

Ao chegar em Porto Velho – Rondônia aos meus 18 anos, tinha o desejo de continuar meus estudos; precisava completar o Ensino Fundamental e iniciar o Ensino Médio (2º grau). Grandes desafios estavam à minha frente: não só os estudos que teria que concluir, mas desbravar um estado totalmente desconhecido. Por mais que pertençam à mesma região, minhas experiências de migração eram tão diminutas, que o local mais longe que eu havia viajado até aquele momento eram os 93 km de distância.

No segundo ano em que morávamos em Porto Velho, meu esposo aceitou um convite de trabalho para mudarmos para o Acre; tínhamos aca-

bado de sair do meu estado, e lá estava eu no segundo estado e indo para o terceiro, para a cidade de Rio Branco – Acre, situada no extremo oeste da Amazônia Ocidental, reconhecido como o único estado brasileiro compreendido no quinto fuso horário em relação Greenwich e a última área a ser incorporada ao território nacional (ALVES, 2013, p. 51).

A passagem por Rio Branco foi apenas de seis meses, mas bem significativa. Conheci vários amigos, que até hoje deixam saudades. Ao voltarmos para Rondônia, continuei meus objetivos de estudos; concluí o Ensino Fundamental I aos 19 anos. Nesse período, chegou meu segundo filho, e por ser muito pequeno, tinha que esperar completar de 2 a 3 anos para que voltasse a estudar novamente; era uma decisão de meu marido; segundo ele, não conseguia cuidar de criança muito pequena. Após esse período, matriculei-me no Instituto Estadual de Educação Carmela Dutra para fazer o Ensino Médio Técnico Magistério. No último ano do Ensino Médio (1995), chegou minha terceira filha, bem como meu diploma de Magistério.

### **Formação acadêmica e profissional**

Um ano depois, prestei concurso público do estado de Rondônia como professora do 1º ao 5º ano – Magistério. Nesse mesmo ano entrou em vigor a Lei das Diretrizes e Bases da Educação, a Lei 9394/96, trazendo grandes mudanças, influenciando a elaboração do Plano Decenal de Educação para Todos (1993), pondo em vigor metas do Programa de Capacitação de Professores Leigos – PROHACAP, do qual fiz parte como professora/aluna de 2000 a 2004. Não me envergonho de dizer que fiz parte desse programa de formação de professores. Conhecia as dificuldades de cursar um nível superior na década de 80 e 90; a oferta era bem restrita e com poucas oportunidades para a classe trabalhadora. Ingressar na universidade era privilégio de poucos, apesar de saber que a educação é um direito social básico e como tal está inscrita em um processo histórico que se configura pelos seus desafios na formação de professores.

Sempre dava um jeito de participar dos cursos de capacitação que o governo do estado ofertava aos professores; jamais perdi qualquer oportunidade de aprender. Concluí vários cursos de capacitação profissional, sempre em busca de atividades desafiadoras; quando os processos de aprendizagem eram superados, perdia o interesse.

No início de minha carreira profissional como professora alfabetizadora, devo confessar que minhas habilidades nessa área eram bem rasas e com elas havia muitas inseguranças; comecei a pesquisar tudo o que se relacionava à alfabetização. Iniciei um curso pelo Ministério da Educação – MEC, Programa de Professores Alfabetizadores – PROFA, uma experiência que possibilitou não só me apropriar dos conhecimentos teóricos, mas mudar completamente minhas concepções de educação, bem como minhas práticas pedagógicas; o que antes era um desafio tornou-se algo superado. Tardif (2018, p. 241) afirma:

[...] que os professores devem ser considerados como sujeitos do conhecimento e reconhecer ao mesmo tempo que deviam ter o direito de dizer algo sobre sua formação profissional, ser ouvidos, que um dos maiores desafios é abrir um espaço maior de conhecimento prático dentro do currículo, que o trabalho do professor exige conhecimentos específicos à sua profissão.

A Pedagogia oportuniza o pedagogo a realizar outras funções. Fui em busca de novas experiências. Trabalhei como tutora de cursos técnicos profissionalizantes (Profucionário – SEDUC/graduação-UAB-UNIR), como orientadora educacional da Secretaria Municipal de Educação (SEMED) e como supervisora pedagógica do Ensino Fundamental e Médio, técnica educacional, formadora de professores e coordenadores pedagógicos da Secretaria de Estado da Educação (SEDUC/RO). Todas essas experiências tiveram seu momento desafiador.

As especializações de pós-graduação *lato sensu* foram em Gestão Escolar e Psicopedagogia, Formação de Professores e Propriedade Intelectual. Fazer uma nova graduação sempre fez parte de meus planos. Em 2017, concluí o bacharelado em Ciências da Informação – Biblioteconomia – na UNIR, o que aguçou meu interesse pela Propriedade Intelectual. Realizei vários cursos na área pela Organização Mundial de Propriedade Intelectual – WIPO.

### **A pós-graduação *stricto sensu***

Há alguns anos, vinha pleiteando uma vaga nos cursos de pós-graduação *stricto sensu*; participei de vários processos seletivos, chegando até mesmo nas últimas fases. Confesso que não sou uma profissional de publicações; isso prejudicou consideravelmente meu desempenho nos processos seletivos dos quais participei.

No ano de 2022 consegui a tão desejada vaga no mestrado pelo Instituto Federal de Rondônia – IFRO por meio do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT). Como iniciante, tenho muitas expectativas por se tratar de uma formação voltada à Educação Profissional e Tecnológica – EPT. Creio que será um dos desafios mais relevantes de minha trajetória acadêmica; mais uma oportunidade em tempo presente em busca de uma formação omnilateral. Segundo Frigotto e Ciavatta (2012, p. 265):

Educação omnilateral significa a concepção de educação ou formação humana que busca levar em conta todas as dimensões que constituem a especificidade do ser humano e as condições objetivas e subjetivas reais para o seu pleno desenvolvimento histórico. Essas dimensões envolvem sua vida corpórea material e seu desenvolvimento intelectual, cultural, educacional, psicossocial, afetivo, estético e lúdico.

O mestrado veio corroborar os conhecimentos que ainda pretendo aprofundar, e um deles é a pesquisa dentro de minha área profissional. Desenvolvi nestes últimos anos um trabalho que considero incompleto. Toda a minha vida profissional atuei na Educação Básica, a maior parte como coordenadora pedagógica, acumulando experiências nas três etapas de ensino.

A experiência mais significativa que considero nestes últimos anos foi participar do Programa de Apoio à Implementação da Base Nacional Comum Curricular – Pró BNCC como coordenadora de Etapa do Ensino Fundamental II, na construção de Referencial Curricular da Educação Infantil e Ensino Fundamental do Estado de Rondônia em 2018 e 2019, da qual fiz parte pela Secretaria de Estado da Educação de Rondônia (SEDUC).

Em 2020, iniciei meus trabalhos como coordenadora pedagógica do 3º ano no Projeto Ensino Médio com Mediação Tecnológica. Nesse mesmo período, a SEDUC estava elaborando o Referencial do novo Ensino Médio, que foi homologado no final do ano de 2020. Em sua proposta de implantação na rede estadual de ensino, o novo Ensino Médio será de forma gradual, iniciando com o 1ª ano em 2021, o 2º ano 2022 e o 3º ano 2023 em todas as unidades escolares do estado de Rondônia.

Minha intenção é trazer à tona algumas reflexões sobre Educação Profissional e Tecnológica na formação dos estudantes do novo Ensino Médio, já que a proposta curricular concilia com os objetivos de preparação para o prosseguimento de estudos, de capacitação para o trabalho e de

desenvolvimento pessoal nos padrões contemporâneos estabelecidos entre a Educação Básica e a Educação Profissional (Referencial Curricular – SEDUC/RO, 2001, p. 11).

Como coordenadora pedagógica dos Itinerários Formativos do Projeto de Ensino Médio com Mediação Tecnológica e pesquisadora na área, penso em propor um Produto Educacional que contribua na formação dos coordenadores pedagógicos e professores do novo Ensino Médio. Proponho um guia ou e-book orientador para facilitar a compreensão da inserção dos Itinerários Formativos com foco na formação técnica e profissional dos estudantes no novo Ensino Médio.

### **Considerações finais**

Olhar para trás me faz lembrar de quem eu era: uma menina do interior do Amazonas, que brincava com a geografia dos estados em que gostaria de morar. Por destino do acaso, a pequena brincadeira tornou-se uma realidade. Isso me faz pensar que sonhos são possíveis, ainda mais quando esses sonhos se transformam em objetivos e metas a serem alcançados. Como diz Paulo Freire (1970, p. 47): Olhar para o passado deve ser apenas um meio de entender mais claramente quem eles são para que possam construir mais sabiamente o futuro. Hoje sei quem eu sou e sei o que ainda posso construir, para realizar meus objetivos.

Aprender tem sido meu maior objetivo durante todos esses anos, meu maior estímulo e motivo para a construção de todos os feitos até aqui. Orgulho-me do que me tornei, das conquistas que realizei, das experiências que acumulei, mas também dos obstáculos que ultrapassei, que por sinal não foram pequenos e nem poucos, porém serviram de escudo para cada vitória.

Posso dizer que, no aspecto pessoal, o meu maior desejo hoje é ter a oportunidade de carregar no colo meu neto ou neta, apesar de saber que não depende de mim sua chegada. Já no campo acadêmico, realizo-me todas as vezes que um desafio está à minha frente; neste momento é o Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica – EPT um tanto desafiador, mas possível de ser realizado e até mesmo transposto para seguir a um doutorado. Em termos profissionais, pretendo contribuir com um produto educacional para os coordenadores pedagógicos e professores do novo Ensino Médio.

## Referências

- ALVES, Benedito Antônio. *Amazônia brasileira soberania ameaçada*. 1. ed. Porto Velho-RO: Indústria Gráfica Imediata Ltda., 2013.
- BRASIL. *Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996*. Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Brasília, DF: Senado Federal, 1996. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm)>. Acesso em: 01 nov. 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação, 2001. *Coletânea de Texto*, Programa de Formação de Professores Alfabetizadores – PROF, Módulo 2, Secretaria Educação Fundamental, Módulo 2, Brasília, MEC/SEF.
- BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.
- BRASIL. *Decreto-lei nº 291, de 28 de fevereiro de 1967*. Estabelece incentivos para o desenvolvimento da Amazônia Ocidental da faixa etária de fronteiras abrangidas pela Amazônia e dá outras providências. Presidência da República, Casa Civil. Brasília, 28 de fevereiro de 1967; 146º da Independência e 79º da República.
- BRASIL. Ministério da Economia, gov.br, Suframa. Atualizado em 06/08/2001. Disponível em: <<https://www.gov.br/suframa/pt-br/assuntos/amazonia-ocidental#:~:text=Composta%20pelos%20Estados%20do%20Amazonas,biodiversidade%20sem%20igual%20no%20planeta>>. Acesso em: 23 abr. 2022.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise Nogueira. *Ensino Médio Integrado: concepções e contradições*. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- Referencial curricular para o Ensino Médio de Rondônia* / Secretaria de Educação Estadual. Porto Velho: SEDUC, 2021.
- TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

## Memorial: A mudança

*Joyce Ramalho Pires Konageski*

Iniciar um curso de mestrado em educação profissional e tecnológica no ano de 2022 remete-me a tantas lembranças. Em 1997, uma menina de 15 anos, sem expectativas de ter uma profissão, iniciou o sexto ano do Ensino Fundamental na cidade dos meninos São Vicente de Paula em Ribeirão das Neves-MG. No início, queria apenas ficar longe de casa, ambiente cheio de pessoas diferentes dos meus pensamentos; queria fugir para um local onde eu pudesse me desenvolver. Já que eu não sabia o que queria ser, profissionalmente falando, e não queria ficar parada naquela vida sem propósito, escolhi a cidade dos meninos pelo horário de estudo, não pela qualidade no ensino. Quem diria que hoje busco qualidade. Antigamente, o horário de estudo era determinante para ficar o mais longe possível de casa. Na cidade dos meninos, o aluno entrava às 06 horas da manhã e saía às 18 horas; nesse período dentro da instituição, o jovem estudava no período escolar normal e em outro período realizava curso profissionalizante; fiz vários cursos nos 24 meses que ali passei. Lendo agora, parece-me tão cruel; na verdade, sempre quis estudar, conhecer o máximo de coisas possíveis para poder realmente ajudar minha família. Quando finalizei o Ensino Médio, prestei vestibular na UFMG e na UEMG em 2003, e infelizmente ou felizmente não passei; felizmente porque com a reprovação vim morar em Porto Velho-RO para tentar a UNIR, porém não fui aprovada; dessa forma em ingressei no curso de Gestão em Recursos Humanos na Faculdade UNIRON Porto Velho-RO no ano de 2007. Sempre procurando aprender para empreender, nunca consegui estágio na área em que por muito tempo questioneei a graduação. Em 2009, precisei de horas de estágio; foi quando me deparei com a oportunidade de ensinar o que aprendi para jovens em vulnerabilidade social. Diante de minha necessidade, montei um projeto com orientação para levar à comunidade da zona sul de Porto Velho. Tratava-se do minicurso “Como montar seu currículo e como participar de uma entrevista”. Esse foi meu primeiro passo para a área de ensino.

No final do ano de 2014, objetivando novos conhecimentos, iniciei minha pós-graduação *lato sensu* em Gestão Estratégica de Pessoas na Faculdade Fael em Rondônia. Era um curso a distância, que foi concluído no ano de 2015. Foi por meio dele que conheci essa modalidade de ensino e me identifiquei com a forma de aprendizagem. Mesmo com a graduação e a especialização, sentia que precisava ter conhecimentos na área educacional e comecei a participar de processos no Instituto Federal de Rondônia (IFRO) para me especializar na docência. Em 2018, consegui a primeira especialização na área educacional no IFRO, *campus* Zona Norte em Porto Velho-RO; era a Especialização em Gestão da Educação (EaD).

### **Desafios dos estudos**

A educação a distância existe há muitos anos. Conheci-a através do TELECURSO 2000. Acordei várias vezes na madrugada para poder assistir a algumas aulas, mas ser aluna é completamente diferente de ministrar aula, principalmente em EaD. Na especialização, pude realmente compreender o papel importante que um docente tem para com seus alunos, tal como desenvolver capacidades que muitas vezes o familiar não percebe.

A cada disciplina estudada, sentia que precisava estudar mais. A especialização aumentou minha curiosidade para conhecer a história da educação. Quem era Karl Marx? Paulo Freire? Qual a importância de cada um para a educação?

Na preparação do TCC ainda em 2018, abriu um processo seletivo no IFRO Zona Norte do curso de Formação Pedagógica para Graduados não licenciados. Decidi participar e ao mesmo tempo fui preparando meu trabalho de conclusão de curso. Meu orientador, Samuel Junior, juntamente com mais três estudantes da especialização resolvemos realizar um projeto de extensão intitulado “Jovens: Autoformação no Mundo Virtual”. Esse curso foi montado para os jovens se prepararem para o mercado de trabalho.

Em setembro de 2018, iniciei o curso de Pedagogia para graduados não licenciados, e na primeira disciplina me apaixonei pela História da Educação. Nunca imaginei que estudaria Pedagogia, e quanto mais lia, mais inspiração tinha para aprender. A sociedade é moldada pela história; todos deveriam estudar a história da educação para valorizar todos os que fazem e fizeram parte das mudanças. Muitos educadores perderam suas vidas pelo

que acreditavam. Nelson Mandela diz que “a educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo”.

Para Nascimento (2003, p. 55), a educação é o componente-chave na edificação de qualquer coletividade social baseada no conhecimento, na informação e no progresso educacional. Em conformidade com Nascimento (2003), ela é uma tática do corpo civil que serve para contribuir com o indivíduo no alcance de seu potencial e também para incentivá-lo em suas ações na busca por um bem comum de todos. A instrução é o maior tesouro de uma nação; ela é responsável pela progressão do seu povo rumo ao desenvolvimento social e sustentável.

Para que possamos desenvolver a sociedade, precisamos preparar-nos e olhar para os mais vulneráveis. Faz-se necessário aguçar o interesse dessa grande parcela da comunidade para o estudo. Somente com o estudo teremos mudanças.

Meu trabalho de conclusão do curso foi “A atuação do professor e a percepção do aluno no ensino a distância”; tive uma nota ruim. Estávamos entrando na pandemia, a apresentação foi on-line; um momento difícil que todos tivemos que passar. Mesmo diante desse cenário de incertezas, continuei meus projetos para poder dar continuidade a meus estudos. Entre um trabalho e outro decidi finalizar minha graduação em Administração, ocorrida em abril de 2022. Parecia que não finalizaria, mas foi importante planejar meus horários para ter qualidade no meu tempo.

O mestrado em Educação Profissional e Tecnológica é uma etapa muito importante na minha construção pessoal e profissional. Quando ingressei, confesso que tinha uma ideia para meu projeto de pesquisa, porém na primeira semana de aula vi um mundo de possibilidades. Pretendo iniciar um projeto para desenvolver o empreendedorismo das mulheres de Itapuã do Oeste, ouvir suas histórias e entender suas expectativas.

## **Trajetória profissional**

Ao concluir a graduação, tive dificuldades para ingressar no mercado de trabalho. Devido à dificuldade e à falta de dinheiro, resolvi fazer projetos na cidade para meu aprendizado e ganho pessoal. Em 2009, realizei o concurso “O bebê mais lindo de Porto Velho”. O concurso foi realizado pela Rede TV e obteve grande audiência com a participação de muitas crianças. Em 2010, enfim, tive a oportunidade de trabalhar no setor de RH

na empresa LF Imports. Descobri que não era o que eu gostava. Dessa forma, fui em busca de novos horizontes.

Em fevereiro de 2011, fui aprovada em processo seletivo para trabalhar como professora administrativa na empresa MSD, minha primeira oportunidade de aprender e ensinar. Nessa empresa, fiquei 12 meses e nunca mais parei de lecionar. Atuei como docente nas seguintes instituições: SENAI, SEST SENAT, IFRO e SÃO LUCAS.

Depois de iniciar a carreira de professora, resolvi abrir um instituto para qualificar pessoas. Em 2017, formalizamos o instituto INDESP. Prestamos atendimento especializado no programa do Ministério da Economia “APRENDIZAGEM PROFISSIONAL”, além de atender e receber das empresas que contratam os aprendizes. O instituto qualifica pessoas sem escolher classe social; o importante é ter interesse em aprender. Qualificamos esse aluno, e depois de profissionalizado, ele é inserido no mercado de trabalho. Além de Porto Velho, o instituto está presente em Guajará-Mirim e Itapuã do Oeste, onde oferece cursos gratuitos para a comunidade.

Essa vontade de atuar na comunidade surgiu em 1997, quando iniciei meus estudos na Cidade dos Meninos em Ribeirão das Neves em Minas Gerais. Nossa meta é profissionalizar e formar nossos jovens para que possam qualificar-se para alcançar o primeiro emprego.

## **Conclusão**

Não importa qual sua origem, onde você nasceu. Este texto fez-me perceber que a busca pela educação sempre esteve presente em minha vida. A graduação ou especialização não tem mérito se desses diplomas você não obter o mais importante, ou seja, o aprendizado. Quando o indivíduo tem o desejo pelo conhecimento, não tem chuva ou sol que atrapalhe sua busca pelo saber; assim vou estudando em busca de melhorar meus aprendizados para transmiti-lo de forma clara.

O mestrado em EPT incentiva-me a aprender as formas mais simples de ensinar, segundo Paulo Freire no texto “Carta de Paulo Freire aos professores”. O ensinante aprende primeiro a ensinar, mas aprende a ensinar ao ensinar algo que é reaprendido por essa ensinado. Para ensinar precisamos aprender, estar em constante aprendizado.

## Referências

Memorial reflexivo em cursos on-line: um caminho para avaliação formativa emancipadora. In: VALENTE, J.; ALMEIDA, M. (org.). *Formação de Educadores a Distância e Integrações de Mídias*. v. 1. São Paulo: Avercamp, 2007. p. 85-102.

ORIÁ, R. Memória e Ensino de História. In: BITTENCOURT, C. M. F. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2005. p. 128-148. (Coleção Docência em Formação).

ALVES, Luís Alberto Marques. *História da Educação*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2012. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/10021.pdf>>. Livro *Professora sim, tia não*. Cartas a quem ousa ensinar (Editora Olho d'Água, 10. ed., p. 27-38).

# Memorial: Borboleta

*Laura de Paula Leite Weiss*

## O casulo

Casulo é uma parte de minha vida, fechada, ainda sem forma, não muito bela, mas com grandes possibilidades de mudanças e transformações. Descrever a minha trajetória gera muitas emoções, pois traz à memória alguns degraus que não foram fáceis, mas também um sentimento de gratidão, pois cada degrau me proporcionou conquistas e superações.

Sou nascida em Altamira no Pará. Quando tinha quatro anos, minha mãe separou-se e fugiu de meu pai para morar com minha avó no Paraná, onde cresci e estudei. Minha mãe sempre enfatizava a importância dos estudos, pois ela não pôde estudar, espelhando em mim essa missão de seguir estudando. Assim tem sido minha trajetória, filha única, mãe com pouco grau de instrução, mas que sempre fez o possível para que eu seguisse adiante.

A educação é vista em alguns contextos como algo inatingível, impossível para algumas pessoas, muitas pedras no caminho, mas com dedicação e perseverança pude subir cada degrau dessa escada, necessitando do trabalho, mas vendo na educação uma possibilidade de mudança social e de uma condição de vida melhor.

Nas séries iniciais, no frio do sul, pela manhã ia para a escola, sempre dedicada, mas era chamada a atenção por conversar muito em sala. Isso até hoje é uma característica forte.

Iniciei o Ensino Médio no estado do Paraná. No 2º ano, mudei para São Paulo, onde passamos muita dificuldade. Meu padrasto, trabalhando como pedreiro, ganhava somente para a sobrevivência; nem luz tínhamos em casa. Diante das dificuldades, viemos conhecer Rondônia. Em Ji-Paraná, cidade do interior, concluí meu Ensino Médio. Posteriormente, mudamos para a cidade de Vilhena, onde resido até hoje. Vilhena oportunizou-me dar continuidade à minha escolaridade, possibilitando o ingresso no Ensino Superior numa instituição pública, federal e gratuita.

## Metamorfose

O sonho do Ensino Superior tornava-se possível com a aprovação no vestibular para o curso de Pedagogia na UNIR. Mas, assim como os desafios na Educação Básica, essa jornada também foi espinhosa. O trabalho na iniciativa privada, no comércio, foi necessário para custear o deslocamento, um pacote mensal de ida e volta de um mototáxi por morar distante do *campus*.

Mas essa realidade mudou e melhorou a partir do segundo período do curso, pois pude fazer um estágio remunerado no SESI, podendo ficar imersa, na prática, no conteúdo de minha formação acadêmica, com uma carga horária menor do que no comércio, permitindo ter um maior aproveitamento dessa trajetória.

Foi no estágio que se consolidou minha formação pedagógica na Educação Infantil, bem como a relação entre teoria e prática. Durante o curso, fui também aprofundando os conhecimentos sobre educação de surdos, pois atuava como intérprete de Libras na igreja há uns dez anos. Com a vivência no contexto religioso, despertei interesse pela educação dos surdos, que foi tema de pesquisa de meu TCC intitulado “Educação de Surdos”. Meu orientador foi o professor Júlio Robson Azevedo Gambarra. Fui aprovada com êxito. Obtive nota 100 no TCC.

Concluindo Pedagogia, fiz diversas especializações, tais como Libras: Tradução e Interpretação; Metodologia no Ensino Superior e Psicopedagogia. Minha preocupação era construir um repertório que embasasse minha atuação educacional, especialmente com pessoas surdas.

Meu currículo abriu muitas portas no âmbito profissional e me permitiu ter muitas experiências na docência e em diversos espaços e realidades. Assumi como professora na Educação Infantil em uma escola particular. Paralelamente, obtive aprovação no concurso municipal, em que tomei posse.

O choque de realidades amadureceu-me como profissional, lapidando a minha prática de acordo com cada cenário. A escola pública conscientizou-me de que as questões socioeconômicas dos alunos impactavam muito na minha didática.

Na rede municipal, também tive a oportunidade de ser professora em uma sala de alunos surdos bilíngues na modalidade EJA. Era uma sala multisseriada, em que eu e um professor surdo ministrávamos as aulas, to-

talmente na língua de sinais. Eram 20 alunos, que, embora matriculados no Ensino Médio, necessitavam ser alfabetizados. Uma defasagem que tornou essa experiência desafiadora. Infelizmente, o atendimento aos surdos foi interrompido por falta de profissionais que ministrassem as aulas em Libras.

Conforme contei até aqui, fui oportunizada por muitos momentos a vivenciar a cultura e a língua dos surdos. Além da fluência na língua, a troca com um docente surdo foi muito importante para que eu me apropriasse da melhor condução do processo educacional com esse alunado. Continuei minha trajetória profissional. Fiz o concurso do IFRO, obtendo a aprovação. Isso impossibilitou a conciliação com outros trabalhos devido à carga horária.

No IFRO, iniciei sendo intérprete no curso de Licenciatura em Matemática. Foi um grande desafio ter formação em Pedagogia e interpretar conteúdos matemáticos; atuei dois anos no curso de Licenciatura em Matemática, fazendo a interpretação das aulas junto com o aluno na sala. Posteriormente, o aluno cursou a pós-graduação no IFRO nos finais de semana a cada 15 dias.

No IFRO, deparei-me com um novo espaço, novas vivências e desafios. Houve também os desafios particulares, que implicaram na minha jornada de formação. Devido a uma dificuldade para engravidar, precisei fazer fertilização *in vitro* (FIV). Veio a maternidade com os gêmeos. O prazo para descarte dos embriões congelados estava se aproximando e precisei tomar uma decisão complexa. Decidi tentar uma nova gestação. Veio mais um bebê. Três meninos. Agora com os filhos crescidos, os gêmeos com seis anos e o caçula com dois, começo a jornada no mestrado. Uma retomada tão desejada quanto postergada.

## **A borboleta**

Nessa trajetória em que valorizo cada processo, do casulo a borboleta, o tempo, a espera e a dedicação são etapas que até hoje me fazem acreditar que a educação transforma.

Na minha experiência profissional no IFRO, lotada na CAED, analisando auxílios, percebendo as relações entre professor e aluno, pude ter conhecimento sobre diversos aspectos da relação professor-aluno. São diversas vivências. Atuo também como vice-coordenadora do NAPNE (Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Específicas). No NAPNE, fa-

zemos acompanhamento do processo de ensino dos alunos com necessidades específicas na instituição, ministramos cursos de Libras para a comunidade em geral, alunos e servidores, bem como formação para os docentes que estão atuando com alunos surdos.

Faço parte do grupo de pesquisa GPEL (Grupo de Pesquisa de Estudos e Linguagens), que nas trocas dialogadas permite reflexões e embasamento para pesquisas e projetos com diferentes áreas do conhecimento. Desenvolvemos um projeto na Escola Marechal Rondon, onde estudavam sete alunos surdos no Ensino Médio. Era uma sala só com alunos surdos. Foi feita uma pesquisa sobre a história de vida deles com vídeos e escrita. O trabalho foi realizado por mim, pelas servidoras Vera, Claudia e pelo aluno surdo Henrique, que cursava Licenciatura em Matemática no *Campus*. Atualmente, uma dessas alunas cursa Arquitetura e Urbanismo no *Campus*.

Na atuação como intérprete e no contato com alunos surdos, são muitas as percepções sobre o processo de ensino desses alunos: dificuldade na aquisição da língua portuguesa, da própria língua (Libras), dificuldade dos professores na elaboração de material para as aulas pensando nos alunos surdos, avaliações, estratégias de ensino, relação do professor com a intérprete. Ter um aluno surdo muda a prática docente? Como incluir esse aluno na instituição? Na turma? São tantas indagações, e a pesquisa que pretendo desenvolver objetiva refletir e ouvir os sujeitos surdos. As questões que envolvem o ensino e a aprendizagem desses alunos são objeto de estudo de meu trabalho.

Atuo no curso de Arquitetura e Urbanismo como Intérprete de Libras, intermediando a relação docente-aluno. Atualmente, concilio atuando na docência em uma Faculdade particular (FIMCA) como professora de Libras nos cursos de Enfermagem, Engenharia Civil, Fisioterapia e Educação Física.

A docência é o lugar em que me sinto mais confortável; ensinar é algo transformador, uma missão, atuando em diversos contextos, tendo a convicção de minha atuação profissional mais satisfatória, uma nobre missão de contribuir para diferentes alunos e profissionais, colaborando com a difusão da Libras e da inclusão.

Conforme Paulo Freire, ensinar é:

Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quando entro em uma sala de aula, devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às

perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não a de transferir conhecimento. É preciso insistir: este saber necessário ao professor – que ensinar não é transferir conhecimento (FREIRE, 2003, p. 21).

Cada aula ministrada, cada turma é uma aprendizagem diferente. Nessa troca de saberes, eu me sinto privilegiada por estar em constante processo de aprendizagem.

Anseio dirigir meus estudos, agora no mestrado, sobre os surdos: suas aprendizagens e relações. Idealizo várias perspectivas para trabalhar com esse público. Veio-me à mente a questão da formação docente para alunos surdos (curso FIC) e a possibilidade de compreender quais as dificuldades que os docentes têm para trabalhar com esse público.

Diante dessa partilha de minha vida, metaforicamente, desejo agora ser borboleta. Levar delicadeza e sensibilidade nos estudos sobre esse público muitas vezes esquecido, apagado socialmente pelo desconhecimento.

## Referência

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia* – saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2003. p. 21.

# **A trajetória profissional e acadêmica de uma profissional de educação**

*Maria Aparecida Almeida da Silva*

## **Introdução**

Uma carreira nunca finda por completo enquanto houver sonhos envolvidos, pois a mesma impulsiona a possibilidade da busca por melhores realizações e concretizações. Assim, desde as primeiras etapas nos anos iniciais, continuo nessa luta, pois tracei meus rumos desde a formação inicial ligados ao objetivo de sucesso da profissão que exerço.

Por meio deste documento, venho apresentar cronologicamente fatos de grande relevância de toda a minha vida profissional e acadêmica, em especial a trajetória de construção da carreira docente e os posteriores acontecimentos como o acesso ao curso de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional – ProfEPT, ofertado pelo Instituto Federal de Rondônia – IFRO, no qual estou atualmente inserida. Em seguida, pontuo os trabalhos realizados com pesquisa, produção científica e extensão. Concluo com as considerações finais, justificando as escolhas feitas em todos os contextos aqui citados.

## **O princípio**

Sou primogênita de uma família de dez irmãos, nascida na cidade de Barbosa Ferraz no estado do Paraná no dia 23 de abril de 1969, filha de José Gabriel da Silva e de Alaíde Almeida da Silva. Tenho uma filha, que se chama Dandara Amanda Almeida Pasko. Fui criada no seio de uma família amorosa, cujos valores eram *amar o próximo como a si mesmo*, somados à honestidade e à responsabilidade.

Aos quatro anos de idade, em 1973, minha família e eu mudamos para Rondônia juntamente com diversos colonos que vieram construir suas histórias aqui nesse estado da Federação. Instalamo-nos na cidade de Vi-

lhena-RO. De lá, meu pai fazia o percurso de 109 quilômetros a pé, carregando cacão<sup>1</sup>, num percurso da cidade de Vilhena até a zona rural de Colorado do Oeste, local em que meu pai recebeu do Governo Federal a posse de um lote rural, local esse em que passamos a residir a partir desde então.

Com a infância e a adolescência em ambiente rural, cresci cercado de uma esfera de proteção e fraternidade construída no seio familiar. Minha mãe gostava de ler e contar histórias bíblicas, trava-línguas e versos; meu pai com seu cavaquinho gostava de cantar, após o jantar, moda de viola e músicas do padre Zezinho. Era tudo muito divertido. Essa base familiar construiu em mim um caráter de justiça social e idoneidade moral. Cresci longe da tecnologia, distante do contexto como drogas, violência e outros vícios. A distância do ambiente urbano, porém, dificultou o acesso à escolaridade na idade certa.

Concluí o Ensino Médio, o curso Técnico em Contabilidade, no ano de 1995 na Escola Estadual de 1º e 2º Graus Paulo de Assis Ribeiro, e a conclusão do curso Técnico em Magistério no ano de 2000 no Centro de Estudos de Educação de Jovens e Adultos Tancredo Neves, ambos na cidade de Colorado do Oeste-RO.

### **Graduação e especialização**

Com término no ano de 2002, o período de formação em nível superior ocorreu no Centro de Ensino Superior de Colorado do Oeste-RO, Licenciatura Plena em Pedagogia, curso este que me habilitou ao exercício docente para Pré-Escola e Ensino nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental.

Também na cidade de Colorado do Oeste-RO, em fevereiro de 2003 ingressei no Curso de Especialização em Psicopedagogia pela Universidade Salgado de Oliveira – UNIVERSO, onde tive a oportunidade de desenvolver a monografia sob o tema “Questão da Leitura nas Séries Iniciais na Ótica do Psicopedagogo”. O curso foi concluído em 2004 com carga horária de 740, obtendo a média final de 9,3.

Posteriormente, fiz uma formação em Gestão em Educação, promovida pelas Faculdades Integradas de Cacoal – Cacoal-RO. Concluí no ano

---

<sup>1</sup> Alforje ou saco de viagem, preso com atilhos por baixo dos braços e pendurado nas costas, normalmente feito de calça jeans velha.

de 2008 com o tema “Visão Interdisciplinar em Educação” (Supervisão, Orientação e Gestão Escolar).

### **Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional – ProfEPT**

Fui aprovada no ano de 2022 no Curso de Pós-Graduação *stricto sensu*, Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (ProfEPT), oferecido pelo Instituto Federal de Rondônia – IFRO. Estou cumprindo as cargas horárias das atividades do primeiro semestre e realizando pesquisas com a temática *Tecnologia da Informação e Comunicação Dispositivo Móvel como Prática Pedagógica no Ensino Médio EPT*.

### **Início da atividade profissional e complementar**

Iniciei a carreira profissional trabalhando no setor público, a partir de 1992, na Prefeitura de Colorado do Oeste no cargo de Monitora de Ensino, onde exerci a função de Gestora no Centro Coloradense para Infância e Adolescência (CCIA) por 12 anos, prestando serviços de cunho educacional e assistencialista na promoção da cidadania de estudantes e suas famílias por meio de ações complementares à escola e cursos de qualificação profissional.

No dia 06 de abril de 2004, através de concurso público fui empossada no cargo de Professora Nível 3 – Séries Iniciais, com carga horária de 40 horas semanais, do Quadro de Pessoal Civil do Estado de Rondônia, nomeada pelo Decreto nº 10.926, de 24 de março de 2004. Fui lotada na EEEFM Maria de Abreu Bianco no município de Buritis-RO. No mês de julho de 2004, atuei durante seis anos no Setor Pedagógico com projetos pedagógicos na Coordenadoria Regional de Ensino da cidade de Buritis-RO.

## **A carreira docente**

### **Período de 1992 a 1997**

No ano de 1992, iniciei meus trabalhos como Monitora de Ensino, vinculada à Secretaria Municipal de Educação de Colorado do Oeste, assumindo a Gestão no CCIA – Centro Coloradense para Infância e Adoles-

cência, com interesses futuros em atuar na docência, da qual iniciei o curso Técnico em Magistério em 1999, a fim de melhor qualificação e formação para o ofício a ser cumprido, aprofundando a realidade de como seria no cotidiano educacional direcionado a crianças da Educação Infantil e das Séries Iniciais.

Importante ressaltar que ao concluir o curso de Contabilidade, ingressei no curso de Magistério por meio do Projeto Fênix, cursei as disciplinas da parte diversificada, ou seja, Fundamentos da Educação. Quanto ao estágio de regência de classe, foram 720 horas realizadas em sala na Escola Estadual 16 de Junho na cidade de Colorado do Oeste-RO; esse curso realmente me preparou para o mundo do trabalho. Quando recorro daquelas microaulas, dá um frio na barriga até hoje.

Sou apaixonada por livros e pelo conhecimento, de onde provêm a aprendizagem e o crescimento do ser humano. É no contexto literário que me construo a cada etapa da vida, pois como educadora eu posso contribuir para um futuro melhor através de uma educação de qualidade.

### **Período 1998 a 2002**

Finalizando os estudos do curso Técnico em Magistério de 1998 ao ano 2000, eu pude, de fato, compreender que essa seria uma escolha para a vida inteira, a qual faria parte de minha composição profissional desde o dia em que iniciasse aulas no setor público.

### **Período 2004 a 2008**

Tal intervalo de tempo foi utilizado para formações em níveis de pós-graduação com os cursos de Especialização em Psicopedagogia (2004) e de Visão Interdisciplinar em Educação (Supervisão, Orientação e Gestão Escolar) (2008).

### **Período de 2010 até os presentes dias**

Em 2010, fui indicada através da ORD.SER. Nº 011/2010/REN/SEDUC/RO para o cargo de Gestora Escolar da EEEFM Maria de Abreu Bianco na cidade de Buritis-Rondônia, tendo como função original Professor classe C com 40 horas de atuação. Estando nessa escola, recebi o “Prêmio Gestão – As 10 mais” no ano de 2017.

No dia 16 de janeiro de 2012, na forma da Portaria 313/GAB/SE-DUC/RO, tomei posse como diretora para um mandato de três anos. Fui eleita no processo de eleição direta para escolha de diretores e vice-diretores das escolas da Rede Pública Estadual de Ensino na condição de gestora da EEEFM Maria de Abreu Bianco, município de Buritis-RO.

Em 2015, fazendo uso da Portaria nº 38/2015/GAB/SEDUC/RO, fui designada para continuar exercendo a função de gestora escolar da EEEFM Maria de Abreu Bianco com mandato de três anos na cidade de Buritis-RO. Após encerramento do mandato, continuo até a presente data pela Portaria nº 31/2019/SEDUC-NTFG.

Durante o período de gestão escolar, destaco como sucesso escolar na dimensão de resultados o aumento do resultado do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica; em 2009, o IDEB observado foi de 4.1 nos 5º anos, já em 2015 o IDEB observado foi 6.5, ou seja, superamos a meta projetada para 2021, que era de 5.9. Pena que paramos de ofertar turmas de 5º ano. Visto que em 2009 o IDEB observado foi 3.3 nos 9º anos, em 2019 superamos a meta projetada para 2021, que foi 5.0. A escola recebeu destaque pelo desempenho no IDEB.

Além de diversos projetos executados com resultados positivos, destacamos como premiação o título “As dez Mais”, do Prêmio Gestão Escolar 2017. No ano de 2011, assumi o cargo de Professor-Pedagogo zona urbana com carga horária de 20 horas na SEMECE – Secretaria Municipal de Educação da Cidade de Buritis-RO.

## **A extensão**

A formação em nível de extensão ocorreu de modo bem diversificado como nos cursos de inovação e sucesso na escola:

- O Protagonismo dos Gestores com duração de 20 horas, ocorrido em 26 de outubro de 2011, também promovido pela Secretaria de Estado da Educação de Estado de Rondônia;
- Curso de Formação de Tutores para Capacitação em Serviços de Ensino Religioso, de 24 a 26 de abril de 2007, com a carga horária de 20, promovido pela Secretaria de Estado de Educação de Rondônia;
- Curso de Formação de Professores de 1ª a 4ª séries do Programa GESTAR I – Gestão de Aprendizagem Escolar, de fevereiro de 2006

- a outubro de 2007, com a carga horária de 384 horas, pela Secretaria de Estado de Educação;
- Programa de Formação de Professores Alfabetizadores – PROFA, promovido pela Secretaria Estadual de Educação de Rondônia, de 17/06/2004 a 02/12/2005, com a carga horária de 200 horas;
  - IV Semana de Educação e Linguagem na Oficina de Arte e Educação, promovida pelo Centro de Ensino Superior de Colorado do Oeste-RO, no período de 07 a 11 de outubro de 2002;
  - III Semana da Educação e Linguagem e Fórum de Alfabetização, realizada pela Faculdade de Educação de Colorado do Oeste – FAEC nos dias 22 a 26 de outubro de 2001, com carga horária de 40 horas.

### **Atividades de pesquisa**

No ano de 2022, fui aprovada no Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (ProfEPT), ofertado pelo Instituto Federal de Rondônia (IFRO), das quais desenvolverei a pesquisa com a temática “Dispositivo móvel com prática pedagógica docente no Ensino Médio EPT do Instituto Federal de Rondônia, *Campus Porto Velho*”.

### **Considerações finais**

A elaboração deste memorial acadêmico possibilitou-me fazer um breve relato da história de minha vida acadêmica ao longo dos anos de trabalho, as atividades e experiências vivenciadas mais relevantes descritas, todas devidamente comprovadas. A construção da trajetória profissional na educação nunca foi fácil; passei por vários desafios, dentre eles: financeiros, falta de acesso à educação, morar em local distante da cidade. Naquela época, não tinha a facilidade que se tem hoje, mas nunca desisti de sonhar; cada oportunidade que a vida me proporcionou assumi com garra e determinação.

O ingresso no Curso de Mestrado Profissional em Educação Tecnológica em Rede proporcionou-me a realização de um sonho que almejo concretizar e com a pesquisa colaborar com a educação, uma área que merece total atenção. Espero conquistar novos patamares na trajetória pro-

fissional, bem como o desenvolvimento do pensamento crítico através da pesquisa científica.

De tudo ficaram três coisas: a certeza de que ele estava sempre começando, a certeza de que era preciso continuar e a certeza de que seria interrompido antes de terminar. Fazer da interrupção um caminho novo. Fazer da queda um passo de dança, do medo uma escada, do sono uma ponte, da procura um encontro (SABINO, Fernando. F. III – O Escolhido. In: *O Encontro Marcado*. 79. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005).

## Referências

BRASÍLIA (DF). Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Ministério da Educação (comp.). *Índice de Desenvolvimento da Educação Básica: Relatório da Educação Básica IDEB 2021*. 2022. Disponível em: <http://ideb.inep.gov.br>. Acesso em: 20 abr. 2022.

IFRO, Instituto Federal de Rondônia. *Regulamento Geral do Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (ProfEPT)*. Disponível em: <http://profept.ifes.edu.br/regulamentoprofept>. Acesso em: 20 abr. 2022.

SABINO, Fernando. *O encontro marcado*. 79. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

## A relação entre memória e tempo na formação de minha história

*Nathali Fernanda Machado Silva*

*O tempo tem uma boca imensa. Com sua boca do tamanho da eternidade ele vai devorando tudo, sem piedade. O tempo não tem pena. Mastiga rios, árvores, crepúsculos. Tritura os dias, as noites, o sol, a lua, as estrelas. Ele é dono de tudo. Pacientemente ele engole todas as coisas, degustando nuvens, chuvas, terras, lavouras. Ele consome as histórias e saboreia os amores. Nada fica para depois do tempo. As madrugadas, os sonhos, as decisões duram pouco na boca do tempo.*

Queiroz, 2000

Em um de meus livros preferidos da juventude, intitulado *Por parte de pai*, de Bartolomeu Campos de Queirós, a memória é trabalhada como a capacidade de conservação das lembranças e o tempo como a possibilidade de consumi-las. Apesar da aparente dualidade, ambos relacionam-se como a propriedade humana de conservar informações para criar identidade e autoconhecimento. Sob essa perspectiva, este memorial busca resgatar memórias e apresentar experiências que, com o passar do tempo, foram partes essenciais para a formação de minha identidade pessoal, acadêmica e profissional.

Meu nome é Náthali Fernanda Machado Silva; nasci em 22 de maio de 1996, natural de Ariquemes e residente no município de Porto Velho-RO. Sou filha de uma família humilde, que aprendeu a se reinventar e encontrou na educação oportunidades de melhoria nas condições de vida. Desde pequena, estive inserida em um ambiente favorável à leitura, ao conhecimento e, conseqüentemente, à independência financeira. Aos poucos, percebi que não era regra, mas sim privilégio ter uma família presente, que estimula e proporciona o crescimento educacional; e por mais pobre que

fôssemos, sempre estive cercada de privilégios sociais, seja pelo formato e estrutura familiar, seja por questões raciais que, infelizmente, determinam formas de tratamento em nossa sociedade. Apenas anos mais tarde, ao olhar para meu passado, é que pude perceber e refletir sobre essas questões que tanto influenciaram a formação de minha personalidade e que definiram até minha área profissional.

Aos 11 anos, para minha sorte, descobri os “sebos”, as bibliotecas de metrô e os livros usados. Havia acabado de me mudar para Belo Horizonte para morar com meus avós e me senti encantada por um mundo de independência e acessibilidade que me foi ofertado. Um tempo mais tarde, cismei com bancas de jornal, revistas, figurinhas e contraditoriamente com a *Folha de São Paulo*, talvez por ouvir falar que era um dos melhores trabalhos jornalísticos ou por simplesmente me sentir como uma adulta comprando e lendo algum “papel importante”. Lembro que, muitas vezes, fugi da escola para ir à biblioteca municipal na Praça da Liberdade só pela aventura de conseguir pegar um ônibus sozinha e pela fantasia de me sentir fazendo parte de algum livro.

Apesar de terem sido leituras obrigatórias no meu Ensino Fundamental, os livros *Por parte de pai* e *Os miseráveis* marcaram minha infância por ser os primeiros a me apresentar conflitos sociais e incertezas sobre o tempo. Por mais que eu não consiga entender claramente as motivações do meu eu na infância, esses dois livros seguiram comigo e são hoje utensílios de cabeceira. Sobre os livros obrigatórios da escola, nunca foram um tormento a ser cumprido; eu apenas queria ter contato também com outras leituras “da moda” e acabava deixando as obrigações estudantis de lado. Por isso, em um determinado momento, fui proibida de ler. Todavia, segui lendo escondido pelas madrugadas. Em resumo, não fui a melhor aluna das minhas classes, pois sempre dei valor ao que apenas me interessava e negligenciava as demais áreas. De toda forma, a visão que tinha de meus professores, somada ao amor pela leitura, proporcionaram a escolha de uma carreira profissional: Licenciatura em Letras Portugêses.

Ingressei no curso de Letras Português na Universidade Federal de Rondônia UNIR/Vilhena aos 17 anos, imatura e aborrecida por ter sido obrigada a sair de Minas Gerais. A universidade, por outro lado, não me recebeu como uma ingrata; o curso de Letras cativou-me e devo a ele todas as experiências proporcionadas e o apoio imensurável do corpo docente.

No início da Faculdade, dediquei-me à área da literatura, desenvolvi pesquisa no Pibic/Cnpq, intitulada *Reverberações de um método crítico: os estudos de Antonio Candido sobre Oswald de Andrade*. Foi na iniciação científica que desenvolvi melhor as técnicas de escrita e conheci minha parceira de projeto Patrícia Dutra (Paty). Juntas participamos e apresentamos nossos trabalhos em alguns eventos acadêmicos, como no encontro da Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC) em 2016 na UERJ/Rio Janeiro e no Seminário de Estudos Linguísticos e Literários (SELL), consecutivamente nos anos de 2014, 2015 e 2016, na UNIR/Rondônia.

Um parêntese importante sobre o SELL é que, além de um evento acadêmico, ele foi um ensinamento de cooperação e proatividade entre os discentes. Nessa época, a Universidade possuía recurso limitado para a promoção de eventos, e pela primeira vez, em decorrência da insuficiência de recursos, havia a possibilidade de cancelamento do seminário. Contudo, a motivação dos professores e o apoio da comunidade estudantil montaram nossa comissão organizadora e promoveram o evento. Aprendemos naquele ano a importância da academia e o que significava contar com o SELL todos os anos para ele ser uma sequência ininterrupta de aprendizagem, interação e oportunidades.

Um tempo depois, tive o primeiro contato com a Língua Brasileira de Sinais (Libras) por meio de um curso de extensão da professora Fernanda Azevedo, que mais tarde se tornou minha co-orientadora na monografia e grande amiga. Vi-me direcionando os estudos e pesquisas para outra área e precisei escolher entre estudos literários ou linguísticos. Finalizei, assim, minha participação no PIBIC; mas optar pela Libras significou também seguir sem minha parceira de pesquisa, o que pesou e dificultou a decisão, pois a presença de Patrícia tornava os momentos mais prazerosos e saudáveis.

A partir de então, minhas novas aspirações foram os estudos linguísticos e a aquisição de uma nova língua. Para isso entrei na monitoria especial e acompanhei a aluna surda Tainá Carvalho em suas atividades acadêmicas. Tornamo-nos grandes amigas, e devido ao nosso contato frequente consegui rapidamente ter aquisição completa da Libras. Tainá sempre foi muito paciente e inteligente; aprendi muito mais com ela do que o contrário. Quando me dei conta, já estava inserida na comunidade surda, participava da associação de surdos e do grupo de pesquisa de estudos da tradução e interpretação da Língua Brasileira de Sinais (Licusbi) da professora Fernanda.

Os eventos e apresentações de trabalho também se direcionaram a essa área; dentre eles os principais foram: a primeira e a segunda edições do Congresso de Educação, Cultura e Identidade Surda e seus Aspectos na Tradução e Interpretação em Libras no Estado de Rondônia (Coecis) em 2015 e 2016, o Seminário de Variação Linguística da Libras em 2015 na UNIR/Rolim de Moura, o GT de Formação de professores de alunos surdos na UNIR/Vilhena em 2016, o Seminário Nacional do Instituto de Educação de Surdos (INES/RJ) sobre diálogos e aprofundamentos na Educação de surdos em 2017 e, o mais importante, o Congresso Nacional de Pesquisas em Linguística da Língua de Sinais e em Tradução e Interpretação em 2018 na UFSC/Florianópolis.

Em 2018, eu desenvolvia minha pesquisa de monografia sobre os processos de aquisição da língua portuguesa escrita por alunos surdos, e foi nesse congresso da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) que pude conhecer pessoalmente meu referencial teórico. Se, por um lado, na literatura eu estava acostumada a ler autores já falecidos, na Libras a maioria está viva, o que me proporcionou aproveitar com grande euforia. Essa experiência foi realmente singular: além de conhecer a UFSC, uma grande referência na área da pesquisa de Língua de Sinais, bem como os meus teóricos, também tive contato com acadêmicos de Libras do país inteiro e consegui entender, pela primeira vez na prática, as variações linguísticas na Libras e como a língua é um item peculiar e valioso.

Retomando um pouco a linha do tempo, não houve nenhuma disciplina de que não gostei na graduação, e ainda nesse mesmo período dos trabalhos com a Libras, também fui monitora voluntária das disciplinas de Sintaxe e Latim. Eu passava o dia inteiro na Faculdade e usava emprestada a sala de soneca do Pibic para resolver a saudade dos dias sem a Paty. Outra paixão era Fonética e Fonologia, ministradas pela professora Marisa Fernandes, que se tornou, para minha sorte, minha orientadora na monografia.

Ressalto que Marisa foi a melhor orientadora que eu poderia ter tido. Naquela época, restando um ano para finalizar o curso de Letras, fui aprovada no concurso público do Instituto Federal de Rondônia (IFRO) para o cargo técnico de tradutora e intérprete de Libras (Tilsp) e precisei mudar para Porto Velho-RO. Mesmo com a distância, minha orientadora esteve presente nos melhores e piores momentos de minha vida acadêmica e no início de minha carreira profissional. Recebi muito apoio durante o processo de escrita da monografia, que, na maior parte do tempo, foi doloroso

conseguir conciliar: trabalho, a finalização das disciplinas, o atraso no curso – porque as grades curriculares da UNIR diferiam de um *campus* para o outro – e ainda o TCC.

A felicidade e o desespero tomavam conta de mim: felicidade pela aprovação no tão almejado concurso federal e desespero pela dificuldade na finalização do curso, pela distância do *campus* UNIR/Porto Velho, pela falta de transporte público e o tempo. Consegui me formar, apesar de tudo; e isso se deu principalmente pelo estímulo que recebi dos meus professores do *campus* de Vilhena. A partir do exemplo deles, aprendi a acreditar que a educação realmente modifica mundos e a fazer a diferença na vida dos meus futuros alunos.

Hoje, sou coordenadora da Educação Inclusiva (CEI) do IFRO, e durante os cinco anos em que atuei nessa instituição, seja como coordenadora do Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Específicas (Napne) em 2017 e 2018, seja como Tlsp em sala de aula entre 2018 a 2021 ou CEI em 2021 e 2022, almejei aplicar os aprendizados citados neste memorial, recebidos na graduação, na especialização em Libras e decodificados por meio da relação entre a memória e o tempo. Assim, executei alguns projetos de ensino e extensão, palestras, oficinas, seminários e momentos culturais voltados para a aprendizagem da Libras, à educação inclusiva, ao professor de aluno surdo e à valorização da cultura surda. Atualmente, institucionalizei um programa de Libras chamado Librif\_ro, que, além do aprendizado da Libras, busca impulsionar o desenvolvimento profissional e acadêmico dos estudantes para que o estímulo à leitura, à educação e à independência financeira não fizesse parte apenas do ambiente das famílias privilegiadas, mas de qualquer família que passasse pelo IFRO.

Para concluir, expressei minhas intenções de pesquisa como aluna do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT). Ao conhecer os professores desse programa, identifiquei-me com a formação e linha de pesquisa da professora Sandra Aparecida Lopes Ferrari por termos afinidades e áreas de estudo em comum. Expressei meu interesse de pesquisa e orientação à professora, que foi muito atenciosa, marcando um horário para me atender. Após nossa conversa e instruções da professora, conseguimos direcionar minha pesquisa de mestrado vinculando aos estudos iniciados na monografia.

Em meu trabalho de conclusão de curso da graduação, comparei estrutural e morfologicamente a Língua Portuguesa e a Libras; a partir disso,

foi possível identificar que os alunos surdos reproduzem, na língua-alvo, estruturas e aspectos de sua língua materna. Em outras palavras, segundo Larry Selinker (1972) – autor que introduziu o termo “iterlíngua” –, a língua materna do aprendiz constitui a base de um repertório prévio, uma espécie de guia e de referência básica para a aprendizagem de uma nova língua. É a partir disso que ele desenvolverá sua interlíngua, o que inevitavelmente influenciará os caminhos dessa aprendizagem. Falamos, assim, de interferência para nos referir à influência que uma primeira língua já dominada exerce no aprendizado de outra.

Pretendo, então, dar continuidade aos trabalhos iniciados na graduação. Podendo, por exemplo, serem analisadas e catalogadas as principais interferências da Libras na escrita da Língua Portuguesa para criar, a partir disso, uma sequência didática que oriente e auxilie, metodologicamente, o desenvolvimento das aulas de Língua Portuguesa dos professores de alunos surdos. Para maiores esclarecimentos, uma sequência didática é um procedimento encadeado de passo a passo ou etapas interligadas, que tornam mais eficiente o processo de ensino-aprendizagem. Conforme Zabala (1998, p. 18), esse procedimento metodológico “é um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que têm um princípio e um fim conhecidos tanto pelo professor como pelos alunos”.

Desenvolver esse memorial foi uma oportunidade para a reflexão e retomada do eu esquecido pelo tempo. Em alguns momentos, durante a escrita, emocionei-me ao lembrar de rostos e pessoas queridas que contribuíram e fizeram parte de minha história. Às vezes, afastamo-nos dos nossos ideais por causa da rotina mal organizada, mas hoje retomo as minhas memórias para gerenciar melhor o tempo e persistir no objetivo de realização do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), bem como contribuir positivamente para a formação de sujeitos autônomos e protagonistas de suas próprias histórias.

## Referência

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. *Por parte de pai*. Belo Horizonte: RHJ, 2000.

# **Memórias de um ser em construção**

*Oscar de Oliveira Porto*

## **Memórias de um ser em construção**

Sou Oscar de Oliveira Porto, tenho 38 anos, nasci em 09 de fevereiro de 1984 na cidade de Toledo, PR. Meus pais são Benedito de Souza Porto Neto e Amélia Rosa Gomes de Oliveira Porto; sou o filho mais novo de três irmãos. Tive uma infância e adolescência bem tranquilas; meus pais sempre priorizaram o estudo para mim e meus irmãos. Sempre me dediquei aos estudos e gostava muito de jogar futebol. Aos dezesseis anos, em 2000, tive a oportunidade de tentar a carreira de jogador de futebol, o que era meu sonho. Fiquei por um ano fazendo testes no interior do estado do Paraná e também na capital Curitiba. Não obtive sucesso, retornando para o município de Alvorada do Oeste, estado de Rondônia, local de residência de minha família.

## **Formação acadêmica e profissional**

Continuei meus estudos, que sempre foram em escola pública e, em 2001, ao concluir o Ensino Médio, realizei inicialmente o vestibular para Educação Física, pois gostava e ainda gosto de esportes, porém não fui aprovado. No ano seguinte, em 2002, com dezoito anos, sem ao menos imaginar uma oportunidade surgiu: cursar Licenciatura em Pedagogia pelo Programa de Habilitação e Capacitação de Professores – PROHACAP, um curso semipresencial, ofertado pela Universidade Federal de Rondônia, *campus* de Vilhena, com aulas presenciais nos meses de janeiro e julho de cada ano no município de Alvorada do Oeste e com os trabalhos de pesquisa que ficavam como complemento das disciplinas. Um acontecimento marcou-me muito durante todo o curso: graduei-me junto com minha professora da primeira série, a senhora Maria Modro. Convivemos e estudamos por quase cinco anos. Uma alegria para mim, e creio que para ela também.

Ingressei no curso, e mesmo não sendo o curso que queria no momento, fui gostando, encaixando-me e aprendendo a aprender. Tive a oportunidade no ano de 2002 de atuar como monitor no Programa de Erradicação do Trabalho Infantil – PETI, na modalidade de Futsal. Foi uma experiência marcante, pois foi meu primeiro contato de relação com o mundo do trabalho e, em especial, com crianças e adolescentes, em sua grande maioria em condições de vulnerabilidade social. Com dedicação e carinho fui conquistando a confiança e a amizade. Sempre deixava clara a importância dos estudos. Atualmente, tenho grandes amigos, que nesse tempo foram meus alunos.

Com o passar dos anos, fui tendo uma visão melhor da formação na área da educação, obtendo conhecimento e habilidades que me ajudam em minhas experiências até hoje. Em 2004, por um período de seis meses, fui professor com contrato temporário no Programa de Educação de Jovens e Adultos, desenvolvido pela Secretaria Municipal de Educação. Uma dinâmica interessante é que, para a execução desse programa, fui nas casas das pessoas convidando aqueles que ainda não tinham o Ensino Fundamental inicial completo para que voltassem aos estudos. Nossa! Outro grande desafio: eu com 22 anos de idade tendo como aluna uma senhora de 65 anos. Era um período de transição na gestão municipal, e infelizmente não consegui dar continuidade ao programa, e como consequência o grupo que havia iniciado com doze alunos não teve a oportunidade de concluir essa etapa. Nesse período, realizei cursos na área de alfabetização para jovens e adultos.

Ainda durante a vigência do curso de Pedagogia, atuei como conselheiro tutelar no município de Alvorada, de 2005 a 2008, passando por um processo de eleição, ficando em segundo colocado com 260 votos. Uma experiência única, muitos desafios encontrados: abandono de crianças, adolescentes fora da escola e em grupo de risco, adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas, enfim, várias situações no campo de atuação de um conselheiro, como participação em eventos e seminários ligados à defesa e à proteção dos direitos das crianças e adolescentes.

Conseguindo concluir em julho de 2007 a licenciatura em Pedagogia, iniciei a fase de prestar concursos públicos. Em junho de 2008, fui aprovado e assumi meu primeiro cargo efetivo como professor, atuando nos anos iniciais do Ensino Fundamental no município de Rolim de Mou-

ra, RO. Outro grande desafio, pois foi minha primeira experiência em sala de aula com alunos, crianças da alfabetização. Deparei-me com vários percalços, como falta de estrutura adequada, falta de materiais para o desenvolvimento das aulas e pouco acompanhamento das famílias. Foram dois anos de atuação sempre na Escola Dina Sfat, escola de periferia em que tudo o que eu levava para as aulas – as dinâmicas realizadas, as brincadeiras – era algo novo para as crianças, que as recebiam sempre com alegria. Os desafios foram superados!

Nesses períodos, mais exatamente no ano de 2006, mesmo ainda estudando a licenciatura, decidi ingressar em outra área de estudos. Realizei o ENEM, sendo aprovado no vestibular da UNIR, *campus* de Cacoal, para o curso de Bacharel em Administração de Empresas; por um ano e meio consegui conciliar as duas graduações, como também meu trabalho. Foram dias de idas e vindas de ônibus acadêmico. Quantas vezes, de madrugada retornando para casa, o ônibus estragava. E para chegar, ou pegávamos carona com alguns pais que vinham ao encontro ou caminhávamos, geralmente de cinco a dez quilômetros para chegar. Muitas lutas, mas muitas conquistas! Concluí o curso de Administração no final do ano de 2009.

No campo de estudos e pesquisas, meus trabalhos da monografia da Licenciatura em Pedagogia, como também meu artigo do bacharelado em Administração foram temas que abordam a temática da inclusão das pessoas com deficiência, seu processo de formação e opções relacionadas a suas vivências. Tanto a inclusão no âmbito escolar como a vivência com o mundo do trabalho.

No ano de 2009, com o incentivo e a motivação de um amigo, iniciei o processo de correção do tema de minha monografia, que resultou na publicação de um livro. Essa produção me trouxe grandes alegrias.



Fonte: [www.humanitasvivens.com.br](http://www.humanitasvivens.com.br)

Em relação aos cursos de pós-graduação, minhas especializações foram em Gestão Escolar pela Faculdade da Amazônia de Vilhena, cursado em Alvorada, concluído em 2008, e MBA em Gestão Pública, Pessoas e Consultoria pela Faculdade de Pimenta Bueno, concluído em 2011. Ambas agregaram muito à minha formação e atuação profissional. Os temas abordados nos artigos de conclusão também foram relacionados ao processo de inclusão de crianças com deficiência intelectual nos anos iniciais do Ensino Fundamental e processo de inclusão das pessoas com deficiência e suas relações com o mundo do trabalho.

Em junho de 2010, houve uma retomada em minha vida pessoal e profissional. Retornei ao município de Alvorada do Oeste, onde assumi o

concurso da rede estadual de ensino na função de Orientador Educacional, na qual sou efetivo até o momento.

No mesmo ano, casei-me com minha noiva Elisângela Lopes de Assis Porto, e com as bênçãos de Deus hoje temos dois filhos: Helena de Assis Porto, de seis anos, e Emanuel de Assis Porto, de três anos. A família que tenho é minha principal fonte de inspiração para seguir conquistando meus sonhos.

Exerci a função de Orientador Educacional até o final do ano de 2014 na Escola Estadual de Ensino Fundamental Monte Alegre. No início de 2015, escolhido pela comunidade por meio do processo de escolha e gestão democrática, assumi a gestão da referida escola.

Na direção da escola, consigo implementar conhecimentos e técnicas de minhas duas graduações e especializações. Nunca havia planejado algo assim. Mas as oportunidades surgem, e não sou de recusá-las. Como gestor, considero a escola em que trabalho como a “melhor”, pois vejo que devo sempre oferecer o melhor para os alunos e para a comunidade, independentemente de situações adversas seja de ordem econômica – por falta da destinação correta dos recursos públicos à educação básica – seja por questão socioemocional dos alunos. Por exemplo, não todos, mas um número considerável veem a escola como um local onde podem ter uma refeição ou a melhor refeição do dia.

Vejo a escola como um espaço democrático de várias oportunidades e ambientes educativos, de interação social. Um ambiente de efetivo exercício da cidadania, de respeito às diversidades, de interação entre povos, classes sociais e de várias formas de experiências que proporcionam a todos, alunos, colaboradores e comunidade, um aprendizado para a vida

Vivo o melhor momento em minha vida pessoal e também na carreira profissional. No campo profissional, vejo que consigo aplicar bem o que é destinado à escola. Tenho um bom relacionamento com pais, alunos e colaboradores, e no momento em relação a meus estudos, a alegria e a esperança pela grande oportunidade de conseguir a aprovação e classificação no processo de seleção para o Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) pelo Instituto Federal de Rondônia. Iniciando a turma de 2022.

## Considerações e aspirações

Neste memorial, propus um relato de minha vida familiar, profissional, formação educacional e acadêmica, que me proporcionou o que sou hoje. Minha vivência pessoal, minhas experiências na área da educação. Indago-me procurando sempre formação e crescimento para melhorar minhas práticas frente aos desafios que a sociedade propõe. Quero poder oferecer à comunidade um pouco mais de minha relação com a educação e o mundo do trabalho e ser a cada dia uma pessoa melhor, podendo proporcionar uma formação humana e integral a quem, porventura, estiver em minhas relações.

Com o ingresso no Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) em rede nacional pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO) *campus* Calama – Porto Velho vejo a oportunidade de dar seguimento aos estudos e às pesquisas já iniciadas nas graduações e especializações, com foco na Educação Profissional e Tecnológica (EPT). Uma oportunidade única!

Na Licenciatura em Pedagogia, pesquisei sobre a inclusão dos alunos com deficiência intelectual – na época ainda se usava o conceito de “Deficiência Mental” – nos anos iniciais do Ensino Fundamental. No curso de bacharel em Administração, pesquisei referências, como também pesquisa de campo com coleta e análise de dados sobre “Os caminhos percorridos pelas pessoas com deficiência, seu processo de qualificação, responsabilidade social e a relação com o mundo do trabalho”.

Com a oportunidade de dar continuidade às pesquisas nesse campo de atuação e observando o município em que resido, percebo a necessidade ligada ao contexto de vida das pessoas com deficiências e sua relação com o mundo do trabalho. Vejo como objeto de estudo e pesquisa: Aspectos da Inclusão das Pessoas com Deficiência na Educação de Jovens e Adultos e sua relação com o Mundo do Trabalho no município de Alvorada do Oeste, Rondônia.

Considero importantes e relevantes essas questões, pois são saberes que ainda estão em construção, e há muitos caminhos a serem percorridos. Observo a fragilidade das estruturas de Educação de Jovens e Adultos para o atendimento educacional às pessoas com deficiência, bem como as dificuldades vivenciadas nos serviços de Educação Especial para oferecer atividades acadêmicas enriquecedoras e eficazes para a inclusão social desses jovens e adultos.

Meu interesse por estudos na área de Educação de Jovens e Adultos dá-se por duas questões: a primeira é a observação em relação à falta de oportunidades de inserção dos jovens que não concluíram seus estudos na idade própria ao mundo do trabalho e como a educação e uma formação adequadas podem contribuir para esse acesso e conseqüente melhoria de vida. A segunda é por atuar na educação básica, com Ensino Fundamental, e observar que, em alguns casos de alunos, não basta a escola apenas oportunizar o acesso à educação e sim sua permanência. Nesse contexto, busco entender o que acontece com esse jovem que não concluiu seus estudos na idade própria e por conseqüência vem a buscar a Educação de Jovens e Adultos para a continuidade dos estudos.

No que se refere à inclusão das pessoas com deficiência na Educação de Jovens e Adultos e como essa reflexão contribuirá para a temática de minha pesquisa, compreendo que esse segmento traz em seu percurso as marcas de várias situações de exclusão, tanto no âmbito da educação como na sociedade em geral. É notória a presença em vários campos da vida social de pessoas jovens e adultas com deficiência, que buscam no acesso à educação meios de dar continuidade a seu desenvolvimento humano e social.

Considero também a possibilidade de desenvolver meu projeto de pesquisa com foco na gestão dos processos educacionais, relacionados à importância da efetiva participação do Conselho Escolar em uma Gestão Democrática na rede pública municipal de ensino em Alvorada do Oeste, RO, podendo oferecer como um produto educacional um guia com orientação para implantação, formação e fortalecimento dos Conselhos Escolares. Como já relatei, por atuar na gestão de uma escola pública da rede estadual, de Ensino Fundamental, em que há a constituição do conselho escolar para, de forma democrática, atuar na gestão dos processos educacionais, vejo que, por ser a participação dos membros uma iniciativa voluntária, ocorre por vezes o desconhecimento e o desinteresse nessa participação, fazendo com que as escolas percam recursos ou não consigam administrá-los.

Creio que essa contribuição virá como subsídio para as escolas, que em alguns casos ainda não têm os Conselhos Escolares constituídos ou, mesmo constituídos, estão fragmentados. Deixa-se a cargo somente do gestor as decisões que, em conjunto, poderiam ser tomadas com opiniões e contribuições diferentes e gerariam maior benefício à comunidade escolar.

Esse tema enquadra-se na linha de pesquisa **Organização e Memórias de Espaços Pedagógicos na Educação Profissional e Tecnológica (EPT)**, que trata dos processos de concepção e organização do espaço pedagógico na Educação Profissional e Tecnológica com foco nas estratégias transversais e interdisciplinares.

Nesse sentido, o projeto de pesquisa adequa-se ao **Macroprojeto 6 – Organização de espaços pedagógicos na EPT**. Abriga projetos que trabalhem questões relacionadas à organização e ao planejamento de espaços pedagógicos, formais e não formais, da pesquisa, do ensino, da extensão e da gestão da EPT. Os projetos devem investigar as relações desses espaços com a EPT e suas interlocuções com o mundo do trabalho e os movimentos sociais.

Os Conselhos Escolares com sua capacitação e formação adequadas fortalecem a relação entre escola e comunidade. Ali as ações realizadas tornam-se práticas de criação, comunicação e mobilização frente aos desafios encontrados. O compartilhamento das experiências é fundamental dentro das várias funções dos Conselhos Escolares, que, inseridos na realidade da escola, contribuem para soluções e melhorias na qualidade da educação.

A participação efetiva dos segmentos da comunidade é uma necessidade da escola, que, por sua vez, deve estar aberta a essa participação, buscando especialmente uma aproximação maior das famílias nesse processo de ensino. Por meio da família a escola consolida laços consistentes em prol de uma educação de qualidade, objetivando efetivar uma gestão democrática no ensino, chamando todos a participar e se comprometer com a melhoria e a qualidade da educação.

A integração entre a escola e a comunidade ainda é um desafio para a gestão escolar. É uma prática que deve ir além dos atos legais a fim de aprofundar e efetivar a função social da escola. É necessário ter conscientização da importância do Conselho Escolar como instância de participação escolar e da comunidade.

Muitas barreiras impedem que o Conselho Escolar se efetive como espaço democrático de decisões participativas em razão da carência de algumas condições essenciais, como a falta de tempo dos conselheiros para se dedicar à sua função como também o fato de que a comunidade precisa ter confiança na gestão escolar.

## Referências

FERNANDES, Natal Lânia Roque. *Narrativas de si: memórias de sujeitos em processos formativos*. Natal Lânia Roque, Patrícia Ribeiro Feitosa Lima. 1. ed. Rio de Janeiro: Pod, 2019.

LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de metodologia científica*. Eva Maira Lakatos, Marina de Andrade Marconi. 4. ed., rev. e ampl. São Paulo: Atlas 2001.

NAJJAR, Jorge Nassim Vieira. *Conselhos Escolares e Gestão Democrática: alguns temas em debate*. Jorge Nassim Vieira Najjar, Alba Valéria Baensi, Débora da Silva Vicente. Rio de Janeiro, RJ: Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro, Universidade Federal Fluminense, Grupo Articulador de Fortalecimento dos Conselhos Escolares do Estado do Rio de Janeiro, 2019.

# Aspectos de uma vida pessoal, acadêmica, política e profissional

*Ozanir Silva de Almeida*

*Cada passo uma trajetória, cada trajetória  
uma nova história, cada história um exemplo,  
cada exemplo uma experiência, cada  
experiência um novo ser e um novo pensar.*

Queiroz, 2022<sup>1</sup>

## Introdução

Usando como analogia os tempos verbais da Língua Portuguesa, nossa trajetória de vida é construída, evidentemente, com ações no pretérito, no presente e no futuro. Partindo desses pressupostos, este memorial tem por finalidade relatar de forma breve e objetiva os itinerários relacionados à minha vida pessoal, intelectual, política e profissional. O texto a seguir discorre sobre minha identidade como ser humano que faz parte da sociedade contemporânea, bem como o surgimento de minha vida na educação, na política e nos segmentos profissionais em que atuei e que empreendo até os dias atuais.

É pertinente salientar que o memorial em questão, além de ser um trabalho autobiográfico, serve ao mesmo tempo como atividade da disciplina Seminário de Pesquisa do programa de Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional – ProfEPT. É nesse contexto que, mesmo me considerando uma pessoa extremamente discreta, terei a difícil missão de narrar os eventos que envolvem a minha vida pregressa, atual e

---

<sup>1</sup> QUEIROZ, Nara Núbia Alencar. Pensador, 2022. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/heraclito/>>; <<https://www.pensador.com/frase/MjA1MzY1MA/>>. Acesso em: 16 abr. 2022.

futura. Dito isso, começo a relatar os acontecimentos que contribuíram na formação do homem que me tornei, cheio de convicções, objetivos, sonhos e medos, mas, como diria Marcelo D2 (2003), “continua em busca da batida perfeita”<sup>2</sup> para me tornar uma pessoa cada vez melhor.

### **Nascimento, estudos e o movimento estudantil universitário**

Segundo o historiador francês Nora (1993, p. 09)<sup>3</sup>, *a memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente*, e é a partir dessa reflexão que dou início à narração de meu surgimento como pessoa. Nasci na Região Norte do Brasil, especificamente no estado do Acre, em um município chamado de Cruzeiro do Sul. “Considerando o último Censo Demográfico de 2010, esta cidade possui 78.507 mil habitantes e tem sua localização geográfica com as seguintes coordenadas: latitude de 07°37’51 sul e longitude de 72°40’12” oeste.”

Nos últimos anos, as atividades econômicas do município estão voltadas para o extrativismo e o agronegócio, que visam produzir e comercializar bens e serviços. É nessa pequena cidade do interior do Acre que meus pais se conheceram, namoraram, noivaram e casaram, dando início à constituição de uma harmoniosa e feliz família, da qual faço parte. Meus primeiros anos de vida foram importantes na minha formação como homem, e é um motivo de satisfação e alegria relembra-los durante a elaboração do presente memorial. Morei no Acre durante meus primeiros dez anos de idade, momento em que minha avó materna, que já residia em Porto Velho, convidou-nos para vir a Rondônia.

Lembro-me vagamente de meu período escolar nas séries iniciais ainda morando no Acre. Minhas memórias mais lúcidas em relação aos estudos estão vinculadas a meu novo domicílio estadual. Como afirma Nora (1993, p. 09)<sup>4</sup>, *a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções.*

---

<sup>2</sup> D2, Marcelo. *À procura da batida perfeita*. Rio de Janeiro: SONY/BMG, 2003.

<sup>3</sup> NORA, Pierre. *Entre memórias e histórias: a problemática dos lugares*. Projeto História. São Paulo: PUC/SP, 1993. n. 10, p. 09.

<sup>4</sup> Op. cit., NORA, p. 09.

No Ensino Fundamental (atual Ensino Fundamental II), estudei em três escolas públicas de Porto Velho-RO: Carmela Dutra – IEE, Marechal Castelo Branco – EEEFM e São Pedro – EMEF. Nesse período, fui um adolescente bem tímido e tinha poucos amigos, mas era estudioso e possuidor da caligrafia mais bonita da sala. Além disso, dois fatos são significativos em minha vida durante essa modalidade de ensino: o primeiro está ligado a uma questão de saúde, pois sofria com dores provenientes de enxaqueca, e esse fato se agravava devido aos longos trajetos feitos em ônibus superlotados e em péssimas qualidades; o segundo consiste no fato de que eu era importunado por outros alunos, o que hoje compreendo como um possível caso de *bullying* em razão de minha timidez.

Já no Ensino Médio, saí da esfera pública e fui estudar em uma escola privada, o Colégio Objetivo. A ideia dessa mudança consistiu em apurar os meus conhecimentos na expectativa de me sentir mais apto a concorrer via vestibular a uma das vagas oferecidas no curso do qual sou licenciado hoje: Geografia. É pertinente pormenorizar que a vontade de me formar no referido curso nasceu durante as aulas ministradas por um excelente professor que lecionava o caderno de Geografia Humana, pois os conteúdos/conhecimentos adquiridos durante os encontros semanais mexiam com a minha acomodação social e me conduziam a um processo de reflexão mais amplo das conjunturas nacional e internacional. Outro aspecto relevante desse período foi o início de minha atuação na vida política. Num primeiro momento, busquei compreender por meio de leituras o conhecimento necessário sobre as correntes ideológicas que atuam no mundo político contemporâneo. Começava aí o percurso para atuar no movimento estudantil universitário.

Finalizada a trajetória no Ensino Médio, por motivo de ordem pessoal priorizei um negócio próprio e fiquei longe da vida acadêmica durante três anos, deixando para outro momento o início da etapa do Ensino Superior. Quando, no final da tarde de uma sexta-feira, tive o conhecimento via programa de rádio na casa de minha genitora que haviam publicado nas paredes do prédio administrativo da Universidade Federal de Rondônia – UNIR, localizado no centro da cidade, as listas de aprovados no vestibular do 2002, egressos para o primeiro semestre de 2003. E, para minha felicidade, meu nome constava na lista de aprovados daquele certame.

Lembro-me de que foi a primeira vez em que fui a uma Universidade e justamente para efetuar a matrícula, que aconteceu no Auditório Paulo

Freire. Minha caminhada na graduação ocorreu concomitantemente com a participação em um projeto de pesquisa de iniciação científica intitulado A Gestão de Sistemas Educomunicativos para o uso do Rádio na Educação, fomentado pelo PIBIC, e com atuação no movimento político estudantil universitário. A pesquisa tinha por objetivo estudar uma ferramenta de comunicação, *in casu* o rádio, para ser usado como um instrumento pedagógico dentro do contexto escolar. Acredito que, naquele momento, estávamos inserindo no cotidiano escolar dos envolvidos, ou seja, dos alunos, dos professores, dos pais e da direção, no processo de construção do conhecimento e aprendizagem, algo inovador para não dizer revolucionário. Os programas de rádio elaborados durante a pesquisa consistiam em envolver e oportunizar aos alunos meios para que eles produzissem aulas através de entrevistas, radionovelas, sonoplastia e programas informativos, baseados nas suas realidades e conhecimentos.

Durante esse período, elaborei diversas minioficinas, que foram apresentadas em escolas, faculdades, universidades e congressos na cidade de Porto Velho e pelo Brasil. Como por exemplo, o XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado em 2005 na UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro; o VII Simpósio Regional de Pesquisa em Comunicação – INTERCOM e I o Seminário de Jornalismo Científico de Goiás, em 2005, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás (oficina de Webjornalismo); o II Seminário de Iniciação Científica PIBIC/UNIR – CNPq, em 2005, na Universidade Federal de Rondônia – UNIR e o Curso Tecnologia Educacional – O Rádio como ferramenta pedagógica, em 2005, na Faculdade de Porto Velho – FIP. Neste momento, é imperioso destacar outros envolvidos na aludida pesquisa; são eles: a Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Sandra Kelly de Oliveira (orientadora) e Flávio Daniel Pereira da Costa (bolsista).

A experiência vivida no movimento político estudantil é um capítulo à parte na minha história de vida. Foram quatro anos de intenso aprendizado, lutas e conquistas que culminaram na minha eleição para algumas entidades representativas de classes ligadas ao movimento estudantil independente. Ao ingressar na Universidade, comecei a reivindicar melhorias para o curso de Geografia e apoiar determinado grupo à época no período de eleição para o Centro Acadêmico de Geografia – CAGEO. Logo depois, tive a primeira oportunidade de concorrer ao Diretório Central dos Estudantes – DCE, mas infelizmente nesse pleito a chapa da qual fiz parte con-

correndo ao cargo de tesoureiro, não obteve êxito no referido processo eleitoral. As lutas e reivindicações continuaram até o ano seguinte em 2005 e, dessa vez, com mais experiência e com mais recursos financeiros para fazer campanha e apresentar nossas propostas nos *campi* da UNIR no interior do estado, conseguimos sair vitoriosos daquela eleição e pude assumir o cargo de tesoureiro por meio do processo democrático e transparente na gestão do DCE em 2006.

No final de 2005, no 49º Congresso da União Nacional dos Estudantes – UNE na cidade de Goiânia-GO, fui eleito em assembleia geral da entidade como o novo vice-presidente da UNE para representar a entidade nos estados de Rondônia e Acre durante o biênio que iniciou em 2006. Durante esses anos à frente dessa entidade, tive grandes oportunidades para reivindicar e defender algumas bandeiras de lutas que os estudantes e a sociedade necessitavam naquele momento. Foram dois anos participando de inúmeros congressos, seminários, eventos culturais e formação política em diversos estados do país. Vale a pena ressaltar: o 11º Conselho Nacional de Entidades de Base da UNE – CONEB em Campinas-SP em 2006; a 5ª Bienal de Cultura e Arte da Une no Rio de Janeiro-RJ em 2007; o 2º Encontro Nacional dos Povos da Floresta em Brasília-DF em 2007 e o 50º Congresso da União Nacional dos Estudantes – UNE em Brasília-DF em 2007. Todos os referidos encontros e congressos contaram com a participação de delegações oriundas de Porto Velho, Ji-Paraná, Rolim de Moura, Cacoal, Vilhena e da capital do Acre, a cidade de Rio Branco, organizadas por este narrador, que tiveram espaços para falas, sugestões e opiniões durante o processo de construção das propostas relacionadas aos temas ali debatidos e que posteriormente foram disseminadas a nível nacional.

Minha trajetória na vida política não ficou restrita ao movimento estudantil. Particpei também da Direção Estadual da União da Juventude Socialista – UJS, que é uma entidade política ligada à estrutura do Partido Comunista do Brasil – PCdoB, e uma breve passagem pela Juventude Socialista do Partido Democrático Trabalhista – PDT. A minha atuação nas mencionadas entidades políticas consistiu em divulgá-las e fortalecê-las em vários municípios do estado através da organização de eventos culturais e da formação política para jovens das periferias, estudantes secundaristas e universitários.

## Vida profissional – a educação e outras funções

No aspecto profissional, por escolha de meus pais, comecei as minhas atividades laborativas aos 14 anos em uma lanchonete de um conhecido de minha avó materna e fiquei nessa função até os 17 anos. Posteriormente, fui trabalhar em uma empresa que vendia produtos para lojas de pet shops, permanecendo nessa atividade durante alguns anos até chegar à Universidade, quando passei a receber recursos como bolsista até o final do curso. Quando estava no segundo período do curso de Geografia, recebi um convite para lecionar em um cursinho pré-vestibular comunitário, organizado por um amigo que cursava Direito na UNIR e que nos dias atuais é proprietário de uma Escola de Cursos Técnicos (IESB) na cidade de Porto Velho. Foi um desafio enorme para mim; estava prestes a ter contato pela primeira vez com uma sala de aula repleta de alunos, e isso me trazia uma mistura de sentimentos, tais como a preocupação e o medo de não corresponder às expectativas dos alunos. Isso me deixava num alto grau de tensão e ansiedade. Mas, conforme os dias nas salas de aula iam passando e com os *feedbacks* positivos, fiquei calmo e, mesmo sem experiência com a docência, consegui superar esse primeiro desafio como professor da área de formação. Passados alguns meses, o mesmo amigo do curso de Direito fundou uma escola privada que oferecia cursos técnicos e pré-vestibulares para a população de Porto Velho, e mais uma vez recebi o convite para lecionar e, conseqüentemente, assinar o meu primeiro contrato de trabalho remunerado como professor. Começava aí uma vida que seria ligada à educação.

A partir desse momento, comecei a criar uma rede de *networking*, a saber, uma rede de contatos no mundo da educação, e fui contratado por uma escola para concursos que à época acabara de se estabelecer na cidade. Trata-se do Excelência Concursos, uma instituição bastante reconhecida e com várias aprovações em concursos municipais, estaduais e nacionais.

Adiante, com o início dos estudos de impactos ambientais e os debates acerca das construções de duas usinas hidrelétricas sobre o rio Madeira e por conhecer a fundo os pontos mais sensíveis dos debates que envolviam vastas questões sociais, ambientais, sanitárias e de desenvolvimento, aceitei o convite da Construtora Norberto Odebrecht, que foi a principal responsável por construir as usinas, representada por seus diretores financeiros, de engenharia e políticos do empreendimento, para ajudá-los no processo de convencimento das pessoas em relação aos benefícios da construção da usi-

na para a sociedade e implementação do canteiro de obras que se estabeleceu, num primeiro momento, à margem direita do rio Madeira. Baseado nesse contexto, minha atuação consistia na divulgação e convocação dos estudantes secundaristas, universitários, comunidades diretamente afetadas pelo empreendimento e população em geral para participar e opinar durante as audiências públicas realizadas pelos órgãos ambientais municipal, estadual, nacional e pelo consórcio formado pelas empresas que construíram a Usina de Santo Antônio.

A segunda etapa de minha atuação como funcionário da Odebrecht tinha como objetivo visitar os moradores dos bairros do município de Porto Velho para divulgar que a empresa iria construir a UHE – Santo Antônio e que havia criado um Programa de Qualificação Continuada, o Programa Acreditar. Sabedores da necessidade de mão de obra para atender as demandas da construção e o risco (nível 4) que ela oferecia para a segurança das pessoas envolvidas na construção, que é considerado altíssimo para os padrões de segurança do trabalho, e a preocupação com questões ambientais, o Programa Acreditar visava à qualificação de pessoas para poder atuar nas respectivas funções com o máximo de segurança possível, com expectativa de minimizar a ocorrência de acidentes fatais dentro do canteiro de obras, bem como almejava reduzir os impactos no meio ambiente.

O Programa Acreditar aconteceu em uma estrutura montada na Faculdade Interamericana de Porto Velho – UNIRON, localizada na zona leste da cidade, e contemplava pessoas a partir dos 18 anos de idade. O Acreditar era constituído por dois Módulos: o Básico e o Técnico. O Módulo Básico contemplava as matérias de saúde, segurança do trabalho, psicologia, meio ambiente e qualidade no trabalho, onde eu atuei em várias funções, como por exemplo como Professor de Meio Ambiente, onde elaborava provas, explicava e recebia as inscrições feitas pelos candidatos. O Módulo Técnico, por sua vez, estava voltado para o ensino em Carpintaria, Pedreiro, Armador de Ferros, Motorista de Máquinas Pesadas, Operador de Guindastes e Ajudantes. Além da qualificação, tínhamos como finalidade garantir a integridade física dos trabalhadores, porque era fundamental saber se as pessoas que seriam contratadas tinham o domínio da leitura, questão fundamental dentro do canteiro, pois o fluxo de pessoas e máquinas pesadas no decorrer da obra seria enorme e os funcionários deveriam saber ler as placas de segurança expostas no espaço da obra. E outro ponto, não menos relevante, consistia em inserir pessoas da região dentro do mer-

cado de trabalho local que estava surgindo naquele momento, contribuindo de forma significativa para o desenvolvimento econômico e social da região. Foram mais de 30 mil pessoas qualificadas gratuitamente pelo programa, e como consequência disso milhares de empregos diretos e indiretos foram gerados, a economia local aqueceu grandemente, e isso contribuiu bastante para o desenvolvimento do município de Porto Velho e demais áreas do estado de Rondônia.

Com a obra a pleno vapor e o Programa Acreditar para adultos no seu ápice, a Construtora Odebrecht decidiu formatar um programa de qualificação para os filhos dos trabalhadores que estavam inseridos diretamente na obra de Santo Antônio. Chegou o momento de colocar em prática o Programa Acreditar Júnior, que oportunizou aos adolescentes de 14 a 17 anos, filhos dos funcionários que desempenhavam funções diretas dentro do empreendimento, uma qualificação em diversas áreas, como por exemplo: Informática, Mecânica de Automóveis Leves e Pesados, Eletricistas e serviços administrativos. O Acreditar Júnior seguiu o mesmo modelo de estruturação do Acreditar para adultos, adotando os formatos em Módulos: um Básico e um Técnico. A única discrepância em relação ao primeiro programa é que o Módulo Básico acontecia na UNIRON e o Módulo Técnico ocorria no Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – SENAI. Além dos cursos, que eram gratuitos, os adolescentes contemplados pelo Programa Acreditar Júnior tinham direito a meio salário mínimo, material didático, vale-transporte, alimentação, FGTS, férias remuneradas, plano de saúde, seguro de vida e 13º salário, ou seja, todos os benefícios que a lei oferece aos trabalhadores regidos pela CLT. Milhares de adolescentes foram qualificados para o mercado de trabalho por meio dessa iniciativa, e eu tive a oportunidade de trabalhar na organização do início ao fim do projeto, além de lecionar a disciplina de Meio Ambiente e coordená-los quando eles estavam estudando a parte técnica no SENAI.

Após quase cinco anos de serviços prestados para a Odebrecht, fiz um acordo com a empresa e pedi meu desligamento do quadro de funcionários da construtora. Posteriormente, passei a atuar com exclusividade na educação, quando fui contratado pelo Colégio Adventista de Porto Velho – CAPV para um novo desafio. Fui contratado para ser o professor da disciplina de História, para ministrar aulas no Ensino Fundamental do citado colégio. Lecionei essa matéria durante dois anos e meio nas turmas do 6º ao 9º anos nos turnos matutino e vespertino da instituição. É gratificante

ter investido anos de minha vida nesse estabelecimento de ensino, haja vista que o CAPV realiza um trabalho social muito relevante para a sociedade e os menos favorecidos, oferecendo bolsas de estudos para os que não têm condições financeiras de custear seu ensino básico. Esse processo de ofertar vagas gratuitas da escola acontece por meio de entrevista com os pais ou responsáveis e os(as) alunos(as) que desejam fazer parte da instituição como discente.

E como afirmou Heráclito, *apud* Bezerra (2022)<sup>5</sup>, *nada é permanente, exceto a mudança*. Assim, tomei a decisão de sair do quadro de docentes do CAPV, e algumas questões contribuíram para isso. A primeira delas consistiu no fato de não estar ministrando a disciplina em que sou graduado; a segunda tem ligação com aspectos pedagógicos que não iriam mudar e eu não me sentia confortável trabalhando daquela forma; e a terceira e derradeira possui relação estrita com a questão financeira. Em seguida, dei início a uma nova atividade laboral, voltada ao ramo do agronegócio, e assinei um contrato de trabalho com a Amaggi Commodities (matriz) para laborar em sua filial em Porto Velho, a Hermasa.

A Amaggi é uma empresa brasileira multinacional de propriedade do ex-ministro da Agricultura Blairo Maggi e que tem sua sede em Cuiabá no estado do Mato Grosso; desenvolve suas atividades numa área de 258 mil hectares, dividida em pelo menos 14 grandes fazendas. Atua na compra e venda de grãos (soja e milho), algodão, fertilizantes e na importação e comercialização de insumos agrícolas. Essa vivência profissional causava-me alguns conflitos internos de cunho social e ambientais muito significativos, porque a graduação em Geografia me possibilitou a compreensão da conjuntura nacional relacionada à realidade agrária, agrícola e dos grandes impactos ambientais que essas corporações exercem sobre o meio ambiente. As atividades que desempenhei na referida organização estavam pautadas no setor fiscal da Amaggi, especificamente no recebimento e na venda de fertilizantes oriundos de várias partes do mundo. Os carregamentos de adubos (popularmente falando) cruzam o Oceano Atlântico em grandes navios até chegar ao porto de Itacoatiara-AM, onde os produtos eram acomodados em grandes balsas até o porto de Porto Velho, localizado à mar-

---

<sup>5</sup> BEZERRA, Juliana. *Heráclito: Biografia de Heráclito*. Toda Matéria, 2022. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/heraclito/>>. Acesso em: 16 abr. 2022.

gem direita do rio Madeira. A logística de venda dos fertilizantes para fazendas do interior de Rondônia e do Mato Grosso era baseada numa estratégia lógica, ou seja, os caminhões que traziam grãos das fazendas até o SOPH Portos e Hidrovias de PVH voltavam carregados com fertilizantes para as fazendas localizadas no trajeto entre Porto Velho e Mato Grosso.

Em determinado momento, comecei a conciliar o trabalho na Amaggi com um contrato na educação, que me foi oferecido pela Escola de Cursos Técnicos, Instituto Escolar Somos Brasileiros – IESB, para ministrar aulas de Gestão Ambiental nos cursos de Segurança do Trabalho, Técnico em Edificações, Técnico em Eletrotécnica e Técnico em Radiologia. Essa instituição de ensino está localizada na rua Marechal Deodoro no centro de Porto Velho e oferta os seus cursos no horário noturno, principalmente para contemplar os trabalhadores que procuram qualificação e buscam horários alternativos para se qualificar visando a melhores oportunidades no mundo do trabalho.

Recordo com clareza quando eu estava trabalhando no escritório da Hermasa receber uma mensagem de um amigo através do *whatsapp* com um link para realizar uma inscrição para concorrer a uma vaga como professor substituto de Geografia do Instituto Federal de Rondônia – IFRO. Sendo assim, como já estava com o computador ligado exercendo minhas atividades laborais, fiz a inscrição para participar do processo seletivo e já imprimir o cronograma com os temas, datas e local das avaliações didáticas, juntamente com os documentos exigidos pelo instituto. O tema escolhido por mim dentre as opções oferecidas para a aula prática foi a agropecuária, e resolvi falar sobre o referido assunto porque esse seguimento representa 27% do PIB nacional, além de poder abordar tal conhecimento por várias perspectivas, começando desde 1534 com o surgimento das capitâneas hereditárias, ano da primeira pseudodistribuição de terras no Brasil, até os tempos atuais onde apenas *87 corporações com sede em 30 países dominam a cadeia produtiva do agronegócio em todo o planeta* (PINA, 2018)<sup>6</sup>.

Ministrei a aula prática às 14 horas em uma sala que era usada para reuniões dos professores. Havia uma banca com três avaliadoras observando vários aspectos de minha apresentação, fizeram anotações e algumas

---

<sup>6</sup> PINA, Rute. *Brasil de Fato*. São Paulo, 2018.

perguntas, e com essa etapa cumprida me restava esperar o resultado final do processo seletivo. Lembro-me de que estava em viagem pelo interior do estado para visitar minha filha Isabela Moraes de Almeida e outros parentes quando atendi uma ligação da Coordenação de Gestão de Pessoas – CGP, convocando-me para assumir a vaga de professor substituto. Então, a partir disso, iniciei o processo de reflexão para decidir se era razoável abandonar dois contratos fixos com a Amaggi e a IESB para aceitar um contrato temporário. Isso posto, por enxergar com bons olhos um novo desafio em minha vida, optei pelo IFRO.

Foi satisfatório perceber que a escolha que fiz acarretou bons frutos e que não há dentro de mim nenhum vestígio de arrependimento porque fiz bons amigos e reencontrei antigos colegas que conviveram e estudaram na UNIR na mesma época em que eu, além de participar de projetos de pesquisa que me oportunizaram enriquecer meu Currículo Lattes com algumas produções acadêmicas, como o artigo: *Quem Somos Aqui? Percursos a Nova Mutum-Paraná no III Simpósio em Leitura, Linguagens e Identidade Cultural – SILLIC, IFRO-Campus Ji-Paraná em 2018*; capítulo de livro: *Favorecidos, Estabelecidos e Outsiders: um estudo em Nova Mutum-Paraná, Porto Velho, Em Práticas e Experiências em Linguagens, ensino, pesquisas e extensão dos Institutos Federais em 2020*; cartilhas: *Trilhas Digitais: gestão e educação ambiental nos balneários de Porto Velho-RO em 2018* e participar de vários eventos e comissões. Destaco ainda meus estudos na Pós-Graduação *lato sensu* em Metodologia do Ensino Superior na Faculdade Católica de Rondônia – FCR no ano de 2018, que resultou na elaboração de um artigo científico sob o título “A Gestão de Resíduos Sólidos da Construção Civil”.

No decorrer de minhas atividades laborais no IFRO Calama, tive a oportunidade de colaborar com a coordenação do Mestrado ProfEPT e contribuí com a organização da primeira Aula Magna do supracitado, do qual tenho a satisfação de fazer parte hoje. Aproveito o ensejo para fazer uma referência especial à Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Josélia Fontenele Batista pelo apoio e consideração enquanto estivemos juntos nessa missão, haja vista que somos parceiros de graduação e profissão. Dei minha contribuição para o Instituto Federal de Rondônia durante exatos 13 meses, mas pedi o encerramento do contrato antes de seu término e por motivos pessoais fui passar uma temporada no estado do Acre, retornando logo depois para assinar um contrato de trabalho com a Secretaria de Estado da Educação – SEDUC.

Considerando uma questão geográfica, negociei minha lotação para o Colégio Tiradentes da Polícia Militar – CTPM I, pois o referido local de ensino localiza-se próximo à minha residência e estrategicamente era o que eu buscava naquele momento. Independentemente do debate ideológico que permeia a formatação desse tipo de escola, devo fazer uma reflexão sincera sobre esse ambiente de ensino, levando em conta principalmente o envolvimento e a disciplina do corpo pedagógico, professores e alunos na busca pelo ensino público de qualidade, tendo em mente o modelo de ensino que predomina atualmente. Esse colégio atende aos filhos de militares e à comunidade em geral, sendo o acesso à instituição feito por meio de seleção composta por uma avaliação que engloba conhecimentos nas áreas de Português e Matemática. O histórico dos alunos do CTPM I em relação ao ENEM é bem significativo. Nos últimos anos, a escola tem obtido bons resultados no Exame Nacional do Ensino Médio. Lecionei durante dois anos e seis meses no Colégio Tiradentes, ministrando aulas de Geografia Humana para todas as turmas do Ensino Médio e três aulas de Sociologia para turmas do Ensino Fundamental II.

Nos últimos meses, conciliei a função de professor com uma função técnica na Empresa Municipal de Desenvolvimento Urbano – EMDUR, que é uma empresa pública que presta serviço de iluminação à população de Porto Velho e distritos. Participei do concurso público para ingresso na EMDUR há alguns anos, mas devido às questões políticas existentes foi necessário impetrar um mandado de segurança por meio de advogados para assumir o cargo. O imbróglio do remédio constitucional em questão durou exatos três anos e meio para ser deferido pelo juiz, e por esse motivo assumi o cargo apenas recentemente. Ao iniciar as atividades na empresa, fui lotado no Setor de Patrimônio; fiquei com a responsabilidade de controlar e ceder por meio de termo de cessão os patrimônios da EMDUR para outros órgãos das esferas públicas e privadas.

Meu horário de trabalho na ENDUR era das 8h às 14 horas, mas com a proximidade do início das aulas do Mestrado foi necessário negociar um horário alternativo para poder participar dos encontros mensais e ao mesmo tempo não causar nenhum prejuízo à Administração Pública e à população, que são nossos principais clientes. As partes envolvidas no acordo decidiram que seria conveniente que eu fosse realocado para o setor de EMDUR que tivesse maior flexibilidade de horários, para dessa forma contemplar a minha necessidade de conciliar o trabalho com os estudos.

## **Acesso ao Mestrado no IFRO**

Quando da minha passagem pelo IFRO, como estava inserido no contexto do Mestrado, programei-me para participar das seleções; no processo seletivo de 2021 eu consegui uma considerável pontuação e tive a sorte de ser aprovado. Com a inauguração das aulas e o contato com as primeiras matérias e professores, torna-se célere refletir a respeito do tema do projeto que será pesquisado durante os próximos anos de estudos. É evidente, quando se observa o conteúdo desse memorial, que minha vida na educação foi entrelaçada com outras atividades profissionais, e em alguns momentos houve a necessidade de escolher um segmento. Dito isso, tenho a pretensão de aprofundar-me sobre o tema que pesquisei na graduação, ou seja, estudar sobre ferramentas tecnológicas para inseri-las como instrumento de ensino na educação profissional e técnica; desenvolver um mecanismo (maturar essa ideia) que tenha íntima relação com o curso de Elétrica dos institutos federais ou pesquisar e elaborar um material que possa servir de norteador para as coordenações de cursos e assistência estudantil orientarem seus alunos, professores e técnicos sobre as necessidades que os alunos apresentam para superar as adversidades, estudar e desenvolver outra atividade paralela aos estudos.

## **Conclusão**

A educação, na minha concepção, é um dos principais instrumentos que pode, de fato, mediar, reparar e mudar a vida de uma pessoa. Ponderando os aspectos denotados no memorial, tenho convicção de que o conhecimento adquirido na minha trajetória como estudante e pesquisador mudou significativamente minha vida, e acredito que posso contribuir para a aquisição de novos saberes, que irão transformar milhares de vidas, como aconteceu comigo.

Temos em mãos um latifúndio fértil para a construção e propagação do conhecimento que é o Mestrado – ProfEPT, para a produção efetiva, pública, democrática, sempre concatenados com os anseios da EPT para mudar a realidade educacional de milhares de adolescentes e jovens brasileiros. Nossa missão como educadores e pesquisadores é edificar uma sociedade mais justa e bem mais conectada com a aspiração do corpo social contemporâneo, onde precisamos nos adaptar a essa nova realidade tecnológica e cheia de informações e pseudoinformações.

## Referências

- BEZERRA, Juliana. *Heráclito*: Biografia de Heráclito. Toda Matéria, 2022. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/heraclito/>. Acesso em: 16 abr. 2022.
- D2, Marcelo. *À procura da batida perfeita*. Rio de Janeiro: SONY/BMG, 2003.
- QUEIROZ, Nara Núbia Alencar. *Pensador*, 2022. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/heraclito/>; <https://www.pensador.com/frase/MjA1MzY1MA/>. Acesso em: 16 abr. 2022.
- PINA, Rute. *Brasil de Fato*. São Paulo, 2018.
- NORA, Pierre. *Entre memórias e histórias: a problemática dos lugares*. Projeto História. N. 10. São Paulo: PUC/SP, 1993. p. 09.

# **Linha de pesquisa: organizações e memórias de espaços pedagógicos na EPT**

*Pedro Paulo Almeida Martins*

## **Introdução**

### **À comissão de seleção do Mestrado ProfEPT**

Sou Pedro Paulo Almeida Martins, tenho 31 anos, na condição de filho de pai agricultor e pecuarista e mãe trabalhadora doméstica, que com muita garra e determinação criou nove filhos e adotou 11 provindos da rua; decerto isso mesmo não serviu de empecilho.

Estudar sempre foi um grande desafio na vida. Sempre trabalhando desde cedo, aos nove anos já ajudava em casa; superei todas as dificuldades e adversidades nos anos escolares como obrigação; nunca reprovei de ano, por conseguinte, no transcorrer sempre obtive notas altas e um prêmio de aluno destaque na Escola Saul Bennesby e concluí T3 na Escola João Bento da Costa em 2008.

A ânsia de estudar sempre foi grande; o problema socioeconômico foi um impeditivo que ultrapassei. O que me motivou a enveredar pela vida acadêmica foi desde o período da Faculdade em que estive fazendo parte de vários projetos de pesquisa.

Vale destacar que o memorial foi baseado, desde o período que como estudante influenciou a minha formação cidadã. Logo após como acadêmico na Universidade Federal de Rondônia – UNIR, trilhei um caminho que me fez pesquisador, e com o tempo foi lapidada. Num primeiro momento, será abordado o percurso formativo, percurso profissional, experiências acadêmicas e a conclusão do memorial.

## **Percurso formativo**

Em 2014, formei-me bacharel em Biblioteconomia na Universidade Federal de Rondônia; inclusive nesse período estagiei em diversas institui-

ções, entendi várias filosofias de trabalho em cada empresa, mas a que me fascinou e motivou a trabalhar foi o estágio desenvolvido no Núcleo de Estudos Canadenses – NEC.

Os locais de trabalho executados no período de estágio foram vários, assim como na biblioteca das Faculdades: FVG-Porto e Colégio Objetivo (2014); Faro (2013) e Sesi/Fiero (2011).

Nesse período, dividi-me a trabalhar como bolsista PIBIC/UNIR de 2011 a 2015; nesse período ocorreu a implantação do projeto de integração da biblioteca do NEC na biblioteca central, denominado estagiário na Biblioteca Central da UNIR. Em relação à pesquisa, fiz projetos de minha autoria, artigos e apresentei trabalhos em congressos; tenho uma vasta experiência como pesquisador, assim como consta no Currículo Lattes, efetivo na Sesau, trabalhei no governo do estado de Rondônia, lotado como bibliotecário da Superintendência Estadual de Assuntos Estratégicos.

Durante a minha trajetória na UNIR fui Bolsista Pibic, Pet e com Bolsa de Estágio, que totalizou no período de 42 meses estagiando na Biblioteca do Núcleo de Estudos Canadenses; tivemos o idealismo de apresentar ao coordenador um projeto para dar uma solução aos problemas estruturais; logo essa ideia viria a ser um projeto de pesquisa de: “Intervenção da biblioteca do Núcleo de Estudos canadenses integrado na Biblioteca Central Dr. José Pires”, ou seja, o NEC ficou integrado à Biblioteca Central para conseguirmos dar um melhor suporte ao acervo. No decorrer do tempo, propus-me com base num cronograma de execução em conformidade ao planejamento estratégico a seguir à risca no período de execução dessas atividades para detectar as causas e os problemas a serem sanados para minimizar tempo, impactos e retrabalho. Hoje, fico muito feliz que, na função de estagiário, fiz a diferença de muitos para o progresso dessa instituição, considerando-me como um agente transformador para a universidade e para a sociedade. Nesse período, com a minha análise identifiquei os livros que hoje servem de base para justificar a formação e o desenvolvimento de acervo dessa coleção que estava num depósito em processo deplorável de degradação. Atualmente, o NEC é considerado a maior descoberta de acervo de obras raras do estado de Rondônia, onde ganhei uma menção de louvor do NEC na apresentação do TCC.

## Percurso profissional

Atualmente, estou cursando Licenciatura em Ciências Sociais, em fase de apresentação de TCC, pela Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR, sou especialista, pós-graduado *lato sensu* em: Biblioteconomia, Metodologia do Ensino Superior em Língua Portuguesa, Gestão pública, MBA em Governança. Já como bibliotecário voluntário da biblioteca do NEC e como investigador tenho ligação com um grupo de pesquisa, instituído pela instituição. Sendo dessa maneira pesquisador do projeto de pesquisa e extensão: Título: Linguagem, Literatura e Educação: Interface Brasil-Canadá (Núcleo de Estudos Canadenses de Rondônia). Em consequência disso, resultou uma pesquisa de produção monográfica que findou na utilização do TCC como resultado para a execução da implantação do projeto da biblioteca do NEC.

No momento, faço parte do quadro funcional do Instituto Federal de Roraima há cinco anos, removido para o Instituto Federal de Rondônia.

Porquanto, esclarecemos que para o Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica, edital ProfEPT 01/2021, nos adequamos à Linha de Pesquisa: Organizações e Memórias de Espaços Pedagógicos na EPT. Estou em busca de pretensão orientador por trabalhar com a temática ligada ao tema étnico-racial, ou seja, organizações negras, relações de poder nos processos de construção das bibliografias da rede de bibliotecas do Ifro, para refletir numa instituição melhor democraticamente racial, para fomentar condições de informação antirracista no Ifro.

Inclusive como bibliotecário, tecnólogo em gestão e pesquisador tenho diversas razões para continuar estudando e fazer o melhor para a instituição em que trabalho, portariado como assessor de biblioteca, na Proen/Reitoria, venho aprofundando as pesquisas, decerto que é elaborando e contribuindo com pesquisas e extensão que fortalecem o instituto com alternativas viáveis, ampliando as possibilidades de compreender e intervindo nas dificuldades encontradas que podemos dar uma solução para sanar os problemas estruturais na Rede de Biblioteca do Instituto Federal.

Tive fracasso em 2018; tentei fazer a prova do mestrado, mas cheguei atrasado; em 2019 fiz uma pontuação que aproximou à nota de corte; quase entrei no mestrado ProfEPT. Em 2021, tive sucesso de conseguir a tão sonhada vaga para cursar o mestrado.

## Experiências acadêmicas

Referente à oportunidade de mestrado, vejo essa oportunidade com grande esperança, e na condição de futuro acadêmico desse Mestrado Profissional em Educação terei possibilidade de, por estudos e pesquisas, dar continuidade às pesquisas. Dado que tenho a livre intenção de continuar nessa linha de Pesquisa, supracitada, o intuito é contribuir através de estudos mais concisos, centralizados de preferências nos problemas referentes à política antirracista na rede de biblioteca do IFRO na região amazônica. Sendo uma região tão distante das metrópoles e centros considerados desenvolvidos, sabemos que esse fator é um determinante para classificar e excluir a região por meio de material bibliográfico dentro de uma unidade de informação. Pesquisar e apresentar uma solução para o instituto é uma solução, prontificar um plano de política antirracista para rede de biblioteca, desde mapear material bibliográfico (livros e etc.) de escritores negros até criar uma política de intervenção para prontificar um plano de política antirracista para bibliotecas do IFRO.

Pois, a ausência de escritores negros influi negativamente na questão, basta ver quando comparamos dados que mostram claramente a falta de escritores negros, assim como bibliografias afro-brasileiras na rede de bibliotecas. Vale destacar que existem inúmeros estudantes do IFRO, em questão de diversidade; seria um dado para mensurar quantos alunos pardos e negros têm na rede IFRO para termos uma base de quantos possivelmente frequentam a biblioteca. A escolarização e concentração de renda de população branca nas regiões brasileiras; aquelas regiões mais desenvolvidas são também as que apresentam os maiores índices de escolarização e baixa renda familiar que influenciam a estratificação social. A mobilidade social é algo que a população afrodescendente enfrenta numa sociedade desigual brasileira. No tocante aos motivos que me levaram a concorrer e a enfrentar o desafio do mestrado, garanto que, como homem negro, não deixarei a desejar, pois sou aplicado e não desisto dos meus ideais.

1 – Por acreditar ser através da educação e com pesquisa que conseguimos mudar o contraste de nosso país, trabalhando ações preventivas em sentido amplo, como bibliotecário do IFRO posso contribuir e continuar pesquisando. 2 – Pela dimensão que esse mestrado aqui em Porto Velho pode proporcionar e o conceito do Mestrado de Educação ProfEPT/IFRO

como uma instituição digna de méritos e por acreditar que crescerei enquanto profissional e enquanto pessoa.

Porquanto, como gosto de pesquisar, em primeiro lugar não tive dificuldade em querer enfrentar o mestrado; além disso, analisando essa linha de pesquisa, vislumbrei a possibilidade de continuar a pesquisar.

O Brasil é um dos países mais cosmopolitas e híbridos. Rondônia não difere, possui inúmeras pessoas de diversos países, seja morando no meio de comunidade e entre outros. É tanto que Hall considerou: As identidades nacionais estão sendo “homogeneizadas”. A homogeneização significa que a globalização ameaça solapar as identidades e a “unidade” das culturas nacionais. Entretanto, como a visão do futuro das identidades num mundo pós-moderno, esse quadro, da forma como é colocado, é muito simplista, exagerado e unilateral<sup>1</sup> [...] (HALL, 2011, p. 77).

Sem dúvida, acredito que por meio da pesquisa podemos entender um pouco melhor o porquê, as nossas identidades e conseguir ao menos decifrar ou entender os distúrbios sociais; inclusive essa é a pior fase, que é tão surpreendente, muito cheia de mistérios, que é a variada cultura do nosso país, o conceito mestiçagem revisita, ou seja, o nosso país é um mosaico de cultura, entretanto a formação parte por diversas raças e etnias.

Certamente, a execução das metas das atividades do cronograma do projeto do mestrado vai ser seguida à risca. Como continuará sendo o meu objeto de estudo, executarei as atividades a serem seguidas num tempo hábil com tranquilidade e foco; para seguir um cronograma não é problema, gosto de desafios, nasci preparado para tudo nesta vida, consigo acompanhar e executar as atividades, evitando assim a defasagem do cronograma do projeto, e esse é um recurso indispensável para o estabelecimento de objetivos e metas a serem alcançadas por meio do planejamento estratégico que operacionaliza as metas, objetivos e as diretrizes, entretanto o produto que alcançamos visa alcançar a conclusão do projeto.

Obedecer ao cronograma é o maior desafio, pois se deve ter gerenciamento estratégico para cumprir metas, fechando-as com prazo definido; nada de deixar a meta aberta. O método utilizado talvez possa ser pesquisa-ação, cumprir o prazo para fazer e recomendar para a execução da implantação do projeto através de produzir informação antirracista no combate para descolonizar. Vale salientar que a informação antirracista é um debate desafiador, tratando de uma questão em que precisa muito ser discutido esse diálogo a partir de uma perspectiva de resistência, contribuindo

assim para uma democracia racial, com equidade racial, pois o país é multicultural – ‘assim define esta terminologia o Stuart Hall’ – e tem diversos tipos de pertencimento étnico-racial para estudo. A possibilidade de construção do Plano de política antirracista da biblioteca do IFRO é muito importante para a instituição acompanhar avanços nas pautas étnico-raciais, pois o objetivo é criar o projeto e executar as ações em tempo hábil; é algo inovador que não existe na instituição, precisamente na política de desenvolvimento de acervo da rede de bibliotecas IFRO.

## Conclusão

Mesmo como bibliotecário, tecnólogo em gestão e pesquisador, tenho vários motivos para continuar aprendendo e dar o meu melhor pela organização em que trabalho. Como consultor bibliotecário no Proen/Abib aprofundi a minha pesquisa; claro que me formei e contribuí para a pesquisa fortalecendo o instituto com alternativas possíveis, ampliando os horizontes de compreensão e intervir nas dificuldades encontradas, conseguimos dar soluções aos problemas estruturais da rede de bibliotecas do instituto federal. Pois bem! A ausência de escritores negros teve um efeito negativo sobre o assunto, haja vista que a comparação dos dados mostra claramente a ausência de escritores negros, assim como as bibliografias afro-brasileiras na rede de bibliotecas; deve-se notar que existem muitos alunos do IFRO em termos de diversidade; essa será uma métrica para medir quantos alunos pardos e negros estão na rede do IFRO para ter uma base no número de aptos a ingressar na biblioteca.

Contudo, em toda a vida, tive problemas de saúde. Acredito que ter problemas é inevitável; deixar-se levar por eles é opcional, ‘frase de autor desconhecido’, explico que descobri um problema autoimune raro, poliangeíte microscópica/vasculite, fiz biópsia do pulmão, quase morri, fiz cinco sessões de quimioterapia para entrar em remissão o quadro de saúde; após isto, contaminei-me em 2020 com Covid-19, tendo diversos problemas de saúde, fiquei 30 dias na UTI desfalecendo. Deus oportunizou uma segunda chance; fiquei com sequelas cardiológica, pulmonar, neurológica, gastrointestinal; além disso, cheguei a utilizar mais de e etc., ano e 5 meses recebendo oxigenoterapia na unidade domiciliar; foi montada uma UTI externa, pois tive sequelas em 89% do pulmão, ocorreu fibrose intersticial; jamais desisti de meu sonho de cursar o mestrado em educação ProfEPT.

Enfrentei o desafio do estudo de Direito; no ano de 2020, continuei os estudos em Ciências Sociais; logo planejei também o mestrado em educação ProfEPT; organizei-me...

Já em 2022, no dia em que fiquei sabendo da aprovação no mestrado em educação ProfEPT, o resultado saiu dia 11/03/2022, o meu pai faleceu de Covid-19. Infelizmente, tinha tudo para desistir, mas não desisto da vida, e alcançar os meus objetivos é algo que não deixo em beira de estrada. Entendo que executar e conduzir o andamento de um projeto depende de um bom planejamento para desenvolver as ações com objetivo de atingir o produto final, que é o cronograma bem definido com data e lapso de tempo alcançável, pois tudo deve ser quantificado com datas, com as diretrizes das metas e objetivos quantificavam fechadamente para não fugir do ciclo da gestão estratégica, pois cumprirei as datas do cronograma pontualmente para não ocorrer a defasagem de meu projeto.

Por fim, toda a experiência de vida contribuiu para a formação de minha identidade como pesquisador. Declaro que a fase de maturação foi grande; esse amadurecimento acadêmico foi desenvolvido desde quando iniciei na UNIR até os dias atuais. Não falto com a verdade que tive um impacto inicialmente; vou lutar até o final para alcançar o objetivo e o sonho de terminar o mestrado ProfEPT, ser um especialista em educação para contribuir com a instituição à qual estou vinculado.

## Referência

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, [1992] 2011.

## **“Rememorar” artístico, pessoal e profissional**

*Sabrynne Sampaio de Sena*

### **Infância**

Rememorar: lembrar novamente; voltar a lembrar; recordar mais uma vez. Fazer uma viagem dentro de mim e de minhas caixas de memórias, buscar nos guardados uma trajetória de 37 anos. Eis a proposta do ProfEPT; revirar as gavetas da memória e buscar nas profundezas informações para este breve e possível relato.

Chamo-me Sabrynne Sampaio (de mãe) e Sena (de pai), nasci em Teresina-PI no dia 11 de novembro de 1984 num domingo de manhã. Sou a irmã mais velha do Antonny e filha de Salma e de Francisco. Minha mãe é dona de casa e vivia para cuidar da agenda e das demandas da casa e dos filhos.

Não me lembro de ter uma rotina de atividades familiares do tipo café, almoço e jantar juntos. Não me lembro de programas familiares; como eu tinha uma rotina de atividades e meu irmão também, cada um com seus horários, fomos crescendo sem esses encontros que talvez possibilitassem outras vivências na infância.

Minha vida escolar aconteceu meio que tardia. Frequentei a escola com quatro anos e meio, mas não conseguia ficar e só chorava; nos primeiros dias, meus pais resolveram me levar para a escola quando meu irmão estivesse em idade escolar também. E com cinco anos então eu me lembro de gostar da escola. Sou neta de professora, e minha avó tinha a escolinha de maternal e fundamental I. Apesar de não ter estudado na escola dela, tenho vagas lembranças de brincar nos brinquedos da escola e de ganhar muitos livros, carimbos e “tarefinhas” com cheirinho de mimeógrafo.

Com cinco anos eu também já havia passado pelo segundo teste na vida, o teste para entrar na Escola de Dança de Teresina e na Escola de Música de Teresina, lugares onde passava minhas tardes. Durante anos,

minha mãe fazia esse percurso e ia me ensinando para quando eu tivesse com idade para ir sozinha de ônibus. Fui crescendo e mudando de escola. Todas as escolas em que estudei foram escolas particulares; alguns anos estudei com bolsa de estudos, outras vezes eu vendia meus livros dos anos anteriores para comprar o material do ano que iniciava e ajudar nas despesas escolares.

No meu Ensino Médio, fui para uma escola conceituada da cidade, e a escola ocupava todo o meu dia; naquele ano, tive que me afastar das coisas que amava: a dança e a música. Nesse período, eu já trabalhava como instrutora de música em um projeto social nas comunidades mais afastadas da cidade. Eu me dividia entre estudar, trabalhar, frequentar o grupo de escoteiro e praticar esportes. A rotina seguiu até o 2º ano do Ensino Médio, quando fui aprovada no vestibular de bacharelado em Turismo. Consegui cursar os Ensino Médio e a Faculdade juntos e, após concluir o 3º ano do Ensino Médio, resolvi fazer Faculdade de Música, só que em outro estado.

## Goiânia

Aos quinze anos, fui para o meu primeiro CIVEBRA (Curso Internacional de Verão de Brasília); fui conhecendo outras pessoas e ampliando o leque de conhecimentos no caminho da música. Como já trabalhava na área e já estudava desde criança, achei-me capaz de tentar o vestibular na Universidade Federal de Goiás em junho de 2003, mudei para Goiânia e, em 2004, ingressei no curso de Licenciatura em Educação Musical da UFG. Com dezoito anos e morando sozinha em outro estado e muito aprendizado de vida e responsabilidades.

Meus pais ajudavam com as despesas do aluguel, transporte e alimentação, e para as outras coisas eu precisei conciliar a Faculdade com o trabalho. Comecei a trabalhar em uma escola muito longe de minha casa; tinha que pegar dois ônibus para chegar lá a tempo de dar o primeiro tempo de aula às 7h da manhã.

O mesmo acontecia quando tinha que fazer a viagem matinal para ir ao *campus* da UFG; meu primeiro tempo de aula era às 7h da manhã e, como meu curso era integral, então passava praticamente o dia todo na universidade.

Quase no fim do sexto período, fui convidada para trabalhar na Secretaria de Cultura de Brasília no Departamento de Arte e Cultura Inclusi-

va no Teatro Nacional, e minha vida dividia-se entre finalizar a Faculdade em Goiânia e trabalhar alguns dias em Brasília. E foram meses de aprendizagem e desgastes emocional e físico. Em 2007, no fim da Faculdade, entrei na pós-graduação em Educação Especial.

## **Mato Grosso**

Em 2008, passei em um concurso público para o cargo de professora de Arte na cidade de Primavera do Leste-MT. Mudei para lá; antes de ser convocada para o concurso, fui aprovada no processo seletivo para professores do estado, quarenta horas, e no tempo em que não estava na escola, eu dava aula em uma escola particular de Música.

Quando fui convocada, passei pela decepção de não conseguir assumir, porque meu diploma de conclusão de curso não era em Educação Artística e sim Educação Musical. Por mais que a legislação vigente no país permitisse que quem é licenciado em uma das linguagens da Arte pudesse assumir, o entendimento da prefeitura não era esse. Em 2008, retornei para UFG para cursar a distância a licenciatura em Artes Visuais; sempre sentia a necessidade enquanto professora de estudar o máximo possível as outras linguagens da Arte, e foi quando a UFG abriu vagas para portadores de diploma e professores; esse era um programa para professores e funcionava num fim de semana por mês; as aulas eram em Goiânia, e todos os meses a rotina de longas horas de viagens inclusive fez esse trajeto ficar mais longe quando mudei para Vilhena e Porto Velho; antes o trajeto era feito em doze horas de ônibus; após a mudança, para ganhar tempo, o jeito mais fácil era ir de avião e assim permaneci até minha formatura em 2014 já com uma filha no colo.

## **Como fui parar em Rondônia**

Morei na cidade de Primavera do Leste-MT por uns quatro anos; casei e meu marido foi transferido para o estado de Rondônia. Em 2010, mudei para a cidade de Vilhena; lá abri uma escola de Música e atuava como professora de Arte numa escola privada e permaneci até janeiro de 2012. Nesse caminho de minha vida em Vilhena, fui convidada a lecionar no curso de Licenciatura em Música pela Universidade Federal de Rondônia – UNIR no *campus* de Jí-Paraná pelo programa PARFOR. E confesso

que foi uma das experiências mais conturbadas de ser professora universitária e me fizeram refletir durante anos sobre a profissão. Em 2012, mudei para Porto Velho para assumir como regente os corais do Tribunal Regional do Trabalho – TRT e meses depois o coral do Ministério Público do Estado de Rondônia – MPRO. Abandonei de vez a vida em Vilhena.

Apesar de ser licenciada em Música, muitos medos me apareceram nessa nova profissão, a de REGENTE, assumindo um cargo que já vinha carregado de referências de regentes anteriores; senti uma necessidade enorme de estudar mais, e junto com a Faculdade de Artes Visuais em Goiás, eu ainda fazia aulas de regência e de canto e voltava para casa cheia de ideias novas e materiais prontos para serem experimentados com meus coros.

Depois do fim do ciclo da Licenciatura em Artes Visuais e uma mudança de profissão, já me sentia bem ambientada no universo da regência coral.

Com a nova carreira senti necessidade de fazer uma outra pós-graduação, agora de Regência Coral, que me demandava muito tempo e disponibilidade de viagens; as aulas aconteciam uma vez por mês em Tatuí-SP. E junto fiz a pós-graduação em Direção de Arte, que pra mim foi uma pós-graduação difícil por ser um tema mais voltado para o marketing do que para minha área artística.

Não me lembro de ter trabalhado em outra área que não fosse ligada à educação. Comecei a trabalhar muito cedo, sendo monitora de flauta-doce numa comunidade carente afastada da cidade de Teresina-PI. Fiquei no cargo até mudar para Goiânia e lá fui lecionar a disciplina de Música e regia o coro em uma escola de Fundamental I e II. O trabalho acontecia nos horários em que eu não estava na Faculdade, já que era um curso integral. Concomitantemente tinha vários alunos particulares de instrumento e musicalização.

E quase no último ano de Faculdade fui convidada para trabalhar na Secretaria de Cultura do Distrito Federal, na Secretaria de Cultura Inclusiva e ficava dividida entre Brasília e Goiânia, e no meio de tudo isso ainda escrevia meu TCC.

Em 2008, passei em um concurso público na cidade de Primavera do Leste-MT para ser professora de Arte na rede municipal. A cidade é muito acolhedora e cheia de oportunidades; enquanto aguardava para assumir o concurso, já tinha assumido como celetista na rede estadual como professora de Arte de quarenta horas. E trabalhava como professora de Música

em uma escola particular da cidade. Trabalhando 60 horas, tinha uma vida intensa de estudos e trabalho; durante a semana era trabalhando e nas sextas a cada 20 dias pegava a estrada para Goiânia para cursar a Faculdade de Artes Visuais; ficava mais tempo dentro do ônibus do que assistindo à aula; eram 12 horas de viagem na ida e 12 na volta, isso quando o ônibus não quebrava.

A pós-graduação em Educação Especial foi nesse período de correrias também. No ano de 2009, mudei para a cidade de Vilhena-RO; casei, abri uma escola de Música e trabalhei na rede privada de ensino como professora de Arte. Em 2010, recebi o convite para atuar como professora na disciplina Música e Educação Especial pelo programa PARFOR (um programa criado pelo governo federal para professores da rede para que tivessem acesso ao Ensino Superior) – MEC pela Universidade Federal de Rondônia. Não tinha vínculo com a instituição, e a minha primeira experiência em lecionar no Ensino Superior assustou-me um pouco, não pela aula em si, mas pela forma com que foi conduzido o curso. Os alunos/professores acabam não concluindo; tiveram só o meu módulo, e o projeto não foi pra frente por conta da gestão da época talvez.

Vivenciei outra experiência na tutoria da UNB: trabalhei em algumas disciplinas no curso de graduação em Música, atendendo o polo de Rio Branco e Sena Madureira no Acre. Em 2011, fui chamada para uma das missões mais importantes de minha vida. E nem pensei duas vezes em mudar de cidade novamente. Vim para uma reunião em Porto Velho-RO a pedido de uma regente conhecida que estava deixando a cidade e estava à frente de cinco coros de instituições públicas da cidade e precisava urgentemente de alguém que desse continuidade ao trabalho. Vim de Vilhena até Porto Velho para conhecer as instituições e os coros: Coral do Ministério Público do Estado de Rondônia – CANTO LIVRE, Coral do Tribunal Regional do Trabalho – Coral 14. Em fevereiro de 2012, eu já estava morando em Porto Velho e regendo o Coral 14 – TRT.

O Coral 14 do TRT foi a minha primeira porta de passagem para o mundo novo que me esperava. Profissionalmente, devo dizer que foi a experiência mais desafiadora de minha carreira; assumi uma vaga que era de uma outra regente que tinha convivido com esse coral por seis anos. Cheguei ainda crua, acuada e com medo e cheio de normas para serem seguidas, que os próprios coralistas impunham algumas vezes e de forma indireta. Entendo que o carinho pela regente anterior continuava, mas o próximo

que viria não seria igual, e para eles estava confortável manter a mesma linha de pensamento, repertório musical, formato de ensaio. E esse tipo de situação me tirava o sono, porque cada ensaio era uma reação diferente e uma cutucada diferente do tipo “olha, fulana fazia assim”, “ vamos cantar essa música que já ensaiamos com fulano?”, e tudo o que eu propunha fazer era recebido de forma diferente porque ainda estavam habituados ao formato anterior.

Afinal, cada pessoa leva sua bagagem, tem sua história, sua relação com o trabalho de forma diferente. A minha reação era estudar e especializar-me cada vez mais na minha área e fazer a diferença na vida das pessoas dos grupos que estava conduzindo e nas pessoas que assistiam. Ainda em junho de 2012, saiu a minha contratação para reger o coral do Ministério Público do Estado de Rondônia, e os enfrentamentos eram os mesmos: o de cobrança e algumas vezes olhares atravessados com a nova proposta que eu trazia. Segui com os dois coros, e em julho do mesmo ano, recebi a missão de fazer uma pesquisa musical para homenagear 24 estados brasileiros. O repertório fazia parte das tradições de cada região. E a missão era fazer com que o coro comprasse a ideia de sintetizar 24 músicas em 19 minutos e ainda passar uma mensagem de boas-vindas aos que assistiam. Convidei o Coral do MPRO para ajudar o Coro do TRT, e recepcionamos calorosamente os representantes desses estados que compareceram ao evento.

Eu costumo dizer que foi meu primeiro quebra-gelo, pude reunir os dois coros, que já se conheciam e já tinham feito outras propostas juntos e ainda adotaram uma metodologia nova de cantar, que nada mais era do que se propor a fazer.

Os coros institucionais possuem características de cantar hinos e músicas solenes. E a nova proposta era cantar algo com uma mensagem que provoca no espectador emoções e sentimentos que nem todas as vezes eram bons, mas poderia ser ruim também a experiência para a pessoa, mas ao menos se tornar um ser reflexivo.

Um fato importante nesse ano de 2012 foi ter engravidado e ter uma gravidez de risco. Como não tinha família na cidade e nem parentes, o coral foi se aproximando e me dando assistência nas minhas questões pessoais, o que para mim foi de suma importância na minha permanência no trabalho e na cidade. Minha filha nasceu em junho de 2013, e tive exatamente 30 dias para retornar ao trabalho, já que era um contrato, e caso e

não cumprisse, ficaria sem receber. Sendo assim e com a ajuda de minha mãe, que veio passar uma temporada comigo, retornei ao trabalho 28 dias após minha filha ter nascido; com dois meses ela já frequentava os ensaios, já que eram um tempo rápido de 1:30h ou 2:00h; ela acabou virando a “mascotinha” dos coros com que eu trabalhava.

O tempo serviu de amadurecimento tanto para os grupos como para mim como profissional. Continuei estudando, fazendo aulas com regentes de outras regiões sempre que eu podia sair e ainda estava presa à Faculdade de Artes Visuais em Goiânia; faltava apresentar o trabalho de conclusão, que era para 2012, mas tive complicações na gravidez que não me permitiam viajar de avião e de carro era totalmente inviável. A conclusão veio em junho de 2014, já com minha filha tendo quase um ano de idade. E aqui foi a primeira vez em que consegui cumprir as formalidades que a academia possui. A minha primeira formatura foi na sala do diretor de minha Faculdade: eu, o diretor e mais cinco alunos que precisavam colar grau especial. Dessa vez, mesmo com a ausência de familiares, mas com a presença dos amigos que fiz na Faculdade de Música, foi uma formatura diferente, coisas que só a academia proporciona.

## **Seduc**

Desde a minha mudança para Porto Velho, como já atuava na sala de aula como professora de Arte, queria continuar a rotina que vinha desde sempre: sala de aula, música e estudos. Passei no processo seletivo para professora da rede estadual e atuando de 2012 até 2013 e pedi para sair por conta da filha que ia nascer. Em 2012, fiz concurso para professora efetiva; passei, mas só assumi em 2015 e ali estou até hoje, atualmente chefe do Núcleo de Arte e Cultura Escolar da Secretaria do Estado de Educação – SEDUC/RO.

Em 2015, quando assumi o concurso, tive experiências maravilhosas em duas escolas da capital. Eram escolas no centro da cidade, mas com perfis bem diferentes. Em uma delas, a arte respirava em todas as colunas e pilares, por ser a escola mais antiga da cidade, com muitas histórias e tradições, políticas, culturais e esportivas. A outra era mais carente de arte e sensibilidade, mas muito receptiva e aceitava as propostas que eram colocadas tanto para os alunos como para a parte pedagógica. Uma das propostas era dar funcionalidade à rádio-escola, que estava parada há anos, mas não

se podia usar, e os alunos também não eram convidados a experimentar; a oportunidade foi a porta de entrada para os demais projetos artísticos que se tinha lá: exposição de arte, roda de conversa sobre música, momentos culturais, apreciação musical. Permaneci nas duas escolas até 2017 e fui convidada pela CRE – Coordenadoria Regional de Educação de Porto Velho para ajudar no Festival de Estudantil Rondoniense de Artes – FERA. Esse festival a princípio foi criado em 2015 em atendimento aos alunos nos jogos escolares – JOER como noite cultural.

Particularmente atuando em sala de aula e sendo professora de Arte, nunca concordei com o regulamento e com os padrões criados para mediar atividades artísticas presentes no FERA. Quando tive a experiência em 2017, foi na organização do evento e não com meus alunos participando e sim com alunos de outras escolas. A experiência foi bastante reflexiva mas o entendimento veio depois; em 2018, fui convidada para sair da sala de aula e ir para a Seduc trabalhar na gerência de educação física e esporte, que eram os responsáveis também pelo FERA. E lá estou hoje responsável não só pelo FERA como pelo Núcleo de Arte e Cultura Escolar, criado anos depois e com um leque enorme de projetos e responsabilidades: bandas e fanfarras, mais cultura escolar, cultura é currículo, formação continuada de professores de Arte e Webinars voltados para a arte e cultura, responsável pelo Congresso Estadual de Arte e Cultura Escolar e diversas parcerias com instituições na promoção de cursos e eventos artísticos e tudo o que for a respeito da arte e cultura escolar do estado.

Outra contribuição foi fazer parte da escrita do Referencial Curricular do Estado no componente curricular de Arte. E a implantação da BNCC do Ensino Fundamental e a escrita dos cadernos de Arte da Seduc/RO.

### **Canto para todos**

Desde 2012, eu estudava o formato de coro cênico, colocava em algumas músicas, dava uma pincelada nas propostas, mas ainda não tinha proposto um espetáculo em que eles entrassem no personagem.

Só para frisar que coros institucionais de instituições públicas são formados por servidores da própria instituição, ou seja, tinha servidores de vários setores (psicólogos, advogados, juízes, desembargadores, da área da limpeza, a moça que servia o cafezinho); era uma mistura muito boa, e todos com o mesmo propósito: levar como se trata do TRT e do MPRO, a perma-

nência desses servidores era condicionada às liberações das chefias imediatas e, muitas vezes, a ausência de muitos devido ao acúmulo de trabalho.

Diante das dificuldades e sabendo que seria trabalhoso, fiz a proposta de que naquele ano fosse feito um musical, em que os servidores pudessem mostrar para os chefes e para suas instituições o que de fato eles faziam nos horários de ensaio; muitos desses ensaios eram no horário de trabalho ainda. Ensaíamos por três meses cenas, música e arranjos e escolhemos um artista só para trabalhar.

Canto Para todos foi um divisor de águas no meu trabalho enquanto regente. A princípio, começou com um projeto de integração entre as instituições e a sociedade, levando a música e as artes de uma forma geral para a população e os servidores e membros das instituições e empresas envolvidas. Hoje, está caminhando para a oitava edição e mantendo o foco de formar plateia e contar histórias por meio da música popular brasileira.

O trabalho com os coros trouxe-me muitas realizações, como o 1º Prêmio Rincão Cultural, promovido pelo governo do estado por contribuir com as Artes. Participei do III Simpósio Internacional Mulheres Regentes/Women Conductors – International Symposium como palestrante, mostrando a relevância do canto coral na Região Norte do Brasil. Entre outras palestras e rodas de conversas, oficinas para entidades como SESC, governo federal, universidades e outros.

Em 2018, comecei uma empresa de produções artísticas, a Cantadô Produções Artísticas, que desenvolve trabalhos em várias frentes: as produções do Canto Para Todos-2018 e 2019, documentário Dia de Feira – 2021, Mostra Musical Canta Zezinho – 2021. Oficinas para o Festival Sonora, Mostra de Música do SESC e o Canta Mulher desde 2018.

## **O caminhar**

O ProfEPT apareceu em minha vida em uma conversa que tive com um colega que fez o mestrado profissional na Bahia. Não tinha pensado nas possibilidades e desconhecia o mestrado profissional. Impulsionada também pelo meu hoje, meu colega de trabalho e hoje colega de mestrado e de outras aventuras insistiu que era a nossa hora e que tínhamos que entrar dessa vez. Eu já tinha tentado algumas vezes e desanimado outras tantas por não conseguir entrar.

Diante das lembranças presentes e das possibilidades que o mestrado está me possibilitando juntamente com minha formação nas áreas de educação musical, artes visuais, regência coral, direção de arte e uma experiência do canto coral cênico, busco relacionar meu projeto que pode ser em formato de oficina ou projeto de extensão dentro do IFRO – Calama para alunos e professores.

O processo de execução e gestão do projeto que leva ao produto final, que é permeado no âmbito cultural presente nos espaços da EPT, na bagagem da sociedade em que vivemos. Com o objetivo de trazer o discente para perto da música e possibilitar vivências no contexto da EPT, aproximando da realidade e de seu contexto regional, pensamento no indivíduo buscando trazer por meio do canto coral e explorando uma de suas vertentes, que é o cênico, unir a música, o movimento, a cena dar uma outra vida à música executada. Experimentar a junção de música, voz, corpo e emoção.

# **Desafios e perspectivas de uma mulher que quebrou paradigmas para ser professora**

*Valdelice Rodrigues de Passos Oliveira*

## **A generosidade do tempo e a minha vida**

### **Minha história: início de tudo**

Fim de inverno, início de primavera em Teófilo Otoni – Minas Gerais; numa madrugada fria, nasceu a primogênita de Valdemar Pereira de Passos e Noêmia Rodrigues de Passos de parto normal pelas mãos do doutor Júlio César, médico da família “Furtados”, no dia 22 de setembro de 1979. Recebi o nome de Valdelice para que não fossem apagadas da memória de um saudoso tio querido, o precursor da família, as lembranças de seu eterno amor.

No município em que nasci, morei até os seis anos na fazenda “Furtados”, de origem de povos escravos por parte de meus avós maternos. “Furtados” era o sobrenome de minha tataravó Maria Furtados. Meus antepassados herdaram essa fazenda, que foi passada de geração em geração. Atualmente, residem dois tios em uma parte dela. Minha mãe amava contar histórias antigas, e eu me apaixonei por elas; os livros eram minha paixão.

Em dezembro de 1986, chegamos em Rondônia, no município de Jaru, em busca de uma vida melhor, porém encontramos muitas dificuldades, principalmente com a cultura local. Foi uma época marcada por dor e sofrimento, pois a malária era a vilã que atacava sem piedade.

Comecei meus estudos primários em 1987 na Escola Estadual Raimundo Cantanhêde. Confesso que não gostava das aulas, pois todo aquele desejo de estudar foi desmotivado após conhecer uma professora estressada, que ficava sentada no canto da sala com uma vara bem grande na mão.

Ela me colocou nos fundos da sala; eu me esforçava para copiar as tarefas, porém ficava sem recreio todos os dias, pois não dava conta de transferir as atividades do quadro para o caderno. Sendo assim, era a última a

sair da sala de aula. Nas repetições das aulas de tabuada, ficava de castigo no milho, pois sempre errava os resultados. Talvez não era a intenção da professora, mas o sentimento que sentia era de rejeição. Nesse pensamento, Libânio explica que “dentro da própria escola há grandes diferenças no modo de conduzir o processo de ensino conforme a origem social dos alunos, ocorrendo a discriminação dos mais pobres” (LIBÂNIO, 1994, p. 35).

O destino foi tão generoso comigo, que levou aquela professora para bem longe, ou seja, foi demitida não sei por qual motivo. Lembro-me quando se despediu dos alunos da sala com as lágrimas escorrendo pelo rosto. Cabisbaixa, saiu deixando apenas um silêncio intenso, que foi preenchido por um sorriso cativante da nova professora com o nome de Ana Maria Gonçalves, que deu continuidade à aula cantando várias musiquinhas.

A professora Ana transformou a sala em um verdadeiro laboratório de aprendizagem, permitindo que o conhecimento fosse realmente construído. Tenho boas recordações das histórias contadas em sala de aula pela professora. Fui construindo a minha história na Educação Básica com os ótimos professores que conheci; sou grata, pois esses me levaram a escolher a profissão mais valiosa que conduz o ser humano a se transformar e conseqüentemente mudar o mundo, a profissão de professora. Essa professora trouxe na lembrança o que diz Paulo Freire: “Todo aprendizado deve encontrar-se intimamente associado à tomada de consciência da situação real vivida pelo educando” (FREIRE, 1999, p. 12).

No entanto, as marcas do período do ensino primário não me deixaram traumas; pelo contrário, nasceu em mim um desejo de querer fazer diferente, pois sempre acreditei que todos têm a capacidade de aprender independentemente das diferenças sociais. Foi muito importante sentir isso na prática e ver que na educação tudo é possível.

### **Traçando meu destino**

Durante o meu processo de alfabetização, as experiências vividas fizeram-me refletir sobre a escolha da profissão que marcaria o meu destino de ser professora alfabetizadora. Ainda criança, decidi que um dia me tornaria uma professora e faria tudo ao contrário do que vivi, pois sempre acreditei que o conhecimento transforma pessoas.

Então minha primeira graduação foi em Pedagogia (Licenciatura) pela Universidade Federal de Rondônia – UNIR, Porto Velho-RO, de 2002 a 2007. O tema da conclusão do curso (TCC) que defendi foi “Um estudo de caso sobre a implantação da Gestão Democrática na escola municipal Josué de Castro de Buritis-RO e os seus resultados”. Trabalho foi orientado pelo saudoso Prof<sup>o</sup>. Padre Zenildo Gomes da Silva. Na época, o tema Gestão Democrática na escola pública foi quebra de paradigma, levando os educadores a olhar por outro viés. Assim, o assunto era debatido e dividia opiniões entre a classe quanto à sua implantação e seus resultados. Essa pesquisa contribuiu significativamente para a sustentação de minha carreira profissional e acadêmica.

A passagem pela escola pública foi marcada por desafios para conseguir me formar; entre esses desafios a vontade de aprender cada vez mais era eminente. Tive a oportunidade de fazer outro curso em 2011; escolhi fazer a Graduação em Letras e Literatura (Licenciatura) pela Universidade Federal de Rondônia – UNIR, Porto Velho-RO, concluído em 2018. O trabalho de conclusão do curso (TCC) foi o “Relatório de Estágio em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura III – observação e participação no Ensino Médio na Escola Estadual Maria de Abreu Bianco”. Foi orientado pela professora Angélica Viriato Ortiz Alves.

Esse curso contribuiu para melhorar minhas habilidades em leitura, escrita e produção textual; a lacuna deixada pela deficiência nos meus estudos durante o percurso pela educação básica pública foi grande. Consegui avançar em alguns aspectos e em outros não, porém tenho muito que aprender.

Superação é um desafio que depende de meu esforço; por isso estou sempre lutando e aproveitando as oportunidades que a vida me proporciona, pois “a ideia da liberdade só adquire plena significação quando comunga com a luta concreta dos homens por libertar-se” (FREIRE, 1999, p. 15). Por esse motivo, tenho em meus pensamentos um desejo de liberdade e levar isso ao outro creio que a educação é capaz de proporcionar todos aqueles que a procuram.

### ***Pós-Graduação *Latu Sensu****

Durante a carreira de professora alfabetizadora, deparei-me com crianças que não conseguiam aprender. Porém a Licenciatura em Pedagogia trouxe embasamento teórico metodológico para auxiliar os alunos em seu

aprendizado, mas não era suficiente para responder às questões sobre dificuldades de aprendizagem em sala de aula. Então fiz a minha primeira pós-graduação em Psicopedagogia Institucional e Clínica pelas Faculdades Integradas-UNESC, de Cacoal-RO, de maio de 2007 a dezembro de 2007. O tema da conclusão do curso (TCC) que defendi foi “O papel do psicopedagogo diante das dificuldades de aprendizagem”, tendo como orientador o Prof. Rômulo Giacome de Oliveira Fernandes.

Foi importante para minha prática pedagógica, pois contribuiu, além do auxílio com as crianças, também para as famílias da instituição de ensino e os professores na época em que fui coordenadora pedagógica.

Com a crescente demanda na sociedade dos transtornos de aprendizagem nos anos iniciais, continuei meus estudos. Em 2019, fiz duas pós-graduações no formato on-line pela Faculdade UNINA, sendo Neuropsicopedagogia, Transtorno do Espectro Autista (TEA) e Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD). Mesmo não tendo TCC, contribuiu para minha carreira profissional e continuidade na pesquisa do campo educacional.

### **Pós-Graduação *stricto sensu***

Iniciei em 04 de abril de 2022 o Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT no Instituto Federal Rondônia-IFRO, Porto Velho Calama. Confesso que estou apaixonada pelo curso; o contato com os professores e os alunos me fez refletir sobre o valor do contato humano para o desenvolvimento da aprendizagem, principalmente depois que passamos por dois anos de pandemia.

A busca pelo conhecimento para contribuir na área em que atuo atualmente fez-me refletir em realizar o mestrado. Nas leituras realizadas sobre o ProfEPT, percebi de imediato a importância para a contribuição da área em que atuo, pois o mesmo oportuniza construir o projeto de pesquisa durante a realização do curso e ainda nos beneficia com um produto educacional. Para minha carreira será perfeito, pois nos leva a dar contribuições para a sociedade à qual pertencemos.

Estou motivada, pois quero contribuir para a educação de meu município através da elaboração de um produto que vai contribuir para orientar professores que atuam nas salas de recursos multifuncionais com atendimento de crianças autistas.

O ProfEPT traz algo muito importante para a formação profissional, que é dar oportunidade a você para criar o conhecimento e contribuir com o outro. Foi esse ponto que me interessou em realizar o mestrado; pensei como seria importante eu poder ajudar meu município e o setor de trabalho. São imensuráveis as contribuições dessa pesquisa para minha vida profissional e social, pois terei a oportunidade de tornar mais pessoas gratas e felizes, assim como eu.

### **Itinerário profissional**

Comecei a trabalhar em instituições de ensino em abril de 2000 na Escola Multisseriada de Ensino Fundamental São Francisco em Buritis-RO. Atuei como professora até julho de 2003. Em outubro de 2003, iniciei na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Maria de Abreu Bianco como professora alfabetizadora; atuei até dezembro de 2007. Em 2008, assumi a Coordenação Pedagógica do Ensino Fundamental II, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos, dessa referida escola, até setembro de 2010.

De setembro a dezembro de 2010, atuei como Coordenadora Pedagógica na Escola Municipal de Ensino Fundamental Sebastião Theodoro. Em fevereiro de 2011, fui convidada para assumir o cargo de Coordenadora Pedagógica da Secretaria Municipal de Educação de Buritis-RO, na qual estou atuando até a presente data. Depois que assumi como Coordenadora Pedagógica da Secretaria Municipal de Educação-SEMECE, participei das seguintes comissões:

- Coordenadora da Comissão dos itinerários formativos nas unidades escolares da rede municipal de ensino com o tema: Importância da atuação do Conselho Escolar para a oferta da educação de qualidade, 2011.
- Coordenadora da Comissão de elaboração do Referencial Curricular do Município de Buritis-RO, 2011.
- Coordenadora da Comissão de implantação dos instrumentais de avaliação da Educação Infantil, Ciclo de Alfabetização e Educação Especial, 2012.
- Coordenadora da comissão de elaboração, avaliação e monitoramento do Plano Municipal de Educação-PME, 2015 até o presente momento.

- Coordenadora da comissão da Avaliação Municipal da Aprendizagem-AMA, 2018 até o presente momento.
- Coordenadora da comissão do projeto itinerário formativo nas unidades escolares, em 2022.
- Coordenadora da comissão de Oficinas Práticas em Alfabetização e Letramento para professores alfabetizadores, em 2022.
- Fui formadora dos cursos de formações continuadas ofertados pelo MEC: PROINFO (2011 a 2012), PNAIC (2013 a 2018).

Além das atividades desenvolvidas, executo outras funções:

- Sou vice-presidente do Conselho Municipal de Educação-CME.
- Organização dos eventos ofertados pela SEMECE.
- PDDE-WEB (desde cadastro, atualizações e orientações aos gestores).
- PDDE-INTERATIVO (orientações aos gestores na elaboração do planejamento estratégico via sistema).
- PAR-SIMEC (coordeno a comissão de avaliação e monitoramento do PME na elaboração do planejamento das ações até a aquisição dos recursos e a prestação de contas dos mesmos via sistema).
- Coordeno as ações dos coordenadores de setores ligados ao Departamento Pedagógico: Centro Educativo de Aprendizagem Psicossocial Educacional – CEAPE, Setor de Educação Especial e Infantil, Setor de Programas Educacionais, Centro Tecnológico de Formação Inicial e Continuada do Magistério – CETEFIC, Setor de Supervisão das Escolas Rurais e Urbanas, Setor de Inspeção Escolar e Escrituração Escolar.

Em 2022, iniciei a coordenação da comissão de trabalho e estudos para a implantação de um projeto voltado para a alfabetização de alunos do 3º ao 5º anos da rede pública municipal de ensino.

Enfim, são 22 anos de dedicação à educação, uma profissão que escolhi porque acredito na transformação dos seres humanos, bem como na mudança na sociedade.

### **Projetos desenvolvidos**

Dos projetos que desenvolvi, os voltados para a aprendizagem escolar (alfabetização) são os que mais despertam minha curiosidade para a

pesquisa. Enquanto estivermos em desenvolvimento, aprendemos todos os dias; por mais diferentes que somos um do outro, a aprendizagem também acontece e de modos diferentes.

Em 2010, desenvolvi um projeto de intervenção psicopedagógica no qual foram contempladas 25 crianças entre 7 a 12 anos e seus responsáveis; foi um aprendizado que marcou a minha carreira profissional, pois essas crianças na escola eram consideradas como caso perdido; o projeto demonstrou em seu resultado que eram necessárias abordagens e metodologias diferenciadas para o professor trabalhar em sala de aula.

### **Menção honrosa**

Em dezembro de 2021, fui prestigiada por meus colegas de trabalho – há onze anos estou lotada na Secretaria Municipal Educação – em um evento de fim de ano com um certificado para os “Melhores do ano de 2021”. Isso fez-me refletir sobre o exercício da profissão com dedicação e humanismo.

### **Considerações finais**

Por fim, escrever este memorial foi um desafio importante, pois busquei na memória fatos de que nem lembrava mais, como meu processo de alfabetização. Por outro lado, através do conhecimento consigo compreender as lacunas deixadas pelas marcas da vida e vejo que “quanto mais eu refaço a minha existência na memória, mais eu vejo como ela foi movimentada” (PHILIPPE, 1998, p. 17).

Dessa maneira, o que me levou a escolher o Mestrado ProfEPT foi a proposta de criação de um produto que me auxiliasse em meu trabalho, contribuindo para a mudança do meio em que estou envolvida, atualmente a educação, uma área carente de projetos inovadores. Por isso a palavra que resume a minha história é gratidão; sou grata pelas oportunidades, pela vida e pelas pessoas maravilhosas que tenho encontrado no caminho. As lições me levaram a compreender o outro têm feito a diferença na sala de aula, pois, quando estou em sala de aula, procuro mapear meus alunos para compreender sua história de vida e com isso conduzir o conhecimento.

Por isso tenho grandes expectativas em relação ao curso, pois sei que contribuirá para meus anseios; na primeira semana de aula, as minhas ex-

pectativas foram confirmadas quando apresentaram o quadro de professores renomados. Isso é significativo, pois só sabe o valor de um estudo como esse quem teve uma vida inteira de escola pública com ensino defasado. As aulas das professoras fascinantes apontaram um caminho para a pesquisa e abriram um leque de possibilidades para continuar estudando, pois a leveza com que conduziam o conhecimento permeado de experiências exitosas fez-me refletir que é necessário quebrar barreiras para continuar.

Motivada pela contribuição do conhecimento e transformação da sociedade, escolhi a linha de pesquisa Práticas Educativas em EPT; já como macroprojeto do Programa ProfEPT, escolhi o macroprojeto 1, onde irei propor um produto educacional, sendo esse um material didático para apoiar o professor em sala de aula a trabalhar com alunos que possuem o Transtorno do Espectro Autista (TEA), inclusos na sala de aula.

Sendo assim, o tema da pesquisa trata sobre a limitação do professor para trabalhar com o aluno autista em sala de aula na EPT. A intenção é colaborar também com a educação de meu município, especialmente com as professoras da Educação Especial que atuam com alunos autistas em sala de aula. Dessa maneira, pretendo descobrir os motivos que limitam o professor em sala de aula a desenvolver suas práticas pedagógicas com alunos autistas.

Numa perspectiva pessoal, esse estudo justifica-se pelo fato de eu ser professora de escolas públicas desde o ano de 2000. Por desenvolver meu trabalho com alunos que possuem dificuldades de aprendizagem e deficiências e por perceber que na rede pública de meu município essa demanda está cada vez aumentando e também por ser coordenadora pedagógica de professoras que atuam nas salas de Atendimento Educacional Especializado – AEE.

A dor do outro motiva-me a colaborar. Tenho observado em meu município a crescente demanda de crianças autistas e a escola impossibilitada de ajudar, pois o sistema de ensino não tem oferecido condições para que essas crianças e seus familiares recebam orientações que visam contribuir para melhoria das condições de vida. Quero elaborar um material didático para apoiar as professoras que atendem alunos autistas no AEE. Com esse material de apoio poderei realizar as intervenções necessárias para que a inclusão do aluno autista na sala se efetive com eficiência.

## Referências

ARTIERES, Philipe. Arquivar a própria vida escrita de si/Escrita da história. *Revista Estudos Históricos*, 21, 1998.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 23. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

LIBÂNEO, J. C. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1994.

# Memórias de quem fui e de quem sou: (re)descobrimos novos saberes e experiências

*Wagner Tenório dos Santos*

## Introdução

O texto traz discussões sobre experiências de vida e reflexões existenciais, pedagógicas, históricas e sociais de um rapaz com objetivos e metas. Para a realização dessas discussões foi utilizado o memorial formativo.

O intuito não é apenas caracterizar uma pessoa, mas garantir que a partir dos relatos os leitores deste memorial possam conhecer a mim, bem como refletir sobre a vida, sonhos, frustrações, aprendizados e experiências. Além disso, é importante destacar o quão difícil é estabelecer um olhar sobre mim mesmo, consultar as memórias e delas fazer reflexões significativas. É um sentimento de estranheza, pois ao mesmo tempo em que consulto quem fui projeto quem sou ou almejo ser.

Desse modo, foi apoiado nas minhas memórias que reflito e narro os fatos aqui expostos. Ao consultá-las, marco um reencontro comigo mesmo e compreendo um pouco de minha identidade. Coadunando com pensamento, Bobbio diz que

O relembrar é uma atividade mental que não exercitamos com frequência porque é desgastante ou embaraçosa. Mas é uma atividade salutar. Na rememoração reencontramos a nós mesmos e a nossa identidade, não obstante muitos anos transcorridos, os mil fatos vividos. [...] Se o futuro se abre para imaginação, mas não nos pertence mais, o mundo passado é aquele no qual, recorrendo a nossas lembranças, podemos buscar refúgio dentro de nós mesmos, debruçamos sobre nós mesmos e nele reconstruir nossa identidade (BOBBIO apud DELGADO, 1997, p. 16).

É nesse processo de consultar as memórias e reconstruir a identidade que procuro realizar conexões com o contexto social e entendo que o meu olhar sobre esse contexto é sensível às mudanças temporais, espaciais e existenciais. Além disso, procuro despir-me de reflexões carregadas de tons afetivos – cognitivos, pois meu propósito aqui é estabelecer discussões que

dialoguem com outros saberes a fim de garantir a produção de novos olhares e interpretações sobre mim e os outros.

Dessa forma, apesar de procurar desconstruir meu processo histórico e me distanciar de olhares enviesadamente afetivos, escrevo na primeira pessoa do singular, pois entendo que o objeto de análise neste memorial sou “eu”. Logo você, caro leitor, vai se deparar com um processo reflexivo e autobiográfico de um rapaz cheio de dúvidas, anseios e objetivos, que analisa a vida e conseqüentemente o mundo social como dinâmico e sujeito a várias interpretações.

Este memorial está dividido em três partes. Na primeira, trago discussões sobre quem sou; ao mesmo tempo relato experiências e reflexões de quem fui. Destaco ainda pessoas importantes na minha vida e princípios, concepções e objetivos que quero conquistar. Em seguida, descrevo memórias de meu percurso formativo, perpassando lembranças do Ensino Fundamental, Médio e Superior. Além disso, traço discussões sobre temas importantes dentro da escola e na sociedade. Descrevo ainda minha formação acadêmica e experiência profissional. No final, relato os motivos que me levaram a escolher o Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT, bem como apresento a linha de pesquisa que espero seguir e minhas pretensões quanto ao projeto que espero realizar.

### **Quem fui? Quem sou?**

Chamo-me Wagner Tenório dos Santos. Adoro meu nome e agradeço a meus pais por ter registrado esse após meu nascimento. Engraçado que, a partir dele, cada grupo social e em diversos contextos o utilizam de forma diferente para me reconhecer. Desse modo, por exemplo, entre os familiares sou conhecido como Waguinho; o diminutivo reproduz o sentimento de aproximação e afetividade; no ambiente de trabalho, sou conhecido apenas por Tenório. Nasci no dia 12 de agosto de 1993 na cidade de Rolim de Moura – RO; sou filho de Waldir dos Santos e Aparecida Tenório dos Santos, duas pessoas simples e amorosas que me garantiram o amor, o cuidado e a educação necessários para construir um pouco do que tenho e sou hoje.

Sou uma pessoa com deficiência; tenho paralisia cerebral, causada por complicações na hora do parto. Além disso, descobri há três anos que tenho baixa audição. Desse modo, considero que estive e ainda estou parti-

cipando do processo de inclusão dentro da sociedade e dentro das instituições públicas e privadas, seja como pessoa com deficiência, seja como cidadão ou profissional da educação.

Tenho um irmão, chamado Gabriel Tenório dos Santos, pessoa que respeito e admiro muito. Gabriel é um ser alegre, espontâneo e inteligente. A infância, a adolescência e a vida adulta com ele sempre foram e ainda são cercadas de descobertas e novas experiências. Temos uma relação aberta e com bastante intimidade. Revelamos um ao outro um pouco dos nossos segredos, sonhos e desejos. Considero que ele é o oposto de mim e por isso completa áreas fundamentais de minha personalidade.

Tenho um grande amigo, que considero mais como irmão, chamado Alisson da Silva Pomechinski. Somos parecidos na forma de pensar, agir e sonhar. Alison é uma pessoa com deficiência, teve paralisia cerebral na infância, e seu grau de limitação é maior do que o meu. Ele é mais velho, e compartilhamos quase as mesmas experiências, inclusive as do esporte paralímpico, algo que comentarei mais à frente. Menciono-o aqui por ser uma das pessoas que mais admiro como ser humano e por contribuir para a construção de meu espaço de fala sobre a pessoa com deficiência e a importância da inclusão dentro da sociedade.

Refletindo sobre essa questão, deparei-me com questões de quem fui e posso ser. A deficiência sempre foi um grande tabu em minha vida, e imagino que também na de outras pessoas. Isso porque é uma situação que afeta significativamente a forma como nos comportamos, pensamos e existimos. Além disso, ela carrega situações imprevisíveis que não controlamos, tanto internamente como pessoa quanto externamente como sociedade. Exemplo disso foi o processo que tive que passar até construir a minha identidade como pessoa com deficiência e meu espaço de fala dentro da sociedade. Tive que lidar com diversas situações internas e externas, situações aparentemente controláveis e não controláveis. Por isso julgo importante estabelecer discussões sobre esses temas. Assim, espero construir em mim e contribuir para o meu meio com a clareza e o respeito necessários para com essas pessoas.

Para diminuir as limitações que a paralisia cerebral trouxe à minha coordenação motora, realizei, durante grande parte da infância e adolescência, alguns tipos de tratamento, como as famosas sessões de fisioterapia. Confesso que não gostava, minhas fisioterapeutas tratavam-me como borracha e por isso me esticavam para todos os lados. Entre as atividades

que menos gostava era catar feijão; o objetivo era desenvolver minhas habilidades motoras da mão, mas o que mais parecia era um verdadeiro teste de paciência. Na adolescência, tive contato com a natação. Achei aquilo no começo incrível, ao mesmo tempo desafiador. A natação ajudou-me muito com meus problemas de coordenação motora; além disso, trouxe muitos outros benefícios, como a melhora nos meus problemas respiratórios (bronquite).

Aos meus 16 anos de idade, durante os jogos escolares estaduais do Ensino Médio, tive contato com o esporte paralímpico. O presidente de um clube em Porto Velho, que tinha suas atuações voltadas ao esporte para pessoas com deficiência, chamado Silvio, viu minha atuação nesses jogos e me fez um convite para participar das paralimpíadas escolares. A partir desse momento, minha vida mudou completamente; tive o prazer de conhecer pessoas incríveis e ao mesmo tempo ter o primeiro contato com o esporte adaptado às pessoas com deficiência.

Iniciei as atividades na natação; participei também de campeonatos no futebol de sete e, em seguida, fui para o atletismo. Tornei-me um atleta profissional de alto rendimento com 17 anos de idade, ganhando bolsa do governo federal para me dedicar ao esporte. Consegui quebrar alguns recordes brasileiros, ser o sexto melhor do mundo na minha categoria e ser convocado para a seleção brasileira paralímpica. Entretanto, entre todas as conquistas que obtive durante esse período, a possibilidade de conhecer várias pessoas mostrou o quão importante é construir nossa identidade e personalidade dentro de uma sociedade cercada de preconceitos. Além disso, vivenciar a experiência da inclusão por meio do esporte, verificar como é importante o apoio e a ajuda das pessoas nesse processo e reconhecer que somos capazes de conseguir grandes realizações.

Nessa esteira, espero que algum dia possamos ter uma sociedade que observe os princípios elencados na Declaração dos Direitos das Pessoas com Deficiência de 1975, a saber:

As pessoas portadoras de deficiência têm o mesmo direito, inerente a todo e qualquer ser humano, de ser respeitadas, sejam quais forem seus antecedentes, natureza e severidade de sua deficiência. Elas têm os mesmos direitos que os outros indivíduos da mesma idade, fato que implica desfrutar de uma vida decente, tão normal quanto possível.

Além disso, que reconheça as diretrizes estabelecidas no Programa de Ação Mundial para Pessoa Portadora de Deficiência:

Art. 12 – A igualdade de oportunidade é o processo mediante o qual o sistema geral da sociedade – o meio físico, cultural, habitação, o transporte, os serviços sociais e saúde, as oportunidades de educação e trabalho, a vida cultural e social, inclusive as instalações esportivas e de lazer, torna-se acessível a todos (PAM, 1982).

E que nos espaços públicos e privados, e conseqüentemente na sociedade, sejam consolidadas políticas de ações inclusivas. Quando falo em inclusão, é na perspectiva de proporcionar ambientes e apoio necessários para que a pessoa com deficiência possa desenvolver suas capacidades plenas e que possa ser respeitada, como observa Sassaki:

Inclusão é o processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir em seus sistemas gerais pessoas com necessidades especiais e simultaneamente estas se preparem para assumir seus papéis na sociedade. A inclusão social constitui então um processo bilateral no qual as pessoas ainda excluídas e a sociedade buscam equacionar problemas, decidir sobre soluções e efetivar a equiparação de oportunidades para todos (1997, p. 3).

Desse modo, ao consultar estas memórias e destacar algumas pessoas, (re)descubro as experiências que me fizeram ser quem sou; além disso, percebo quem fui, mas não consigo dizer quem posso ser, uma vez que estou preso a esse processo de mudanças, que, apesar de me considerar o principal condutor, tenho consciência de que não controlo as variáveis que acontecem ao meu redor.

### **Percurso formativo e profissional**

As memórias que trazem mais impactos e reflexões quando analiso são as que se relacionam com meu processo de formação. Diferentemente de muitas crianças e ao mesmo tempo parecido com a realidade de outras, meu primeiro contato com a escola foi no sítio. Lembro que era uma casinha verde com o chão de madeira e uma área pequena na frente. O banheiro ficava no fundo da escola (famoso mictório), o qual detestava frequentar. Nesse espaço de apenas uma sala de aula conviviam a primeira, a segunda e a terceira séries do Ensino Fundamental ao mesmo tempo. O professor realizou a divisão do quadro em três. Nossas cadeiras e mesas eram daquelas que vinham acopladas, ou seja, não tinha divisão entre elas. Meu primeiro instrumento de registro dentro da sala de aula foi um caderno pequeno de capa mole, um lápis com tabuada e uma borracha. Tinha também uma mochila azul clara, que carregava esses objetos e minha lancheira, na

qual minha mãe sempre colocava o famoso pão caseiro e o suco de uva de que sempre gostei.

Nesse período, morávamos cerca de 2 km e meio da escola no alto de um morro. Meus pais eram caseiros de um sítio cercado de árvores com um pedaço de grama na frente de casa. Nos primeiros dias de aula, meu pai ou minha mãe me levavam. Depois passei a ir sozinho. Estudava de manhã, na ida era mais tranquilo; já na volta passava os maiores “perrengues”, ainda mais no tempo da poeira. Devido à dificuldade de locomoção, sempre saía cedinho para não chegar atrasado.

Durante esse período, acredito que meu maior desafio foi criar as habilidades necessárias para escrever. Inclusive até hoje tenho dificuldades. Minhas primeiras letras dos alfabetos e os números pareciam pinturas “indecifráveis”. Lembro que minha mãe pegava, durante a noite, minha mão e me ajudava a contornar os espaços entre as linhas de meu caderno para me ajudar a desenvolver a habilidade da escrita.

Nos primeiros meses em que iniciei a frequentar essa escola, não tínhamos merenda escolar. Após algum tempo, finalmente passamos a usufruir desse direito. Quando chegava a hora do lanche, o professor organizava uma fila e entregava nossa comida. Adorava quando era bolacha, doce de goiabada e queijo. Nossa turma sempre comia sentada na pequena área, e os que não cabiam ajeitavam-se debaixo de uma árvore pequena atrás da escola.

Aqui cabem profundas reflexões sobre a importância da alimentação no espaço escolar, uma vez que a escola constitui um ambiente propício para o desenvolvimento de ações educativas na área de nutrição e saúde. Além disso, contribui para a aprendizagem e o ensino de milhares de crianças, jovens e adultos nesses espaços, sem falar que, para muitos, é a melhor ou a única refeição que recebem durante o dia. Coadunando com o pensamento, Ribeiro e Silva afirmam:

Sabe-se que a criança que é bem alimentada mostra disposição, desenvolvimento em suas habilidades. Neste sentido, a alimentação acaba sendo significativa para a contribuição do desenvolvimento da criança, tanto na escola como na sociedade, como por exemplo as crianças terem hábitos mais saudáveis, praticarem exercícios físicos, brincarem com seus amigos; isso ajuda no seu aprendizado também, onde o principal foco é a alimentação de qualidade e suas contribuições para a criança (2013, p. 77).

A partir da segunda série, mudamo-nos para a cidade, e percebi mudanças significativas nas dinâmicas sociais do dia a dia. A escola era maior

e os alunos tinham comportamentos diferentes. Lembro que havia dificuldade de interação durante boa parte do Ensino Fundamental. Não conseguia me encaixar nos grupos de alunos da classe. Meu círculo de amizades sempre foi de uma a três pessoas no máximo. Os colegas de futebol geralmente eram da mesma escola, mas estudavam em períodos e séries diferentes. Uma questão que sempre me incomodava era que em todas as escolas que frequentei era o único aluno que tinha uma deficiência. Pior eram os olhares e as perguntas que os colegas sempre faziam. Demorei tempo para entender que o diferente causa curiosidade, e as crianças são curiosas, por isso as perguntas.

Entre os dilemas desse período estavam as tentativas de me colocar no mesmo nível de desenvolvimento do restante de meus colegas. Sempre fui muito competitivo e sempre me cobrei muito; além disso, odiava a ideia de ser deixado para trás. Os ditados que a professora Rute da quarta série realizava causaram-me marcas profundas. Ela tinha o cabelo curto e passava uma imagem de ser brava. Durante os ditados, não conseguia acompanhar o ritmo e começava a chorar; o choro era mais pelo sentimento de incapacidade diante daquela situação e não gostava da ideia de reconhecer isso e pedir ajuda. Teve uma ocasião em que ela sentou e conversou comigo sobre a situação; lembro-me de ficar refletindo sobre aquelas palavras que me proporcionaram uma das maiores lições de minha vida: que o orgulho nos traz atraso e que a humildade de saber pedir ajuda é essencial quando não conseguimos naqueles momentos difíceis caminhar sozinho.

A partir da quinta série, percebi outro ritmo de ensino. Agora com mais professores, um para cada disciplina, percebi que havia me deparado com um desafio maior: a dificuldade de me adaptar à nova realidade e ao mesmo tempo à dificuldade de fazer com que os outros professores entendessem minhas limitações e meu ritmo de aprendizagem. Como era muito retraído e tímido, as apresentações em público eram sessões de tortura. Naturalmente, minhas mãos tremiam devido aos espasmos musculares com grau acentuado no lado esquerdo. Com o nervosismo de estar na frente da turma esses espasmos aumentavam significativamente. Teve uma ocasião de travar e não conseguir desenvolver a apresentação.

Na nona série, tive o contato com o Centro Educacional de Rolim de Moura – CER, uma espécie de APAE. Fui matriculado na instituição com o objetivo de participar das oficinas direcionadas aos alunos que estudavam no ensino regular, mais especificamente voltados para a reabilitação.

No primeiro encontro, lembro de ter comentado com minha mãe para realizar o trancamento na escola do Ensino Fundamental e me deixar matriculado apenas nessa instituição. Parecia que havia encontrado o meu lugar, onde pessoas eram parecidas comigo, onde me sentia acolhido e compreendido.

Fazendo uma leitura de minhas memórias, considero meu Ensino Médio melhor do que o Ensino Fundamental. Conseguia atender as expectativas dos professores quanto à aprendizagem, representadas em boas notas. Ao mesmo tempo, construí um círculo de amizade bacana tanto na escola como no CER. No entanto, tinha a sensação de que estava em dois mundos diferentes. No CER, convivia com pessoas com deficiência e percebia que o grau de limitações de muitos era maior do que o meu. Além disso, percebia que havia pessoas que compreendiam esses alunos. Ao mesmo tempo, no ensino regular percebia que a escola era um espaço cercado de diversidades, mas a estrutura, o formato de ensino e os professores ainda não estavam preparados para atender esses alunos, fato que sempre me incomodava.

A partir desses relatos, entendo que discutir uma política de inclusão na escola só é possível quando conhecemos e nos colocamos no lugar do outro; quando é possível entender as reações frente à distinção entre incluídos e excluídos; quando apontamos as necessidades e dificuldades presentes nesse processo e quando conseguimos ser sensíveis à diversidade presente na sociedade. Dessa forma, Veiga Neto afirma:

A escola moderna é o lócus em que se dá de forma mais profunda e mais duradoura a conexão entre poder e saber na modernidade. Isso faz da escola um lugar privilegiado para se observar, por exemplo, tanto as transformações que já aconteceram quanto as que ainda estão acontecendo na lógica social. Faz dela também um lugar atraente para implementar mudanças sobre essa lógica social, que se pretendam necessárias, seja no plano político, cultural ou econômico. Mas isso não significa, absolutamente, que essas sejam operações fáceis (2001, p. 109).

Após finalizar o Ensino Médio, deparei-me com uma questão: “E agora, o que farei?”. Terminei o Ensino Médio sem muitas referências de qual carreira deveria seguir, de qual curso realizar. Não sabia como funcionavam os processos de seleção nas universidades. Durante o Ensino Médio, os professores não discutiam essas questões em sala de aula, e na minha família não havia ninguém com nível superior naquele momento para me instruir. Fiquei um ano sem estudar.

Com a nota do ENEM inscrevi-me no programa do governo federal chamado PROUNI; consegui uma bolsa de estudo no curso de Licenciatura em História na Faculdade de Rolim de Moura – FAROL. A opção pelo curso foi por influência de bons professores que tive nos Ensinos Fundamental e Médio. Além disso, gostava das discussões e temas relacionados à História, sem falar que era um curso, no meu entender, pouco visado pela concorrência nas bolsas de estudos, e por isso as chances de serem pleiteado eram maiores.

A graduação proporcionou-me entender um pouco sobre as concepções de ensino, temas pedagógicos e discussões históricas, filosóficas, culturais e sociais. Consegui compreender, a partir de um olhar de fora, como são as dinâmicas do ensino e do ambiente escolar. Além, é claro, de trazer muitas respostas sobre indagações construídas ao longo de meu processo de ensino-aprendizagem.

Durante esse período, interessei-me em pesquisar sobre temas relacionados a políticas de inclusão da pessoa com deficiência no ambiente escolar, métodos de aprendizagem e temas relacionados à territorialidade, espacialidade, religião, direito e movimentos sociais. Para leituras, meu interesse maior estava voltado para a teoria da História, Filosofia e Psicologia. Gostava de entender as discussões sobre tempo, memória e história, comportamento e políticas públicas.

Desse modo, atualmente sou graduado em Licenciatura em História pela Faculdade de Rolim de Moura – FAROL. Após a graduação, realizei uma especialização em História da Amazônia com Ênfase em História de Rondônia. A escolha por essa especialização foi numa perspectiva de aprofundar meus conhecimentos nas várias manifestações culturais, sociais e históricas da Região Norte, mais especificamente Rondônia. Durante esse período, identifiquei-me com temas relacionados a cultura, religião, movimentos sociais, questões relacionadas à inclusão no ambiente escolar.

Ainda na graduação, fui aprovado em alguns concursos, todos na área da educação, mas não tomei posse em nenhum, pois queria continuar estudando e sabia que tinha capacidade de ser aprovado em algum curso com maior reconhecimento financeiro e profissional. Em 2015, fui aprovado no curso de Bacharelado em Direito pela Universidade Federal de Rondônia – UNIR *Campus* de Cacoal, no qual permaneci até o 5º período. Tranquei o curso em virtude de uma aprovação no concurso de professor de História no estado do Mato Grosso, que considerei uma boa oportunidade

de adquirir experiência profissional. Nessa mudança, também passei no vestibular da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT para o curso de Bacharelado em Direito.

Essa mudança para Mato Grosso foi o período mais desafiador de minha vida. Nunca havia saído da casa de meus pais; era totalmente dependente deles, e seria a primeira vez em que entraria em sala de aula como professor. Além, é claro, de estudar em uma universidade que ficava a uma hora e meia de viagem de minha nova cidade.

O interesse pelo curso de Direito foi principalmente pela possibilidade de existirem vários ramos de atuação profissional. O leque de opções profissionais, em comparação ao curso de Licenciatura em História, era bem maior. Ao ser aprovado no vestibular para uma instituição pública, achei que seria uma boa oportunidade, futuramente, de desenvolver outras profissões e prestar concurso para outras áreas com remuneração e reconhecimento maiores. Durante a graduação, percebi que o formato e as discussões eram diferentes do que estava habituado na licenciatura, mas consegui me adaptar à nova dinâmica. Interessei-me nesse período pelo Direito Constitucional, Civil, Administrativo, Previdenciário, do Trabalho e me apaixonei pelo Direito Financeiro. Achava interessante analisar a atuação do Estado, dos poderes e da importância dos princípios fundamentais na sociedade. Ao mesmo tempo, o Direito proporcionou-me ter um olhar sensível à importância das leis, costumes e princípios dentro da sociedade.

Nesse período, coloquei-me em uma rotina desgastante psicológica e fisicamente. Levantava às 6 horas para me arrumar e ir para a escola. Ficava na escola até as 16 horas; após retornava para casa, tomava um banho, me arrumava e, em seguida, ia para o ponto de ônibus; deveria chegar até as 17 horas. Fazia o trajeto de Nova Mutum – MT a Diamantino – MT todos os dias; era aproximadamente uma hora e meia de viagem. Na ida, aproveitava o tempo para estudar dentro do ônibus; na volta dormia. O ônibus chegava a uma hora da manhã. Nós tínhamos aula no sábado também, e dependendo do semestre, eram aulas de manhã e de tarde. Nessa rotina, perdi muito peso e passei por alguns problemas de saúde devido à má alimentação e à falta de sono.

Sobre minha experiência como professor. Tomei posse no concurso em maio de 2018 e, em seguida, já realizei a minha atribuição na Escola Estadual Rui Barbosa, escola localizada no município de Nova Mutum – MT. É uma escola pequena e a mais antiga do município, com turmas do 7º

ao 9º anos no período matutino e vespertino e de noite funcionava a Educação de Jovens e Adultos – EJA. Tínhamos uma boa equipe de trabalho com pessoas muito competentes, humanas e colaborativas no desenvolvimento das atividades dentro da instituição. Naquele ano, peguei sete turmas de 9º ano. No começo, estava muito perdido com a rotina, atividades burocráticas e planejamento de aulas. Entretanto, me adaptei rapidamente ao sistema. Em todas as turmas em que ministrei aulas, sentia-me acolhido e compreendido. Consegui construir um espaço de fala e de respeito entre os alunos e colegas de profissão.

No entanto, algo sempre me incomodava naquele ambiente. Eram os momentos de formação pedagógica e os conselhos de classe. Segundo Zabalza:

Quando falamos em formação, devemos estar em condições de integrar nela os seguintes conteúdos formativos: novas possibilidades de desenvolvimento pessoal; novos conhecimentos; novas habilidades; atitudes e valores; enriquecimento das experiências (2004, p. 41).

Naquele espaço não conseguia visualizar esses conteúdos formativos. Encontrávamo-nos todas as quartas-feiras depois das 18 horas e ficávamos até as 21 horas com discussões que não traziam benefícios para o desenvolvimento pessoal, novos conhecimentos, novas habilidades, atitudes, etc. Ficava a cargo dos professores realizarem essas trocas de experiências e a busca de novos conhecimentos. Aquela situação incomodava-me ainda mais pela ausência de políticas dentro do estado que incentivassem o desenvolvimento de habilidades dos professores dentro da sala de aula.

Outra questão eram os conselhos de classe. Aqueles momentos pareciam espaços para “lavar roupa suja”. Não conseguia visualizar um significado naqueles encontros, que trouxessem benefícios para minha atuação como professor e para meus alunos. Eram longas reuniões, que pareciam sessões de terapia em grupo. Nesse sentido, segundo Dalben (1992) e Fongaro (1998), o conselho de classe, dentro de muitas instituições de ensino, proporciona aos professores e gestores das escolas discussões sobre notas, processo avaliativo presos à medida de rendimentos, sendo, em muitos casos, os problemas atribuídos à falta de disciplina, assiduidade e interesse dos alunos.

Nesse sentido, essa atividade não tinha uma perspectiva crítica de aprendizagem, não havia consenso e planejamento estratégicos para os problemas de aprendizagem e outros dentro da escola. Nossos encontros não dialogavam com a ideia de uma avaliação crítica que proporcionasse um

espaço de construção coletiva de propostas para a melhoria dos problemas escolares. Desse modo, naquele momento nós professores não entendíamos e aplicávamos as ideias preconizadas por Alvarez Mendez (1993) de avaliação como atividade crítica de aprendizagem.

Permaneci pouco tempo como professor na rede estadual do Mato Grosso. Em 2019, realizei o concurso para o cargo de Técnico em Assuntos Educacionais no Instituto Federal do Mato Grosso – IFMT, conseguindo uma boa colocação (1º lugar). No IFMT, atuei junto à gestão pedagógica no setor chamado Núcleo de Apoio Psicopedagógico – NAPP; era responsável por garantir o desenvolvimento da política de Assistência Estudantil no *campus*, mais direcionado à concessão de auxílios, bolsas e cuidados com os alunos internos (residentes). Atuei também no Registro Acadêmico; nesse departamento, as atribuições eram burocráticas. Assim, era responsável por alimentar o sistema com informações dos alunos matriculados, além de expedir diplomas, transferências, histórico, etc.

Em 2021, consegui uma permuta com uma servidora do Instituto Federal de Rondônia – IFRO *Campus* Jarú. Resolvi retornar para ficar próximo dos familiares. Atualmente, pertenço ao quadro de servidores do IFRO *Campus* Jarú e estou lotado no Departamento de Apoio ao Ensino – DAPE. Nesse setor, desenvolvo atividades administrativas, como a conferência de diários, planos de ensino e processos relacionados ao desenvolvimento do ensino. Além disso, atuo na formação continuada e na organização dos conselhos de classe, fora as participações em comissões dentro do *campus*, como por exemplo Teletrabalho, Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Específicas – NAPNE, Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas – NEABI, comissões responsáveis pela formulação e reformulações de PPCs; e atuo como coordenador substituto do DAPE e NAPNE.

Quando entrei na rede federal de ensino, deparei-me com um sistema totalmente diferente a que estava habituado. Conheci as famosas portarias, os vários departamentos e coordenações, os inúmeros processos, enfim. No começo, tive muita dificuldade para entender quais eram as atribuições dos Técnicos em Assuntos Educacionais, uma vez que, dentro da instituição, eles não eram lotados em um único setor e não desenvolviam as mesmas atividades. Hoje, apesar de me considerar um “jovem aprendiz” nesse cargo, visualizo a oportunidade de desenvolver atividades direcionadas ao assessoramento e à gestão pedagógica. Desse modo, gosto de participar ativamente do processo de planejamento, organização, acom-

panhamento dos docentes e discentes dentro da instituição, além de prestar o apoio à gestão.

## Conclusão

A vontade de realizar o mestrado – e quem sabe futuramente o doutorado – surgiu durante a graduação. Meu professor e orientador de TCC, José Ricardo, do curso de Licenciatura em História, ajudou a aguçar esse desejo. Ele é um “cara” articulado, de conversa mansa, mas com uma capacidade de ensinar e pesquisar extraordinária. Durante a graduação, tivemos altos papos e discussões sobre fenomenologia, religião, geografia e política. Ele me apresentou um pouco no universo acadêmico e suas possibilidades.

No entanto, sempre achei os processos de seleção dos mestrados acadêmicos distantes do que queria e podia fazer. A ideia de submeter um projeto de pesquisa sem bases norteadoras e, muitas vezes, sem o apoio de uma pessoa experiente na área nunca me animou. Além disso, a exigência de dedicação exclusiva ao curso era uma grande barreira devido ao desafio de conciliar o trabalho e os estudos.

O primeiro contato que tive com o mestrado profissional foi com a professora de História. Cheguei a me inscrever em 2019 no processo seletivo desse mestrado, mas não consegui ir até o local da prova. Depois, por indicação de colegas de profissão, conheci o ProfEPT. Achei muito interessante o programa, principalmente o modo de seleção, a ligação com a educação profissional e tecnológica, o formato de realização das aulas e a possibilidade de aproveitamento em várias áreas do conhecimento, sem falar da proposta de produção de um produto que vai trazer benefícios sociais, seja na escola, no trabalho ou em grupos específicos da comunidade. Outro fator que contribuiu para aumentar o interesse nesse mestrado foi a possibilidade de aplicar os conhecimentos, práticas e produtos da minha atuação como Técnico em Assuntos Educacionais.

Confesso que nas primeiras aulas fiquei confuso, indeciso e inseguro sobre o que realizar, como realizar e para quem realizar o projeto de pesquisa. Após a apresentação do processo de submissão no Comitê de Ética, esses sentimentos aumentaram consideravelmente. Mas aqui estou, sedento por conhecimento e com grandes expectativas em relação aos benefícios que esses trabalhos proporcionaram.

Após realizar uma análise de minhas atribuições dentro do IFRO *Campus Jaru* e dos meus interesses pessoais, concluí que não gostaria de realizar uma pesquisa que fosse distante da minha realidade enquanto profissional, até porque gostaria de beneficiar a instituição em que atuo, e ao mesmo tempo que atendesse meus interesses pessoais. Desse modo, entendo que minhas pretensões estejam mais direcionadas à linha de pesquisa 2 (dois), ou seja, Organização e Memórias de Espaços Pedagógicos em EPT. Digo isso, pois procuro elaborar uma proposta que visa beneficiar o processo de gestão dos conselhos de classes realizados dentro do Instituto Federal de Rondônia *Campus Jaru*. Como participo do processo de planejamento, execução e acompanhamento dessa atividade dentro da instituição, vejo que os conselhos de classe não estão tendo efetividade e, principalmente, não existem ações direcionadas aos alunos atendidos pelo Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Específicas – NAPNE.

Assim, procuro verificar as falhas na realização desse processo para entender os motivos que levam à falta de efetividade antes, durante e após os conselhos de classe. Para isso pretendo realizar um diagnóstico com uma turma dos cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio, que preferencialmente tenha alunos atendidos pelo NAPNE. Acredito que com esse diagnóstico conseguirei identificar a dinâmica e os desafios na realização dos conselhos de classe dentro do *campus*. Em seguida, após identificar todos os problemas, falhas, desafios, pretendo traçar estratégias que contribuam para o aprimoramento dessa atividade, elencando a importância da participação dos professores, alunos, coordenadores e demais servidores que atuam diretamente no ensino. Essas estratégias ainda não foram definidas, mas existem inúmeras possibilidades a depender do problema encontrado, entre elas a sugestão de um novo fluxo na realização dos conselhos de classe.

Para isso, espero que meu orientador ou orientadora possa compartilhar comigo um pouco de aprendizado e experiência. Estou aberto e disposto a trilhar esse caminho e entendo que a pesquisa é fundamental para o conhecimento científico e conseqüentemente para a sociedade. Além disso, acredito que não seja uma tarefa simples, mas árdua, que vai exigir muita dedicação e esforço de minha parte. Mas estou feliz com a oportunidade de caminhar nessa direção e espero colher bons frutos nesse processo, entre eles o conhecimento.

Ainda sobre a orientação: analisando o Currículo Lattes dos professores do programa, verifiquei que a professora Josélia Fontenele Batista

realiza pesquisas e orientações sobre a área que pretendo seguir. Dessa forma, recentemente realizei uma videoconferência com ela e apresentei a minha proposta de pesquisa. Logo, caso seja do interesse dela e do colegiado do programa, coloco-me à disposição para ser orientando da referida professora; se não, aceitarei de bom grado outro ou outra professora como orientador/a.

## Referências

- ALVAREZ MENDEZ, J. M. A avaliação como atividade crítica de aprendizagem. *Caderno de Pedagogia*, n. 2.019, 1993.
- DALBEN, A. I. L. F. *Trabalho escolar e conselho de classe*. Campinas: Papirus, 1992.
- FONGARO, M. T. H. *Relatório de aprendizagem: instrumento para formação contínua de professores*. Mestrado em Linguística aplicada ao Ensino de Línguas – PUC – SP, 1998.
- RIVEIRO Gisele Naira Matos; SILVA, João Batista Lopes da. A alimentação no processo de aprendizagem. *Revista Eventos Pedagógicos*, Mato Grosso, v. 4, 2013.
- SASSAKI, R. K. *Inclusão*. Construindo uma sociedade para todos. Rio de Janeiro: WVA, 1997.
- VEIGA NETO, A. *“Incluir para excluir”*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- ZABALZA, Miguel A. *Competências docentes – Calidad y desarrollo profesional*. Madrid: Narcea, 2006



## **Sobre os autores e as autoras**

### **Andrea Ferreira Gomes**

Possui graduação em Nutrição pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB desde abril de 2004, exercendo a profissão na área desde que se formou. Possui Residência Multiprofissional em Saúde da Família pela Universidade Federal de Rondônia – UNIR desde 2010, onde recebeu o título de especialista. É Docente de ensino superior no Centro Universitário Aparício Carvalho – FIMCA, desde 2016, ministrando aulas no curso de Nutrição e outros, principalmente nos seguintes temas: saúde pública, saúde coletiva, nutrição social, nutrição e estética, e ética profissional. Realizando também. Supervisão de estágios, e responsabilidade técnica da Clínica escola de Nutrição da IES. Atualmente mestranda do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional – ProfEPT

### **Antonio Pereira Sobrinho**

Graduado em Ciências Biológicas pela Universidade do Estado do Amazonas (2015). Especialista em metodologia do ensino em Biologia e Química (UCAM-2016). Especialização em Educação Ambiental e Sustentabilidade (UCAM-2020) e Mestrando no programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) pelo Instituto Federal de Rondônia (IFRO-2022). Tem experiência na área de educação, ciências e Biologia. Atuou em 2019 e 2021 como docente. Atualmente lecionando em uma escola da rede estadual, professor emergencial pela SEDUC-RO em 2022.

### **Carlos Eduardo Sousa da Fonseca**

Mestrando em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) pelo IFRO. Licenciado em Artes Visuais pela Universidade de Brasília – UnB e Pedagogia pela União das Escolas Superiores de Rondônia – UNIPEC, especialista em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas pela UnB e Psicopedagogia pela Faculdade Interamericana de Porto Velho – UNIRON. Professor EBTT do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia – IFRO.

### **Darlene Mary Campos**

Licenciada em Letras/Português pela Universidade Federal de Rondônia. Especialização em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Estrangeira pela Uninter. Técnica em Assuntos Educacionais no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – Campus Porto Velho Calama. Atualmente exerce a função de chefe do Departamento de Apoio ao Ensino. Mestranda em Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT.

### **David Mourão Lopes**

Possui graduação em Direito pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR) e pós-graduação Lato Sensu MBA (Master Business Administration) em Gestão de Instituições Públicas pelo Instituto Federal de Rondônia (IFRO). Pós-graduando em Direito para a Carreira da Magistratura pela Escola da Magistratura do Estado de Rondônia (EMERON) e mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT). Servidor do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Rondônia.

### **Dejane Chauvin**

Mestranda no ProfEPT/IFRO-2022. Possui Graduação em Ciências da Computação pela Universidade de Marília (1996). Especializações em Mídias na Educação – Fundação Universidade Federal de RO (UNIR), Gestão, Orientação e Supervisão com Ênfase em Psicologia – Faculdade Rolim de Moura (FAROL) e Informática em Educação – Universidade Federal de Lavras (UFLA). Atualmente é professora de Multimídias Integradas do Colégio Militar Dom Pedro II – Unidade II e de Ciência da Computação no Ensino Superior da FAVOO Vilhena. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Informática Educativa.

### **Edeli Diogo de Oliveira**

Natural de Dourados-MT. Licenciada em Pedagogia pela Faculdade Educacional da Lapa FAEL(2013), Pós-graduada Coordenação Pedagógica pela Educacional da Lapa FAEL(2016) Atualmente é Assistente Administração no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Rondônia Campus Ji-Paraná desde (2010). Tem experiência na área Administrativa. Exerce o cargo de Coordenadora da Coordenação Integração Escola, Empresa e Comunidade do IFRO Campus Ji-Paraná desde 01/06/2020. Mestranda em Educação Profissional e Tecnológica-PROFEPT.

### **Ellen Vieira**

Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade Educacional da Lapa (2013), Técnica em Logística pelo IFRO INSTITUTO FEDERAL DE RONDÔNIA CAMPUS ARIQUEMES (2015) e Técnica em Secretaria Escolar pelo IFRO INSTITUTO FEDERAL DE RONDÔNIA POLO JARU (2015). Atualmente é Técnica em Secretariado no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Rondônia Campus Ji-Paraná. Tem experiência na área de Administração, com ênfase em Administração. Pós-Graduação em Gestão Pública com Ênfase na Educação. Exerce o cargo de Chefe do Departamento de Extensão do IFRO Campus Ji-Paraná desde 05/03/2018. Membro do CEPEX – CONSELHO DE ENSINO PESQUISA E EXTENSÃO – biênio 2019/2021. Mestranda em Educação Profissional e Tecnológica-PROFEPT.

### **Emerson de Araújo Alves**

Possui graduação em Administração de Empresas pela Fundação Universidade Federal de Rondônia (2012). Possui Pós-Graduação Lato Sensu em Administração Pública pela Universidade Cândido Mendes (2016). Exerce o Cargo Público federal de Assistente em Administração, e Função Gratificada de Chefe de Gabinete do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia Campus Porto Velho Calama. Possui experiência na área de gerência de TI, compras e licitações, tutoria, orientação e Supervisão de cursos à distância na área de administração. Atualmente é acadêmico do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT, Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica, turma 2022.

### **Ilma Paula Carvalho da Silva**

Graduada em Pedagogia pela Universidade Metodista de São Paulo (2015); graduação em Engenharia Florestal pela Associação de Ensino Superior da Amazônia (2006). Possui Especialização em Práticas Integrativas e Complementares em Saúde pela Faculdade Metropolitana do Estado de São Paulo, FAMEESP (2022); Especialização em Psicopedagogia Institucional e Clínica pelo Centro Universitário FAVENI (2021); Especialização em Gestão, Orientação e Supervisão Escolar pela Faculdade de Ciências Administrativas e Tecnologia – FATEC-RO (2016); Especialização em Auditoria e Perícia Ambiental pela União das Escolas Superiores de Rondônia,

UNIRON (2010). Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) pelo Instituto Federal de Rondônia (IFRO) – *Campus* Calama. Atualmente desenvolve a função de Técnica Administrativa – Assistente de Aluno no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Rondônia e independente – também desenvolve Serviços Autônomos. Tem experiência na área da Engenharia Florestal, da Educação, atuando como docente, coordenação de curso profissionalizantes e tutora EaD e Práticas integrativas e complementares em saúde, atuando como terapeuta holística, reikiana. Os temas norteadores de suas capacitações e atuação são: educação, meio ambiente, gestão de pessoas, inclusão, ensino-aprendizagem, conscientização, terapias alternativas e integrativas.

### **Ivonete da Silva Cardoso Vieira**

Graduada em Administração pelo Centro Universitário São Lucas (2012); Especialização em Pós-Graduação em Gestão da Educação a Distância pelo Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Rondônia, IFRO; Especialização Formação Pedagógica para Graduados não Licenciados pelo Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Rondônia (2021); Especialização em Metodologia do Ensino Superior e EAD pela Faculdade Educacional da Lapa, FAEL; Mestrado Profissional em Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica pelo Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Rondônia, IFRO; atualmente é professora mediadora / curso superior do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia e assistente administrativa – SENAI – Departamento Regional de Rondônia.

### **Iza Reis Gomes**

Professora de Língua Portuguesa e Literatura do Instituto Federal de Rondônia – IFRO – *Campus* Porto Velho Calama. Professora do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional – PROFEPT/IFRO; Professora credenciada do Programa de Mestrado em Estudos Literários da Universidade Federal de Rondônia – UNIR; Pós-doutoranda em Letras: Linguagem e Identidade pela Universidade Federal do Acre – UFAC; Doutora em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM (2014 –2018); Mestre em Letras – Linguagem e Identidade pela Universidade Federal do Acre – UFAC

(2006-2008). Graduada em Letras/ Português pela Universidade Federal de Rondônia (1996). Especialista em Letras – Estudos Literários e Linguísticos pela FACISA (2005). Especialista em Metodologia e Didática da Educação Superior pela Universidade de Rondônia – UNIRON (2002). Tem experiência como Avaliadora de projetos na área da Educação Básica, Profissional e Superior; Orientações acadêmicas e científicas na área da Educação, da Língua Portuguesa e Literaturas com ênfase em Teoria da Literatura, Letramento Literário, Processos de criação na Amazônia e Metodologias da pesquisa em gêneros acadêmicos como Artigos científicos e Projetos de pesquisa. No Mestrado do ProfEPT, realizo pesquisas na área das práticas educativas e estratégias interdisciplinares com a pesquisa como princípio pedagógico. E ainda elaboração e experimentação de propostas de ensino transformadoras em sala de aula e em outros espaços. No Mestrado em Estudos Literários, realizo pesquisas na área da Literatura infantojuvenil contemporânea e narrativas amazônicas com ênfase em Letramento Literário com Aplicação na Educação Básica, Análise literária e Processos de criação. Líder do Grupo de Pesquisa Criamazônia – Processos de Criação na/da Amazônia do IFRO.

### **Jeane da Silva Lopes**

Licenciada em Pedagogia pela Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR (2004), Bacharel em Ciência da Informação /Biblioteconomia – UNIR, Especialista em Psicopedagogia e Gestão Escolar ICE 2005, Formação de Professores em EAD – ESAB (2016), Gestão e Organização da Escola com Ênfase em Supervisão Escolar, Propriedade Intelectual – UNOPAR (2018). Professora na Educação Básica durante 10 anos 1997 a 2005, tutora no curso PROFUNCIONÁRIO pela SEDUC/RO de 2006/2008, tutora a Distância no curso de Pedagogia UNIR Polo Ariquemes 2008 a 2011, Técnica Educacional /Tutora do Programa Tutoria Pedagógica Itaú Social na Gerência de Formação e Capacitação Técnica Pedagógica-(2013-2017), Coordenadora de Etapa do Ensino Fundamental anos finais do programa Pró-BNCC-GFCTP/DGE/SEDUC RO-(2018-2019). Atualmente Orientadora Educacional – SEMED/PVH, Coordenadora Pedagógica do Ensino Médio com Mediação Tecnológica, na Gerência de Centro de Mídias da Educação-DGE/SEDUC-RO. 2020-2022. Atualmente professora auxiliar na E.E.E.F.M. Barão do Solimões.

### **Joyce R P Konageski**

Natural de Belo Horizonte – MG. Graduada em Administração pela faculdade da Lapa – Graduada em Recursos Humanos pela faculdade Interamericana de Porto Velho – RO. Pós-Graduada em Gestão da Educação EaD pelo IFRO. Coordenadora de aprendizagem profissional do Instituto de Desenvolvimento Social E Profissional – INDESP desde de 2017 e professora do Instituto Estadual de Desenvolvimento educacional e profissional de Rondônia desde 2022.

### **Laura de Paula Leite Weiss**

Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR), 2011. Graduação em Letras Libras (2019). Especialização em Libras, Tradução e Interpretação, Metodologia e didática do Ensino Superior, Psicopedagogia; atualmente Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) pelo Instituto Federal de Rondônia (IFRO) *Campus* Calama – desenvolve a pesquisa em EDUCAÇÃO DE SURDOS: Formação e Práticas Docentes no IFRO *Campus* Vilhena. É Tradutora e Intérprete de Libras do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO) *Campus* Vilhena; atua como docente na Faculdades Integradas Aparicio Carvalho-FIMCA-Vilhena.

### **Lediane Fani Felzke**

Historiadora, mestre em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR/2007) com dissertação sob o título: “Quando os ouriços começam a cair: A coleta de castanha entre os Gavião de Rondônia”. Doutora em Antropologia Social pelo PPGAs/DAN/UnB (2017) com a tese intitulada “Dança e imortalidade. Igreja, festa e xamanismo entre os Ikólóéhj Gavião de Rondônia”. Desde fevereiro de 2009 é docente do Instituto Federal de Rondônia (IFRO), campus Ji-Paraná. Pesquisa, desde 2004, entre os Ikólóéhj Gavião de Rondônia. A partir de 2018 é docente do Programa de Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT). Atua principalmente nos seguintes temas: etnologia indígena, sustentabilidade, estudos de gênero, educação profissional e tecnológica (EPT), pensamento decolonial, epistemologias não ocidentais. É líder do Grupo de Estudos em Temáticas Étnicas na Amazônia (GETEA).

### **Maria Aparecida Almeida da Silva**

Mestranda no ProfPT/IFRO – 2022. Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação de Colorado do Oeste (2002), Pós-Graduação em *lato sensu* Psicopedagogia pela Universidade Salgado de Oliveira-RJ, Especialização em Visão Interdisciplinar em Educação (Supervisão, Orientação e Gestão Escolar), promovido pelas Faculdades Integradas de Cacoal-RO. Empossada no cargo de Professora Nível 3-Séries Iniciais, com carga horária de 40 horas semanais, do Quadro de Pessoal Civil do Estado de Rondônia, nomeada pelo Decreto nº 10.926, de 24 de março de 2004. Atualmente lotada como gestora da EEEFM Maria de Abreu Bianco no município de Buritis-RO. No ano de 2011, assumiu o cargo de Professor-Pedagogo zona urbana com carga horária de 20 horas na SEMECE – Secretaria Municipal de Educação da Cidade de Buritis-RO. Lotada na Escola Josué de Castro no município de Buritis-RO.

### **Náthali Fernanda Machado Silva**

Graduada em Letras e suas respectivas Literaturas pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR), desenvolveu através do Pibic/Cnpq o projeto de pesquisa sobre a obra de Antonio Cândido. Definiu sua área de pesquisa com o trabalho de monografia “A aquisição da Língua Portuguesa escrita por alunos surdos: um estudo de caso”. Deu sequência à sua pesquisa na Pós-Graduação em Língua Brasileira de Sinais; e atualmente no Mestrado ProfEPT desenvolve uma sequência didática para professores de Literatura de alunos surdos. É Tradutora e Intérprete de Libras do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO), onde institucionalizou o Programa de Libras do IFRO (Librif\_ro). Desenvolveu trabalho na coordenação do NAPNE do *campus* Porto Velho/Calama. Atualmente atua como coordenadora da Coordenação de Educação Inclusiva (CEI) na Reitoria/IFRO.

### **Oscar de Oliveira Porto**

Licenciado em Pedagogia pela Universidade Federal de Rondônia (2007). Especialista em Gestão Escolar pela Faculdade da Amazônia (2008). Bacharel em Administração de Empresas pela Universidade Federal de Rondônia (2009). Especialista (M.B.A.) em Gestão Pública, com ênfase em Gestão de Pessoas e Consultoria Empresarial, pela FAP – Faculdade de Pimenta Bueno (2011). Contrato com a rede estadual de ensino SEDUC/RO

desde junho de 2010 para a função de Orientador Educacional, exercendo a função na E.E.E.F. Monte Alegre no município de Alvorada do Oeste-RO. Mestrando em Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, IFRO, *Campus Calama* – Porto Velho Rondônia, turma de 2022.

### **Pedro Paulo Almeida Martins**

Graduado em biblioteconomia pela Universidade Federal de Rondônia (2014). Pós-graduado em Biblioteconomia e Pós-graduação em Metodologia do Ensino de Pesquisa em Língua Portuguesa em 2017, em conclusão de Ciências Sociais Aplicadas, graduado em Gestão Pública pela Claretiano e Pós-graduação em Gestão Pública e MBA em Administração pública e contratos. Cursando Direito. Mestrando em Educação – ProfEPT. Tem experiência na área de Ciência da Informação, com ênfase em Biblioteconomia, atua também na prestação de consultoria na área da Arquivologia e Gestão Eletrônica de Documentos. Trabalhou há 2 anos como Assessor e Bibliotecário na Superintendência Estadual de Assuntos Estratégicos, tenho experiência com Planejamento estratégico, Gestão Estratégico, Gestão de Projetos e Processos de Projetos prioritários do governo do estado de Rondônia. Também faço parte dos trabalhos como bibliotecário voluntário na Biblioteca do Núcleo de Estudos Canadenses – (NEC)/ UNIR e no Projeto de Extensão: (Título: Linguagem, Literatura, e Educação: Interface Brasil-Canadá). De 2017 a 2019 coordenador de biblioteca no campus do Instituto Federal de Roraima. Assessor de biblioteca do Instituto Federal de Rondônia – IFRO de 2020 a 2023

### **Sabryne Sena**

Natural de Teresina-PI. Graduada em Educação Musical e Artes Visuais pela UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. Pós-graduada em Educação Especial Inclusiva, Regência Coral, Direção de Arte e técnica em Musicografia Braille e mestranda em Educação. Educadora Musical e arte educadora atuando desde 2000 com musicalização infantil; regente de coros em Porto Velho desde 2012; idealizadora e diretora geral do Projeto CANTO PARA TODOS desde 2014; professora concursada da SEDUC-RO, atualmente Chefe do Núcleo de Arte e Cultura Escolar da Secretaria de Educação do Estado de Rondônia.

### **Sandra Aparecida Fernandes Lopes Ferrari**

Professora Titular aposentada do IFRO – Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Rondônia. Docente do Programa de Mestrado em Ensino Profissional e Tecnológico – ProfEPT – do IFRO, atua na linha de pesquisa: Práticas Educativas em EPT. Graduada em Letras pela UEM – Universidade Estadual de Maringá. Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho e mestra em Estudos Literários pela mesma Universidade. Graduada em Música pela UNINTER. Integrante do GPeL – Grupo de Pesquisa em Linguagens do IFRO, Campus Vilhena e desenvolve seus estudos nas linhas de pesquisa “Leitura, Escrita e Interpretação” e “Formação Docente”. É integrante do GEPEC – Grupo de Pesquisa em Poética Contemporânea Brasileira, da Universidade Federal de Rondônia – Campus Vilhena e desenvolve suas pesquisas na linha “Poesia Contemporânea.” Foi membro integrante de projeto interinstitucional de pesquisa “Leitura e escrita no Brasil, Honduras, Angola e Chile: formação na universidade contemporânea”.

### **Valdelice Rodrigues de Passos Oliveira**

Mestranda no ProfPT/IFRO – 2022. Possui Graduação em Pedagogia na Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR (2007), Letras e suas respectivas Literaturas Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR (2018). Especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica pelas Faculdades Integradas-UNESC (2007). Neuropsicopedagogia e Transtorno do Espectro Autista – TEA e Transtornos Globais do Desenvolvimento – TGD (2019). Atualmente é diretora pedagógica do Departamento de Educação da Secretaria Municipal de Educação de Buritis-RO desde o ano de 2011 e Conselheira Vice-Presidente do Conselho Municipal de Educação – CME do município de Buritis-RO desde o ano de 2017.

### **Wagner Tenório dos Santos**

Graduado em Licenciatura em História pela Faculdade de Rolim de Moura – FAROL. Especialista em História da Amazônia com ênfase em História de Rondônia. Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Profissional em Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT. Professor EBTT – História no Instituto Federal de Rondônia – IFRO.

